

Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

B. MAGALHÃES

♦♦♦

Secretario : MARIO TRAVASSOS

♦♦♦

Gerente : A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA DO OUVIDOR, 164

8467

XV

Rio de Janeiro, Setembro de 1928

Ns. 173 a 177

Edição de 104 páginas

SUMMARIO

EDITORIAL

Em torno da lei do ensino.

COLLABORAÇÃO

Civilisação contra Barbarie (transc.)	Dr. Baptista Pereira
O novo regulamento de I. do Exercito	
Francez	(Trad.) Cap. Araripe
Formações da Infantaria	1.º Ten. Paranhos
Notas sobre a instrucção no quadro do R.C.	Major Collin
A instrucção dos Quadros e da tropa na	
I.ª D. I.	(transcripção)
O problema dos grandes alcances	Cap. Pericles Ferraz
Petrechos de acompanhamento	1.º Ten. Maggesi
Graduação de espoletas	Cap. Bina Machado
Tática na carta (Sol. do Théma de A)	Cap. Prati de Aguiar
Tática de Infantaria (4.ª conferencia)	Ten. Cel. Hugues
O Recuo da Infantaria (Subsídios)	Cap. Bellagamba
Armamento da Infantaria (Subsídios)	1.º Ten. Baptista de Mattos

DA REDACÇÃO

Explicação necessaria — O Exercito e a Nação — Escotismo municipal — O valor dos quadros — A questão das promoções — Ha 37 annos — Expediente — O espirito novo do Exercito

"A DEFESA NACIONAL"

GRUPO MANTENEDOR

P. B. Magalhães, Mario Travassos, Alexandre Chaves, (Directores) — A. Pamphiro, Sayão Cardoso, Verissimo, Carnaúba, Osvino Alves (da Red.) — Toscano, (da Adm.) (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil)

REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

*Q. G. 1.º R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo S. Barros.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — Ten. Jorge B. Guimarães.
E. E. M. — Cap. Pery Bevílaqua.
E. A. O. — Ten. Octavio Paranhos.
E. M. — Cap. Luiz Procopio.
2.º R. I. — Cap. Vicente Formiga.*

*1.º R. C. D. — Ten. Alfredo A. Silva.
15.º R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1.º R. A. M. — Ten. Antonio H. A. Moraes.
2.º R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1.º G. I. A. P. — Ten. João M. Lebrão.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Saturnino Correia de O.*

Fóra do Rio de Janeiro

*Q. G. 3.º D. I. — P. Alegre — Cel. Amilcar Magalhães.
Q. G. da Circ. de Matto-Grosso — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5.º R. M. — Curityba — Sarg. Affonso Fink.
Q. G. 7.º R. M. — Recife — Ten. João Facó.
Fabr. de Polvora — Piquete — Ten. Waldemar Santos.
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. M. — Porto Alegre — Ten. Nestor Souto.
4.º R. I. — Quitaúna — Cap. Augusto J. Souza.
6.º R. I. — Caçapava — Ten. Arlindo Nunes.
9.º R. I. — Rio Grande — Ten. Edgard Buxbaunn.
11.º R. I. — S. João d'El Rey — Ten. Hugo Faria.
12.º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13.º R. I. — Ponta Grossa — Cap. Raymundo Fontinelli.
2.º B. C. — S. Gonçalo — Ten. Francisco P. Guedes.
4.º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
6.º B. C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
7.º B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
9.º B. C. — Caxias — Ten. João J. Vieira.
15.º B. C. — Curityba — Ten. Domingues dos Santos.
21.º B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
22.º B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisbôa.*

*24.º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.
2.º R. C. D. — Pirassununga — Alcides Laurindo.
1.º R. C. I. — Boqueirão — Ten. Ortega Novaes.
9.º R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10.º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
14.º R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Hercio Lemos.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
4.º R. A. M. — Itú — Cap. Manoel Nobrega.
6.º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
8.º R. A. M. — Pouso Alegre — Ten. Clovis S. Barreto.
9.º R. A. M. — Curityba — Ten. Oscar G. Amaral.
3.º G. I. A. P. — Cachoeira — Ten. Orlando Geisel.
5.º G. A. Mth. — Valença — Cap. Hermes de M. Portella.
1.º G. A. Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sarmento.
3.º G. A. Cav. — Bagé — Ten. Omar Brandão.
Forte de Itaipu — Ten. Abelardo Marcondes.
Força Pública — Recife — Cap. José A. Figueiredo.
Força Pública do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
1.º Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Acacio F. Oliveira.*



Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

tor — J. B. Magalhães

Secretario — Mario Travassos

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

NNO XV

Rio de Janeiro, Setembro de 1928

Ns. 173 a 177

EDITORIAL

EM TORNO DA LEI DO ENSINO

A lei do ensino, ora em elaboração, senta, sejam quais forem as vicissitudes de sua regulamentação ou execução, é importante das tentativas, depois do contracto da M. M. F., para tornar o nosso precário apparelhamento militar.

Seu mérito é incontestável, tanto mais que não se limita às questões exclusivas do ensino, mas abalança-se a impôr regras visando impedir que se percam deturpem os resultados do ensino. O texto procura consolidar.

Entretanto, seriam preferíveis caracteres mais decisivos, que afirmassem franca e energicamente o novo rumo que deve tomar a *preparação dos quaisquer*.

Isso porque, parece-nos necessária a vontade nítida, por toda parte manifestada com energia, isenta de quaisquer crenças, para que a organização de uma defesa militar se emprehenda verdadeiramente.

*

**

Um maior valor da "lei do ensino" não está na codificação, no reajustamento do que existe no papel ou no terreno das coisas, em matéria de ensino, mas, em duas medidas de carácter decisivo. Ela contém: uma, a *tendência para o util ao Exercito o princípio do merito*; outra, a criação do corpo de oficiais militares.

Quanto à criação do corpo de oficiais militares, a necessidade já é inadiável — o texto estabelece-o em definitivo. Pode-se

discordar de certos pormenores, mas o essencial está assegurado. Resta apenas o perigo que, entre nós, cerca sempre tais criações — as contingências ambientais, capazes de neutralizarem todos os benefícios do que quer que seja.

Quanto à tendência a tornar util ao Exercito o princípio do merecimento, é que poderia ter sido melhor firmada. Valorizam-se os cursos mas em globo e não escalonadamente como seria de desejar. Se é verdade que cumpre seleccionar os oficiais aptos aos postos superiores no commando de tropa, não menos o é que se torna indispensável acelerar a carreira dos julgados aptos ao serviço do alto commando, já seleccionados pelos processos de recrutamento e preparação a que são submettidos.

Já é corrente a nenhuma importância que se dá ao serviço de E. M., considerado menos valioso que qualquer outro. A lei do ensino, ratificando esse menos-preço, dificulta sobremodo a formação de nosso quadro de oficiais de E. M. Pode-se convidar diplomando oficiais, mas nem sempre aquelas que, por selecção real em concurso de forte competição, melhor nos conviriam.

Que motivo digno de exaltação no ambiente de um Exercito, oferece-se agora, entre nós, que estimule a matrícula na E. E. M. e prenda os oficiais ao serviço de E. M.? A penuria de candidatos ao concurso, o vazio das secções dos E. M., não são indícios que deprimentam os nossos oficiais. E' que, de facto, o diploma-

EXPLICAÇÃO

NECESSARIA

13-3-73-55
 Não mais convindo, tanto aos interesses de *A Bandeira* como aos de *A Defesa Nacional* a permanencia do acordo firmado em Junho do anno proximo passado entre o Grupo Mantenedor de *A Defesa Nacional* e a então *Directoria do Club dos Bandeirantes do Brasil*, comunicamos aos nossos leitores, representantes, assignantes, colaboradores e demais camaradas que, desde 15 de Agosto do corrente anno, foi rescindido o citado acordo.

Esa decisão em nada abala as nossas relações, não só com o *Club dos Bandeirantes do Brasil* como com a direcção de *A Bandeira*. Embora administrativamente separados, é certo que *A Bandeira* e *A Defesa Nacional* continuão a prestar-se mutuo apoio, quanto a realização de ideias communs.

De resto, do *Club dos Bandeirantes do Brasil*, *A Defesa Nacional* recebeu sempre as mais seguras demonstrações de confiança, inclusive a utilização dos modestos serviços dos membros do Grupo Mantenedor em postos e missões de especial relevancia.

Assim, ao mesmo tempo que, muito gratos, de publico, apresentamos ao *Directorio do Club dos Bandeirantes do Brasil* e à direcção de *A Bandeira*, nossos protestos de estima e consideração, levamos aos nossos con-socios naquelle Club a certeza de que continuamos, como sempre, promptos a cooperar na obra bandeirante pela forma que nos fôr determinada, de conformidade com as nossas consciencias e na medida de nossas possibilidades.

* * *

Aos nossos leitores, representantes, assignantes, colaboradores e demais camaradas —

com os nossos agradecimentos por sua ininterrupta e decidida confiança em nossos propósitos — cumpre-nos comunicar:

- a) que *A Defesa Nacional* será editada pela firma PIMENTA DE MELLO & C., em condições tais que nos permitirão dar o maximo de desenvolvimento à Revista;
- b) que a *Redacção* e a *Administração* da Revista estão intalladas à Rua do Ouvidor n. 164, 2º andar, permanecendo sua a Caixa Postal 1602;
- c) que, em virtude de revisão dos Estatutos, existirão junto ao *Grupo Mantenedor*, a título de ligação com o meio civil e a Marinha de Guerra, um civil e um official em serviço activo na Armada, o que nos assegurará trazer ás paginas de *A Defesa Nacional* o complemento que ha cerca de dois annos lhe julgamos indispensavel e pelo qual vimo-nos batendo com as melhores de nossas energias;
- d) que, afim de libertarmos toda a materia represada em nossa Redacção, nos decidimos pôr este volumoso numero correspondendo aos meses de Maio a Setembro para regularizar-se de um golpe a publicação da Revista, e distribuindo a todos os assignantes, quites nesta data, com *A Bandeira*, para não trazermos nenhu embaraço á administração dessa Revista e nenhum prejuizo aos nossos assignantes que, para regularizar-se, ainda este anno a situação de nossos assignantes, ficam desde já, abertas assignaturas especiaes para o trimestre Outubro-Dezembro.

A DIRECÇÃO.

ma e o serviço de E. M. em nosso meio representam apenas um onus para a carreira do official.

*

* *

Sem duvida, a lei do ensino, abor-dando disposições que procuram assegurar os resultados conseguidos nos dife-rentes cursos, apresenta verdadeira lacuna não tratando em especie o caso dos officiaes aptos ao serviço de E. M. Quer dizer que perdurarão as impropriedades actuaes, continuando-se a desconhecer a importan-cia dos E. M. na paz e portanto na guerra.

Até mesmo o tempo de serviço arre-gimentado continuará encarado apenas em seu valor absoluto, quando, em verdade, o tempo de serviço arregimentado para of-ficiaes aptos ao serviço de E. M. deveria ter valor negativo, desde que exce-

desse um minimo indispensavel e o torio em cada posto, o necessario manter em dia o intimo conhecimen-tropa.

Meditando-se sobre o texto da ensino pode-se mesmo concluir, tal cuidado em valorisar-se o titulo de cursos, que houve a preocupação de-lhar em plena valla commum o diplo-E. M. Emfim, é tão consideravel a i-tancia do assumpto que, certame-legislador guardou-se para tratal-se separado.

Se continuar-se a cuidar melho-rgaos de execucao que dos de-ção o nosso Exercito ficará sempre, melhor das hypotheses, na situaçā-homem de desporto que abandona o vo do cerebro só se preocupando os musculos.

ivilisação contra Barbári

Conferencia feita pelo Dr. Baptista Pereira
na Faculdade de Direito de Bello Horizonte

I

IMPERIO E O RIO DA PRATA

O CONFLICTO DAS RACAS

Uma vez que lindavam por fronteiras
tas, a fatalidade geographica tinha de crear
e Hespanha e Portugal o eterno antagonismo
lhes embebe a historia. Reproduziu-se na
merica do Sul a situação peninsular. Portugal
prinuou o vizinho da Hespanha comprimindo
o seu grande imperio Atlântico as posses-
sas hespanholas, na maioria beirãs do Pacifico.
inham de longe essas hostilidades. A forma-
do reino; a emulação dos descobrimentos
-ítimos; o jugo philippino; a perpetua con-
-poção dos dois commercios faziam com que
-tortuguez visse no hespanhol o inimigo histo-
-p e hereditario. Castella cobiçou Portugal
de que foi Castella.

Manoel Severim de Faria tinha razão es-
tendo: "A guerra de Portugal com Cas-
-s é tão antiga que começou junto com o Rei-
-u. Ajuntava o malicioso chantre: "e ha mais
-quinientos annos que dura". Ego e summula-
-se sentimento Garcia de Rezende troyou, na
celanea:

"Portuguezes, castelhanos,
"Não os quer Deus juntos vê".

As conquistas dos portuguezes de São Paulo,
rudes gestas escriptas com um sangue que os
deirantes tiravam para as cursivas do indi-
-a, mas para as capitulares do sangue cas-
-hano, o recto do meridiano de Tordesilhas
da mais acirravam a incompatibilidade ata-
-a. A annexação da Cisplatina veiu encher as
-didas do elemento castelhano que nella pre-
-minava.

Com excepção do Brasil, a Hespanha do-
-inava toda a America do Sul. O imperio de
-arlos V rolara desaggregado; apagara-se tris-
-tamente aquele sol que nunca se punha em seus
-ninos. Mas a alma hespanhola deitara raizes
-s paizes que conquistara, e, mao grado as vi-
-situdes politicas, renascia na America. A Re-
-volução Franceza e Bonaparte, syndico da sua
-lencia administrativa, tinham mostrado ao
-mundo a facilidade com que a propaganda e

a espada subvertrem instituições e criam impérios.

OS LIBERTADORES E A REPUBLICA

Miranda, um general da Revolução, que Na-
poleão embalde quiz seduzir, creou em Paris, por
volta de 1797, *Lojas Secretas* cujo fim era a
emancipação dos povos sul-americanos. Foram
seus discípulos muitos dos fundadores da *Loja*
Lautaro de Buenos Aires, que foi talvez o maior
centro de irradiação das idéias de independe-
-cia e liberdade. Antes de qualquer outro, foi
-elle o criador da consciência americana. De-
pois de bater-se pela França, esculpindo o nome
no Arco de Triunfo, depois de combatendo
ao lado de Washington e Lafayette pela causa
norte-americana, foi elle quem primeiro organizou a mobilização dos espíritos contra o domínio castelhano, organizando a convenção
-bertadora de Paris, em 1797, com deputados
países hispano-americanos e estabelecendo
ano seguinte negociações de auxílio com
Inglaterra. Sua correspondência, inédita durante
70 anos, seus dezoito volumes de *Memo*
extraviadas permittiram a Bolívar tomar-lhe
-primaria na gratidão continental. Mas Bolívar
não teria sido possível sem Miranda, a quem
contacto se consolidou a sua vocação, que
bernara até entre os prazeres mundanos, como fôr, ambos plasmaram a congenere dos
-bertadores. Da Venezuela as idéias de inde-
pendência chegaram ao Pacifico, infiltrando-se
- todos os outros países da mesma origem. Se-
cderam-se lutas pela independência e revoluções pelo pennacho local. A America Hespanhola fervia na eclosão de um mundo.

Só o Brasil, sem lutas civis, prosseguiu seu caminho atrazada, mas incruentamente na sua jornada para o futuro. Um dia Bolívar deu-se conta que o Brasil devia ser republicano. Ele que era monarchista! Verberou a existência de uma monarquia no território da livre America, E que se quis coroar!

Estava achado o traço de união que devia ligar os hespanhóis da America do Sul contra os portuguezes: o princípio republicano contra o princípio monarchico.

Facil seria provar que tanto Bolívar como San Martin foram monarchistas.

Não vale a pena. E' só compulsar as suas biographias.

omo, porém, o Rio da Prata sempre nos envergou com o nosso monarchismo, eismos mostrar que o seu foi muito menos licavel que o nosso. Elles buscavam com as as forças o que nós tinhamos herdado.

MONARCHIA E REPUBLICA NA ARGENTINA

Depois de sua independencia, o espirito que prevalecia na Argentina era o monarchista. Mariano Moreno foi o unico que pela *Gaceta de Buenos Aires* pregou a Republica. Mas a impressão produzida por elle não passava além dos moços que se reuniam nos Cafés do Marcos e do Catalanes e para os quaes o *Contracto Social* de Rousseau era uma biblia. Thomaz de Anchorena, amigo e conselheiro de Belgrano e primo de Rosas, reflecte a opinião da época nestas palavras: "El famoso Señor D. Mariano Moreno cuya obra solo puede servir para disolver los pueblos y formarse de ellos grande conjunto de locos furiosos y de bribones". Mas o proprio Moreno, no testemunho de Oliveira Lima, esteve ao lado de Belgrano, Pueyrredon e Castelli quando estes ofereceram a coroa de Buenos Aires a D. Carlota.

Parece provado que Moreno morreu envenenado, caminho do exilio, por dizer que se devia levar ao cadafalso um certo Duarte que num banquete ousou levar á cabeça de Saavedra uma coroa symbolica. Buenos Aires tambem quasi teve o seu Amador Bueno.

O Centro coodernador das idéas de independencia argentina estava na associação secreta chamada *Loja de Lautaro*, ideada provavelmente por Miranda. A ella pertenciam: Belgrano, Pueyrredon, Rivadavia, Irigoyen, Balcarce, os maiores nomes da Argentina. Pois bem, a sua orientação era exclusivamente monarchica. Em 1814 e 1815 a Argentina manda á Europa a Missão Belgrano - Rivadavia que com Sarratea, já alli, ia tratar do reconhecimento de independencia, sob a base da monarchização da Argentina. Seu plano principal era dar a coroa argentina a D. Francisco de Paula, filho de Carlos IV.

Belgrano então redige o seu projecto de constituição absolutista.

Carlos IV recusa. Rivadavia não perde as esperanças e prosegue sózinho na negociação. Leva aos pés de S. M. o mais sincero protesto de reconhecimento da sua vassallagem". O Ministro Ceballos responde-lhe com tres insolencias e desconhece-lhe as credenciaes, expulsando-o da Hespanha. Anchorena declara que ninguem considerou essa idéa anti-patriotica. No Congresso

Tucuman Belgrano propoz que se proclasse rei argentino um descendente do Inca, que ainda existia em Cusco. Ali só duas vozes iso-

ladas falaram em republica: o Dr. Anchorena e Padre Oro.

A sessão secreta do Congresso de Tucuman em 4 de Setembro de 1816 resolveu a criação de uma monarchia constitucional que identificaria os interesses brasileiros e argentinos. Ali lembra o enlace da casa dos Incas com a casa dos Braganças.

Rivadavia não tinha desanimado. Estava Paris trabalhando de novo pela monarchia. Sava obter do Congresso de Vienna, graças à influencia da França e da Inglaterra, a monarchia.

Rivadavia teve um companheiro na p. de José Valentim Gomez. Apesar das illusões de Rivadavia e Gomez essa embaixada não resultou.

Só em 1819 começa o sentimento anti-monarchico. Remirez que o incarna liquida de vez por todas com Artigas, o porta-espada do absolutismo.

Em fins de 1820 ainda o Bergantim Achacachic trazou representantes do rei da Hespanha para tratar da Politica do Prata. A junta gabinete ainda se manifestou pela monarchia e fez acto de submissão a Fernando VII. Memoria hoje publicada. Em 1823, a Hespanha mandou a Buenos Aires dois representantes. Rivadavia propunha que os estados americanos, depois de celebrarem um tratado definitivo de paz e amizade com a Hespanha, emprestassem 20 milhões de pesos para auxiliar-a na guerra contra a França.

Rivadavia assume a presidencia em 1824 com idéas de centralização claramente monarchicas. Dorrego, no *El Tribuno*, rompe com elle. Rivadavia resigna o mandato em 1827. 1828 triunfa Dorrego. A idéa monarchica passa a ser ridicularizada: "Panchitos de la, duquesitos de Lucas, Inquietas."

No governo de Dorrego as idéias republicanas tentam invadir o nosso território. Saldias que José Bonifacio foi a Buenos Aires e conferenciou com Dorrego para fazer a república no Brasil, contando com as tropas alleiadas do exercito brasileiro para com a rebelião do Rio Grande e S. Paulo e com o auxilio das mas de Rivera. Avança mais que Dorrego e gou a firmar com Bauer, representante dos litares da Alemanha a serviço do Imperador, um accordo pelo qual estes se compromettem a trahil-o, tomando posse da província de Santa Catharina e estabelecendo alli o governo republicano. E' um engano. José Bonifacio não foi a Buenos Aires. Trata-se de Gonçalves Leite que lá esteve, chegando a fundar um jornal. Mas nestes entremes sobreveiu a paz. Rio ministro do Exterior, convenceu o governo que devia desistir de revolucionar o Brasil. Lord Ponsonby foi o mediador da paz. Não morreu porém, a idéa da monarchia na Argentina;

1830, Rivadavia, mais uma vez, embarcou para a Europa, à procura de um príncipe para o país. Foi aí que o Brasil enviou Santo Amaro. Voltando Rivadavia a Buenos Aires, ele foi permitido o desembarque. Estes apoiadores da monarquia eram frustrados pelos gabinetes de Madrid e Londres, cada qual por interesses opostos; o primeiro por não reconhecer a independência; o segundo, porque não ganhava nada em dar existência política a um reino que ambicionava.

O exposto se conclui que a monarquia não salvava tanto os argentinos como possa parecer. No ano de 1838 os ditadores unitários fizeram uma expedição francesa para proclamar a monarquia no Rio da Prata. A *Commission Argentine*, de mãos dadas com o governo de Montevideó contra o de Buenos Aires, conseguiu obter a proteção do almirante Purvis. Florencio Varela foi a Londres e a Paris para obter o apoio dos respectivos governos. Sua missão, no seu ministério em Montevideó, deu origem a esse plano, para cuja cooperação o nosso governo enviou a Europa a Missão Abrantes. A Inglaterra e a França frustraram a Missão Varela. Pouco depois, de *motu proprio*, resolveram o reino no Rio da Prata.

Lord Peel proclama no Parlamento o direito à força, que a França adota. Emilio de la Torre protesta em nome do direito violado. O Parlamento inglez renega as doutrinas cínicas de Thiers pela boca de Lord Palmerston e Russel. As forças britânicas recuam. Eram 340 tinham se acabado as últimas tentativas de conquistas europeias sobre o Rio da

Prata. Recapitulemos as tentativas de monarquia que houve na Argentina, e que ocupam muitos capítulos do magistral estudo de Saldias, *La Monarquia Argentina*. Duarte quis coroar Saavedra Garcia veio ao Rio pedir um rei a Lord Liverpool. Chegava a contentar-se com D. José Belgrano, Rivadavia e Sarratea foram aterra. Queriam dar a coroa argentina a Francisco de Paula, filho de Carlos IV. Valentim Gomes negociou com a França a monarquia argentina. Belgrano chega a redigir um projeto de constituição monarquista. E' ainda não quem quer oferecer a coroa da Argentina a um descendente dos Incas. Lavalle, em dezembro de 1828, dizia a D. Manuel: "Ya está visto que la república es una ilha de negros, que en nuestro país no pue-

vadavia exercer a presidência com idéias de monarquistas, e, ao terminal-a, em 1830, vai à Europa, à procura de um rei. Ainda em 1830 os ditadores pedem a sua coroação pela boca de Florencio Varela. E, por ainda depois de 1850, um notável e orientador argentino, que é, sem dúvida, o

mais arrojado precursor do feminismo na América do Sul, sustenta, em carta a Rosas, já no exílio, que a forma perfeita de governo é a monarquia hereditária exercida por uma mulher. E' exacto que arrombava uma porta aberta: Rosas queria que Manoelita lhe sucedesse. As famosas democracias do Prata nem deante da Lei Salica recuavam!

Se a República Argentina tanto se empenhava em adoptar a monarquia, não é justo que se nos lance em rosto a que tivemos. Não houve na América maior republicano que Bolívar. E' de fato essa frase: "Os novos Estados da América Hespanhola necessitam de reis com o nome de presidente." O seu conselho foi seguido por toda a América do Sul, excepto no Brasil, que fez o contrário: teve um presidente com o nome de rei.

Alberdi, cujo republicanismo é também insuspeito, dizia que a república na América do Sul não era uma verdade prática, uma verdade em facto. Achava que era um regime superior à capacidade das novas nações que se formavam.

Apesar de toda a sua visceral hostilidade a tudo que é brasileiro, elles nos poupava as instituições nestas palavras textuais das *Bases*:

"El bello ejemplo del Brasil no debe alucinarnos; felicitemos á ese país de la fortuna que le ha caído, respetemos su forma, que sabe proteger la civilización, sepamos coexistir con ella y caminar acordes al fin común de los gobiernos de toda forma — la civilización."

Como conciliar esse desespero por um monarca, essa anseia por um trono, naquelles que sempre nos imputaram como um crime o Império que nos regia?

Muito facilmente. Não eram as instituições que elles atacavam. Era o Brasil. Era o velho ódio peninsular transplantado à América que estava falando. Se já fossemos república, as incrépitudes tomariam outra forma, porém seriam as mesmas no fundo.

Ódio velho não cansa.

Dahi o encherem a boca os republicanos do Brasil (vimos o que essa palavra significava então!) com acusações de imperialismo à nossa diplomacia. *Las instrucciones de Santo Amaro! La missão de Abrantes!* eram interjeições irresponsáveis, argumentos que não admittiam discussões para provar que o Brasil queria ser o alçoz das democracias americanas.

MISSÃO SANTO AMARO

Vale a pena resumir o que foram realmente essas duas missões, determinadas pelas diretrizes que a política europeia queria traçar ao futuro das nacionalidades sul-americanas. Quando Santo Amaro foi à Europa, a Santa Aliança dominava completamente o cenário do mundo. Metternich, seu guia, pensava em

transformar as democracias turbulentas da America em quantas monarchias absolutas pudesse. Scientes a tempo dos seus planos, tão opposto ao nosso regimen constitucional e ás nossas tendencias liberaes, mas sem forças para lhes oppor uma resistencia efficaz, procurámos pôr-nos á capa dessa tormenta. A nossa linha de conducta encerrava-se nestas palavras: "Dos males o menor". A nossa grande pre-occupação era o Uruguay, sobre o qual eram evidentes os planos de absorção por uma possível monarchia argentina absolutista. Procurámos evitar esse perigo. Se o Uruguay tinha de desaparecer, era mais justo que fosse reincorporado ao Brasil, a que já pertencera. Mas si as grandes potencias a tal se oppuzessem, então que fosse erigido em monarchia independente, sob a coroa de um principe nosso amigo. Nada mais justo do que preferirmos um regimen constitucional ao absolutismo. O plano era tão legitimo, que Rivadavia, que fôra á Europa pelo mesmo motivo, lhe deu a sua approvação.

A MISSÃO ABRANTES

A Missão Abrantes, annos depois, nasceu de uma conjunctura análoga.

França e Inglaterra queriam estabelecer sobre o Uruguay uma influencia de consequencias imprevisiveis, mas que Lord Peel, desfraldando sem rebuços no Parlamento o estandarte da conquista, como direito da força, tornava ameaçadoras. A França seguia-lhe os passos. Florencio Varela, representante de Montevideó e dos unitarios portenhos, foi á Europa em procura de uma attitude que garantisse a independencia do Uruguay.

Diz Adolfo Saldias que a Missão Abrantes foi resolvida como apoio (reforzo) á de Varela. Até que ponto? O objectivo de Varela era a criação de um Estado independente, formado de Entre Rios, Corrientes e Missões, sob o apoio da Inglaterra, França e Brasil. O de Abrantes descobrir até onde iam as vistas da Inglaterra e da França sobre o Prata, para apoial-os ou contraria-los. Faziamos questão vital do reconhecimento da independencia uruguaya.

Foi a Missão Abrantes uma tentativa de absorção da antiga Cisplatina?

Responda Adolfo Saldias: "Verdad es que el Visconde de Abrantes abrio su negociacion sobre la base de la perfecta independencia del Estado Oriental".

Abrantes foi á Europa quando estava no ar a possibilidade duma solução monarchica. Era justo que buscasse encaminhar a que nos fosse mais favoravel, pela escolha dum principe ligado ou sympathetico á nossa dynastia.

Eis ahi o que foram as duas Missões Santo Amaro e Abrantes, que inda ha quem nos lan-

ce em rosto como prova de intentos de peção do Uruguay e de monarchização cana!

Creio ter demonstrado que o grande fíamento do Paraguay contra nós de que algum Imperio contra uma Republica não era senão do odio de raça. Imperio era o Paraguai. Imperios eram a Argentina e o Uruguay, vassalagos de imperios caudilheiros cujos vassalos se chamavam Guemes, Quirogas, Virasoro, Echague, Rosas, Artigas, Roca, Oribe. A nossa monarchia não podia ser parada com essas soberanias feudais, cuja lei era a vontade de um homem quasi atrazado, inculto e cruel.

Esses mesmos que amesquinhavam as instituições na hora dos odios eram os primeiros a invejar-as nas horas do raciocínio. O esquerdista Alberdi é eloquente. Em seus pamphlets polemica chiava a diatribe contra o Irregularismo, como uma offerenda votiva no altar da paciencia, toda a sua sinceridade feita livre, quando esceu as *Bases*, isto é, o prologo da Constituição Argentina, não se pejou e não julgou abusivo o seu republicanismo em confessar que as instituições eram as mais perfeitas da América do Sul. Por que então tantas vezes o contrario? Pela mesma razão que Boli, San Martin. Pela mesma razão que os estados platinos, que viveram sempre repetindo a fabula das rãs pedindo rei. Pela mesma razão que Rosas, tragicó bandido coroado pela horca. Pela mesma razão que Lopez, monarca enthronizado sobre a escravidão paraguaiense, odio de raça. O odio de raça. O odio de Lopez. O formidável ministro de Lopez, D. José Gómez, comprehendeu o valor dessa arma. Fazemos contra nós, graças a elle, todos os da América do Sul. A propaganda repulsa herdou o argumento castelhano.

Era natural que, cahindo o Imperio, parecesse esse argumento. Mas não. Os tivistas adoptaram-no como meio de extirpar as gerações que surgiam a ultima radiculamente pudesse embeber em sympathias monarchicas. Agora anda elle por ahi de novo implicado, glorificações de Lopez e nas confissões da culpa na guerra do Paraguai. Eu não o acredito.

Sob os seus disfarces de americanismo de fraternidade republicana, diviso-lhe a dadeira identidade de calumnia castelhana.

desprezo que o brasileiro, o cambá, o nemacaco. Só o Paraguai, se presumiu com forças para pretender ao *big-stick* da sul-americana, contava com um homem a alia por uma legião: D. José Berges, que era Brasil, verificou o seu progresso e a sua cultura. Percebeu que era prevenir da mentalidade guarany para nos dar combate efficaz. Foi á Europa em missão, cujo objectivo, posto em prática com habilidade, força é confessal-o, era lançar sses de uma vasta campanha anti-brasileira novesse contra nós as antipathias da cívico.

ALBERDI

Auto desse sentimento foi o notável es Juan Baptista Alberdi. Era tão amigo de López, com quem se correspondia por meio do ministro Bareiro e de outros, como Justo José de Urquiza, o enigma vivo de Rios. O odio de Alberdi ao Brasil era visível, tanto mais crescia quanto menos provável realização do seu sonho dourado: a queda de Mitre e Sarmiento. Enquanto a política destes phasse, Alberdi, que intimamente se lhes reconhecer inferior — a Mitre no comando de qualidades pessoais, a Sarmiento na ambição — não poderia realizar as suas ambições de governar a Argentina, à sombra de Urquiza e de Solano Lopez.

Dahi as duas grandes preocupações que absorveram a existencia: provar que o Imbragantino, amigo de Mitre e Sarmiento, uma ameaça á America republicana e que nos Aires era a inimiga irreconciliável da dezena Argentina. Os factos se encarregaram de esclarecer ambas as asserções. No entanto de grande, mas que o simples cotejo com Sarmiento reduz ás justas proporções mediania, empregou o melhor do seu tempo e actividade ao serviço desses odios, que lhe trilizaram a vida.

E' exacto, porém, que tantos rancores teve em troca provocou. Inda hoje, por exemplo, o accusam de ter sido estipendiado pelo Paraguai. A minha tolerância obriga-me a dizer-l-o, a reduzir ás devidas proporções essa história de lana caprina. Pôde-se dizer tudo Alberdi menos que foi venal. Seu odio ao Brasil, seu odio a Mitre, a sua propaganda inviam-lhe a actividade. Suas crenças e opiniões eram profundas e sinceras. Não as aludiu, não as vendia. Se o Paraguai auxiliou-o, deu-lhe meios que lhe permittiram trabalhar, pagou edições dos seus livros, não fez mais que o seu dever. E Alberdi, aceitando um ilio, sem o qual não poderia combater pelas

suas convicções, está livre de qualquer censura. Pôde ser lamentado pela sua falta de outros meios. Censurado não.

A sua campanha contra o Brasil, provavelmente planeada com José Berges em Londres, onde se encontraram em outubro ou novembro de 1856, como se vê duma carta de A. Tamberlick, irmão do grande tenor italiano, que era nem mais nem menos que agente secreto paraguayo, nunca teve remittencias. Não é temerário encontrar ahi a nascente de grandes animosidades que surgiram contra o Brasil.

Na guerra contra o Paraguai, Alberdi manifestou-se por este. Muitos de seus patrícios consideram-no trahidor. Não lhe perdoam cantar hosannas ao paiz que lhe ensanguentava o solo da patria. Outros o endeósam. Mas os *lo-pistas* do Paraguai como pensam? Elles que consideram trahidores os *Legionarios Paraguayos* que combateram entre os Aliados, terão o direito de invocar como seu orago o argentino que combateu pela pena contra a República Argentina?

A CABEÇA DO PARAGUAY

A propaganda de Alberdi não estava sózinha. A diplomacia paraguaya, honra seja feita a Berges, seu grande ministro do Exterior, velava. Elysée Reclus dizia a Eduardo Prado que poucas cabeças iguais conhecera. Interpellado pelo nosso illustre patrício, cujo displicente cosmopolitismo escondia o mais entranhado amor da patria, sobre as causas da sua animosidade contra o Brasil, Elysée Reclus lhe confessou que contrahira na convivencia de Berges, que lhe prophetizara a guerra muitos annos antes de estalar, atribuindo-lhe o designio ao Brasil. Quando ella se declarou pareceu-lhe provada a nossa iniciativa. Berges era um dos homens mais cultos e fascinantes que conhecera. Tomou ao pé da letra todas as suas informações. Dahi a sua campanha pró-Paraguai na *Revue des Deux Mondes*.

Só se convenceu de quem era Lopez quando soube que mandara assassinar o seu grande Ministro.

A PROPAGANDA DE BERGES

Berges em 1856 peregrinou pela Europa e chegou até aos Estados Unidos organizando a propaganda de seu paiz.

“A antiguidade é, sem dúvida, título dos mais respeitáveis, mas não é o mais respeitável dos títulos.” — (DE BRACK.)

Nomeou consules homens de real valor como du Graty e Benitez, cuja principal missão era propiciar ao Paraguai a imprensa europeia. Os jornaes de Londres, Vienna, Berlim, Hamburgo, Frankfort, Bruxellas e Antuerpia enchiham-se de comunicados habilissimos. Alguns denunciavam as nossas intenções de guerra. Não foi pequeno o trabalho dos nossos diplomatas para destruir essa má impressão.

Isso na Europa. Nas nações vizinhas o seu corpo de representantes consulares era de escol. Luiz Rojas em Corrientes, Caminos em Rosario, Brizuela em Montevideu e Feliz Egusquiza em Buenos Aires, tinham ordens illimitadas para comprar a imprensa.

Antes da guerra du Graty e Benitez recebiam recursos sob a fórmula de partidas de mate e fumo que logo reduziam a dinheiro. Declarada ella, não havia tempo para isso. Os pagamentos eram nas pesadas *onzas de oro* ameaçadas por Francia. A um jornaeco secundario Berges pagava oito onças mensaes. Antes da guerra recusou certa feita trinta onças a D. Nicolau Calvo. Depois da guerra não as recusaria...

Devemos confessar lealmente que a sympathia do mundo na guerra do Paraguai foi por este. Desde então o mundo já era governado pela imprensa.

Lopez conseguira obter comunicados favoraveis na maior parte dos grandes jornaes europeus. O *Morning-Post*, o *Daily Telegraph*, o *Daily News*, o *Advertiser*, o *Sur*, o *American*, o *Anglo-American Times*, o *Globe*, o *Observer*, o *Werne Zeitung*, o *Frankfurt Zeitung*, o *Borsen Halle*, *Evening Star*, *El Pais*, *La Reforma*, *El Pueblo*, *Correspondent Schwerin*, *Neue Prussische Zeitung*, *Nordeustche Allgemeine*, lista que inda se poderia ampliar, tinham sido propiciados aos seus interesses pelas *onzas de Berges*.

A inspecção cartographicas dos paizes lembrava a luta de David com o gigante Golias. Corria que haviamos sido os provocadores. Parecia que Lopez tivera o papel cavalheiresco de desembainhar a espada em defesa da república irmã ameaçada.

A GROSSE BERTHA

Eis sobre o assumpto um documento peremptorio e inedito. E' a circular de Berges aos seus agentes do Rio da Prata aos 25 da novembro de 1864.

Não conheço documento mais precioso do que esse. E' a photographia do grande canhão, da *grosse Bertha* guarany com que o Paraguai nos bombardeou durante a guerra.

"Faça as mais vivas diligencias e não olhe a quantia (no ecomise gasto algun) para que a imprensa dahi, ao ocupar-se da guerra que es-

tala entre o Brasil e o Paraguai, mostre pathias pelos principios que sustentamos a ambição dum Imperio escravocrata e fesa duma republica irmã e das mesmas tuições que nós". Os agentes de Berges taram suas instruções. Cascatearam aos *las onzas de oro* com a effige de Carlo E o Paraguai assumiu ante os espiritos plistas, envenenados por essa propaganda, duplo papel de redemptor de captiveiro e ladino do Uruguay.

Os maiores órgãos da opinião deram "realmente esse conflicto se produz entre garchia escravista e a democracia republicana essa balela: "Realmente" exclama R. Não tardou a propaganda de Berges em g o proprio Brasil, onde os olhos de lynce d ranhos a divizaram e denunciaram com os processos de compra.

Já não era o Rio Grande do Sul sens idéa republicana. Vivas inda estavam as ções de Piratini, que celebrara em 1837 un tado com o Paraguai. Pela fronteira do Su trou a senha de Berges. Entrou com a v dade dos germens epidemicos. Dentro em devia transformar-se em argumento e clava dynastica. "Imperio escravocrata", "manch America republicana", "algoz do Parag — todo o arsenal de doestos que cobriria Brasil sahiram d'ahi. Eram as *onzas de oro* Berges transformadas em diatribes rep canas.

A "OMINOSA CAMPANHA DO PARAGUAY

A politica interna do Brasil não desden dessas armas, cuja procedencia ignorava. Os beraes, cahidos do poder, recorreram ao a mento de Berges. Moços, que mais tarde minariam no pensamento, deixaram-se contagiados por essas cataporas demagogicas. Ruy Barb e Joaquim Nabuco iriam mais tarde, aqu verberar a caçada de Lopez, e este proclam que a guerra o interesse humano devia ser Paraguai. Berges podia sorrir do fundo de cova.

OS POSITIVISTAS

Proclamada a republica, os argumentos Berges extemporaneamente tomaram nova v. Uma escola philosophica, que se avocava a gloria do advento do novo regimen, es vendo a vida de um grande responsavel pelas novas instituições, entendeu fazer da guerra Paraguai o estigma do Imperio. Era pre dar ás novas gerações motivos de odiar o sado.

A amor da republica devia nutrir-se do prezo pela monarchia, responsavel pela "nossa campanha do Paraguai".

No livro que o Sr. Teixeira Mendes contra a Benjamin Constant (a quem em desacordo com os factos, dá a princípio responsabilidade na proclamação da Republica) o *altivo generoso* Paraguai se agiganta sobre o perso e interessado Brasil.

Não admira. O fanatismo tem dessas demações visuas. Era preciso um terreno espo para elevar-se a estatua de uma reputa moldada ao geito da religião e da umanidade com u.

BENJAMIN CONSTANT

Benjamin Constant era um espirito lucido tão nobre como lucido. Mas quando se pronunciou sobre a guerra do Paraguai não lhe nhecia os bastidores. Não se dera ao trabalho correr archivós e exhumar documentos. Relectia sem o saber opiniões preparadas pelo Paraguai; servia de éco á propaganda de Berge reio que si Benjamin tivesse reunido todos os elementos do problema não o teria resolvido pelo todo que o fez. Si tivesse conhecido o conluio anco-paraguayo, a premeditação de Lopez, a opaganda anti-brasileira, a nossa indeclinavel iugação de ocupar a fronteira uruguaya para ar a guerra civil, não teria commettido o de dar a seu paiz responsabilidades que teve e que diminuiriam as suas tradições de dade internacional, si as tivesse tido.

Teixeira Mendes, navegando nas aguas de Benjamin Constant, continua a desfigurar como a verdade historica.

TEIXEIRA MENDES

Longe de mim accusar de má fé a nobreura de Teixeira Mendes. Bastaria a belleza angelica da sua vida, toda consagrada ao penitimento, no que tem de mais alto e mais arduo, ao dever, no que tem de mais puro e mais interessado, para que eu me inclinasse deante sua figura.

Mas o dever de pensador e patriota obriga-me a ser sincero.

Grande no terreno da sua couturina, Teixeira Mendes era um observador mediocre, porque só encarava os factos sob um ponto de vista sectario unilateral. D'ou que jogasse com os theoremas abstractos, que a seu ver encerram a curva evolver humano, com a certeza de um Euler, um Lagrange, ou de um Laplace, seus mesmos prefridos. Mas observava lamentavelmente a realidade. Não é preciso grandes esforços para val-o. Sua obra capital se não considera Benjamin Constant positivista orthodoxo (não a mão) attribue pelo menos (disso estou tissimo) o seu republicanismo á influencia comunistas e ao seu pleno irmanamento com

o Apostolado. Que diria elle si soubesse que Benjamin os tinha pela garganta, que não podia mais supportar as suas impertinências, que declinava de toda e qualquer solidariedade com elles, excepto nas linhas geraes da doutrina, que mais uma vez commentou as reiteradas sugestões que lhe faziam no sentido de combinar o novo regimen com estas palavras amargas:

"Que me quer essa gente? Por que vivem a importunar-me?"

BAGUEIRA LEAL

Discípulo de Teixeira Mendes, o Sr. Bagueira Leal tem lutado bem mais que aquelle em favor do Paraguai. Só lhe conheço os escriptos por transcrições em livros paraguayos que arrastam o Brasil pela lama. E' delle esse argumento cerebrino: "quem nos pediu que libertassemos os paraguayos de Lopez?"

Esqueceu que essa pergunta se podia responder com outra de um deputado paraguayo em pleno Congresso: "Quem mandou Lopez declarar a guerra?"

Mas não. Tal pergunta precisa de resposta cabal. Quem nos pediu que libertassemos os paraguayos foram os proprios paraguayos anti-lopistas que exilados ha muitos annos em Buenos Aires, se acolheram á sombra das bandeiras aliadas.

Logo que tomamos contacto com o desventurado paiz, verificamos que as imputações dos Decoud, dos Recalde, dos Itúrburu, dos Machain, dos Lozaiga, dos Jovellanos, dos Bedoya, dos Pineda, dos Perez, dos Romeros, dos signatarios do *Protesto* de março de 1865, onde se vêem representadas as mais illustres familias de Assumpção, estavam *mucho aquem da verdade*.

A pedido dos proprios paraguayos e em nome dos deveres mais imperiosos da fraternidade humana, tudo fizemos para libertar o Paraguai do monstro que se nutria do sangue de seus patricios. Chegamos a tempo de impedir que fuzilasse a mãe e as irmãs, cuja sentença estava lavrada para o dia seguinte em Cerro-Corá. Quem nos pediu para intervir no Paraguai foi uma religião que condenna o fraticidio e o matricidio.

Todos os que têm coração pensam como o Sr. Bagueira Leal que os vivos são governados pelos mortos. Permitta-me o nobre vassallo de Clotilde de Vaux que D. Joanna Carilo de Lopez governe os seus pensamentos de positivista orthodoxo sobre o seu querido Panchito, que deve conhecer como ninguem. No infinito do amor maternal cabe o infinito do perdão. A mãe de Lopez perdoou-lhe as oito pranchadas nas costas, o golpe de espada na cabeça e as bofetadas do padre Maiz, a mandado daquelle filho que logo depois a iria abandonar aos soldados ini-

migos, atirando-lhe á guiza de alento estas palavras:

"*Piese de su sexo, señora!*" Que diria a mãe de Lopez, senão estas palavras:

"Não. Uma mãe não pôde bemdizer os que lhe mataram o filho, embora salvando-a. Pouco se me dava de viver mais um pouco, arrastando a miseria de uns dias que as visões do fratricidio enlutavam. Mas não posso ter odio á mão que lhe cortou o fio da vida allucinada e sangrenta. Poupou-lhe ao menos o crime dos crimes: o ultimo aliás que faltava á sua loucura: o crime de matar a propria mãe".

Deixemos essa escola que detrahe a Patria mas tem a vantagem de condenar ao esquecimento as idéas que espôs. As idéas positivistas têm no Brasil o beneficio da clandestinidade. São como o nosso rapé que gozava da maior popularidade entre os mandarins da China, ao passo que aqui nem se sabia da existencia desse genero de exportação. Conhecemol-as de retorno, graças á divulgação que lhe dão os paizes estrangeiros, e pelos espirros internacionaes dos lopizguayos.

ROQUETTE PINTO E MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Alguns escriptores de nomeada fazem-se, contudo, éco da campanha anti-brasileira. Ainda há pouco, numa solemnidade, em que se fez representar o Chefe do Estado, o Sr. Roquette Pinto, nome cercado de merecida sympathia entre os nossos estudiosos, e a quem voto o melhor da minha admiração, proclamava a culpa do Brasil contra Francisco Solano Lopez. Presente se achava tambem o Ministro do Paraguai, cuja discreta e efficiente actuação junto ao Brasil se caracteriza por uma revelia absoluta ás questões escaldantes que se ventilam em torno de um passado de sofrimentos communs. Teria sido de boa inspiração convindal-o a distrahir a sua actividade, até aqui absorta em seguir as linhas mestras do futuro paraguayo, para o solo vulcanico de uma questão que na sua propria terra não ha unanimidade? — Não me parece?

Apezar de não ser da intimidade do nobre Ministro, sei que se tem sempre abstido de se envolver na questão lopizta. Si lhe somos reconhecidos por um tacto, que honra a diplomacia do seu paiz, para que ensejar conjecturas que podem, a seu máo grado, envolvê-lo nessa luta ingloria? Supponho, porém, que terá raciocinado, ao ouvir as palavras do Sr. Roquette Pinto, que se o Brasil tee a culpa da guerra, Lopez não foi tyranno e sim um heroe. Ora entre os seus actos, numera-se o assassinio do avô do Sr. Ibarra, depois do indispensavel e costumeiro sevicimento. Estará certo o Sr. Roquette Pinto de que no intimo da sua consciencia o nobre Mi-

nistro do Paraguay approve, esqueça ou perdoe esse acto de pura e requintada malvadez?

Não sei se o Sr. Roquette Pinto encara as instituições decahidas com o mesmo thermidorismo agudo do Sr. Medeiros e Albuquerque, formoso espirito que só abdica da imparcialidade ao versar tal assumpto. Creio que não. Creio que não soffre da mesma idiosincrasia intellectual. Comtudo chega ao mesmo resultado, imperdoavel num homem de scienza, habituado ás frias analyses de laboratorio.

A condenação do Imperio em principio é um direito, concedo mesmo, um dever hoje que a analyse esfarelou a sua columna mestra — o Direito Divino.

Mas condenmal-o em globo, sem restricções sem critica, sem investigações, só porque foi o Imperio, é ir muito longe. E' condenar o Brasil.

Será possivel que tudo fosse errado e desprezivel nesses ominosos tempos? Não havia, então, patriotismo? Onde estavam os Brasileiros? Não existiam?

Chegou o tempo da serenidade. Os espiritos imparciaes têm o dever de encarar friamente todo o nosso passado, e deixar de lado a questão dos dois regimens.

Grandes erros teve sem duvida o Imperio. Dissimulal-os é falta de senso critico. Mas tambem aggraval-os, só porque foram erros do Imperio, não é republicanismo, é cegueira.

Bem sei que ainda ha espiritos, mesmo dos mais altos, que condenam em bloco o Imperio. Não os acompanho, com quanto mais severo talvez que elles em certos pontos. O meu feticio não se compadece com os julgamentos em bloco. Tão sem saudosismos sebastianistas como sem supersticoes republicanas, quero apenas a justica e a verdade, naquelle em que ellas nos são attingiveis. A Cesar o que é de Cesar!

Grande é a responsabilidade das gerações que ensinam para com as que aprendem. Pintar o Brasil como algoz do Paraguay, torrial-o odioso ás crianças brasileiras que agora abrem os primeiros livros de historia patria é um crime de lesa-patriotismo, tanto mais abominavel quanto sem base.

Desculpavel não sei se seria, mas comprehensivel era, talvez, que a propaganda lançasse mão desses meios para derrocar o throno brabantino. São humanas as allucinações no calor das pelejas. Como fazer justica ao adversario que nol-a nega? Mas caiu a monarchia. A sua restauração é impossivel. Para que insistir na colera sem motivo?

Erguer a heroismo do Paraguay contra a cobardia do Brasil é evasiar de justica a medulla das gerações que vêm surgindo.

Este vilipendio systematizado precisa ser proscripto da escola, do compendio, do magis-

terto e do jornalismo por todos os meios de reacção compatíveis com a nossa cultura. E' preciso uma cruzada de saneamento crítico, para mostrar que esses pretensos golpes contra a monarquia vão atingir o coração do Brasil.

Filhos e netos da geração que morreu no Paraguai, à sombra da bandeira nacional, descendentes desses bravos que foram arrastados ao campo de batalha pelo insulto e pela provocação do estrangeiro, não podemos consentir que se invertam os papéis e que nos transformem de aggredidos em aggressores.

Seria para descrever no Brasil se essa campanha de negação étnica, de derrotismo, de sacrifício que coloca homens e instituições do Brasil Imperio abaixo dos seus contemporâneos paraguaios pudesse calar no animo dos nossos filhos. Se tal se desse, estaria perdido o Brasil. Não nos restaria senão leiloal-o.

Um grande movimento de opinião precisa varrer do nosso território a vingança postumha de Lopez — essa calunia de que fomos nós os provocadores da guerra. O primeiro passo dessa campanha é a revisão do processo, o estudo sereno dos documentos. Quero contribuir para esse plenário, firmado principalmente em autores paraguaios e platinos a que adduzirei alguns documentos inéditos.

Farei a exposição dos factos com toda a serenidade.

A opinião que decide do pleito entre o Brasil e o Paraguai, quanto às origens e causas da guerra.

III

IMPERADOR ESCRAVOCRATA

Precisamos estudar o grande argumento de Berges, que tanto mal nos fez: o de que o Imperador era escravocrata. Com as suas apparencias de verdade, difíceis de discriminar, mesmo entre os brasileiros, nada nos alienou maior número de sympathias do que essa alegação com tanto empenho vulgarizada pelo paraguai.

O chefe de um Estado só é responsável pelas instituições que encontra ao assumir o Governo na medida em que contribue para consolidá-las ou defendê-las.

Se as combate, seja qual for o resultado da luta, varre a sua testada e escoima-se da pecha de connivência e solidariedade. Não basta portanto inchar as bochechas a afirmar que D. Pedro foi escravocrata, pela evidente razão de que o Brasil no seu reinado o era. E' preciso algo mais: provar que legitimou, defendeu ou tolerou o captiveiro. Tal prova nunca se fará. Factos e documentos decisivos, cada vez mais numerosos, provam exactamente o contra-

rio. Hoje já se pôde afirmar sem ambages que D. Pedro II merece um grande lugar na historia da abolição.

E' exacto que não a fez. E' exacto que o captiveiro perdurou no Brasil durante o meio século do seu reinado. Mas mau grado seu. Mas com a sua relutância. Mas com o seu estigma. Mas com a sua antipathia. Mas com a sua oposição, a princípio cuidadosamente velada, no fim quasi sem rebuços.

Ah! o habito de resolver à primeira vista por um sim ou por um não os mais complexos problemas! Com isso torna a historia um problema de taboada!

Para se comprehender a atitude de D. Pedro II é preciso estudar a escravidão sob o ponto de vista brasileiro.

Verificada a impossibilidade de domar o indígena, pelo seu genio instável, independente e nomadico, não só o Brasil mas toda a América recorreu ao negro, mais laborioso, submisso e radicável. O S. Paulo bandeirante regorgita de indígenas? Pouca importa. O negro era mais resistente. E glebas e glebas de africanos se despejaram em S. Vicente.

Ao cabo de muitas gerações, fins do século dezoito e albores do seguinte, o indio desapareceu da equação brasileira do trabalho, cuja incognita se achava no africano. Sobre essa base constituiu-se a fortuna publica e particular. Foi um erro; mas erro foi da época e não dos homens.

Buenos Aires, começo do século XVII, numa população de 40.000 habitantes contava 20.000 negros. Quem lh' o pôde imputar com um crime

O PRESIDENTE ESCRAVOCRATA

Os Estados Unidos não tiveram base diferente nem de origem mais pura para o prodigioso progresso que hoje ostentam. Tão normal era a escravidão no modelo e padrão das liberdades americanas, tão evidente era a indispensabilidade do negro que o proprio Washington tinha escravos, de que não podia prescindir o seu serviço doméstico. Mas há muito ainda. O grande Lincoln em suas proclamações de 22 de setembro de 1862 e 1º de janeiro de 1863 mandou que os escravos que tivessem a necessária aptidão fossem admittidos no Exército e na Armada. A' luz do rigorismo verbal que conduz a tantos absurdos, tanto o patriarca da liberdade americana como o seu grande emulo foram também escravocratas.

Ou os presidentes de república terão contra os adjetivos desagradáveis a imunidade que o ódio republicano denega tão facilmente aos monarcas?

Não percamos, porém, o fio. Volvamos á escravidão no paiz.

O Brasil viveu do negro desde os albores da nacionalidade.

As plantações de assucar e a extracção de Pão-Brasil, nossa primitiva riqueza, as explorações mineraes setecentistas, que bastariam para a consolidação económica do velho Portugal e no entanto apenas serviram para as proligalidades joanninas; as extensas lavouras de café que constituíam a riqueza do segundo reinado, obra foram, apenas e exclusivamente, do negro. Negro e trabalho tiveram sempre no Brasil uma fatal e irremediável synonymia.

Era impossível separal-os. Assim pensava um dos nosos mais profundos pensadores: o grande Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Chamado ao trono pela abdicação paterna, su-se D. Pedro II desde a infancia cercado de conselheiros e mestres, imbuidos das mesmas idéas. A proporção que envelhecia, verificou-as por si mesmo. Admittindo, como tem de ser, si e quizer discutir de boa fé, que a extinção da escravidão desorganizaria o trabalho, produziria um abalo formidável na fortuna publica e privada e encheria o paiz de ruinas, pergunta-se: podia um chefe de Estado constitucional, opondo-se ás classes que representavam os interesses conservadores do paiz, decretar de um golpe a extinção do elemento servil? D. Pedro II julgou que não. E sopitando os seus impulsos pessoaes esperou pelo momento opportuno.

A demora desse momento foi o grande erro o seu reinado, o erro que lhe custou o trono. Fivesse elle logo depois da guerra do Paraguay secretado um emprestimo de duzentos, trezentos e quatrocentos mil contos para indemnizar a propriedade servil e extinguil-a e teria resolvido em atritos, injustiças e abalos o grande problema. Teria criado outro com certeza. Mais mil vezes menos grave.

A INFLUENCIA DA CORÔA

Não o fez. Apesar da *sorita* de Nabuco de Raujo demonstrar que em ultima analyse a Corôa era o unico e verdadeiro poder, immensas restrições soffria este. Como os delgados corais que em Liliput reduziam Gulliver á imobilidade, os laços de mil conveniencias políticas e administrativas tolhiam-lhe os movimentos e peavam-lhe a iniciativa. O seu poder discionario em muitos casos era apenas aparente.

Não era um problema tão facil como se afigura a muita gente o de extinguir a escravidão. A grande nação norte-americana só lhe encontrou a solução na formidável guerra que a ensanguentou por tantos annos. Hoje se verifica que oí precaria tal solução. Os Estados Unidos

ainda estão a braços com o problema negro que é o quebra-cabeças dos seus estadistas.

Aqui no Brasil ainda em 1889 os abalos da abolição foram terríveis. No Maranhão, a familia de um amigo meu possuia um engenho de assucar, cujo valor ficou reduzido a zero, pelo exodo de quatrocentos escravos que empregava.

No Estado do Rio o pae de um dos meus mais velhos e queridos amigos emancipara desde o começo do anno todos os captivos, que lhe trabalhavam na cultura do café, com o pedido apenas de fazerem a ultima colheita. Raiou o 13 de Maio. Nenhum cumpriu a promessa. Foram-se todos. O desventurado e generoso agricultor via a sua lavoura apenhoada de frutos sem ter quem os colhesse. Deitou-se num sofá, contemplando melancolicamente o seu esforço perdido.

Dahi só se levantou para morrer.

Desde 1866, em plena Campanha do Paraguay, D. Pedro II tentava traduzir em actos o seu abolicionismo, com o projecto Pimenta Bueno.

O Sr. Wanderley Pinho com a becemerita divulgação do arquivo de Cotelipe que protocolizou cuidadosamente a discussão do elemento servil no gabinete de 16 de Julho, vem entre outras acabar com a lenda de que a vontade imperial não conhecia obstaculos.

Não se conformará o Imperador com o encalhe do seu projecto, cujo unico effeito fôra uma referencia platonica que Zacharias insinuara muito a contragosto na *Fala do Throno* de 1867. Terminada a guerra volta á carga e escreve a Itaborahy a 1 de Maio de 1870, insistindo. "Itaborahy, porém, como todos os seus companheiros de gabinete, resolveu não atender á disposição do Imperador" — diz o Sr. Wanderley Pinho. Quanto á questão escravista, Cotelipe declarou que tocar na principal fonte da nossa riqueza era criar "uma especie de guerra peor que a do Paraguay". Tão radical era o seu modo de pensar "que se opporia até pegando numa espingarda" — lembrou-lhe o Imperador que já o declarara.

Um *post-scriptum* precioso de Cotelipe aclara com uma luz singular o pensamento de D. Pedro.

Eis-o:

"Quando nesta conferencia se disse que a questão de emancipação era semelhante á pedra

"A actual lei de promoções data de 1891 — é antiquada, por isso que tudo se tem modificado, menos ella; é anti-militar por que os seus processos entretem o espirito politico nos quadros."

que rolava da montanha e que nós não a devíamos precipitar, porque seríamos esmagados, S. M. respondeu que não duvidava expôr-se à queda da pedra, ainda que fosse "esmagado"!

Eis aí o pensamento íntimo do "escravocrata". Preferia perder o trono a ver subsistir o captiveiro.

Vejamos agora o peso da vontade imperial, na reunião de 5 de Maio. O gabinete unânime declarou "que sua magestade não podia intervir com o peso da sua opinião e contra a de seus ministros em solução dessa ordem".

O Imperador transige. Leva ás raias do sacrifício os escrúpulos constitucionais. Limita-se a reivindicar os seus direitos de homem e a faculdade que tem de libertar do seu bolsinho as *crias* dos escravos da Corôa. Insinua, contudo, que se tem o dever de obedecer a seus ministros, dispõe também do poder de demití-los.

Já se desenha nessa conferência a perspectiva de um novo gabinete. Dentro de quatro meses Pimenta Bueno, o coração que pulsou quase tão perto do seu como Bom Retiro, organiza novo ministerio.

E a elle que D. Pedro abre o fundo da sua ação, a elle que confia a fragua de ser servido por escravos, com elle que combina a amissão clandestina dos que possue: com elle se decide entregar a Paranhos a bussola da emancipadora rostida pelo ventaval dos interesses, ameaçados pelos escolhos da desordem.

O IMPERADOR ABOLICIONISTA

Repitamos mais uma vez a núa verdade: o Imperador, quer como chefe de Estado, quer como homem foi sempre e radicalmente partidário da Abolição. Não se enganava o Sr. Oliveira Vianna quando lhe chamava o "grande radiador de força", na marcha dessa idéa.

Provas! Provas! Ellas enxameiam e vamos al-as. O primeiro projecto emancipador apresentado por Pimenta Bueno, não era apenas de inspiração imperial, era da *lavra*, da *mão*, da *atra* de D. Pedro II. José de Alencar declarou-o Senado sob o mais solenne dos testemunhos, essenciais, e não houve meios de contestá-lo, apesar da celeuma que o facto levantou nos arriaes escravistas.

O projecto Pimenta Bueno era considerado uma brecha na Bastilha negra. Em torno dele mou-se a luta dos partidos. Presidentes de Conselho dos mais poderosos, arautos de situações políticas inexpugnáveis tentaram em vão oponer-se-lhe. Cahiam com os obstáculos que tiveram apresentar-lhe. E quando Paranhos em 1870 obteve a passagem da lei do Vento Livre, fazia mais do que executar o projecto imperial. Era esse o escravocrata.

Rastreemos de mais perto o seu pensamento. A resposta á celebre mensagem dos liberais franceses, entre os quais o Duque de Broglie Montalembert e Victor Hugo, é também do punho do Imperador. Affirmando que a abolição no Brasil, é apenas uma questão de oportunidade, não fez senão condemná-la. Mais ardem contra elle as coleras tribunícias de Ferreira Vianna, que lhe verbera o "pacto com Dantas", isto é, com o gabinete cujo um lemmma era a emancipação.

Esse o pensamento do Chefe do Estado. O do homem, o do brasileiro ainda é mais fácil de descobrir, apesar dos véus com que a ficção da impersonalidade constitucional o tentava esconder. Antes de 1870, chamou D. Pedro II um bello dia a Pimenta Bueno e mandou que lavrasse a carta de alforria de todos os seus escravos.

Não reflectira ao dar essa ordem, que a sua execução levaria o panico ás classes conservadoras. Era intervir na questão abolicionista. Era abandonar a neutralidade constitucional, que estava adstrito pelo mais solícito ramento. Era ~~livro~~ os carreiras da Corôa. Os membros mais notáveis do Conselho do Estado, mesmo os abolicionistas de coração, já se haviam manifestado contra o acto da imperial generosidade. Pimenta Bueno teve a coragem de lembrar-lho mais uma vez. Ante a irreductibilidade dos seus conselheiros D. Pedro II cedeu. "Em todo caso, não queremos ser ~~livros~~ por escravos", obtemperou. E arranjou um piedoso sophisma para realizar o seu plano. Mandou distribuir os que possuia por diversos lugares e aí libertá-los aos poucos, sem bulha nem matinada, com a clandestinidade dum crime.

Uma antipathia visceral, cuja implacabilidade destoava da sua notoria bondade, afastava o Imperador de quantos se tinham envolvidos no trafego, ou esposado a defesa dos seus interesses. Aos senhores de escravos nada tinha que censurar. Tinham accedito uma situação de facto, para que não haviam contribuído.

Quanto aos importadores de negros, e seus patronos, não!

Esses eram directamente responsáveis pelo incremento do mal, que as nossas leis procuravam cortar. Nunca lhes perdoaria. Uma série de factos publicos e notórios comprova esses sentimentos do Imperador. Pereira Marinho, na Bahia, fizera-se opulento no trafego. Depois de deixá-lo, tudo enviou para ter do Governo uma condecoração, um título, uma fita, qualquer cousa em fim que lhe lavasse a fortuna da mancha original. Embalde. O Imperador nunca transigiu. Pereira Marinho fez-se Conde. Mas em Portugal...

A bisneta dum dos maiores fazendeiros do Estado do Rio, senhora de rara intelligencia, e com bastante espirito para não se melindrar do erro de seus antepassados, contou-me ha dias que seu bisavô preparara regiamente a sua fazenda para hospedar o monarca. Mas importava escravos.

O Imperador declinou da sua hospitalidade, alojando-se num sobrado da villa proxima. E tava-se dum Breves, isto é, da mais influente e opulenta familia fluminense!

Pereira da Silva, o historiador do segundo reinado, cardeal entre os conservadores, poderosa influencia saquerema, amigo intimo de Paulino e Itaborahy, teve um dia, como advogado, de aceitar o patrocínio de um negreiro. Nunca lho perdoou D. Pedro II. Vezes e vezes o nome de Pereira da Silva fez parte da lista triplice. A escolha de senadores era uma prerrogativa imperial. D. Pedro jámais escolheria um advogado de negreiros.

Era injustiça que a Princeza reparou, realizando as aspirações do chefe conservador, que o ~~deputado~~ ^{deputado} sua profissão não podia repellir de horror que o "Imperador Escravocrata" tinha aos negreiros.

LOPEZ, COMPRADOR DE ESCRAVOS BRANCOS

em contraposição á sua, a do Presidente da Republica abolicionista do Paraguay? O Paraguay em 1843 decretou uma abolição condicional e restricta. Mas essa lei nunca passou de letra morta.

Quem nol-o diz são testemunhas insuspeitas, autores platinos, que afirmam que cincuenta mil "esclavos de la Nacion", foram chamados ás armas contra nós. Só duma feita, depois de Tuyuty, foram alistados outros seis mil "esclavos de la Nacion", nas forças do ditador.

E Lopez? Era elle pessoalmente infenso a escravidão? Teve ou não escravos? Um documento publicado pelo coronel Mario Barreto, chefe da Secção de Historia Militar do Estado-Maior do Exercito, um dos nossos mais esforçados historiadores, prova que Solano Lopez, mesmo em 1863, negociava em escravos.

Eis o teor da escriptura de compra, que o coronel Mario Barreto publicou em *fac-simile* no *Jornal do Brasil*.

"Receba-se na Collectoria Geral a quantia de duzentos pesos com que compro ao Estado a escrava Salvadora Samaniego, de trinta e cinco annos de idade, com a sua filha Gregoria, liberta, de doze annos, e de oitenta pesos

pela liberta Manuela Samaniego, de dezesete annos, todas da escravatura de Santo Domingo, com o encargo do competente recibo pela resalva
Assumpção, Dezembro, 24-1863 —
(Assig.) LOPEZ."

O documento divulgado pelo brillante historiador que tanto honra as fileiras do nosso exercito, foi o tiro de misericordia no coração da mentira. O relevo do *fac-simile*, onde a assignatura de Lopez se enrosca sobre si mesma como uma serpente nos seus aneis é mais eloquente que todos os oradores, convence mais que todos os argumentos. Deve ser transcripto em letras de fogo no cartaz com o distico de *escravocrata* que o Sr. Mario Barreto pregou nas costas de Lopez.

Si esse documento de 1863 não basta, temos outro em plena guerra, assignado pelo Vice-Presidente da Republica, chamando ás armas todos os *escravos e libertos da Republica*.

Eil-o:

"Viva la Republica del Paraguay.

"Con motivo de que á noche se ha personado el Jefe de milicias de Pyrarú esponiendo á la voz en sentido a consulta á la orden circular de 6 del corriente para el enrolamiento de todo hombre capas de llevar armas, si habran de comprenderse los esclavos y libertos de la Republicas se hace saber á las Autoridades de campaña encargadas del cumplimiento de dicha orden que quedan comprendidas en ella los libertos todos, y los esclavos serán libertados por el Tesoro Nacional; á cuyo efecto los mismos funcionarios publicos, formarán luats nominales de dichos siervos, con espcion nominal de sus dueños, y las remitirán á la Secretaria de Gobierno para mandarse abonar sus importes por ser asi conforme á la Suprema resolucion del Exmo. Señor Mariscal Presidente de la Republica, debiendo proceder en le demas segundo prevenido en la citada orden del 6º y la efecto dirijamo copias de esta disposicion en todos los partidos de campañas para los fines fines conseguintes. — Assunción, Setiembre 9-1866. El Vice-Presidente — Francisco Sanchez."

Não devem surprehender, porém, esses achados. Era logico. A hypocrisia e a dissimulação acabam por se descobrir. Como poderia o homem que reduziu á escravidão, todo o escol da sua desventurada patria, como poderia esconder que explorava a massa inidentificavel dos *anonymos*?

O Brasil durante a guerra tinha escravos, não ha duvida. Era uma vergonha que devíamos a uma fatalidade historica. Mas era um nucleo restricto; havia por outro lado homens livres, que usufruia de todos os direitos, até do de censurar o Chefe do Estado.

O paraguayo não. A condição dos brancos não inscriptos entre *los esclavos de la Nación* era absolutamente igual á destes. Propriedade, honra, liberdade e vida tudo dependia do presidente. Queria uma casa? Mandava expor-a. Queria uma mulher? Mandava buscar-a. Alguem lhe desagradava? Mandava prender. Alguem o contrariava? Mandava degolar ou fuzilar. Exaggeros talvez? Não. Factos e nomes. Quem confiscou a casa de Recalde? Quem mandou prender Pancha Garmendia, ré do crime de desprezal-o? Quem encarcerou Bernardo Jovellano? Quem mandou fuzilar os proprios ir-nãos?

Que diferença entre a nossa escravidão e a paraguaya! Onoso imperante achou-se a braços com um facto que empregou todos os esforços para remover. Quiz fazel-o gradualmente para não abalar o edificio nacional, paradoxalmente apoiado na escravidão, como aliás, o dos Estados Unidos de então. Não o conseguiu. Mas era de coração abolicionista. Lopez, ao contrario, recebeu um facto que fez tudo por aggravar, pela deshumanidade, consolidar pela tortura e generalizar pelo terror. Transformou seu paiz numa immensa senzala. E quando morreu inda imperava a escravidão no Paraguay. Facto muito esquecido: coube ao conde d'Eu, marechal do Exercito e commandante em chefe das forças brasileiras em operações no Paraguay, a iniciativa de extingui-la. O decreto do presidente Rivarola, que realizou essa medida, é a melhor prova dessa intervenção, que consigna e agradece.

MENTIRAS MASCARADAS

Mitre, o excuso patriota que tirou do chão a Argentina moderna, observava a um amigo: "ha por ahi muitas mentiras que correm mundo vestidas de verdades republicanas".

E' o caso das duas declaradas balelas do "Imperador escravocrata" e do "autor da guerra do Paraguay". Relizmente pequeno é o numero dos que dominados por paixões anachronicas querem fazer da historia o tablado das lutas politicas. Grande é, pelo contrario, o numero daquelles que sob a mascara de certas Crios odientes reconhecem os olhos estriados de sangue das furias do jacobinismo. Descendentes directas das harpias da guilhotina, das vivandeiras desgrenhadas do Terror, de que Theroigne de Mirecourt legou á posteridade o involvidavel emblema, elles cantam a *Marselheza*; mas a *Marselheza* que entoam não é o pean das aspirações liberaes, é o cantico sinistro do odio, a marcha funebre do fratricidio, o hymno esteril da discordia.

Vá que o inimigo accusasse o Imperador de escravocrata. Elle encarnava o Brasil. Para fe-

rir a este era preciso feril-o. Mas que brasileiros o façam! Nenhum brasileiro procedeu com mais dignidade na guerra. Nenhum zelou com mais carinho pela honra nacional. Neste particular a sua susceptibilidade chegou aos limites do extremo. Achou insufficiente, como Tamarandé, o desagravo da nossa bandeira em Montevideó. Não hesitou em demittir Paranhos, o seu estadista preferido, que pensava de modo contrario.

Não poupou esforços e trabalhos de ordem pessoal para cooperar com o paiz. Nunca partiu da Corte um embarque de forças a que elle não assistisse, confortando soldados e marinheiros, indagando do que lhes faltava, inspecionando tudo, até o rancho de bordo, com extremos de minucia, de que ás vezes se susceptibilizavam os proprios ministros.

Ninguem soffreu mais do que elle as angustias da campanha. Curupaiti tirou-lhe anno de vida. Não conheço melhor commentario do que lhe custou a guerra, do que o do Visconde de Taunay e que se pôde comprovar até os seus retratos de 1865 e 1870. Naquelles ainda é moço, em plena robustez, cabellos loiros, respirando vida. Nestes a physionomia vincou-se-lhe de rugas, os olhos perderam o brilho; a barba e o cabello branquearam totalmente: já é um velho. Entre os dois retratos medeara a guerra.

A historia da Abolição no Brasil é a historia do Imperador.

Não lhe devemos esconder o erro. Devia tel-a feito, custasse o que custasse, contrariasse a quem contrariasse, resistisse a quem resistisse. Foi fraco; ouviu os interesses de partido; cedeu á prudencia dos seus estadistas; temeu romper os veus da ficção constitucional do poder moderador. Podia ter extirpado o cancro numa operação violenta mas instantanea. Preferiu os enplastros contemporizadores da transigencia politica. Essa culpa, porém, não foi só sua; compartilham-na, desde Bernardo de Vasconcello até Cotelipe, os nossos maiores patrícios.

Mesmo, porém, em torno desse erro quant grandeza, quanta magnanimidade! E que enorme diferença apezar disso, entre as nossas instituições, os nossos processos politicos, a nossa cultura e a de todos os nossos vizinhos.

Tinhamos escravos negros. Era um erro. Mas era da época. Era um crime. Mas que se permittia para evitar outro tão grande — negação da propriedade herdada, que representava o labor dos mortos e a subversão do trabalho. Nós, porém, confessamos o nosso erro e o nosso crime e procuravamos reparar o primeiro e fugir ao segundo.

Mas não tinhamos escravos brancos. Não eramos feitores de senzalas que de República se tinham o nome. Não representavamos a civilização da faca. Tinhamos sahido da barbárie

Não erigiramos a mentira em dogma politico, o terror em systema, o despotismo em lei. Durante o nosso tão malsinado regimen imperial tres governos teve o Paraguay. Vejamos o que foram.

IV

FRANCIA

Grande elle o foi sem duvida. Mas da grandeza do Terror. Entre os dois mysterios que lhe envolvem o berço e o tumulo, e em que tudo são ainda conjecturas, desenrola-se illuminada de sol, á luz de documentos irrefragaveis, a realidade sinistra duma vida de crimes.

Onde nasceu? Não se lhe conhece a certidão de baptismo. Filho dum brasileiro, capitão de artilharia, de nome França, ha tradições que o dão tambem nascido no Brasil, ao norte de S. Paulo. Não seria impossivel. O pai foi chamado de repente a dirigir umas plantações de fumo no Paraguay. Podia tê-lo levado pequeno. Mas é melhor não bulirmos nesse assumpto. Que fique como está. Não precisamos aqui dessa "gloria da umanidade".

Como se chamava ao certo? Compulsei-lhe varios autographos. Ora assignava o nome por extenso, ora Gaspar de Francia, ora Rodriguez de Francia. O Velasco só o ajuntou muito mais tarde. Provavelmente para dar uns tons de nobreza castelhana. Só conheço um autor que mencionar esse appellido: Zinny.

José Gaspar Rodriguez de Francia y Velasco é um dos grandes beneficiarios da illusão historica. Carlyle, inspirado nos livros dos irmãos Robertson e de Rengger e Longchamp, ensanchou-o num capítulo celebre.

O genio de Carlyle, inflammando no culto dos heróes, domina e convence. Um conjunto de factos, apparentemente irrefreaveis, conspirava em favor do despota. Não proclamara elle a independencia da sua patria? Não adoptara a fórmula republicana? Não diffundira a instrucção? Quanta illusão! Independencia, republica, paz... Tres mentiras para occultar uma só verdade: a *tyrannia*. Independencia, mas a independencia a escravidão: o escravo livre de todos — menos o senhor. Republica, mas a republica da senalha: todos iguaes, mas perante o chicote. Paz, mas a paz dos tumulos.

A independencia e a republica de Francia! quem não sabe que foram a suprema irrisão?

A revolução francesa disseminara pelo mundo a sympathy pelos seus ideaes. Uma vasta gomachia invadira os espíritos simplistas. Favia palavras exorcistas. Bastava dizer republica e fugiam as trevas da ignorancia, da escravidão e do obscurantismo.

Francia pronunciou no Paraguay a palavra cantada. Mas se alguém se desse ao trabalho

de ir ver no que consistira o seu exorcismo, ficaria estatelado de assombro. A republica no Paraguay era Francia.

Elle era tudo, a religião, a lei, a riqueza, o trabalho. Reduzira os seus vassalos á condição de animaes com apparencia humana, no dizer de um escriptor platino. E chamava republica a essa necropole de consciencias!

Augusto Comte, reduzindo a historia á equação positivista, enthronizou Francia num dos altares da sua igreja e collocou o sinistro caudilho entre os dictadores providenciaes, legando ao Brasil o triste e ridiculo privilegio de endeosal-o, felizmente por um numero infinitesimal de proselytos.

Não tinha á mão um documento, não consultara um arquivo, não investigara. Lera Carlyle, que creou um Francia inexistente, um Francia de que os proprios dictadores que lhe succederam se envergonhavam. *Nunca seré abogado de la tirania de Francia*, dizia Berbes a Brizuela na sua confidencial de 6 de setembro de 1864. Berbes era o porta-voz de Lopez. Sua correspondencia official passava toda sob os olhos deste. Essas palavras são o julgamento de Francia por Solano Lopez.

O psychiatra argentino Ramos Meija estudou profundamente a carreira desse epileptico larvado. Dois irmãos loucos mostram-lhe claramente a tara heredo-syphilitica. Episodios da adolescencia patenteiam a sua lesão medular de sentimentos.

No Collegio de Cordoba um collega encontra sobre a sua cama tres lindos *duraznos*. Faz a pilheria, tão inocente entre escolares, de comel-os, deixando os caroços. Gaspar não diz nada. Rumina a gaiatada como si fosse mortal insulto. Prodigiousamente dissimulado, dir-se-ia, até que não percebera a troca. Eis senão quando, um bello dia, encontra de geito o companheiro. Tem na mão esquerda os tres caroços, a peça de convicção, e na direita uma pistola. O réo tem de comer os caroços ou morrer. O companheiro conhecia-lhe a força. Enguli os caroços. O tigre do Paraguay afiava as unhas.

Um de seus professores deu-lhe uma penitencia. Gaspar não se deu por achado, ao contrario, redobrou de provas de carinho com elle. Lenta e pacientemente durante dois annos remoou um plano de vingança. O dormitorio do professor era justamente debaixo do seu. Estudou minuciosamente a topographia do quarto e arrancou os ladrilhos de modo a abrir um buraco sobre a cama.

Uma noite estranho estampido despertou os echos silenciosos do Collegio. Um tiro de facamarte alvejara o leito do professor que por feliz casualidade ainda não se deitara. A fúria *gloria da umanidade* dava a medida do que iria ser.

Seus antecedentes em Cordoba são dessa dem. Não transpiraram no Paraguay do seu *no et pour cause*. Mas dão a medida do mem.

Nessa estadia collegial adquiriu odio á humidade que mais tarde iria demonstrar. Astou á mão de varias moças de familia, sendo sempre repellido. Não esqueceu a injuria. As milias hespanholas, rés dessa affronta, expiam no carcere e no fuzilamento esse crime de a-francismo. Data dahi o seu odio aos hespanhóes, que humilhou a ponto de só lhes permitir casar com indias e negras. Eis o França pre-dictatorial.

Teve dos grandes alienados lucidos a incrivel dissimulação. Volvendo a Assumpção fez advogado contra os castelhanos. Movia-o o io. Mas elle o mascarou com o disfarce da protecção aos pequenos. Ganhou assim a sympathia da massa que o elevou ao poder.

Não queria entraves á sua ambição. Reiliu o jugo da Hespanha e de Buenos Aires. teve socios no poder: fuzilou-os. E fez-se no e senhor da terra paraguaya.

Encontrou terreno propicio para a sua tyrania. Os jesuitas, antigos senhores do seu lado, tinham dobrado a raça autochtone ao mais severo jugo. Só a disciplina podia garantir a sua pequenissima grey no meio de indios, que orçavam por mais de milhão e que mesmo depois das lutas com os portuguezes de Paulo orçavam por esse numero.

O filho de Loyola plasmou a alma informe selvagem como um barro ductil ao sopro da edencia. Oleiro habilissimo, deu a esse sono origem divina. *Deus vult*. A ingenuidade amitica do guarany, o tacto e a intuição dos dres, a sua bondade, a sua pureza, os seus erifícios, a sua formação moral, com os seus ques de milagres, a confissão, elevada á altera de primeiro dever humano, e de fonte da verdade, tinham criado uma raça que depunha as mãos dos chefes toda a sua vontade, que dicava de todo o pensamento e de toda a alyse e que punha a sua honra, a sua missão na terra e o seu dever humano em obecer.

Para essa pobre gente, o governo e a administração tinham nascido do direito divino. Só lhes restava executar os seus desejos. Esse caracteristico racial foi tão profundo que perdurou até o tempo de Solano Lopez. Masterman, ja obra é a melhor que existe sobre o Paraguay, cita factos. Uma feita, perdido na estadia, dirige-se a um grupo de paisanos falando-lhes de igual a igual. Silencio. Nem um eno, quanto mais uma resposta. Exaspera-se

e grita. Tem tudo o que quer. Gritou? Pertencia á raça dos senhores. Só lhes restava obedecer.

Halle, um negociante de tecidos e rendas, vai sahir de Assumpção. Encontra na Alfandega os embaraços de costume. Perde a cabeça, vocifera e ameaça. Os empregados aduaneiros baixam a cabeça. Zangou-se e é amigo d'*El Supremo* de quem mostra uma carta? — Só lhes resta obedecer.

Vai tão longe a passividade e a disciplina que até nas vascas da morte o guarany não se permite infringir-a. Era muito commum na guerra os nossos soldados dizerem aos paraguayos feridos, ás vezes moribundos, que se rendessem. Queriam salval-os e evitar heroismos improficos. Tinham sempre a mesma resposta ás suas intimações: "No tengo orden!" — Até para morrerem num hospital precisavam de licença!

A crueldade de França era incrivel. Só conhecia duas penalidades: o carcere perpetuo e o fuzilamento. Qualquer motivo frívolo bastava para applicá-las. Um pasquim pregado á porta de sua casa, levou Echague ao ergastulo. Um acto trivial da propria irmã, qual o de ocupar um soldado num mandalete, enclausurou-a tambem.

Tinha a volupia do soffrimento e do sangue. Carregava por suas proprias mãos os cartuchos dos fuzilamentos, a que assistia das janelas do Palacio; deixando dias e dias os cadáveres insepultos. Dois corvos habituaram-se ás execuções. Rondavam sempre á espera dos lugubres festins, cujo *hors d'oeuvre* eram os olhos das victimas. Eram os seus unicos amigos.

A profundidade do seu pensamento e o seu preparo intellectual são tão verdadeiros como a sua magnanimidade. Duas grandes obras existem de viajantes que o conhecem: as dos irmãos Parish Robertson e a de Rengger e Longchamp. São ambos accordes em atestar a sua incrivel atrocidade e os seus nenhuns requisitos de chefe de Estado. Os primeiros o definem nessa simples phrase: *Su ambicion era tan illimitada como su crudeldad*. Os dois ultimos deram-lhe a vêr uma antecipação do juizo da posteridade. Mandaram-lhe o seu livro. França, escumando de raiva e cheio de tardio arrependimento de não os ter mandado fuzilar, leu pagina a pagina o relatorio dos seus malefícios. Tirou-se dos seus cuidados. Entendeu responder. Dirigiu a um jornal de Buenos Aires uma contestação. Não pôde haver nada mais charro, tosco, elementar e pequenino. Dá a medida do homem. Contenta-se em chamar aos dois inoffensivos viajantes de envenenado-

res profissionaes. As suas chalaças são deste jaez: lembra a Rengger que lhe chamavam Juan Rengo. Diz que elle e Longchamp eram companheiros de "gancho e rancho". Contesta uma ou outra futilidade do livro. Mas deixa em silencio todos os crimes nelle pormenorizados, dando-lhes assim a mais cabal de todas as confirmações.

Eis a gloria da umanidade que figura no calendario comtista. Eis o sinistro dictador, a quem a terra paraguaya recusou até a honra de dormir o sonno eterno no seu seio, que profanará e ensanguentará, exhumando-lhe os restos mortaes e atirando-os ás correntes do rio para que os levasse ao Atlantico, cuja immensidade não era maior do que a sua hedionda malvadez.

D. CARLOS ANTONIO LOPEZ

D. Carlos Antonio Lopez não desmentiria a linhagem de Francia, se fosse seu sobrinho, como querem alguns. Mas não era. Filho dum sapateiro hespanhol e duma india guaycurú, nada tinha de commun com o desposta senão a malvadez. Contudo é preciso fazer-lhe justiça. Collocado no painel central da triptyco em que se retratam os tres despotas paraguayos, elle se destaca pela sua relativa humanaidade. Mandou matar pouca gente. Pouco; bens confisou. Não permittia violencias e espoliações senão aos membros de sua familia.

Chegava a sua solicitude pelo bem estar do seu povo a guerrear a usura por todos os meios imaginaveis, e a não permittir o estabelecimento de casas de penhor ou de prego, senão ás suas filhas, boas financeiras, que tambem compravam com abatimento notas desvalorizadas que o Thezouro lhes trocava por moeda sonante. Era um Governo que alguns paraguayos chamavam de patriarchal. Patriarchal, como se ve, na extensão da palavra. Mas, tirante pequenas fraquezas, foi um bom administrador e um estadista que via longe. Conhecendo bem o filho, avisou-o: "Nunca te mettas a liquidar pelas armas nossas pendencias com o Brasil. Confia ao direito a nossa defesa".

Armou formidavelmente o seu paiz, é exacto. Mas principalmente com a orientação defensiva.

Era homem de rara habilidade. Para não despertar desconfianças em Francia, que vislumbrava em todos os que excedessem a mediana um successor eventual, simulou por muito tempo uma especie de loucura mansa. Conseguiu salvar-se e subir á presidencia.

Para entroncar nas tradições de hypocrisia de Francia fez declarações politicas de grande alcance no que hoje chamariamos a sua *plataforma*. Assegurou que o Paraguay nunca seria dominio duma familia", o que não o im-

pediu mais tarde de o deixar em testamento ao seu querido Panchito.

Não eram avaros de boas palavras aquelle-sinistros autocratas. Vale a pena, pela curiosidade, mostrar como Francia não discrepava dos mesmos principios de prometter exactamente o contrario do que se propunha a fazer.

Trata-se dum documento ao que supponho completamente inedito. E' o discurso de posse de Francia, a 17 de junho de 1811 quando subia ao Governo e se installava a primeira junta paraguaya.

"Ha llegado este exceso al extremo de querer reagrarar nuestras cadenas, intentando disponer de nuestra suerte y nuestras personas mismas como quien dispone de un rebaño de ganados, de una hacienda e de una cosa mueble, sin attender a la dignidad y derecho de un pueblo ni a la voz de la naturaleza que clama que los infelices paraguayos ya han padecido bastante en cerca de tres siglos en que han sido indignamente vilipendiados y postergados. Al fin han pasado los desgraciados tiempos de opresione y tyrania. La obscuridad en que yaciamos ha desapparecido y una brillante aurora ha empiezado a descubrir-se sobre nuestro orizonte."

Que admiravel eloquencia! Que odio sacro-santo "a la opresion y la tyrania"! Ah! Se Augusto Comte conhecesse essa profissão de fé, o coitado de Frederico estaria desbancado e rebaixado de mez a semana. A idéa porém não seria nova. Um padre houve em Assumpção que, ao fazer o elogio funebre do homem que extinguiu e achincalhou a Egreja no Paraguay, teve a coragem de propor que o mez do seu nascimento, julho, se chamasse Francia. Quando ocorreu a noticia da morte deste, muita gente não acreditou, pensando que era uma armadilha do tyranno para avaliar o conceito de que gozava. Se no Paraguay não tivesse existido um celebre padre Maiz, que nos dá a medida dos abysmos de sabujice a que pôde chegar um sacerdote, suporia eu que esse discurso foi dictado pelo medo de que o dictador inda estivesse vivo.

Da cultura e intelligencia de D. Carlos Antonio Lopez, quem lêr Bermejo e Centurion poderá ter a idéa exacta. Da sua compenetração basta a scena produzida por este de uma sua conversa com um rapaz que ia estudar mathematica. O dictador quiz mostrar-lhe que o seu espirito tinha abrangido toda a extensão dessa disciplina. "Oiga, disse elle ao moço. Oiga: la puerta es mas grande que la ventana y la recta es mais comprida que la curva. Eso es todo el fundamento de la mathematica".

Não admira que na medicina o seu genio de synthese tivesse descobertas iguaes. Todo o forasteiro que chegava ao Paraguay soffria rigorosa inspecção de saude. Mas o dictador

mplificava a prophylaxia como a mathematica. viajante punha a lingua de fóra. Se estivesse ja ou saburrosa era um homem affectado e o podia desembarcar. A largueza do seu es-rito dotava-o da suspicacia dos chacaes e da são dos lynxes. Appareceu na Alfandega de ssumpção certa machina photographica. Foi guardada e posta de lado e aberta com todas as ecauções.

Quem é que disse que não podia ser uma machina infernal?

Republicano ás direitas, não admittia dis-secções entre os seus subditos. Todos estavam: ieitos ao mesmo envilecimento.

Dizem que disseminou a instrucção no Par-aguay. Muito se lhe poderia perdoar se fosse verdade. Mas não. A origem dessa balela é que triu escolas em todo o paiz para ensinar o *Catechismo de Santo Alberto*.

Todo o paraguay devia ler e trazel-o de r. A isso se limitava a instrucção disseminada por D. Carlos.

Que era o *Catechismo de Santo Alberto*? ma arma de defesa creada pelo Bispo de Tu-uman em 1784, em consequencia da insurrei-ção de indigenas, encabeçada por Tupac-Ama-ri. Foi feito para escravos, e taes eram os dios. A segurança dos que os senhoreavam, proporção de um para mil, só podia consis-tir no domínio absoluto das suas vontades. como arma de defesa contra esse perigo com-prehende-se até certo ponto a famigerada car-ha.

Consistia o *Catechismo* numa serie de per-tas pelas quaes se ensinava aos meninos e eninas as obrigações que um vassallo deve ao rei e senhor, emanacão da divindade.

Nelle se estabelece que a delação é o mais tricto dever de fidelidade para com o soberano. Incutia-se-lhe no espirito a inutilidade de larem-se. Peccariam contra Deus em vão, m proveito algum. Não conseguiram salvar, de silencio, paes, irmãos, amigos ou superio-ss, visto como "as proprias aves do céo" se carregariam de levar aos ouvidos do soberano os pensamentos escondidos no mais fundo consciencia.

Eis ahi o que foi a instrucção de D. Carlos Lopez. Um meio de corromper a juventude, filtrando-lhe desde cedo a idolatria do poder a abjecção do escravo.

D. CARLOS

Deram a Bermejo, quando desembarcou em ssumpção, uma casa regular mas inçada de morcegos. Indo apresentar-se ao Supremo, foi por esse bem recebido, devido á apresentação de u filho Panchito, isto é, seu sucessor Francisco Solano, então em missão diplomática na uropa. Ao entrar na sala onde D. Carlos o

recebeu, sem cerimonia, com a cuia de mate na mão, observou que sobre a mesa havia, uma cartola branca, signal de bom humor do despo-ta, ao que soube posteriormente. Passadas as primeiras amabilidades, D. Carlos perguntou-lhe se gostava da casa. Que sim, respondeu Bermejo apesar dos muitos morcegos. D. Carlos demudou-se. Soltou um murro em cima da mesa e ordenou ao edecan que chamassem o Ministro da Fazenda. Dentro em pouco apparecia á porta do salão um velho respeitável. Já tremia de medo, mas quando viu que em cima da mesa estava uma cartola preta ainda, mais empalli-deceu. D. Carlos metteu-lhe a catana: que era um relaxado, que deixava os morcegos estra-garem um proprio nacional; que eram uns idiotas e uns badulaques. O Ministro, aterrado, assentia humildemente: "Si, señor." E re-tirou-se.

Bermejo, que assistira constrangido toda a scena, volvem para casa, criminando-se de ter dado ensejo áquella reprimenda. Qual não foi o seu espanto quando, ao chegar á sua sala de jantar, viu o ministro da fazenda, de pé no chão e em mangas de camisa, trepado numa escada, de vassoura na mão, a procurar os ni-nhos dos morcegos.

Dentro em breve outra surpresa lhe estava preparada. Pedindo hora e dia para ir visitar o ministro do exterior, este lhe disse que estava muito ocupado, durante os dias mais proximos. Contando a um amigo esse facto, este o levou maliciosamente por uma certa rua. Ali, ao pas-sar por uma casa baixa, viu elle, pelas janellas, abertas, o ministro do exterior muito azafamado em dobrar e cintar de endereços os numeros do *Semanario*, do *Jornal Official* da terra. Eram essas "las ocupaciones" do illusne chanceller, das relações do Sr. D. Carlos Antonio Lopez, segundo dictador do Paraguay.

Não tinha limites o ridiculo orgulho desse guaycurú mal envernizado. Arrogava-se o pri-velegio de receber de cartola na cabeça e sentado na unica cadeira que havia os plenipoten-ciarios que o visitavam. Christie, representante da Inglaterra, não esteve pelos autos. Appareceu-lhe de chapéo na cabeça e não se descobriu enquanto o despotá não fez outro tanto. Tra-

"O generalato é a viga mestra da hierarchia, exigindo qualidades pes-soaes não communs; é indispensavel acelerar-se a carreira dos que mos-tram possuir as qualidades que lhe são primordiaes: — caracter, intelli-gencia, cultura technica, cultura ge-ral, bôa saude."

tava como a cachorros os mais autorizados diplomatas. E' celebre uma conferencia que teve com o nosso representante Amaral.

Esse lhe fazia uma exposição sobre assunto de interesse reciproco. D. Carlos o interrompeu: Está mentindo! "Miente!" Amaral, surpreso e attonito, estremeceu, mas continuou. Segunda e terceira interrupção: "Miente usted! Miente usted!" Amaral, já senhor de si e refeito da surpresa, continuou, imperturbável, como se não estivesse percebendo a insolência. Finda a sua exposição, D. Carlos começou a contestá-la. Ao fim da primeira afirmação, Amaral retrucou, simplesmente: "Miente usted!" D. Carlos não lhe deu tempo de reiterar o desmentido. Mas o nosso representante, que não queria ficar atrás, bombardeou-o com um rosário iterativo de "miente usted". Furioso com esse crime de lesa-majestade, exprobando-lhe o ter faltado ao respeito al Gobierno del Paraguay", D. Carlos exigi-lhe desculpas. Amaral voltou-lhe as costas, e foi-se embora.

Sejam, porém, quaeas forem as lacunas intellectuaes e moraes de D. Carlos, é certo que o seu governo foi o menos deshumano do Paraguai.

Soube administrar. Com o monopólio da herva-mate, amontoou colossais riquezas. Com estas pagou os formidáveis armamentos, as fortificações e a estrada de ferro estratégica, fiado nas quais seu filho iria declarar guerra ao

minosos. Poderia desapparecer com elle. D. Carlos Lopez aggravou o mal. Organizou e legalizou a luta contra a consciencia paraguaya. Francia não passava de um homem. Elle foi um systema. Os chins têm o segredo de min-guar as maiores arvores, a ponto de fazel-as caber num vaso de jardim. Sabem transformar em anões os gigantes vegetaes. D. Carlos A. Lopez usou de identico processo com a alma paraguaya. Reduziu-a a caber dentro da sua celebre cartola.

FRANCISCO SOLANO LOPEZ

De Francisco Solano Lopez aqui só trataremos a largos traços. Assumiu o poder, forçando o pai, moribundo, a rasgar o testamento em que nomeava seu irmão Benigno para presidir a eleição da vaga presidencial, aberta pelo seu falecimento. Seus primeiros actos foram desterrar o irmão, dar sumiço a um deputado que ousara manifestar duvidas sobre a lega-

lidade do seu investimento, ante o artigo da Constituição que declara, que o Paraguai nunca deveria ser patrimônio de uma família. Em seguida encarreirou o padre Fidel Maiz, que, depois, devia ser o mais terrível dos verdugos que teve a seu lado.

Amaro Barbosa, nosso consul, em officios reservados, descreve o terror de Assumpção, depois da sua posse. A população em peso lamentando a morte de D. Carlos, aterrada ante a imminencia das violencias; a policia vigiando a tudo e a todos; os secretas multiplicados; uma desconfiança reciproca e generalizada, devido ao imperio da delação.

O padre Maiz estranhara que o Congresso, durante a eleição presidencial, estivesse de sentinellas á vista. Um espio domestico acrescentou que lhe ouvira dizer que o repique festivo dos sinos prestes se transformaria em dobles a finados. Foi encarcerado, bem como dois coroneis, muitos officiaes e mais de duzentas pessoas. O commercio todo ficou paralysado. O juiz do civel, Jovellanos, morreu de fome no carcere. Mandaram autopsial-o para provar que não fôra envenenado. Seu corpo foi remetido para a casa, aberto, sangrento e retalhado. Cumulo de irrisão: mandaram á sua viuva uma conta de 400 pesos por serviços medicos. Essa desventurada senhora chamava-se D. Dolores de Jovellanos. Não sei se é a mesma Dolores Ur-dapilleta de Jovellanos, que convolou a segundas nupcias com um Sr. O'Leary.

O traço principal de Solano Lopez foi a vaidade. Coronel aos 17 annos, aos 18 general em chefe do exercito paraguayo, plenipotenciario do seu paiz ante as cōrtes da Europa, herdeiro presumptivo da dictadura, tudo concorria para leval-o a uma megalomania, que, nos ultimos tempos, se caracterizou no delirio da grandeza heroica.

Mediador na guerra civil da Argentina, acolhido em Buenos Aires, entre palmas e flores, depois que a paz se fez, isso ainda contribuiu para compenetral-o de que era o árbitro dos destinos platinos. As primeiras desinteligências entre o Brasil e o Uruguai, surgiu-lhe logo a idéia de colher em Montevidéu as mesmas palmas e flores que em Buenos Aires.

Offereceu a sua mediação recusada pelo Brasil e evitada com subterfugios (que aliás nunca perdoaria), pelo proprio Uruguay. Não se conformou com o alheamento em que o deixaram. Essa *presidencia* que tanto o mortificava explode como um grito de vaidade offendida na nota official que enumera os motivos porque declara a guerra. O seu pensamento nessa nota diplomatica pôde resumir-se nestas palavras comuns: *Não admitto que prescindam de mim.* Sou bastante forte e poderoso para exigir que

me ouça em todas as questões do Rio da Rata.

A recusa da sua mediação foi-lhe um doloroso golpe. Sente que fica sem razões plausíveis para intervir em questões alheias. O seu ensamento se confessa na carta de Berges de 21 de julho de 1864 a D. José Rufo Caminos, Consul em Corrientes:

"Ao menos" (se não fosse recusada a mediação) "ao menos nos acharíamos autorizados tomar parte na política que actualmente se desenvolve no Rio da Prata e a deter a marha do Brasil e da Argentina, que hoje ficam onos da situação".

E' inutil procurar outro motivo para a sua titude. A sua correspondencia confidencial nostra que dera ao desprezo as intrigas uruguaias que allegavam uma alliance entre o Brasil e a Argentina para retaliarem e dividirem entre si o Estado Oriental e o Paraguay. A determinação para a guerra nasceu apenas do immenso conceito em que tinha os seus dons de Napoleão sul-americano, e da confiança que tinha nos seus recursos militares, na valentia, na disciplina e no fanatismo das suas tropas.

Tão grande era a sua vaidade que tinha medo que a situação do Uruguai se resolvesse sem lhe dar tempo de fazer a grande figura que esperava.

Veja-se a carta de 21 de setembro de 1864 de Berges a Brizuela:

"...si Flores soffre um revez, movem-se os agentes diplomaticos residentes numa e noutra cidade (Montevideo e Buenos Aires) si se pronuncia entre Entre Rios, sem que se faça ouvir a voz do Paraguay, faremos *boa figura no mundo*". Bella mentalidade! Não queria a paz. Preferia que a America do Sul se conflagrasse e que corressem rios de sangue, contanto que o Paraguay não perdesse a occasião de fazer *boa figura*!"

Esse o pensamento intimo de Lopez. Precisava do pedestal duma guerra. Só assim daria que falar de si no Universo.

Suppunha-se humilhado pela revelia em que o deixaram. "La Presidencia" não o deixava dormir.

Berges em carta a Brizuela de 21 de outubro de 1864 é ainda o espelho desse sentimento: *es llegado el tiempo de desechar el humilde rol que hemos jugado hasta agora.*

Declarou a guerra sob a sua responsabilidade pessoal. Convocou uma reunião dos homens entre quem distribuiria os postos mais eminentes do governo. Entre elles todos só havia uma grande cabeça: Berges, o ministro do Exterior. Todos aprovaram com entusiasmo a resolução do Mariscal! Só um, pallido, mudo, retrahido, não disse uma só palavra durante a discussão. Era justamente Berges. E'

certo que ao dar o seu voto aprovou a attitude de Lopez. Não o fizesse e exporia a cabeça. Mas um observador da scena tirou do seu silencio a illação da sua discordancia e do seu descontino prophetic.

A IMPERATRIZ ELISA

Não se pôde reconstituir a psychologia de Lopez sem falar na sua famosa campanheira sobre cujo verdadeiro caracter inda não se disse a ultima palavra. Elisa Alice Lynch casara-se muito moça com o grande Quatrefages. Mas aos dezoito annos já se separara delle. Pertencia a excellente familia ingleza de grandes tradições na marinha. Heitor Varella, sob o pseudonym de Orion, traça-lhe a biographia. Aponta-lhe entre o abandono do marido e o conhecimento de Lopez uma carreira de horizontal de alto borço com principes russos e figurões inglezes. Mas não aponta nomes. Não merece credito.

Lopez conheceu-a em Paris em 1854. Um bilhete dessa época em papel cor de rosa, encimado pelo seu monogramma, mostra o inicio das suas relações.

Merci mille fois, merci mon Pancho de ton empressement à m'envoyer cet argent, j'acquitterai en même temps le billet du mois prochain. Je te remettrai ce soir le lettre de mon mari, que je possède.

Adieu, mon Bien Aimé; ne manque pas de venir ton Elisa l'attend avec impatience et t'embrasse de tout coeur.

Paris, 5 Juin 1854.

A carreira fulgurante das duas imperatrizes napoleonicas, Josephina de Beauharnais e Eugenia de Montijo tinham tido como base a sua beleza. Elisa não lhes ficava atraç nesse particular. A finalidade de um destino semelhante já o ella tinha attingido. Era a senhora de um povo sobre o qual tinha direito de vida e morte. Já era imperatriz de facto. So lhe faltava a consagração oficial.

A realização do seu sonho esteve iminente. Lopez já tinha um *throne* erigido Club Nacional de Assumpção. Encomendou uma coroa imperial cujo modelo está no Museu de Buenos Aires, onde foi apprehendida na fandega. Lopez, ao que pensam alguns autores, só esperava um grande feito de armas para coroar-se Imperador. Teria a America do Sul realizado o romance que então se desenrolava na Tulherias. Solano I e a Imperatriz Elisa produziriam, no Paraguay, Napoleão III e Imperatriz Eugenia.

O Mariscal pensou provavelmente tanto a hypothese de ser vencedor como na de ser vencido. Estava certissimo da primeira e devia

estar. Razoavelmente, o Paraguai no primeiro embate devia levar por diante todas as barreiras. O Rio de Janeiro tinha de levar-lhe a guerra a duas mil milhas de distancias. Não estava preparado. Os oitenta ou noventa mil soldados paraguayos a oito dias do Rio Grande por agua e a vinte ou trinta por terra eram praticamente invenciveis. Essa a previsão normal. Mas, se, por uma fatalidade imprevisivel, os seus primeiros exercitos de ataque foram repellidos e aniquilados, isso nada queria dizer. Com o exercito de defesa atraç das suas fortezas inexpugnaveis e de um territorio desconhecido e intransponivel, devido aos brejos, atoleiros e paludes que o cercam, inda lhes restava o recurso de impôr uma paz, que, graças á impossibilidade de atacal-o, o inimigo se daria pressa em subscrever, tanto para poupar sacrificios quanto para mascarar a sua real impotencia ante os muros da fortaleza paraguaya, blindada da sua couraça de rios, esteros e florestas.

O raciocinio era perfeito. Esteve a pique de realizar-se. Na conferencia que teve com Mitre e Flores, depois de Curuzú, o *Mariscal* começou atirando ao segundo a responsabilidade da guerra por ter conflagrado o Estado Oriental. Flores retirou-se para evitar discussões que poderiam malograr os resultados do encontro. Mas desde ahí era claro que Lopez sentira a falta da sua couraça. Os aliados queriam a paz, mas exigiam como condição prévia que Lopez renunciasse o governo ou saisse do Paraguai. Foi a resposta de Mitre. Elle recusou. Mais tarde, quando se sentiu perdido, o diplomata inglez Gould foi solicitado para nos transmittir uma resposta de paz, mediante a cessão do Chaco á Argentina e de toda a margem esquerda do Tucumã ao Brasil. Em troca, Lopez inverteu os factos.

Negou que a iniciativa das idéas sugeridas fosse sua. Quis atribuir-l-a ao diplomata inglez. interpellado pelo governo de seu paiz, este affirmou que a suggestão lhe fôra feita pela gente de Lopez e que só se envolvera no caso por um dever de humanidade, facilmente comprehensivel.

Se Lopez fosse um patriota, não teria feito dos seus interesses e da sua vaidade o grande obstaculo á salvação dos fragmentos do glorioso exercito que inda estava de pé. A fome, a molestia, a nudez, a miseria na sua mais esqualida expressão, todo o cortejo sinistro da guerra, desolava o solo paraguayo. Tudo desappareceria com a renuncia de Lopez. Napoleão, que era

quem era, não se julgou desdoirado pela abdicação. O seu arremedo guaycurú tinha mais orgulho... "Pereça o Paraguai com tanto que eu salve a minha vaidade, se não puder salvar a minha pessoa!".

Eis a traços largos o heróe paraguayo. Vaidade, no principio, megalomania no meio, delírio na grandeza heroica no fim. Um monstruoso orgulho, uma insensibilidade monstruosa, uma fria e monstruosa atrocidade. Nenhum descontínio de estadista. Nenhuma capacidade de sacrificio pessoal. Nenhum espirito de renuncia. Nenhuma preocupação da patria, nas suas imagens humanadas, nas suas corporificações visíveis, no sofrimento dos seus irmãos, na agonia dos seus patrícios, no martyrio das mulheres, das crianças, de todo esse pobre povo, cujo heroísmo toca ás raias da lenda.

A dictadura tem a sua logica de ferro.

Francia, foi a maior, D. Carlos a menor e Lopez a conclusão do syllogismo paraguayo.

Pela biographia dos seus tyrannos vê-se a barbárie do Paraguay.

O Uruguay, nas épocas correspondentes, muito e muito se lhe avançava, conquanto talado pelos regulos das coxilas.

A porcentagem de sangue guarany era maior no Oriental do que no Argentino. A civilização deste é um pouco anterior á daquelle. Ainda em fins do século XVIII, em Montevideo havia apenas duas casas de material. O resto eram quarenta e tantos barracões de couro. Selvagens, bravios, indomaveis, toda a sua vida se concentrava na faca, unico instrumento de vida, trabalho, ataque e defesa. Com a faca matavam a rez e cortavam o churrasco, de que se nutriam. Não tinham luta pela vida. Os campos regorgitavam de gado. Com a faca tiravam o couro de que fabricavam a barraca. Fizeram-se com ella e com o cavallo. Uruguay e Argentina estavam no mesmo grão de vida pastoril.

Quando começou a guerra, injusto seria, porém, negar que estava expirando esse período. O caudilhismo anciava por largar a crysallida. Os seus typos representantivos, arrastados pelas idéas civilizadoras, estavam nos ultimos arrancos. Flores inda era um caudilho. Mas na sua alma primitiva já transluziam, em clarões de intuição, idéas de civilizado. Tanto elle como Urquiza pagaram com a propria vida essa tentativa de subtrahirem-se ao meio. O caudilhismo não lhes perdoou a deserção dos seus arraiaes. Assassinou-os a ambos. A Providencia permitiu que fosse traçado com sangue das suas arterias o decreto que aboliu a Era dos Caudilhos.

V

FRONTEIRA URUGUAYA

Provocação da Guerra

A ACCUSAÇÃO

A accusação capital contra o Brasil na terra do Paraguay é que fomos nós que a provocamos. Allega-se quo foi em defesa do Uruguai, cuja independencia ameaçavamos, que surgiu pela frente, capitaneado por Lopez, imperio Guarany. Seja. Esqueçamos o apreendimento do *Marquez de Olinda*, em plena paz, com um tal desprezo pelo Direito das gentes, que por elle já se podia medir o calvario de Carreiro Campos e seus companheiros.

Acceitemos a afirmação de Alberdi de que Montevidéu era o Paraguay. Estudemos a nossa titude no Uruguai. Mas antes lancemos uma lida de olhos sobre a situação do Rio da Prata a época.

O PRATA ÁS PORTAS DA GUERRA

Na Argentina, mal se fechavam as cicatrizes do caudilhismo e das lutas civis.

Mitre, seu presidente, cercado de inimigos internos, precisava lançar mão de todos os recursos da habilidade, para que não ruisse por terra a construção nacional apenas esboçada. Fraca e dividida, a Argentina de então bem onte estava de ser a Rainha do Prata. Exeriormente, não era melhor a sua situação. O Paraguay não fazia cerimonia para accusal-a e embaraçar o seu commercio, de que tinha única porta. Urquiza, sempre de turra com Buenos Aires, não se conformava com a supremacia desta.

Não era misterio para ninguem que todos suas inclinações intimas eram por Lopez, seu amigo, e compadre. O Uruguai não perdoava a Buenos Aires a hemogenia do estuário, nem a posse de Martim Garcia. Só o Brasil, aliado de Monte Caceres, lhe estendia a mão leal.

Urquiza, da sua estancia de S. José, mandando o freio, mal tolerava o jugo de Buenos Aires. Embora paradoxalmente houvesse contribuido para derrocar a dictadura de Rosas, toda a sua propensão era pelos seus princípios. Imda era uma grande força política: podia levantar facilmente um exercito de doze mil homens. Entre Rios estava sob a sua suzerania Corrientes, presidiça por Lagrana, á mercê da sua primeira invasão.

Era seu antigo aliado, não gostava do Brasil. Um dia, em carta a Mitre, qualificou de odiosa a idéa de uma possível alliance com o mesmo. Teve a resposta nas buchas. Mitre lhe

retrucou quanto, pelo contrario, fôra gloriosa e util á Argentina a nossa cooperação em Caceres, justamente ao lado dele, Urquiza, que então prestava os maiores serviços ao paiz.

O Uruguay, sob o domínio dos *blancos*, exaltado, sentia trepidar, á distancia, os cavalos da invasão *colorada*. Ameaças de tempestade rondavam pelos ares. Só o Paraguay, cujas forças e cujos recursos eram a grande incognita sul-americana, menos para os *blancos*, parecia livre de qualquer competencia e isento de qualquer pretenção. A nossa diplomacia, cochilando, levava á conta do incurável delirio de grandezas do seu despota, a intensa propaganda pela qual o Paraguay se fazia enaltecer no estrangeiro.

O EQUILIBRIO DO PRATA

A linha mestra da nossa politica no Rio da Prata estava traçada por Paulino José Soares de Souza e Honório Hermeto Carneiro Leão. Queríamos o equilíbrio do Prata. Precisavamo da Independencia do Uruguai. Os dois pratos da balança platina eram a Argentina e o Paraguay: queríamos que servisse de fiel a pequena Republica do sul.

“O dever do Brasil, dizia Paulino, era correr para a pacificação do Uruguai e para o estabelecimento e manutenção de um governo legal; ajudal-o a levantar-se, a reorganizar as finanças, consolidar sua ordem e independencia, a fazer desaparecer, mediante alguns annos de paz, a influencia dos caudilhos. Só assim seria possível extirpar o mal pela raiz.

Paraná inda é mais incisivo: “É uma questão de gloria e importancia para o Brasil impedir a dissolução do Estado Oriental, salvá-lo e fortalecer a pacificação e a nacionalização desse Estado. Não conheço um só estadista brasileiro que não repille com horror a simples idéa da incorporação do Estado Oriental ao Brasil. Todos elles comprehendem bem a impossibilidade de se fundar nacionalidades tão distintas. Todos sabem que é um interesse brasileiro a conservação do Estado Oriental como Estado intermediario.”

A fronteira gaúcha não nos devia normalmente preoccupar. Muitos riograndenses tinham cooperado com Artigas para a sua independencia. As incursões predatórias, mais tarde chamadas *Californias*, não tinham caráter politico.

Uma boa politica de fronteira havia de tinguil-as. Deveriam os paraguaios receia nossa parte designios de conquistas? Seria erro pálmar. Tínhamos abandonado ha muito a aspiração de dar por limite ao imperio a margem esquerda do Prata. O sonho de D. João VI evanescera-se. D. Pedro I convencera-se de que era um erro a annexação da Cisplatina. Foi exacto que, quando Metternich e Castlereagh

pensaram implantar no Prata monarchias absolutistas, chegamos a admittir-a de novo como preferivel a nma monarchia argentina protegida pela Santa Aliança. Mas mesmo assim ressalvamos que preferiamos a independencia do Uruguay, sob a corôa de um principe nosso amigo. Tinhamos comprehendido que já havia no Uruguay um espirito de nacionalidade que ninguem conseguia assimilar.

Calogeras, numa profunda e concisa observação sobre a politica de D. João VI, a politica annexadora, diz que "não tinha o menor elo com a tradição realmente nacional da conquista dos bandeirantes". Não podia explicar melhor o pensamento profundo que fez o segundo reinado abandonar velleidades sobre o Uruguay.

Por que tentarmos modificar o mappa sul-americano? A lei suprema das nações é o interesse. O nosso estava no equilibrio platino. A expressão pôde afigurar-se abstracta. Mas é realmente concreta. O que ella significava para o Brasil entra pelos olhos a dentro: era a differenciação das tres nações platinas, pelo espirito nacionalista peculiar a cada uma; era a formação de tres nacionalidades que na prosecução dos seus destinos se afastariam cada vez mais da idéa de um grande imperio hispano-americano, que constituiria perpetua ameaça para o nosso.

A missão geographica do Uruguay era providencial para nós. Servia de tampão e de trincheira ao Brasil como á Argentina. Entre as duas susceptibilidades e os dois orgulhos fazia o papel da pasta de algodão que impede o choque de dois crystaes.

Por outro lado o Paraguay impedia a maioria argentina para o norte, o sonho de Puyerredon, e isolava as antigas províncias do Vice-Reino da tutella de Buenos Aires, talvez desejosa de rehavel-as para a realização de um plano que não podia deixar de intimidar-nos.

Em 1864, apesar de revoltas interiores no Uruguay e na Argentina, as grandes linhas internacionaes dos paizes platinos pareciam fixadas. Nada tinhamos que desejar ou temer. D. que esse equilibrio era o nosso *desideratum* as provas são irrefutaveis. Quando o Paraguay se sentiu ameaçado pela Argentina estivemos ao lado delle. Mandamos a Assumpção Pimenta Bueno para dar-lhe mão forte. Forneçemos-lhe não só officiaes que instruiram as praças como Hermenegildo Porto-Caíreiro, o primeiro instructor do exercito paraguayo, a quem Solano chamava de *mi maestro*, senão ainda os officiaes que fortificaram Humaytá, muitos dos quaes ao depois cahiram victimas das proprias lições.

Villagran Cabrita fôra mestre de artilleria de Bruguez. O discípulo aproveitou. Um tiro de canhão apontado por elle, e tão sobre-

scriptado como o de carabina que prestou Menna Barreto em Peribibuy, agradeceu-lhe o ensino.

A nós principalmente deve o Uruguay a sua independencia. Elle dirá que a conquistou por suas mãos, na Campanha Cisplatina. Seja. Mas essa independencia precaria, ameaçada por vizinhos poderosos da mesma raça, nós depois a mantivemos e asseguramos. Depois de Ituzaingó as instruções de Alvear não lhe ordenavam que de modo nenhum reconhecesse a independencia do Uruguay.

A Argentina tambem nos devia grande auxilio na causa da sua libertação que data de Caceres. Mitre lembrou-o duramente a Urquiza quando este (que sempre inquiria ancioso da opinião de Rosas, a seu respeito), deixava por escrito a prevenção que a sua alma primaria nos tinha. Mal refeita da guerra civil, enfraquecida por mil dissensões, tudo tinhamos dado aos libertadores de Buenos Aires — o sangue dos nossos soldados e o calor da nossa sympathia — sem nada pedir em troca.

Lutamos pela independencia do Paraguay contra a Argentina. Lutamos pela independencia da Argentina contra Rosas. Lutamos pela independencia do Uruguay contra Oribe e Rosas. Por que desejariamos uma conflagração do Rio da Prata? A que titulo? Por que bullas? Com que interesse?

A grande campanha, encabeçada por Alberdi, criava um ambiente de hostilidade ao Brasil. Por outro lado servia de traço de união entre os seus rivais: Lopez e os *blancos* extremados do Uruguay. Mitre não tinha e nem podia ter pretenções internacionaes. Queria que o deixasse em paz para organizar a Argentina. Urquiza chamarreando esperava a vêr no que davam as modas.

Foi nessa occasião que estalou o conflito uruguayo-brasileiro. O Brasil nessa época, tranquillo e despreocupado quanto ás relações internacionaes não contava mais de 16.000 homens no seu exercito, a prova provada de que não tinha ambições territoriaes.

A FRONTEIRA URUGUAYA

No Uruguay, sob as presidencias de Berro e Aguirre, as fronteiras rio-grandenses começam a dar-nos motivos de desgostos. Os *blancos*, partidarios daqueles chefes de Estado, insistem em exterminar os brasileiros da fronteira.

Os escriptores uruguavos inda hoie argumentam com a reciprocidade de attentados. Puro sophisma. E' a reprodução de um argumento de Juan J. Herrera, que Saraiva esmagou. Apresentavam listas e listas de brasileiros assassinados nas fronteiras, de esfâncias incendiadas, de extorsões de dinheiro e gado,

affronta feita á nossa bandeira. Herrera trucou que brasileiros faziam outro tanto com orientaes.

Saraiva provou que quanto a crimes de brasileiros só se tratava de quatro casos ocorridos entre particulares e que o nosso Governo os surara tão a sério que num delles o autor, vado aos tribunaes, fôra condenado á morte. O emtanto os crimes de orientaes contra brasileiros, além de muitas vezes mais numerosos, am praticados por agentes e comissarios de olicia, cujo actos acarretavam a responsabilidade de governo. Não havia pois paridade de tuições.

Os attentados conta brasileiros multiplicavam-se. Estes armavam-se. No que iria dar essa ordem de coisas? Era preciso evitar mal maior. O Uruguay não intervinha para refreli-los? Fal-o-ia o Brasil, custasse o que custasse. Juando por mais não fosse, para evitar uma va irresistivel de rio-grandenses que, sentindo e perseguidos pelos *blancos*, fossem buscar roteção nas hostes *coloradas*, por um sentimento de defesa instinctivo, se quizerem legímo e inevitavel, mas cheio de consequencias unestas.

FRAQUEZA DO GOVERNO BLANCO

Não era o Governo Uruguayo que ordenava essas matanças de brasileiros. Seria injusta essa accusação. O seu crime era outro: era o de to'eral-as e procurar encobril-as com pretextos irrisorios.

Tratava-se de um Governo fraco. Seu principal ponto de opoio estava nos cabecilhas la fronteira. Castigal-os ou mesmo contel-os estava acima das forças de um poder, que sem elles não podia subsistir. Na nota de Herrera, de 22 de Outubro de 1863, em resposta á enumeração das violencias do General Diego Lamas, se diz que o Uruguay "não aceita a responsabilidade desses abusos nem dos muito maiores que se lhe seguirão".

Dominava o Estado Oriental o Partido Blanco, cujos corypheus eram las Carreras, Herrera, Lapio, Nin y Reys e Sagastume. Odios de rara intensidade lavravam entre *blancos* e *colorados*. O morticinio de Quinteros em que foram degolados cento e trinta e cinco *colorados*, que haviam recebido por escripto garantias de vida, separava os dois partidos por um rio de sauge.

Um estado de revolução latente lavrava pelo paiz, que sentia a sombra de Flores, chefe dos *colorados*, impendente aos destinos nacionaes. A Argentina abria-lhes os braços. Mitre, a quem auxiliara decisivamente nas batalhas de Pavon e Cepeda, e Gelly, seu Ministro da Guerra, eram suspeitos de favorecel-o. Como afastar o perigo da intervenção argentina aberta ou dissimu-

lada? — Reduzindo Mitre á necessidade de tambem defender-se elle proprio. Foi o que pensou o grupo exaltado dos *blancos*. Para poderem engulir Flores era preciso engulir Mitre.

O Brasil e o Uruguay

O DILEMMA DO IMPERIO

Facil é, sem estudar o ambiente e a presão dos acontecimentos, increpar o Imperio de falta de tolerancia, e de precipitação. Mas quem se der ao trabalho de estudar a época terá de se convencer de que elle chegou ao extremo da longanimidade.

Realmente. Nunca passou pela cabeça dos nossos estadistas que uma reclamação no Uruguay pudesse arrastar-nos á Guerra.

Zacharias dizia a verdade, ao exclamar no Senado que ella o encheria de espanto. O Imperio não desejava nem a intervenção no Uruguay quanto mais o conflicto. Os *blancos* eram nossos amigos. Olhavamos a Flores com certa desconfiança. Surge, porém, de um momento para outro esse terrivel dilemma: ou o Brasil intervém no Uruguay ou o Rio Grande do Sul entra em guerra com este.

Os gaúchos da fronteira podiam levantar um exercito de seis ou oito mil homens aguerridos. O Governo Imperial teve a certeza que o fariam. A missão do general Netto não foi senão um verdadeiro *ultimatum* dos rudes e destemidos filhos do Sul.

Se depois da intimação gaúcha o Brasil não se decidisse a intervir, teria de arcar com uma guerra civil, em que toda a razão estaria com os revolucionarios. Cedeu. "Antes a guerra com o estrangeiro do que a guerra civil", diria mais tarde Saraiva.

Tanto recalcitrhou o Governo, tanto remanchou, que ainda hoje escriptores insuspeitos como Bormann lh'o censuram. Dessa exposição dos factos resplende a prova de que o caminho escolhido pelo Imperio era o unico a seguir.

OS BLANCOS EXTREMISTAS

Os *blancos* resolveram curar a sua fraqueza interna por uma aliança externa.

Lapido Herrera, Nin y Reys, las Carreras e Sagastume trataram de organizar um bloco com o Paraguay. Entre Rios e Corrientes. Formado elle, isolado ou vencido o governo de Mitre, dictariam leis ao Brasil. O resultado da campanha não podia ser duvidoso. O formidavel exercito de Lopez levaria sózinho de vencida o pequeno exercito argentino. Quanto mais

auxiliado pela irresistivel cavallaria de Urquiza!

Era esse o plano: destruir Mitre para impedir Flores. Um incidente veiu tornar urgente a sua execucao. O Brasil, cansado de reclamar, enviara uma missao especial a Montevideo para pôr fim á perseguição de seus filhos fronteiriços. Estes eram fatalmente atraídos pelas fileiras de Flores, pensando, e com razão, que era melhor morrer combatendo do que de braços cruzados.

Os *blancos* extremistas redobraram de actividade junto a Lopez. Não havia vapor que subisse o Paraná que não lhe levasse notas, ofícios e portadores especiaes — os celebres *chasques* — insistindo pelo seu apoio e levando notícias tendenciosas, destinadas a precipitá-lhe a resolução. Foi então que o Brasil mandou a missão Saraiva.

A MISSÃO SARAIVA

O enviado do Brasil era o tipo de moderação, da veracidade e do bom senso, qualidade que levou ás raias do genio. Já era então uma das nossas grandes figuras politicas. O seu nome era uma garantia e um programma.

Dera-lhe o governo ordem de apresentar ao Uruguai um *ultimatum*, cujas principaes exigencias eram o castigo dos delinquentes, até ahi impunes; a indemnização da propriedade extorquida aos brasileiros pelas autoridades civis e militares da republica; a destituição e a responsabilidade dos agentes de polícia criminosa; a libertação dos brasileiros engajados á força no exercito.

O presidente Aguirre recebeu com desconfiança a Saraiva. Mão grado a cordialidade das primeiras notas trocadas, em conversa intima queixaram-se tanto ele como Herrera, seu ministro do Exterior, da extemporaneidade da Missão, que vinha justamente num periodo em que a republica se debatia em toda a sorte de difficultades. Note-se, porém, que para apuração das nossas queixas já havíamos proposto a nomeação de uma Comissão Mixta uruguayo-brasileira, a que foi recusado. Só nos restava o *ultimatum*.

Chegando a Montevideo, Saraiva convenceu de nova omissão de provisões em defesa dos nossos patrícios da fronteira era menos filha da vontade do governo do que da sua fraqueza. Só um recurso se lhe antolhou capaz de remediar a situação: a fortificação desse governo por uma pacificação geral.

O meio mais habil para esse escopo era, sem duvida, afastar da administração os nomes que nello se ostentavam como uma bandeira de

guerra, os extremistas, os exaltados. Uma reorganização ministerial, se tal nome não é excessivo para a substituição de dois ministros daria ao paiz e ao estrangeiro arrhas de lealdade.

A ACCEITAÇÃO DA PROPOSTA

Estava fóra da questão a permanencia dos *blancos* no poder. Seu supremo representante oficial, o presidente Aguirre, teria de continuar.

O que se lhe pedia, no seu proprio interesse, é que *dentre os seus próprios correligionarios* escolhesse os mais graduados pelos seus requisitos de tolerancia, cordura e magnanimidade.

Havia, é certo, um grande estorvo a remover: Flores, o chefe dos colorados, que desembarcara em territorio oriental desfraldando a bandeira revolucionaria. Flores estaria pelos autos? Todos pensavam que não. A sua victoria parecia infallivel. E' o proprio Sarmiento quem o affirma.

Mas Saraiva não se deu por vencido. A Inglaterra e a Argentina desejavam, tanto a paz como o Brasil. Seus representantes Thornton e Elisalde secundaram as vistas de Saraiva. Encotraram-se os tres com Flores no *Rincón de las Gallinas*. Pediram-lhe que não conflagrasse o seu paiz. Requereram-lhe o auxilio para a pacificação. Flores, a troco do seu concurso, pediu a pasta da guerra. Saraiva repeliu essa condição como inaceitável pelos *blancos*.

Flores, bem a contra gosto, teve de acceder e de aceitar a convenção de Saraiva. Este não hesitaria em garantil-a pelas armas, mesmo contra Flores.

Nada tinha de humilhante essa proposta. Aguirre aceitou-a depois de convencer os companheiros da sua conveniencia. Baixou um decreto em que a deu por aceita.

RECÚO DE AGUIRRE

Eis senão quando, apesar desse decreto, surge uma noticia inesperada: a de que Aguirre volta atras. Flores recebe uma carta delle. Pensa que lhe traz o congraçamento. Abre-a. Traz uma ordem laconica para entregar as armas.

“Nova lei de promoções — será completar-se a obra das escolas e fundar, em bases solidas, o edificio da defesa nacional.”

Nada mais havia a esperar: Saraiva, perdidas as ultimas esperanças, apresenta o *ultimatum*, que, por seu proprio alvedrio, retivera tanto tempo. Qual a causa do recuo de Aguirre? A certeza de que o Paraguay interviria em seu favor. As noticias recebidas de que a mobilização do exercito de Lopez estava prompta. O desvanecimento das ultimas duvidas sobre o seu soccorro.

Não estamos no terreno das conjecturas.

Os *blancos exaltados* queriam a guerra contra o Brasil. Tinham-na premeditado. "A guerra está de pé", escrevia Herrera ao seu encarregado de negócios no Paraguay, a 4 de Setembro de 1863. Eis porque o Uruguay recusou o accordo da pacificação. Era elle humilhante? Não, visto que o presidente Aguirre o ratificou. Não, porque teve o apoio de Lamas e Castellanos, que, patriotas de escol, não o teriam aceitado se elle pudesse ferir o melindre nacional. A nossa attitudé era apenas de neutralidade vigilante. Não tinha o carácter de imposição e desafio, que a demagogia blanca, senhora das ruas de Montevidéu, lhe imprimiu.

A OCCUPAÇÃO URUGUAYA

Aguirre, depois da intimação do *ultimatum*, ainda tentou entreter Saraiva com entendimentos, que não visavam senão ganhar tempo. Saraiva retirou-se, sendo substituído por Paranhos, a quem apoiava Tamandaré.

Deu-se o choque inevitável. Occupamos Salto. Expugnámos Paysandú, defendida por Leandro Gomez. Quando Montevidéu soube da nossa victoria, exasperou-se. Mais ainda quando soube que Leandro Gomez fôra assassinado. Um chefe oriental, Goyo Suarez, fôra o responsável por esse barbaridade. Mas a imprensa blanca nol-o imputou, para exacerbar os rancores contra nós.

Cumpre lembrar que Leandro Gomez, prisioneiro, só foi entregue a seus patrícios a seu pedido. Tinha mais confiança nelles do que nos brasileiros, que odiava. Mal o tiveram a mão, os orientais passaram-no pelas armas. Nossa indignação foi tal, que imediatamente libertámos os outros noventa e dois officiaes que tinhamos aprisionado.

ARGUMENTOS CONTRA A MISSÃO SARAIVA

Em contraposição ao que afirmamos, surgem tres argumentos:

Primeiro, que derrubamos os *blancos*, para dar o poder aos *colorados* de Flores; segundo, que as nossas sympathias eram por Flores, em cujas forças havia grande numero de riograndenses, e terceiro, que desrespeitamos a soberania e a independencia do Uruguay.

A DERRUBADA DOS BLANCOS

Facilmente se contestam as tres afirmações. A missão Saraiva, como disse Paranhos no Senado, tinha apenas dois escopos: *manter a nossa neutralidade e obter a pacificação*. Demos aos *blancos* todas as garantias; puzemos a espada ao peito de Flores, para obrigar-o a transigir quanto ás suas pretenções ao governo; conseguimos consolidar o governo de Aguirre, que se tivesse chamado para o ministerio D. Andrés Lamas e D. Florentino Castellanos teria o triplice apoio da Inglaterra, da Argentina e do Brasil contra os proprios *colorados*. Que especie de protecção era esta?

Não tivemos culpa de que Aguirre recuasse no caminho da paz, baldando os nossos esforços, que Flores coadiuvou com absoluta lealdade e com um patriotismo tal que se promptificara a depor as armas da victoria infallivel. Mesmo assim, mesmo depois de ludibriados pelos *blancos* não chegariam ás ultimas.

Só depois que Lopez nos declarou guerra, só depois que Tamandaré se precipitou para Paysandú, é que aceitamos a alliance de Flores a quem até ahi as nossas notas diplomáticas chamavam de *rebelde*. São factos indiscutíveis. Onde a nossa preocupação de derrubar os *blancos*?

SYMPATHIAS POR FLORES

A allegação das sympathias do governo imperial por Flores, na época em começo a questão uruguaya é desmentida por facto notorio. Quando os *blancos* em 1855 o derrubaram da presidencia da Republica, embalde elle recorreu ao nosso auxilio.

Fieis á nossa tradição de não intervir na politica interna dos vizinhos, cruzamos os braços ante sua quéda. Reconhecemos o governo *blanco* que substituiu. Não nos limitamos a reconhecer-o: fomos em socorro da sua triste situação financeira mediante emprestimos desinteressados. Gratos á nossa attitudé, os *blancos* nos tinham como os melhores amigos sul-americanos.

Essa cordialidade para comosco só desapareceu quando a exasperação demagogica caudilhesca, que se pôde incarnar talvez em las Carreras começou a dominar os governos *blancos*. O grupo mais esclarecido e ponderado desse partido, grupo que se pôde incarnar em Villalba e no proprio Berro resistia a todo o transe a essa pandilha que se apoiava nos desordeiros de Montevidéu e nos facinoras do interior. A breve tempo os cabecilhas do extremismo se convenceram que esses elementos inconfessaveis não bastavam para assegurar-lhes o dominio do proprio partido. Voltaram-se

para Lopez. Inimigo dos *blancos* moderados, que se podem symbolizar na grande figura continental de Andrés Lamas, o caudilho paraguayo dar-lhes-ia a ascendencia definitiva que lhes faltava no seio do seu proprio partido.

Na politica do Uruguay o nosso grande amigo foi sempre Lamas. Publicista, pensador, estadista, o Estado Oriental unica teve fillho igual. As suas previsões politicas tocam ás raias do genio. Prophetizou a Aguirre que Lopez não lhe mandaria nem um navio nem um soldado. Mostrou-lhe que o grande inimigo da sua patria era o caudilhismo.

Provou-lhe, appellando para os factos imminentes, que a vida uruguaya seria impossivel sem uma pacificação geral sob cuja bandeira se acolhessem os dois partidos. Enquanto las Carreras e Nin y Reys seguiam para Assumpção, ás tontas, como mariposas em busca da luz que as vae queimar, a sua profunda intuição politica, a sua indole serena e meditativa via o futuro da sua terra na consciencia dos dois Estados que ella divide, quando não no seu reciproco interesse.

Esse o nosso amigo no Uruguay de 1864 e no Uruguay de todos os tempos. Era um *colorado* como Flores? Não. Era um *blanco*. Mas collocara a patria acima dos partidos. Amigos de Flores fomol-o e não temos de que nos envergonhar, mas depois de 1864. A sua lealdade para comnosco foi perfeita. O Brasil guarda carinhosamente a tradição do seu nome.

Não ha duvida que contribuimos para a sua ascensão á presidencia de 1865. Mas quem nos forçou a essa attitude, cuja responsabilidade compartem a Argentina, representada por Elizalde, e a propria Inglaterra, por Thornton, foi a vesania politica dos extremistas *blancos*, já então conluidos com o Paraguay.

VIOLAÇÃO DA SOBERANIA DO PARAGUAY

Não faltou quem nos imputasse em 1864 a intenção de reconquistar a Cisplatina. Tão infame era a accusação, que teve de cahir por si, apezar da divulgacão que lhe dava o ouro paraguayo: ficou desde logo patente que a independencia do Uruguay era para nós questão de honra. Accusaram nos, porém, de ter attentado

contra a sua soberania, perturbando a sua politica interna.

La acusaram que o esforço principal de

compreender a maior estricteza

sentido.

argumento, porém, conceberam que assim

esse fuisse. Admitiamos que tivessemos intervindo.

Não estavamos no nosso direito? Mais do que isso: não cumprimos o mais estricto dos de-

veres? Podiamos tolerar, de braços cruzados, morticinios iterativos de brasileiros por a ridades uruguayas? Podiamos tolerar pessoas, extorsões, incendios que se levavam a efeitos de envolta com os mais allucinados proprios ao Brasil, cujos escudos eram arados de agencias consulares e arrastados lama e cujo nome patronimico era posto em ticos na bocca dos degolados?

Até onde chega o conceito da soberania? O respeito que lhe é devido ordenará que fechem os olhos a tais desmandos e atrocidades? Não parece razoavel. Só existe soberania que tem força para garantir o imenso da lei. O Uruguay em 1864 não a tinha. O governo era prisioneiro dos facinoras de que nos queixavamos.

Quizemos dar-lhe os elementos que lhe tavam para punil-o. Não os aceitou, por entendido orgulho ou por temor de fazer de mesmos a policia das fronteiras, que lhe diamos. Cumprida a nossa tarefa de impôr ordem e o respeito, retiramo-nos sem pedir. Onde está um ataque á soberania uruguaya? E são os filhos daquelles que solicitavam em 1858 a mesma expedição de 1861 que querem confundir uma *ocupação tratoria*, que a fraqueza confessada dum governo impotente tornara indispensavel, como guerra de conquista!

Saraiva nunca pensou em abandonar a linha de Paulino: manter a independencia Uruguaya.

Cousa curiosa! Na fórmula deste — E librio do Prata — que exigia a independencia de duas pequenas nações collocadas na vanguarda de dois colossos, já se afirmava o principio da individuação nacional, como triz da soberania. Quando Ruy Barbosa redecava em Haya a igualdade dos estados americanos, suas palavras, muito embora ampliadas pelos pulmões dum genio, não eram senão eco do pensamento que presidia a toda a politica imperial do Prata. A theoria que Ruy, frontando a soberania insolente dos portugueses, ousava reivindicar no *Ridder-Zaal*, a mesma que estava implicita na fórmula americana de Paulino de Souza: perante o Direito dos Povos como perante o Direito Civil não grandes nem pequenos.

A Republica não precisara renegar a posição diplomática do Imperio para erguer mais alto do que ella nunca o fizera. Basta lhe continuar. E' que alli estava alguém que valia mais que a Monarchia, que a Republica que Ruy Barbosa. Esse alguém era o Brasil, toda a integridade espiritual da sua tradição.

CONCLUSÕES

Se só resolvemos policiar a fronteira do Uruguay quando vimos brasileiros levados a ferro e fogo sob um governo que não tinha força para os defender;

Se tínhamos procurado fortalecer esse governo, abrindo-lhe o caminho da pacificação, na guerra civil que o abalava;

Se forçavamos o partido contrário a aceitar essas condições, passando pelas forças caudinas do ostracismo no momento mesmo em que se suppunha prestes a ganhar o poder;

Se mantivemos a mais estrita neutralidade enquanto podíamos por essa recomposição do governo, quem garantiria os nossos patrícios;

Se esperamos quatro longos meses, illudidos por vãs esperanças de concordia;

Se fomos ludibriados pelo governo de Aguirre; se elle só se abalançou a ludibrar-nos depois de ter o apoio do Paraguty;

Se só fomos ao Uruguay para evitar a sua invasão pelos rio-grandenses, prestes a se organizarem militarmente sob o comando do General Netto;

Nada mais legítimo do que a defesa da propriedade, honra e vida dos nossos patrícios pela ocupação de um território cujo governo não queria ou não podia fazê-lo.

LUIZ ALBERTO DE HERRERA

Um dos maiores atrautos do lopizmo é hoje sem dúvida Luiz Alberto de Herrera, filho do famoso Ministro de Berro e Aguirre. Sua obra:

El Drama de 65 é a história diplomática do conflito do Brasil com o Uruguay e posteriormente com o Paraguai.

Herrera Filho não nos olha com a devida imparcialidade. Saraiva em suas notas diplomáticas julgou dura e injustamente a capacidade e o valor de seu illustre pae. Dir-se-ia que o filho nos torna solidários com essa opinião que aliás nem todos os estudiosos da época partilham.

Para mim, por exemplo, Juan J. Herrera foi um homem de real valor. Mas em vez de conduzir os factos era por elles empurrado, contingencia em que tantas vezes naufragam espíritos de mais alto quilate, e que só os diminuem os olhos dos observadores superficiais. As paixões da época, um meio convulsionado, os espíritos exaltados até o delírio por um falso conceito do ponto de honra perturbaram-lhe a clairidencia. Na sua carta de 31 de março de 1864 vê-se que o seu sonho de estadista era collocar a base única da política uruguaya, na Europa, no Paraguai, e no Prata de Urquiza.

Eis a sua frase: "Adquirida aquella base en Europa y en America (Plata e Paraguai),

seria entonces, recién entonces, oportuno pensar librarnos de tutelaje brasileiro y tambien argentino. Bastaria, en lo entretanto, no ligarnos en nada parcialmente, ni con el Brasil ni con la Confédération".

Não podia haver na época utopica mais clara. Herrera porém não lhe percebia a fraqueza. Muitos meses antes, a 24 de Setembro de 63, Mauá já o tinha posto de sobreaviso contra as suas funestas illusões, mostrando-lhe que o Uruguay inda era *um projecto de nacionalidade*. indiscutido e aceito, é verdade porém, precisando do tempo para ser uma realidade. Mauá era seu amigo dos mais íntimos e achava-se ligado ao Uruguay por vínculos de interesse e de coração. Nessas palavras não havia offensa e apenas a constatação de um facto.

Querer o Estado Oriental nessa época viver á revelia do Brasil e da Argentina, que alli tinham tantos interesses, era crer possível romper laços que a fatalidade geographica, económica e política tinham tornado indissoluíveis. Juan J. de Herrera não pensou assim. Supoz encontrar nas mãos dos soldados de Lopez e de Urquiza outras tantas espadas de Alexandre para cortar todos aqueles nós gordios.

Inda era cedo, como observou Mauá, para que o Uruguay pudesse assumir essa atitude de esplêndido isolamento...

Não era só Mauá que via o fracasso da sua política. D. André Lamas não se deixou iludir um só momento sobre as suas consequências. Vaticinava com a maior segurança que, se o Uruguay entrasse em conflito com a Argentina ou com o Brasil, nem Lopez nem Urquiza lhe mandariam um soldado siquer. De facto Payandú cahiu sem que um *buqué* paraguayo fosse socorrer, e sem que Urquiza se mexesse.

A correspondencia diplomática de Herrera se propõe a demonstrar a aleivosia de Mitre, a duplicitade do Brasil e a fraqueza, senão peor, do proprio D. Andrés Lamas. Não é possível desfiar essa meada a não ser com um trabalho especial. Mas o mais curioso é que esse proprio livro vem desvendar ainda com maior clareza as manobras da política uruguaya. A nota de 6 de Agosto de 63 de Lapido, ministro do Uruguay em Assumpção mostra que o Paraguai está disposto a concertar actitudes com o governo oriental. A mesma nota allude à animosidade de Lopez e seu sequito contra Lamas. As Carreras em Agosto de 1863 apresenta o seu celebre *Memorial* que é uma violenta exhortação á guerra. Taes manobras não podem permanecer secretas por muito tempo. A nota de 16 de Dezembro de 1863 do Ministro das Relações Exteriores, Elisalde, a seu collega

do Paraguai declara-lhe que chegou ao conhecimento da Argentina que o governo uruguaiu tinha intentado criar aquella as mais sérias complicações junto ao governo paraguayo. Pede-lhe que o informe do que se trata. Pela nota de 6 de Janeiro de 1864, Berges responde a Elizalde que ignora a especie, a origem e o merito dessas complicações.

Outra nota de Berges a Elizalde, a 6 de Fevereiro de 1864, declara que o Paraguai se reserva o direito de seguir as suas proprias inspirações no Rio da Prata e que prescinde dali em diante de quaisquer explicações argentinas. Herrera Filho commenta: "declaração tão grave importava na realidade numa ruptura de relações".

Essa nota de Berges derrama estranha luz sobre o estado de espirito da época. Mitre e Elizalde, ao par das disposições paraguayas, tinham de suppôr a guerra um facto consummado. Mauá, diz na carta a que alludimos:

"O Governo argentino tem o desejo mais pronunciado de declarar a guerra á Republica Oriental como resposta ás machinações que, segundo elle, tem feito o Governo Oriental nas provincias argentinas, no Paraguai e nas exposições ás potencias estrangeiras." Haverá duvidas ainda sobre as resoluções aggressivas do Paraguai.

Um dos argumentos impressionistas para nos censurar foi o bloqueio e tomada de Paysandú. Mas é preciso lembrar que o Paraguai já nos tinha declarado guerra em Novembro; e que de um momento para outro esperavamos o ataque de sua esquadra Paysandú devia servir-lhe de base de operações. Podiamos deixar nas mãos do inimigo elementos de tal força? As datas nesse caso são eloquentes. A 12 de Novembro Lopez apresou o Marquez de Olinda e o sitio de Paysandú só começou quasi um mez depois, a 4 de Dezembro! No entanto esse é o maior argumento usado contra nós.

O outro é da ocupação do territorio oriental. Como ocorreu? Pequenas forças nossas estabeleceram-se em Melo. Mas para impedir confligrações e não para trazer-las. Nossas forças tinham ordem de evitar fusão com as de Flores. A sua missão era preventiva.

Essa entrada em territorio estrangeiro era um desrespeito. Parece que não. O proprio Jdan J. de Herrera não achava nada de extraordinario numa ocupação de caracter repressivo e fiscalizador. Pensava que não era um acto de guerra. Vamos provalo com suas proprias palavras, pela nota de 9 de Maio de 1863.

Diz elle que, não podendo vêr impassivel o que se passa nas fronteiras com o Brasil, no mirará de hoy en adelante con la misma escrupulosidad el deber que hasta ahora le ha cor-

rido de respetar el territorio y la jurisdiccion cina. O Governo Imperial provavelmente viu nessas palavras, apesar da irritação, se um caso de politica de fronteira, que não l tava para criar um *casus-belli*. Herrera ach razoavel o seu acto. Por que motivo o no precedido de considerações que lhe tiravan caracter hostil, não o seria

O recente livro de Luiz A. Herrera v comprovar que os politicos uruguaios não foram responsaveis pela luta do seu paiz co nosco em 1864 a 1865 como ainda, se não arr taram, contribuiram quanto podiam, para le Lopez á guerra.

As duas figuras principaes do part *blanco* extremista foram Juan J. Herrera e Carreras. O primeiro que na nota official de 22 de Setembro de 1863 insiste com Lopez pa que este occupe a ilha de Martin Garcia, cê viu o que valiam as suas promessas.

Seu filho Luiz de Herrera marcha hoje entre os uruguaios de maior prestigio literario politico. Com quanto se tenha penitenciado 1916 do erro de nos dar a responsabilidade guerra, ainda por vezes se deixa contagiar velho erro, apontando-nos falta em que não cídimos, intenções que não alimentamos.

Seu pae teve em vida a prova provada felonía de Lopez. Não sei se chegou a ter c nhecimento das cartas de Berges a Brizuela outros, em que o ministro de Lopez lhes aco selha toda a reserva com Herrera, "que n trabalhava senão pelo Uruguai" quando fing fazel-o pelo Paraguai; que plantava verdes pa colher maduros; que queria arrastar o Par guay a "quixotadas politicas". Não sei se ch gou a conhecer certa carta a Crespo, aos 6 Agosto de 1864, em que verbera "a falta de lealdade dos politicos orientaes". Talvez n tivesse precisado disso para saber o que e então a politica paraguaya.

Ao começar o cerco de Montevideo, Ju José Herrera homisou-se em Buenos Aires. Quer saber o seu illustre filho o que lhe estavam reservado, si tivesse preferido o exilio em sumpção? Ahi vae um trecho da carta em q Berges se queixa da falta de si Herrera:

Por lo demas procure hacer lo que su amigo des Señor; obtenga de las noticias que pueda y agradecimiento vendrá deseo. Son virtudes que tienen su recompensa...

Vê o Sr. Luiz Alberto de Herrera?

Seu illustre pae teria todas as noticias qu pudesse ao Paraguai, politicas ou par de todo os segredos diplomáticos do Rio de Janeiro, rata e te ria a sua recor

Ha nessa ameaça do cimento que é ingrato ou o cumplice qu

pôde revelar o segredo? Escolha o Sr. Her-
Filho. Inclino-me pela segunda hypothese.
uma ameaça de morte. E partida de So-
Lopez, que dictava a maioria das cartas
Berges. Será um exagero meu? Que o diga
Carreras.

LAS CARRERAS

Triste destino o desse desventurado uru-
yo! Ministro do Exterior da sua terra, fez
aliança com Lopez o eixo da sua política.
xando Montevideó, quando os *colorados*
ceram, foi habitar Assumpção. Se soubesse
ue as cartas de Berges diziam do seu *Me-
ial* não o teria feito...

Acompanhou a campanha como partidario
atico do Paraguay. A proporção que a es-
ta deste empallidecia, ia crescendo contra
o odio de Lopez que o achava um dos
ores factores da sua temeraria empreza.
ordem de prisão, nada lhe valeu o homi-
do consulado *yankee*. Preso como envolvi-
na suposta conspiração de Salinares, come-
am os seus martyrios.

Interrogado sobre factos imaginarios, con-
ou-os por negação. Os padres Maiz e Roman
idaram açoitá-lo a umbigo de boi. Resistiu-
ninto, sedento, nu, seviciado; applicaram-lhe
epo uruguayo. Com quanto débil de comi-
ção, e extenuado, o valoroso uruguayo con-
iou a negar. Então o padre Maiz (o mesmo
uem O' Leary chama a mais alta gloria do
o paraguayo) tomou de um malho de ferro
nartellou-lhe todos os dedos da mão direita,
uzindo-os a uma posta de sangue e ossos.

Las Carreras tinha chegado ao extremo da
istencia. Para salvar a mão esquerda de-
rou que assignaria tudo que os seus carrascos
zessem.

A folha dos autos em que vem a sua as-
natura no processo de S. Fernando é uma
otographia do lopizmo. Quando o presidente
varola, em 1870, a mostrou aos ministros e
heraes aliados, que tinham quasi todos co-
cida las Carreras, um arrepio de horror
reu-os da cabeça aos pés: uns garranchos,
tos por um aleijado, era tudo que restava de
nome que encheria a politica internacional
Prata.

Uma testemunha presencial relata os passos
seu martyrio. "Na jornada de Villela a Itá-
até, durante a *via crucis* das pobres victimas
S. Fernando, que, cahindo e levantando-se,
a achavam forças para caminhar aos açoites
cipó e da baioneta, ainda se contava o des-
acado las Carreras, apesar de suas feridas,
s costas nos dedos e da sua extrema inanição.
egou, no entanto, um momento em que a dor

e a consumpção o chumbaram ao solo, sem poder
mover-se mais. Ao vel-o assim, os companhei-
ros esperaram que fosse lanceado a baioneta,
como se vinha fazendo com todos quantos cahiam.
Mas Carreras não tinha sorte nem para morrer.
Dois soldados ergueram-no do chão e o levaram
aos arrastões e aos boléos durante o resto da
tornada". Lopez queria ter o prazer de mandar
fuzilar-o pelas costas, como trahidor, ao lado de
mais cincuenta e duas victimas!

Era essa a especie de agradecimento que
aguardava a Juan José Herrera, e a que se re-
fere a carta de Berges, bom conhecedor dos
designos do seu amo.

PARANHOS

Cumprida a sua missão, Saraivaolveu ao
Brasil. Para substitui-lo foi nomeado Paranhos,
já conhecido e respeitado no Prata. Paranhos
chegou a Buenos Aires quando o odio contra o
Brasil estava no paroxysmo. Superior ás con-
tingencias da occasião, encarou o problema do
alto, á luz do futuro e dos grandes interesses
nacionaes. Poz fim á guerra pelo Convenio de
20 de Fevereiro.

A opinião nacional não lhe foi favoravel,
a principio. Accusavam-no de fraqueza e trans-
igencia. Nossa bandeira arrastada pela lama e
pisada aos pés, nossos tratados queimados em
solemne auto de fé numa praça publica, os bra-
sileiros extremados pensavam que a honra na-
cional só se poderia desaggravar com o castigo
dos culpados. Talvez cedendo a essa corrente de
idéas o imperador demitti-o do seu posto.
Não tardaria a reparação. Paranhos, da tribuna
do Senado, fez a defesa dos seus actos. E logo
em seguida, instantaneamente, a hostilidade ge-
ral transformou-se em reconhecimento.

Assumiu Flores o governo do Uruguay.
Podia o Brasil contar com um aliado.

TRIPLICE ALLIANÇA

Coube a Francisco Octaviano substituir, no
Prata, ao grande Paranhos, tão iniqua quão mo-
mentaneamente sacrificado. Foi elle quem as-
signou, pelo Brasil, o tratado da Triplice Alli-
ança, consequencia inevitável da guerra decla-
rada por Lopez á Argentina e da nossa iden-
tificação com Flores.

Muito alarido levantou na Europa a divul-
gação desse documento, feita pelo *Foreign Of-
fice*. O Paraguay fez businar que se tramava o
seu esquartejamento e que a queriam reduzir á
triste situação de Polonia da America.

Empenhada numa guerra de extermínio,
tendo contra si um caudilho que pedira demissão
da grei humana para exceder os mais sanguí-

narios exterminadores do alienismo, não sabendo ainda se venceria ou seria vencido, o Brasil não podia pensar precisamente em fazer uma paz elysia e congratulatoria, cobrindo de flores o inimigo e apertando-lhe a mão.

Desde o principio que fixou o seu escopo: o anniquilamento politico de Lopez. Não tinha odio ao Paraguay. Mas não daria treguas ao tyranno. Se elle renunciasse, se se resolvesse a abandonar o paiz, se não teimasse em manter-se sobre o seu throno de ruinas, fariamos a paz. Se persistisse em ficar no Paraguay iríamos até o impossivel.

Não o queríamos matar. O sacrificio da sua vida não restituiria a das criaturas que sacrificara aos milheiros. Queríamos cortar-lhe as garras, impedil-o de fazer o mal e de continuar a sua rubra e tenebrosa carreira. Essa foi a idéa central do Brasil ao assignar o tratado.

Quanto ao celebre art. 7º, que se refere á liquidação da questão de limites, vamos ver como o applicámos. Vamos ver se é exacto que usurpámos terras do Paraguay, que lhe ficámos com um terço do territorio, que fizemos delle a Polonia da America.

O TERRITORIO PARAGUAYO

E' bom que os espiritos desprevenidos fiquem ao par do que foi a nossa questão de limites com o Paraguay, para verem que só a cegueira da prevenção nos poderá levantar acusações. O nosso desprendimento na liquidação desse caso foi tal, que toda a vociferação do despeito embalde renhirá por encobril-o.

Pretenderamos muito mais: tinhamos direito a muito mais; o Paraguay, em 1842 e 1846, nos offerecera muito mais, como provou Pimenta Bueno, no Senado, em 1855. Não nos deixámos cegar pela ambição, em 1865, como não nos deixariamos embriagar pela victoria em 1870. Contentámo-nos com a *minima* fronteira natural. Não podíamos abrir mão desse ponto estratégico, indispensavel á nossa segurança, e que era indisputavelmente nosso, como o reconheceria o proprio D. Carlos Lopez. Mas deixámos ao Paraguay tudo que, embora nosso, se a nós não nos fazia falta, a elle lhe podia aproveitar.

E' exacto que certos mappas, encommendados, na Europa, pelo Paraguay, que não vacilava em custear-lhes edições com mudanças e alterações que lhe convinham, ampliam os limites paraguayos. Não faziam senão seguir a tradição de D. Felix de Azara. A reforma do mappa de Brezes custou-lhe quatro mil patações. Documentos ineditos, provam que os artigos Paraguay e Lopez do diccionario Larousse foram

obtidos de modo analogo. Trata-se, porém, no caso, dos mappas de phantasias geographicas desmentidas por toda a cartographia anterior á de D. Felix de Azara.

A verdade é que abrimos mão de todo o terreno que se estende acima do Ipané, entre este e o Apa, ao qual nos davam direitos o art. 6º do tratado de 13 de Janeiro de 1750 e o art. 9º do tratado de 1 de Outubro de 1777, e que o mappa da demarcação portugueza-castelhana de 1754, cujo original se acha na Mappotheca do Itamaraty, registra como nosso. A maior prova de que os paraguayos só pretendiam a margem esquerda do Apa consiste em que ahi estabeleceram cinco fortes, para defender a sua fronteira. Essa fronteira foi justamente a que lhe deixámos, a que, embora vitoriosos, achámos do nosso dever respeitar.

Veja-se o que diz Ramon Carcano, escritor insuspeito ao Paraguay:

El Brasil no avanzó mas que Portugal y pudo, con verdad, afirmar que no exigió después de la guerra mas de lo que pretendió antes de la guerra.

Los escritores paraguayos le han acusado de haberse apoderado por derecho de conquista de la tercera parte del territorio. Los escritores argentinos han repetido la acusación, repitiendo todos la misma historia, sin el análisis claro de la controversia secular de límites, sin considerar los nuevos hechos que modificaban las circunstancias, asseguraban las pretensiones y resolvian los derechos.

E adiante, mostrando que havia conformidade sob a fronteira e que a discordia estava no modo de interpretal-a:

No hubo diferencias en el texto de las convenciones sobre los humbre de los puntos artificiales que marcaban las lines divisorias. Las diferencias surgieron sobre el terreno al determinar los puentes de partida para la demarcación. El Igurey de Espana era el Ybinheima de Portugal; el Igurey de Portugal era el Garey de Espana.

Ora, para que as pretenções de Hespanha vingassem, era preciso ou negar a existencia dos rios ou dar-lhe nomes diferentes. Que fez Azara? Falsificou os mappas da região. Mudou o nome do Igurey, rio de que já tinham conhecimento os jesuitas conforme se vê no mappa que mandara a Roma e foi alli impresso em latim no anno de 1832. Cotelipe provou que Azara negou a existencia desse rio. Baptisou o Yvenheima com o nome de Igurey.

A sua fraude foi tão patente que muitas cartas geographicas ao nome de Yvenheima annotam "ou Igurey de Azara". O pensamento intimo de D. Felix Azara, commissario hespanhol na demarcação, nossa diplomacia teve

a fortuna de descobri-lo e revelá-lo pela sua correspondencia confidencialissima, que Castella nunca esperou ver divulgada e que no entanto foi publicada. Todo o seu fim era excluir os portuguezes dos terrenos seccos da margem do rio Paraguay, o que difficultaria os soccorros a Matto Grosso em caso de ataque e permittiria a Castella que se apossasse desse provincia dentro em poucos annos. Para consecução desse objectivo mudou e transpoz nomes e cursos de rios, com uma audacia que desprezava a torrente dos documentos cartographicos contrarios que sempre chamavam o Igurey e o Yvenheima de Yvenheima.

A synthese da questão dos limites com o Paraguay é essa: depois da guerra reclamamos o mesmo que antes e nos satisfizemos com menos. Cotelipe discutindo com o plenipotenciario paraguayo Loizaga abandonou a pretenção tradicional do Igurey para deixar a linha divisoria correr um pouco mais ao norte, partindo do Salto Grande. Quem o affirma não sou eu. E' o escriptor argentino Ramon Carcano. Conclusão: tinhamos reclamado o mesmo que antes da guerra e acabamos por nos satisfazer com muito menos, para que se não nos lançasse em rosto que a nossa omnipotencia no momento nos fazia preferir a força ao direito!

Quanto aos seus limites com a Argentina é questão em que não podia nem devia o nosso plenipotenciario intervir. Seria ridiculo que em plena campanha fosse o Brasil tomar o papel de advogado do Paraguay contra a sua nobre aliada. Confiamos nos seus sentimentos de justiça. Acreditamos que seriam tão altamente inspirados, como os nossos. Acertamos? Só temo; que nos applaudir. Erramos? Ao Paraguay prejudicado é que cabe appellar da usurpação do seu territorio..

Dura embora a sorte do vencido, o Brasil pôde ter consciencia de que não aggravou a do Paraguay. Não lhe ficou com um palmo de terra. Não lhe annexou um povoado. Não lhe recebeu um real; ao contrario, assistiu quanto nelle cabia as familias paraguayas reduzidas á nudez e á fome. Pôde levantar a cabeça: a sua attitudo foi a da mais desinteressada nobreza.

D. ANDRÉS LAMAS

Confesso a minha ignorancia. Apezar de uma larga convivencia com o Barão do Rio Branco, em cujas demoradas palestras sobre a politica do Prata de minuto a minuto havia uma referencia a D. Andrés Lamas, só recentemente o pude conhecer. Os titulos da sua grandeza dormiam nos archivos do Itamaraty. Pouco havia publicado a seu respeito. Seu filho, Pedro Lamas, publicou em 1908 o seu livro *Etapas de*

uma grande vida. Não o li, porém, senão ultimamente.

O estudo da nossa politica platina levou-me porém a rastrear melhor a sua passagem pelos nossos destinos. Uma surpresa me aguardava. Ronald de Carvalho, por deliberação do Itamaraty, ia publicar toda a sua correspondencia diplomatica connosco.

Permitiu-me a sua gentileza o accesso a esses documentos ineditos. Juntos chegamos á mesma conclusão: não conhecemos diplomata maior no Rio da Prata.

Muito feliz me julgo da companhia desse moço illustre tão precoemente amadurecido no que o pensamento tem de mais profundo e mais nobre.

Talvez que a muitos se afigure exagerado esse meu entusiasmo por Lamas. Não é.

Quasi todos os grandes diplomatas do Continente representaram nações poderosas.

E Lamas atraç de si não tinha senão uma bandeira desfralhada sobre um pedaço de terra, menor do que muitas fazendas e estancias do Brasil.

Os annaes da Camara Uruguaya de 1894 mostram que em sua propria terra essa figura singular ha pouco inda não estava envolvida da aureola de consagração definitiva, a que tem direito. E' natural. Não ha politicos mais apaixonados. Os homens do Uruguay trazem no seio os vulcões de que a natureza lhes privou o solo. Sae-lhes pela bocca o fogo central da terra.

Porém o leitor attento dessa discussão, motivada pela proposta de uma pensão á sua viuva, teria em dois oradores a medida da nobreza e da justiça daquella raça. Flores, deputado pelo Serro Largo, quando quizeram esmagar a dignidade de Lamas com uma carta offensiva que seu lendario pae lhe escrevera, desautorizou-a imediatamente, attestando que este a repudiara, e confessara que erroneas informações lhe haviam inspirado num momento de paixão. Não se pôde ser mais cavalheiresco.

Por outro lado, outro parlamentar creava das mais luminosas paginas da eloquencia sul-americana. Palomeque fez a sua *Defesa de Lamas*, obra exhaustiva, completa, formidavel, perfeita na forma e profunda no pensamento, cujo conhecimento devo a Walter A. de Azevedo, um dos mais pertinazes e meritoriosos conhecedores da Historia do Rio da Prata que possuimos.

Confesso, aliás, que tive uma grande surpresa ante o nível mental dos nossos vizinhos. Nada da rhetorica plateresca, do neo-gongorismo dos ataques lyrics de certos oleographos, de que o *vargas-villismo* é mais vasia e tintinabulante expressão.

VI

ARGENTINA

Não nos propomos a fazer a synthese da historia argentina, da qual deixamos neste trabalho largos traços. Desde a sua independencia em 1810 até Monte Caseros, o facto predominante dos seus feitos é a luta de Buenos Aires com as provincias enciumadas da hemogenia que a posição geographica lhe dava.

Repetiu-se na Argentina o feudalismo europeu. Os grandes caudilhos violentos e facinorosos tinham direito de vida e de morte em seus dominios. A força era o unico direito. Creou-se então uma civilização de que o symbolo era o cavallo, o instrumento do ataque e da retirada, da rapina e do morticinio, do domínio e da autoridade.

Uma scena lendaria define esse periodo. As proezas dos tres caudilhos. Estanislau Lopez, Facundo Quiroga e João Manoel Rosas reuniram-se á margem do arroio Pavon para ver quem era o mais forte em proezas equestres. Rosas levava sempre a melhor. Lopez foi o primeiro a dar parte de vencido: *Usted es muy brutesco! No me quiero lastimar!*"

Não ha melhor symbolo da época. Vence o mais duro. Os outros curvam-se e reconhecem-lhe tacitamente a inferioridade.

ROSAS

Para se comprehender a Argentina de 1864 é preciso retroceder á Argentina de Rosas. A imaginação não pôde attingir os seus requintes de ferocidade. Na galeria shakespeariana dos Henrques não ha figura mais torva. No entanto ainda tem hoje rehabilitadores. Está conforme. Todo o scelerado que encher com o seu nome uma época, mesmo para ensanguental-a, pôde ficar certo que no futuro terá Juans O'Learys. De Nero a Solano Lopez, a regra não tem falhado. A tendencia ao paroxo, a notoriedade que se liga a quem é um contra mil, o amor proprio nacional levam espiritos avidos de singularizar-se ou doentes de falso patriotismo a essas escamoteações systemáticas da verdade que, nem por serem interessantes perante as letras, deixam de ser sacrilegas perante a historia.

Quem não sabe o que é a *mazhorca*? Quadrilha organizada por um degollador de nome Ochotego sob o nome de *Sociedade Restauradora*, por inspiração da formosa D. Encarnacion Rosas, só tomou o nome de mazhorca, espinga de milho, depois que a sua filha Manoelita mandou uma, enfeitada de fitas, á benemérita instituição. A' noite só respeitava as pes-

sós que andava de poncho. As *Tabellas Sangue* de Rivera Indarte, que arrolavam 31 te e duas mil victimas desde 1829 até 31 Outubro de 1843, já estão hoje enriquecidas mais dez mil. A operação preferida desses carios era a degolla. Para tornal-a mais morada praticavam-na com uma faca cega, *rasbalosa*, cujo modelo Rosas em pessoa mandou fazer numa cutelaria da capital ou com serrote limado — *el serrucho*.

Rosas era a divindade votiva desses crífios humanos. Orgulhava-se delles. Pogabar-se de luxos ineditos. Um delles era dos seus maniadores de cavallos, feitos da pôs inimigos que mandava esfoliar, quer se cmassem Andrés Maciel, quer Beron de Astrá governador de Corrientes. Era uma autoridem esfolamentos. Entre os brincos da sua rinha infancia occupava o prmeiro logar mesmo antes do gato queimado no breu — esfolamento de um cachorro vivo.

Outra das suas diversões favoritas mandar cortar de um golpe a cabeça das vias junto á cova, de modo que o corpo cahijustamente dentro della e a cabeça fóra, vitolar-lhes as pés.

Não podia passar muito tempo sem ver becas fóra do tronco. Quando não as faria sal os seus cavalos mandavam-las. Um exerandou revolvendo coyas nos cemiterios, e rando certidões dos parochos, em busca da beca de Lavalle. Soube-se que este fôra terrado na Bolivia, que recusou ao general ugayo o macabro e inedito pedido de extâdio.

Sua filha, a innocent Manoelita, era jecto de attenções do mesmo genero. Depois batalha de Monte Grande, tambem ella rebeu o seu mimo: as orelhas do Coronel cundo Borda. Ficou sensibiladissima á fin do amigo do Talita. Collocou-as numa salva prata para preparar ás visitas uma agrada surpresa. Entre ellas contava-se o Capitão Flckland, da marinha ingleza. A suave Manoel com o mais lindo dos sorrisos levou-o para la delicada attencion. O official inglez ao do que se tratava deu-lhe as costas horrificadas no dia seguinte saiu de Buenos Aires. *Un hombre flojo!* — muchocheava no dia segui a interessante niña. Tempos depois um jor de Londres, o *The Britannian* de 25 de Junho 1842, relatava a scena.

Tantos serviços á Patria não podiam deixar de criar a Rosas fanatismos inconstitucionais. Em breve o seu retrato estava nas igrejas. D'ahi para os andores das procissões foi passo. Era uma honra appetecida a de puxar carro do andor. Toda a populaçao se descolou reverente e electrizada, em gritos e aclamações.

Gazeta Mercantil de 19 de Setembro de 1849 descreve assim uma dessas procissões:

*A las diez de la mañana el juez de Paz e
los se dirigieron con un elevado carro de
pho a la casa del "Heroe" á sacar su re-
y el de su esclarecida esposa. Al recibir
trato, el juez de Paz pronunció en la pu-
de la calle de nuestro Ilustre Restaurador,
ocución que va señalada con el numero 1.
l centro de las tropas de caballeria e in-
ria, que escoltaban los retratos, conducta
.. B. um rico estandarte de seda punzó alc-
amente bordado en oro, costeado para este
por el mismo ciudadano. El retrato fué re-
o en el atrio doe la catedral por el señor cura
os eclesiásticos y collocado dentro del tem-
l lado del Evangelho. El templo estaba es-
idamente adornado; la majestad con que
ba, persuadia que era el tabernaculo del
tos de los Santos". La misa fué oficiada á
le orquestra, y la angusta solemnidad del
no dejaba nada que desejar. Nuestro illustris-
señor o bispo diocesano D. Mariano Me-
, asistió de medio pontifical, y celebró nu-
digno provisor canonigo D. Miguel Garcia.
ñor cura de la catedral, D. Felipe Elotono
tacios, desempenó com la maestria que lo
acreditado la difícil tarea de hacer la apo-
del Alcangel San Miguel, mezclando opor-
nente elocuentes trozos alusivos á la fun-
civica em honor del Heroe y en apologia
causa federal. Fué en seguida presentado
tevo estandarte ante las aras y recibió la
lición episcopal."*

É possível que o Santo dos Santos inda
sse pouco.

Que falta de respeito não o compararem a
Omnipotente!

Habituado ao sangue, não podia supportar
côr. Todas as casas de Buenos Aires no
empo era pintadas de vermelho. Senhoras
se esqueciam dessa prescrição no tou-
tinham de soffrer o supplicio do breu
e com que colavam ao cabello as fitas
adas.

Um dia na Cathedral viu uma imagem de
a Senhora da Conceição liturgicamente
da de azul. Fez parar em meio a cerimonia
nissa até que a imagem fosse revestida de
elho.

Não se comprehende como a Argentina te-
supportado durante vinte annos esse sinis-
legenerado. A primeira vez que alguém
i atirar á face de Buenos Aires a sua co-
a, esse alguém, apesar de ocupar uma
de ministro e de dispor da Policia por-
só salvou a vida pela fuga.

VICENTE F. LOPEZ

De quem se tratava? Nada mais nada menos
do que de Vicente Fidel Lopez, uma das maio-
res cabeças da Argentina.

Celebrava-se a mais famosa de todas as
sessões historicas do Congresso Argentino a
22 de Junho de 1852. Discutia-se o *Acordo de São Nicolau*, que dava a Urquiza poderes dicta-
toriaes para organizar a Republica. Mitre
abriu no dia anterior as discussões. Seu *maiden speech* fôra conciso, vibrante e lapidar.. O
auditorio electrizado acompanhou-o ao seu jor-
nal — *Os Debates*. Conquistara Buenos Aires.

No dia 22, fala Velez Sarsfield, o maior
jurista argentino, que apoia Mitre. Profunda
sensação. O auditorio intervém com apartes e
acclamações.

Então, do banco dos ministros, pallido, fran-
zino cabeçudo, ergue-se o Ministro Vicente
Fidel Lopez. Não tem figura. Parece não ter
resistencia. Toda a sua vida se encontra nos
olhos e na fronte. Começa a falar. As galerias
apinhadas são-lhe hostis. Logo ás primeiras
palavras estrugem o tumulto, os apartes e as
ameaças. "Que lhe dêm quatro balacos!"
ronca um. "Hei-de tirar-te o couro pelo fio
do lombo!" vocifera outro. "Precisas é duma
gravida vermelha!" troveja o terceiro.

Vicente Lopez não se intimida. O que Mitre
chama povo elle considera patuléa. Mais
augmentam as ameaças, mais proximo é o pe-
rigo, mais recrudesce a audacia do seu des-
prezo e do seu desaforo. Seus próprios adver-
sarios, Velez Sarsfield á frente, pedem-lhe que
se modere e attenue a dureza das suas verda-
des. "Só eu — retruca impavido Vicente Lopez, só eu sou juiz do limite das minhas pa-
vras. Não de ouvir-me quer queiram quer
não!"

E rompem as verdades cara a cara, contra
o povo de Buenos Aires.

"Este povo arrastou-se ás plantas de um
dictador, tyranno atroz que atirava ao exilio
os cidadãos, este povo pagava os punhaes e os
agentes incumbidos de persegui-los no estran-
geiro como a bestas ferozes sómente porque
eram ou tinham sido partidarios das liberdades
desse mesmo povo!"

As apostrophes e as injurias recrudescem.
Inutil! Vicente Lopez continua:

"Foi preciso que viessem homens das pro-
vincias para emancipar este povo, que já pa-
recia não querer ser libertado e achar-se muito
satisfeito com a abjeccão e a deshonra."

O cauterio chiou na carne viva. Reluzem
armas. A policia difficilmente evita um atten-
tado. Mitre em vão quer impôr silencio. Re-
doram os gritos: "servil! trahidor! cala a bôca
bandido!!".

Vicente Lopez ainda não está satisfeito. Os valentes de hoje, que hontem se arrastavam aos pés de Rosas, hão de heber até ás fezes o calice amargo da verdade:

"Quantas leis não votou Buenos Aires neste mesmo lugar, renunciando sua liberdade, honra e fama?"

As galerias espumam de raiva. Um muro vivo — mais dos amigos de Mitre do que dos seus — impede os patriotas de attentarem contra o heroico orador, que só depois de dizer-lhes tudo que precisavam ouvir passou á discussão jurídica e constitucional do caso.

Vicente Lopez dissera a estricta verdade. Buenos Aires não fizera outra coisa senão lamber as botas de Rosas.

Não era, comtudo, falta de carácter. Era um caso clinico, uma pandemia moral, a sugestão collectiva do Terror.

A medulla da energia está na imaginação. Quebrem-na pela prova diaria de que a luta — inutil — e ahi está a resignação.

Aterrorizem-na pela convicção de que a rebeldia não incrimina só o rebelde, senão ainda quantos lhe são caros — e ahi está a obediencia.

Corrompam-na, mostrando os que batem palmas a despotas ricos e felizes e os outros na desgraça — e ahi está o servilismo.

Buenos Aires, porém, não se deve envergonhar de ter aguentado Rosas.

O coração não tem culpa da syncope. O mal era a tyrannia, a eterna matriz da abjecção e do crime, fonte de podridão organica, cujos miasmas corroem o carácter como os gases asphyxiantes os pulmões.

A sua política internacional não podia deixar de ser o reflexo da interna. Queria decapitar o Uruguay como aos inimigos. A nossa política foi impedir essa degolla pela qual Montevideó lhe roilaria aos pés.

Não nos permitiria a situação interna declarar-lhe guerra durante muito tempo. Fomos obrigados a contemporizar. Paulino Soares de Souza, depois Visconde do Uruguay, escreveu ahi a pagina mais brilhante da sua carreira de estadista. Consegiu evitar o ataque do monstro, enquanto não estavamos seguros da sua derrota.

Um aliado de Rosas, o caudilho Oribe, tava todo o interior do estado oriental. Só o ultimo pedaço da Cisplatina lhe resistira. Montevideó, como um nucleo planetario em torno do qual se havia de reconstruir a nacionalidade, conservava livre de qualquer esmorecimento o centro de attracção cosmica para que iriam gravitar todos os corações uruguayos. Nove annos, alimentada dentro de suas trincheiras pela energia de ferro do Presidente Suarez e de Herrera y Obes, e no exterior pelo genio de Andrés La-

mas, nove longos annos durou o assedio da nova Troya Americana. Montevideó era a ultima braza que ainda ardia para reaccender a lareira nacional.

Este periodo historico mais facilmente se acompanha pela vida de alguns homens que o incarnam do que na simples enumeração dos factos.

Os destinos da Argentina e do Uruguay estão soldados nessa época, cujos fados são a biography de Rosas, Urquiza e Andrés Lamas. Em torno delles gravitam os homens a quem a Providencia reservava a missão de formar a Argentina e o Uruguay modernos.

A Argentina estava cansada de Rosas. Tudo tinha elle escravizado, menos o que não se escraviza: a faísca do pensamento, que homens como Mitre e Sarmiento iam conservar accesa no exilio.

A Argentina e o Uruguay tiveram ambos a sua era do Cavallo. Os Artigas, os Riveras, os Lavallejas correspondem aos Guemes, aos Facundos, aos Lopez, aos Rosas. Todos elles precisavam da immensidão do pampa, da sua falta de lei, da sua liberdade para as suas algaras de luta, extorsão e violencia pessoal. Piratas da terra tinham o cavallo por navio. Só o povoamento e a organização política e judiciaria das terras que assolavam podiam exterminal-as. Não foi preciso calçal-os a tiro. A civilização tornou-os incompatíveis com as novas fórmulas da vida que trazia.

Sem o meio em que manobravam, pela rarefacção do deserto, sem o apoio do poder central, pela consolidação da consciencia jurídica, sem a certeza da impunidade, pelo poder coercitivo da força ao serviço da lei, ficavam com essas aves marinhas, amarradas a bordo pela curiosidade dos nautas: esquerdas, oscillantes, deslocadas.

Urquiza, por certos traços, ainda pertence á época dos caudilhos. Mas, por outros, á pertence a nova formação moral, que lhe vai succeder. Habitos, costumes, trajes, ardis, porém, ainda demonstram que o caudilho predomina.

URQUIZA

Urquiza inda é para muitos um enigma. Toda a dissimulação de Machiavel nada vale perto da do cabecilha entre-riano. Jano tinha duas caras. Elle tres. Com uma sorria a Rosas, com outra ao Brasil, com a outra ao Paraguay. Berges dizia delle em Dezembro de -863: "La política de D. Justo ciertamente está envuelta en los arcanos del misterio. Talvez los successos posteriores llegan a desmacaralo y entonces sabremos si pertence a los gregos si a los troyanos".

Vivo estivesse elle, e ao lêr essas palavras iria satisfeito. De nada tinha mais orgulho que da sua astucia. Sua vida foi um duello com Rosas: teria de vencer o mais astuto. Ao primeiro contacto, o dictador vermelho adivinhou-o. "Quien es aquel jefe, que usted me pregunto?" — perguntou a Echague então Governor de Entre-Ríos. "El General Urquiza", ondeu Echague.

"Bueno amigo, tenga cuidado; esse jefe su ruina", disse Rosas. O caudilho conhecia o outro de longe por um gesto, um olhar, attitude. Acertara. Apenas deveria ter diado a prophecia. Devia ter dito: "Cuidado Echague, elle será a nossa ruina".

Quem era Urquiza? O senhor da província Entre-Ríos e o mais popular e querido dos ilos do Prata Consolidara o renome militar cendo Paz e Rivera na batalha decisiva de Rio Grande. A imaginação popular foi invadindo nesse, a pouco e pouco, a antithese de as. Igual a elle em força, destreza e astucia, ergia no sentimento: era humano e ge-

Cansado dum sistema que consistia na negação de todos os direitos, mesmo os mais elevados, os escravos de Rosas voltavam o mais velho das esperanças para o Centauro encarnado.

Rosas bem que o percebia. Mas nada podia fazer. Urquiza puzera-se a bom recato, em sua incia de S. José, aquartelado entre forças e adoravam. Contemporizaria com elle, como era com Facundo, até pegal-o de geito.

Urquiza, porém, não era Facundo. Não se xaria pialar tão loucamente, indo metter-se na ca do lobo. Pelo contrario. Redobrou de vass de fidelidade ao dictador. Só tinha umente. Só um homem lhe conhecia o pensamento. esse não podia despertar a desconfiança do anno de Buenos Aires, que o tinha em conta rosista rubro. Tratava-se de um homem energico e audaz, cujas repetidas indas e vindas pelo da Prata não podiam causar suspeitas tal o alhamento das suas estancias, saladeros e a de commercio: Cuyás y Samperes.

Todo o mundo o suppunha entregue ao trato de seus interesses. No entanto, era elle quem combinava com os homens de Montevidéu e do asil o plano contra Rosas, cuja base devia Urquiza.

Sem a chefia deste a guerra contra Rosas ia impopular, pelo caracter de intervenção rangeira. Com elle tudo mudaria, passando ser luta da Argentina liberal contra a Argentina despotica.

Note-se que Cuyás y Samperes não desbrira Urquiza. O papel que se avocou foi, por tanto tempo, o de um advogado junto delle.

Urquiza esperava com calma e cautela o amadurecimento do plano. O Brasil viu que não era mais possível esperar. Tinha as informações de Cuyás. Até que ponto devia dar-lhes credito? Resolveu jogar a cartada. Communicou a Urquiza que COM ELLE, SEM ELLE ou CONTRA ELLE, enfrentaria Rosas. Herrera y Obes por sua vez foi a S. José. Tinha Urquiza quanto queria. Communicou-se com Oribe, aliado de Rosas, por meio de duas cartas, uma que elle devia mandar a este para adormecer-lhe a desconfiança, a outra portadora do seu verdadeiro pensamento. Nesta dizia-lhe: "descomponha-me de selvagem, unitario e inmundo trahidor" à vontade e mande cópia a Rosas. Oribe obedeceu-lhe. Estava ganha a primeira campanha: o resgate de Montevidéu far-se-ia sem um tiro.

As suas artimanhas eram tão perigosas como os seus lanceiros. Antes de Caceres, de todos os generaes de Rosas só um lhe inspirava respeito pela competencia: o general Pacheco. Vivia preocupado com a possibilidade de telo pela frente. Como afastal-o? Não lhe foi difícil. Conhecendo a desconfiança do despota, escreveu a Pacheco varias cartas com phrases destas: "Como ficou combinado..."; "como você me escreveu..."

Essas cartas foram apprehendidas pelos espionas de Rosas que ficou de sobreaviso com Pacheco, não o aproveitando em Caceres.

Alberdi não comprehendeu a diferença entre Rosas e Urquiza. Eram ambos caudilhos? Isso bastou a Alberdi para envolver-lhos no mesmo desprezo. No entanto que enorme diferença não vae de um a outro! O primeiro era o caudilhismo no seu processo involutivo que se denuncia por um simples symptom: a generalização da degola. O outro era o caudilho lutando para deixar a chrysallida de sangue. Representava um processo evolutivo em toda a sua extensão. A degola de Santa Caloma, que se lhe attribue ter permitido, diminue de odiosidade para quem sabe que Santa Caloma mandava degolar os prisioneiros pela nuca.

Vejamos Urquiza por dentro.

O autor das *Bases* com a falta de intuição psychologica que o caracteriza, supoz ter achado o traço dominante de Urquiza na cupidez. No seu livro *Grandes e Pequeños Hombres del Plata*, diz que só se metteu nas campanhas da liberdade para fazer fortuna, e pergunta: "Para que deu tres batalhas? — Caseros para ganhar a presidencia. Cepeda para ganhar fortuna. Pavon para consolidal-a."

O ideologo não apprehendeu esse caudilho em cujos assentamentos a familia encontrou quasi dois milhões de pesos dados e emprestados a amigos sem espirito de cobrança. Qual o forreto capaz de distribuir tão grande somma? Não

ha cupidos manirotos. Com as suas 450 leguas de campos cheios de gado, Urquiza não podia desejar mais riqueza.

Força é convir que analysado á luz de ideias superiores ao seu meio o heroe entre-riano apresenta o flanco a censuras. Preciso, é, porém, considerar que se fez por si, que teve uma instrução escassissima, que a familia o destinava ao commercio. Sua carreira é um heroico esforço para a ascensão. Sae do balcão para os pretorios. Rabuleja e chicanea para ganhar a vida. Acha o meio estreito para a sua actividade. Segue a carreira das armas e pouco a pouco, passo a passo, ascende ao governo de Entre-Rios, onde então abre as azas.

Aproveita-se da posição para enriquecer. Era a consequencia fatal e insensivel do caudilhismo. Enriqueceu. Mas sem estorsões nem confiscos, associando-se a todos os negociantes que o convidavam e tinham orguho em ser commanditados por elle. Quando morreu era interessado em trezentas casas commerciaes.

URQUIZA E OZORIO

Urquiza foi o typo herculeo do caudilho, que já tivera a sua encarnação apollinea em Rosas. Sua physionomia respira decisão e audacia. Embora abeberado da astucia esparsa na atmosphera do meio em que nasceu, é capaz de dominar-se. Nas fintas e escaramuças dos pre-
1.os politicos move-se com uma rara capacidade de dissimulação. A sua malicia é proverbial.

Poucos o conheciam como Osorio. Já chamarreavam juntos em S. José antes que elle se declarasse contra Rosas. Eram amigos. Juntos estavam naquellas carreiras de Entre-Rios, onde num dia batido de sol, Urquiza, entre as aclamações do povo, se vesteó el poncho, aparecendo com elle de azul, o que annunciava que abandona o tyranno vermelho... Mas Urquiza na campanha fez-lhe quantas picuetas poude.

Sarmiento na mais rara das suas obras, a *Campanha do Exercito Grande Aliado*, dá um instantaneo de algumas. Commandava o gaucho o 2º regimento de cavallaria, que chegou "quasi a pé". Urquiza só lhe deu potros bravos. Já descontava o prazer de rir-se. Mas enganara-se. Os peões de Osorio montavam os baguas melhor que os argentinos (é Sarmiento que o diz) e lançavam indistinctamente com uma e outra mão, sem que o equipamento militar, a lança, a espada e a pistola os embarassem, de qualquer modo. Sarmiento ao ver aquella gente "de chiripá y mugrienta" olhar com pouco caso para os brasileiros, "cujos officiaes subalternos pertenciam ás familias mais distintas do Brasil,

cujo equipamento era o mesmo que nas cidades e cujas tropas eram um modelo de disciplina, de ordem e de sciencia estrategica em suas marchas e acampamentos". Ia mais longe. Mandava armar a sua barraca de campanha ao lado dos brasileiros, porque dizia *"nos otros no sabemos mas que sorprender o ser sorprendidos"*

Em Monte-Caceres Urquiza fez com Osorio o mesmo que Dumouriez em Neerwinder com Miranda. Assignalou ao seu contingente na disposição do combate o ponto inglorio. Osorio percebeu-lhe o intuito. Não se deu por achado. Sem esperar que se movesse a infantaria do Coronel Galan, que era o signal combinado para o ataque brasileiro, e que não se movia, carregou á frete dos seus bravos lanceiros. Foi o primeiro a chegar ás trincheiras rosistas, ás casas de sotéa, seu mais poderoso reducto. Tomou ao inimigo uma bandeira, que está no Museu Militar do Rio...

Sarmiento no *Boletim* de batalha omite a nossa influencia decisiva: redigiu-o de acordo com as partes officiaes comunicadas por Urquiza. Elle mesmo o declara.

Mas promptificou-se a rectifical-o, honrando os testemunhos que lhe chegavam de todos os lados, entre os quae os dos uruguayos, cujos officiaes affirmaram que ao chegar ao sopé das trincheiras passaram por cima de cadaveres brasileiros, o que prova que estes os haviam precedido.

Foi Urquiza nosso amigo? A primeira resposta que se impõe é que não. Não dispunha de cultura que lhe permittisse alcançar a inanidade e a sem razão do odio atavico. Não pôdia reagir contra o meio como Mitre e Sarmiento. Mas se não foi nosso amigo foi nosso aliado duas vezes: contra Rosas e contra Solano Lopez. Desta vez toda a sua tendencia nos era contraria. Mitre dominou-o, alçando contra elle a visão da Argentina, que teria de combater se quizesse combater-nos. A sua posição no Paraguai foi uma especie de neutralidade. Quando lhe pediamos soldados elle os reunia... mas para debandarem antes de seguir para as operações.

Seja como fôr, não temos queixas delle. Se se tivesse aliado ao Paraguai, muito mal nos teria feito. Só lhe devemos gratidão e respeito.

Com a queda de Rosas começa o eclipse dos caudilhos. A alma de Urquiza era o theatro de uma luta cujos effeitos se sentem na sua carreira de militar e politico. Quer ser estadista, mas inda é regulo.

Esse embate de forças contradictorias revela-se nos seus actos. Buenos Aires delira de entusiasmo. Desfilam pelas ruas os exercitos que a libertaram. O seu entusiasmo chega ao auge quando passam as forças brasileiras, de

primeiro uniforme, irreprehensíveis de trato, disciplina e garbo. As atenções convergem para duas figuras, já lendárias: o Conde de Porto Alegre, elegante e varonil, com aquelas luvas brancas, que nunca descalçou nos combates, e o Coronel Osorio, entroncado, herculeo, cujo rosto e cuja expressão irradiavam um não sei de fagulhante vivacidade e franqueza que conciliavam todas as sympathias...

Buenos Aires anseia por ver Urquiza o herói. Anseia por bater palmas áquelle que a suou das loucuras e violências do tyranno, áquelle que acabou com os seus caprichos de lado, aquelle que extinguiu a maldita faixa colorada, que era a libre da sua escravidão. Eis senão quando aparece Urquiza. Vem componho e dhabéo de felpo e nelle se ostenta... imagine-se o que? Nada menos que a legada fita colorada que também lhe atraía o poncho branco. O povo estremece e a crer.

Dia a dia, depois, vão aumentando os desafios, Urquiza teima em dizer-se federal. Derrubou a Rosas para dar a sua herança a *salvages unitarios*. Exige de seu Ministro da Guerra o uso da cinta colorada. Sarmiento é o caminho do exílio e vem para o Rio de André Lamas o leva para Petropolis. Dentro em breve Urquiza fez-se eleger presidente da Confederação Argentina. Mas Buenos Aires resiste-lhe e não se deixa dominar. Frente à frente das províncias confederadas, que representam a Argentina do passado, levanta-se, animada pelo espírito de Mitre, Buenos Aires que esenta a Argentina do futuro.

Estavam frente a frente dois princípios, duas eras, duas formas de civilização. Urquiza a ditadura, a fórmula pampeana, o caudilho. Mitre a organização, a fórmula urbana, civilização. Esta tinha de vencer e venceu.

Sarmiento tinha presentido o conflito antes da eclosão. O seu *Facundo* chama-se também *lização e Barbarie*. Urquiza era um Facundo humanizado. Mas, como os obsessos da Edade Média, o vencedor de Caceres trazia dentro de si o incubo do rosismo.

O espírito de Sarmiento foi o fermento que deu o pão espiritual da Argentina. Na grande panha de 1851 por toda a parte onde passa a opulação acorre a velo. Tem necessidade de fugir às manifestações e aclamações para despertar os ciúmes de Urquiza. Já coava a ser a esperança da Argentina. Imediatamente não faz senão crescer. Leva a todos os espíritos a convicção de que é preciso arrancar guerra ao deserto pelo povoamento, instrução, pela escola.

Creou a instrução pública na Argentina, 1855. E, facto a que se não dá o devido al-

cance: introduziu o fio de arame para cercar as propriedades rurais. Até aí os campos e pastagens não tinham divisas. O cavalo do bandoleiro só tinha o limite da sua vontade. A sua fuga não tinha empecilho. Podia galopar à noite, impunemente: nenhuma tranqueira o detinha. Sarmiento creou o *alambrado*. Parecia pouco, mas representava a primeira barreira oposta pela civilização à barbarie.

MITRE

Mitre era o tipo do homem providencial, do homem que chega a seu tempo para fechar ou abrir uma época. Soldado e estadista, tinha os dois requisitos para evolver naquele solo moral inconsistente; a energia para dominar um período em que a força era a lei e a cultura para auxiliar e presidir à elaboração de uma nova ordem de coisas. A energia enrijecia-o ele na fragua das batalhas, e no risco diário da vida. Desde o cerco de Montevideó, onde lhe coube a honra de disparar o primeiro tiro de artilharia, onde derrotou Urquiza, tomou parte em vinte combates. A cultura alargou-o na exploração de todos os problemas que se lhe apresentavam ante a intelligencia, de uma lucidez e de uma penetração que ainda hoje forçam a admiração: jornalista, mestre, chefe de Estado, parlamentar, tribuno, historiador, não houve equação argentina de que ele não houvesse buscado resolver a incognita.

Quando Mitre assumiu o poder, o solo moral da Argentina ainda estava no seu período secundário. Monstros da prehistória institucional ainda se arrastavam pesadamente sobre um terreno molle e balofo, que só lentamente o sol eocénico do novo regime iria endurecer. Os amigos e asseclas de Rosas e Facundo só na aparição se tinham extinguido. Amoitados nos rincões mais distantes do interior, dir-seiam dinossauros saudosos da palude natal. Mitre os conhecia. Sabia do ódio que lhe votavam. Poderia talvez exterminá-los pela força. Preferiu entregar essa tarefa ao tempo: pela consolidação da crosta legal elles teriam fatalmente de desaparecer.

Não podiam existir sem o seu *habitat*: a lama sangrenta das revoluções. Imda aí foi grande estadista: soube esperar que o terreno legal se consolidasse.

Buenos Aires começou a moldar a província à sua imagem, e a humanizar a política. Com elle os choques partidários entraram a deslocar-se do terreno das lutas pessoais para o dos debates inerentos.

A política no Prata a *vendetta corsa*. O adversário era inimigo a quem não se devia dar quartel. Raro o político que não acabava

de morte violenta. Todos viviam sob a espada de Damocles. Mitre acabou a éra dos caudilhos sangrentos. Mitre foi o ponto final deste capítulo. Só depois delle é que se abre na História Argentina a pagina em que a republica deixa de ser uma vã logomachia para se transformar na realidade que permittiam os tempos.

Essa transfiguração do caudilho incarnou-se num homem. E esse homem foi Mitre.

O Retiro e a distancia agigantavam o enigma formidavel de Urquiza. Dispunha de dez mil homens aguerridos; poderia agrupar mais quinze ou vinte mil dentre os descontentes. Alberdi, redigindo a Constituição e dando-lha para promulgar, revestia de um verniz de estadista o seu visceral caudilhismo. Mitre oppoz a Urquiza o *veto* de Buenos Aires. Uma das suas grandezas foi ter tornado impossivel Urquiza, que intimamente considerava um Rosas alberdizado. A outra, talvez a maior, foi exactamente o contrario. Foi tornar possivel Sarmiento.

Embalde o sinistro dictador do Paraguay empregou junto a Mitre todos os recursos da dialectica, e da seducao, para chamal-o a uma aliança.

O crioulo guaycurú não contava com o tino do gaúcho, habituado a conhecer-lhe as manhas. Mitre escutou-lhes as manhas. Mitre escutou-o com attenção e cortezia, sem lhe acenar com promessas, mas tambem sem lhe tirar as esperanças.

Reservava-se para proceder no Prata conforme os interesses argentinos lhe aconselhassem. Nem aliado, nem adversario.

Um vizinho benevolo, mas independente, não querendo influir na casa alheia, mas tambem não admittindo que mandassem na sua, eis a synthese da attitude de Mitre para com Lopez, o seu pensamento profundo, que não podia escapar á sagacidade do El-Supremo, que desde ahí o considerou o maior dos seus inimigos.

O esboço dessa figura argentina foi feito para demonstrar que havia em sua patria duas correntes: a do regresso, representada por Urquiza, que não pôde eximir-se a ella, e a do progresso, representada por Sarmiento. A nossa lucta com o Paraguay foi a lucta da cultura com a barbárie. Por isso, e não pelas sympathias que nos votassem, tivemos ao nosso lado os grandes expoentes da cultura platina: Sarmiento e Mitre. Por isso conseguimos que Urquiza, com a sua alma dupla, se neutralizasse. O Paraguay era a

condemnação do caudilhismo, era toda a barbárie de Sarmiento enfeixada nas mãos de um homem.

Era o caudilhismo tornado nação.

VII

URQUIZA E HONORIO HERMETO

O Brasil, durante a barbárie e a post-barbárie platina, se impunha pela força moral. Nada pinta melhor a nossa attitude de civilizados, mas que sabem fazer-se respeitar, do que um incidente ocorrido entre Honorio Hermeto e Urquiza.

Cahira Rosas em Monte Caceres. Urquiza, que commandava o exercito aliado, conferenciava com Honorio Hermeto. Em dado momento, permittiu-se affirmar que a sua alliança com o Brasil firmara a coroa na cabeça do Imperador. Honorio Hermeto replica altivamente. Urquiza insiste, citando factos: a propaganda republicana, os sentimentos democraticos do Rio Grande, onde sob as cinzas de 1842 inda estavam accesas as brasas da *Guerra dos Farrapos*; as subvenções de Rosas a jornaes brasileiros; a instabilidade da monarchia.

Não sabia com quem tratava. Não sabia que aquelle homem magro, de rosto pequeno e nariz agudo, cujo maxillar inferior fugido autorizava a illusão de uma vontade malleavel, era uma vontade de ferro. Ignorava que havia naquelle homem uma rôde nervosa de tão alta tensão que o seu choque era capaz de siderar de espanto o seu proprio Imperador. Não sabia que, em troca de uma desconsideração, mais imaginaria que real, elle atirara aos pés de D. Pedro II, que lhe demorara um despacho, a pasta de ministro.

Honorio Hermeto apertou os olhos e dilatou as narinas, como para encher de mais ar os pulmões. Para os que o conheciam de perto era o signal da tempestade. Retrucou em palavras seccas e metallicas como o recuo de um gatilho que a identificação da coroa com o paiz era absoluta. Urquiza insistia. Habitudo a ter a ultima palavra em todas as discussões, usando do grito e da exasperação como de um recurso dialectico, desencadeou sobre Honorio Hermeto a tempestade verbal, cruzada de relampagos, a cuja fulguração se abriam horizontes de ameaças pessoaes, e de desafios de homem a homem. Era o recurso extremo que nunca faltara. O prestigio da sua bravura e a lenda da sua irascibilidade, raiana da loucura, gelavam e paralisavam os adversarios.

Desta vez, porém, enganava-se. Ferido nos seus melindres de brasileiro e de patriota, Honorio Hermeto não lhe deu tempo de concluir.

“Os exercitos em que se tem concedido demasiada importancia ao principio de antiguidade, teem sido sempre batidos.” — (DE BRACK.)

Urquiza roncava? Elle trovejaria... Uriza tremia de raiva?... Elle espumaria de indignação. Urquiza dava um passo á frente? le daria dois. Embalde o caudilho quiz interpell-o. As palavras lhe sahiam da bocca artelladas e inflamadas como ferro candente. "Que poderia temer o Brasil? Mesmo e Rosas tomasse o Rio Grande do Sul, não ssaria além. O Rio estava fóra do alcance da a cavallaria. E atraç do Rio estava a immensidate do Brasil com seus inesgotaveis recursos. as, fosse como fosse, não admittia que ninem se permittisse diante delle o desrespeito ssa hypothese. Estava disposto a chegar a toda qualquer extremidade pessoal para repellir-a. ão media consequencias".

Frente a frente um do outro, o poderoso uilho, que iria morrer combatendo sosinho contra sessenta assassinos, e em cujo animo herico nunca entrou nem de longe o medo, e o oço brasileiro que nunca empunhara uma esdida, dir-se-ia imminente o desfecho do conicto pessoal.

Qual dos dois transigiria? Os assistentesudos e gelados não ousavam intervir. A um into, paliido, mas sereno, José Maria da Silva aranhos, braços cruzados, estampava no rosto armoreo a dignidade offendida de um patrício domano ante um bestiario da Sarmacia.

Urquiza era um bravo. Como tal admirava coragem alheia. Aquelle paisano estrangeiro, ue lhe revelava de repente tão formidaveis reservas de energia desarmou-o. Comprehendeu um relance os milagres da força moral. E o encedor de Caceres, o derrubador de Rosas, o residente da Confederação Argentina, o chefe e um exercito onde tinha fanaticos e dedicações cegas, emmudeceu e ouviu calado a exposição dos motivos que nos levaram á alliança contra Rosas, rajada de eloquencia e de razão, ante a qual a sua rara bem que inulta inteligencia teve de ceder. Não supportou a atmosfera que creara. Saliu.

A majestade hostil de Honorio Hermeto ão lhe permitti a sahida de uma desculpa. contentou-se com abraçar a Paranhos, seu secretario, e dizer-lhe que não se deviam tomar mal as suas explosões, que elle era assim mesmo...

O poder civil e a força moral tinham curvado a espada do caudilhismo. O officio confidencial de 4 de Março de 1852 em que Honorio Hermeto reproduz com as attenuações diplomaticas a energia desse encontro é a melhor yntese dos motivos que nos levaram á alliança contra Rosas. Graças a ella podemos reproduzir ssa scena, a que só se encontram referencias superficiaes nos historiadores da época, entre s quaes Sarmiento. Eramos assim em 1852, odiamos sel-o...

Em summa: ás portas da guerra, para empregar uma expressão que o Sr. Helio Lobo celebrizou, estava o Paraguay em plena barbarie, e a Argentina e o Uruguay apenas a deixavam, isso mesmo com sobresaltos a cada momento.

O Brasil era a civilização.

Nos Estados Platinos as tres grandes figuras, que a representavam, foram tres grandes amigos do Brasil.

SARMIENTO, MITRE, LAMAS

Sarmiento, Mitre, Lamas! Trindade augusta de antecipadores! Honra e gloria de um Continente! Criadores e organizadores de mundos! Ha qualquer cousa de sagrado e mysterioso no pensamento dessa trindade augusta em que se funde toda a grandeza da raça platina.

Sarmiento é a visão da realidade ethnica, da barbárie cega, do instinto predatorio e destruidor, da influencia do deserto, sem lei, sem escola, sem idéa, sem piedade, sem futuro. Leva o pendão da revolta com o seu *Facundo*, o verdadeiro heróe de Caceres. *Facundo* é apenas um livro. Mas esse livro é uma cruzada. Mostra que é preciso extinguir um estado social em que se carneam indiferentemente homens e rezés. Mostra que a Argentina não pôde ter como ideal a civilização de faca e chiripá. Arranca dos altares da ignorancia popular as imagens dos facinoras, Guemes ou Aldão, Rosas ou Quiroga, em quem a exploração politica forceja por encarnar o typo do *homo argentinus*. Evoca ante os olhos attonitos dos seus patrícios — imagem em que mal poderiam acreditar naquelles tempos — a Argentina de hoje levantada sobre o altar das quatorze províncias unidas e recebendo o culto de uma raça indomita e opulenta, civilizada e feliz.

Mitre é a visão política, o coordenador das forças nacionaes, o conjugador dos esforços patrióticos em torno da República de verdade. Actividade omnimoda mas serena, prefere levar a todos os pontos a sua luz tranquilla e uniforme. O seu processo mental diverge de Sarmiento que, pelos focos relampejantes que o seu genio concentra sobre certos problemas, é obrigado a deixar outros na penumbra. Sarmiento é o primeiro sol de alvorada, fiscando entre as cristas chanfradas da cordilheira nacional, dentre cujas abertas, dourando as pedras vizinhas, se projecta num feixe de luz sobre os destinos dos Pampas. Sarmiento é o espâncamento das trevas, o *hallali* das feras, o "dies ira" dos caudilhos.

Mitre é o sol da manhã, sereno e frio como o dos invernos argentinos. E' um sol que já não dardeja do alto dos entremontes alterosos, como Sarmiento, cujos raios tiveram de romper

por entre os dois paredões de granito da ignorância e do interesse.

Subiu. Está mais alto no firmamento. Seus raios illuminam montes e valles, cidades e campos, o littoral e a província, rios e florestas, toda a Argentina que elle sonhara, na juventude e que na velhice lhe caberá contemplar.

Lamas é a fusão dos dois, com menos horizonte que Mitre e com menos fulguração que Sarmiento, mas com tantos serviços á causa da civilização como qualquer dos dois, e tanta cultura como ambos.

Sósinho, Mitre tinha Sarmiento. Sarmiento tinha Mitre. Os dois podiam trocar dialogos como este, depois de se convencerem de que Urquiza era a segunda edição de Rosas, com a crueldade a menos:

"E agora, Mitre, que vamos fazer?" — "Só nos resta recomeçar, Sarmiento!" Mas esperavam juntos e tiveram depois da victoria a gratidão nacional. Ambos subiram á Presidencia da Republica e depois de realizarem a grandeza argentina puderam dizer ao futuro: "Eis ahi o que fizemos!" Lamas teria o ostracismo.

Lamas reproduzia em si Montevidéu. Era a sua coordenada moral. Isolado como a cittadella gloriosa. Como ella buscando aliados e só achando decepções. Tudo desabara em torno delle. Sua patria era uma convenção política, uma figura de rhetorica, uma concessão, isto é, a hypothese que começa por um *seja* mas tem sempre depois um *si*. "Seja independente!" concediam-lhe em todas as portas a que batia... Mas *si* puder conciliar-se com Rosas. A nota de lord Palmerston ao consul inglez de Montevidéu O' Brien: "a paz se fará, *si* Montevidéu entender-se com o general Oribe", chia como um sarcasmo. Equivale a dizer ao cordeiro da fabula: "arranje-se com o lobo, *si* este quizer!"

O Uruguayo era Montevidéu e Montevidéu uma Carthago que o poncho de Rosas reduzido a tiras talvez bastasse para limitar.

Lamas foi Montevidéu humanado. O reducto viveu nelle; respirou do seu ar, bateu do seu coração, alimentou-se do seu sangue. Que foi o Uruguay durante muitos annos? Uma bandeira em Montevidéu e um homem no Brasil.

Dois annos, dois longos annos o Império fechou-se para com elle numa attitude reticente e laconica. Embalde elle nos falava a linguagem do direito e da justiça. Duas linhas de resposta lembravam-lhe a dura realidade.

Mas a sua fibra era heroica. Não desanimava ante a reserva como não trepidava ante o perigo. Insistiu. Insistiu sempre e venceu.

Modificara-se a politica do Imperio. Paulino tomou a pasta de estrangeiros. Recalcitravam os estadistas do Imperio? Olhavam e não viam? Paulino fel-os vêr, isto é, obrigou-os a pôr a

consciencia atraç da retina. Lamas tinha razão. Lamas venceu.

Desde ahi Lamas foi o merediano político do Uruguay.

Luctara contra a nossa prudencia no principio; luctara contra a diplomacia de Rosas, encarnada num adversario formidavel, o ministro Guido; luctara contra a falta de recursos. Nada lhe impediu a victoria. Mas quando teve que entestar o odio e as paixões dos proprios a quem salvava, não quiz lutar e esmoreceu, deixando ao tempo a sua defesa. Seus patricios não comprehenderam que para triumphar precisara transigir. Accusaram-no de ter cedido de mais! Proclamaram-no mais brasileiro que uruguayo — a elle que não hesitara em jogar toda a sua carreira diplomática na cartada com que nos arrancou do Museu Militar a bandeira que tomaramos em Paysandú!

O colosso que a tudo resistira, dessa vez estremeceu. Vergaram aquelles hombros que tinham sustido Montevidéu.

Ultimou a sua missão. Abaixou a cabeça e, voltando á patria que reconstruiria, disse no cíes aos amigos que o acompanhavam: "Cumprí até o fim o meu dever. Agora... Agora só me resta ir entregar-me á impopularidade nacional!"

Ha uma grandeza eschyliana na descida desse titan, contemporaneo de Kronos, ao paul das intrigas subalternas. Prometheu era sangrado todos os dias pelo bico do abutre que lhe devorava o figado. Mas, em cima de um pico de pedra, no alto de uma montanha, para a qual se voltavam os olhos abysmados das Oceanides e dos homens. A grandeza do scenario compensava a iniquidade do suppicio. O Prometheu de Montevidéu, ao contrario, amarraram-no a um poste no charco das luctas partidarias para deixal-o entregue ás varejeiras da mentira e ás sangue sugas da calumnia.

D. Andrés Lamas era maior do que a sua terra. Não admira que esta ainda não o pudesse comprehender.

Ninguem se liberta do atavismo, da tradição e dos preconceitos. O Uruguay, como a Argentina, tinha uma civilização muito recente. As paginas de Sarmiento, no *Facundo*, quando trata do gaucho e do bandoleiro, applicam-se tanto a uma como a outra. O seu ideal ainda se encarnava no caudilho. A bravura pessoal, a força physica, a destreza na montaria, a certeza no laço e nas bolas ainda eram as componentes do typo do heróe uruguayo. As façanhas de Artigas, Rivera, Oribe, Encarnacion corriam de bocca em bocca. Gauna, com os 132 homens que assassinara, e Andresito Artigas, com o habito de beber sangue vivo na carotida das rezes, não causavam horror. Ao contrario, havia por elles um secreto sentimento de admira-

Era o reinado do musculo e da faca. Essa nota geral, a physionmoia predominante do uruguayo, embora nobres exceções e fornos de cultura lhe fornecessem uma ade de homens eminentes, que iriam presos seus destinos.

Mas o espirito de nacionalidade precisa do elemento popular como os tijolos do ro. Esse barro não o teve a reputação de Andrés Lamas para se erigir na altura que competia. Suas proezas não falavam á imacão. A massa não *crystallizava* o seu tipo, n comprehendia as suas luctas, sem cavalo e faca, apenas com a ligeira *penna* das suas as. Si lhe dissessem que essa pequena caragem valeria mais que todas as cargas de ballaria de Artigas e Rivera juntas, havia, porto, de sorrir. Não poderia comprehendel-o.

O espirito nacional contrapunha lhe os rudes *oilos* guaranys, de poncho sobre o chiripá, lenas nos calcanhares nus, laço nos tentos e ca na cintura, que, ora num partido, ora outro, á feição dos seus interesses, gauchavam *montoneras*, atravessando a nado os rios nas eias, conhecendo todas as arvores da campa e identificando todas as regiões pelo gosto capim. Assim se explica que o coração uruguayo tenha feito de Artigas, antes de qualquer outro, o seu heróe nacional.

Foi glorificado o semi-deus guarany, mas Andrés Lamas continuou esquecido, como se o houvesse logar para os dois!

Não censuremos a ninguem. Demos tempo tempo. A reparação virá, e infallivel, muito do que se pensa. Já alvorecem certezas que o Uruguay de hoje se está cansando de plicar aos homens o seu merito muscular e avio de hontem. Se ainda ha, alli, quem pense e o melhor fim de uma divergência de idéas uma bala, que o primeiro dever do político é odio figadal ao seu adversario, que as constações se devem decidir por uma especie de ello judicario, não faltam grandes espiritos e, sondando o futuro, começem a fazer justa ás victimas das paixões desenfreadas e dos momentaneos e a pregar que o debate das éas é incompativel com a legalização do micidio.

Quem, poucos annos atraç, via como se ccediam os duellos provocados por discussões

Congresso, tinha a sensação de que os seus legisladores eram D'Artagnans politicos, para em o mandato electivo era o tablado da esima romantica do velho Dumas. Uma vez que verdade dos argumentos se apura pela habide nas armas, justo é que todos procurem a estria no terreno para encaminhar "o julgamento de Deus".

Seria exagero pensar que os legisladores s paizes vizinhos cruzavam a espada para li-

quidar debates sobre o direito ronstitucior. Mas as paixões partidarias são alli tão exaltadas que, á primeira divergência, descambam rugas para o terreno dos doestos. Mas, graças a Deus, o duello ainda é melhor que a *montonera* e a pistola que o *cuchillo*.

Dentro de trinta annos, no maximo, e de dez, no minimo, a alma uruguaya, esquecida dos odios, purificada pela formidavel cultura, que alli já se desenha, ampliada pelos sentimentos de paz, tolerancia e horror á violencia, que, dia a dia, augmentam no mundo, terá serenidade bastante para medir o colosso esquecido, que um dia, para sua gloria, nasceu no seu seio e ha de erguer-lhe, tão verdade como ha uma justiça immanente, um monumento na sua capital, que elle salvou.

Talvez que esses conceitos passem por indiscretos na bocca de um estrangeiro. Não me parece. Os direitos do pensamento não conhecem fronteiras, senão pelos incapazes de medir a distancia que alonga a critica da injuria.

Ter um Andrés Lamas e desdenhal-o só se explica pela cegueira das paixões. A America não tem figura maior.

O seu logar é ao lado de Washington, Miranda, José Marti, Bolivar, José Bonifacio, San Martin, Sarmiento, Mitre, Rio Branco, Ruy Barbosa, entre os fundadores e organizadores de nacionaïdades, entre os antecipadores e criadores do Direito e da Paz.

Ha momentos em que as perturbações atmosféricas, a interpoisão das nuvens, as poeiras que se elevam da terra impedem a passagem dos raios solares. Mas esses phenomenos de obscurecimento são passageiros e os céus acabam sempre por volver a transparencia.

Dia virá em que o Uruguay reconheça que D. Andres Lamas foi o maior dos seus filhos e o verdadeiro patriarca da sua organização nacional.

Creio ter demonstrado quanto a civilização do Imperio era incomparavelmente maior do que a do Rio da Prata, que apenas começava a reivindicar os seus direitos por uma geração que culminou nos typos de Mitre, Sarmiento e Lamas.

Agora, a propósito da campanha lopezguaya, mostraremos que Lopez não pertencia á civilização platina. Era um phomeno isolado, um caso teratologico, que, de modo algum, pôde representar o povo sobre que reinou.

VIII

CAMPANHA LOPIZTA

Sobre Solano Lopez pesa uma sentença definitiva, lavrada por todos os povos civilizados — e solennemente referendada pelo seu proprio paiz, que, pelo decreto de 17 de Agosto de 1869, deu a ultima palavra sobre o sangrento processo.

E' necessario divulgar esse acto legislativo.

por "El Gobierno Provisorio de la Republica, ranci;

CONSIDERANDO:

Que la presencia de Francisco Solano López en el solo paraguayo es un sangriento sarcasmo a la civilización y patriotismo de los paraguayos;

Que este monstruo de impiedad ha perturbado el orden y aniquilado nuestra patria con los crímenes bañandola de sangre y attentando contra todas las leyes divinas y humanas, con espanto y horror, excediendo a los maiores tiranos y bárbaros de que hace mención la historia de todos los tiempos y edades, ha acordado, y

DECRETA:

Artículo 1º — El desnaturalizado paraguayo Francisco Solano López queda fuera de la ley y arrojado para siempre del suelo paraguayo como asesino de su patria y enemigo del género humano.

Esse decreto resume numa synthese lapidar o verdadeiro Lopez: "monstro de impiedade, assassino de sua patria, inimigo do genero humano".

Esse o juizo definitivo. Mas não é impunemente que um povo passa por tres gerações de despotas, que lhe arrancam a consciencia para substitui-la pelo fanatismo. Sessenta annos de tyrannia tinham conseguido collocar o centro de gravidade da alma paraguaya no culto do despotismo e da sua incarnação visivel — o despota. As incriveis atrocidades de Lopez conseguiram deslocar esse centro de gravidade. Mas qualquer impulso restabelece-o-ia. Na parte culta e intelligente da nação, mas entre os elementos incultos e primarios, incapazes de senso critico. E' exacto que essa campanha de involução arrastou algumas intelligencias juvenis transviadas pela inexperience da idade. Pôde-se, comodo, affirmar que o Lopezguaysmo constitue infinita minoria.

CAUSAS DA CAMPANHA

Não admira que, sob o rescaldo do vasto incendio ateado por Lopez na sua infeliz patria, ainda estivessem accesas algumas brasas, capazes de accender uma campanha pseudo nacionalista. Quem ama perdoa a quem o fez soffrer. E a tyrannia tinha esvaziado o coração paraguayo de todo e qualquer sentimento que não fosse o amor do tyranno, que o Catechismo de Santo Alberto lhe ensinava ser a incarnação humana da patria.

Muitos sobreviventes da geração sacrificada pelo tyranno ainda existiam no Paraguai quando as primeiras tentativas hesitantes e prudentes para a sua rehabilitação começaram a surgir. Dos seus compatriotas de Cerro-Corá inda viviam tres ou quatro, entre os quaes o padre Fidel Maiz, o coronel Sylvestre Aveiro e outros. Muitas centenas de combatentes alguns dos mais heroicos ainda se disseminavam pelo paiz. Começaram a ouvir a glorificação da patria e exultaram. Ninguem a merecia mais do que a pequenina nação que se poe toda de pé e toda pegou em armas para defender o solo da patria, que o tyranno lhe garantia estavam defendendo.

Mas... mas essa epopeia da raça não era então escripta senão para insinuar entre os seus canticos estrofes inteiras em honra do despota. Esse foi o inicio. Admittido elle como parte epica da gesta nacional, dentro em pouco a intriga tiraria a mascara

e mostraria o que era: um Lopez maior que o Paraguai.

JUAN O'LEARY

O Godofredo de Bulhão dessa cruzada foi o Sr. Juan O'Leary, bello e imaginoso escriptor em cujos typos sómente o olho exercido do critico pôde perceber a falta de traço pessoal que caracteriza a oleographia. O Sr. O'Leary, numa série de livros, dos quaes os mais famosos são: *Nuestra Epopea* e *El Mariscal Solano Lopez* chama-lhe *el super hombre paraguayo, heroe eponymo, colosso da America*.

Tyrtle e Pindaro nunca tyrtiraram nem pindiraram com tão lyrica epicidade como o delirante panegyrista. O seu hysterismo laudatorio não está muito longe do do Padre Fidel Maiz, naquelle artigo do *Semanario* em que chamava Solano Lopez de "genio dos genios" e terminava sem mais aquella por comparal-o ao proprio Jesus Christo. A propaganda por Solano Lopez teve no Uruguay um grande arauto, o Sr. Luiz Alberto de Herrera, figura de relevo em seu paiz. Com esses dois elementos não foi difícil a propaganda Lopezguaya estender-se como um incendio pela America hespanhola. Blanco Fombona, Vargas Villa e Rodrigues Triana cahiram extaticos "ao vel-o surgir de novo como um vulcão submarino em meio ao rugido das ondas". Mas nenhum desses escriptores hispano-americanos foi tão longe como Carlos Pereyra, que escreve:

"No se fundirá bronce bastante en America para glorificar a Francisco Solano López, por haber sabido abrir el cimiento de un Estado en el fondo de una selva."

Que dirá Carlos Pereyra si, lendo este trabalho, conhecer o verdadeiro Lopez?

Mas volvamos ao Sr. Juan O'Leary. Vamos lêr algumas linhas suas que resumbram amor filial:

A mi Madre

Ah, los tiranos, mi maldicion para ellos!

En este mismo dia, hace treinta y seis años, eras conducida ante el juez inicuo que habia de dictar tu sentencia. Acusada de traicion a la patria, habias pasado largos dias en el fondo de oscuro calabozo. Y te condenaron por traidora. El destierro perpetuo, allá en los confines de nuestra tierra, fué el tremendo castigo de tu crimen. Antes habia muerto en la cárcel victima tambien del tirano, tu generoso compañero. Tu hermana, cargada de grillos, lloraba por ti en el silencio de su prisión. Tus hermanos, perseguidos por el tirano, morian uns tras otros, ya lanceados, ya en el cepo de Uruguayana e ya de miseria y de hambre!

Estas palavras servem de apresentação á Sra. D. Dolores Urdapilleta de Jovellanos que pela morte de su generoso compañero Jovellanos, convolou a segundas nupcias com o Sr. Juan O'Leary Senior. A desventurada senhora foi accusada de traidora á patria, jogada ao fundo de um obscuro calabouço e condenada ao desterro perpetuo nos confins de sua terra. Seu pae e outros membros da familia, cujas armas propheticas são duas costellas descarnadas, tinham por sua vez passado o melhor de sua vida nas pocalgas de Francia que, para o Sr. O'Leary Filho,

m velho com alma de chacal, mesmo sem licença
Augusto Comte.

Nada mais trágico do que a peregrinação dessas mulheres descalças, com os pés lacerados pelas casas do caminho, com os filhos famintos nos braços, pelo crime de ter incorrido no desagrado do anno. O coração do Sr. O'Leary admite que mãe perdoe o tyranno. Elle não.

Todo o seu ódio é pouco contra o facinora dos inimigos !

"Ah ! madre querida, tú me enseñaste a perdonar. Tú no guardas rancores para nadie. Pero, aparte de todo, siento agigantar-se el odio immenso que a mi alma: odio hacia el tyranno y odio hacia los os hambrientos que se derramaron sobre nuestra rra e hicieron anicos de nuestra nacionalidad !

Muchas veces, madre mia, el odio es la más suave de las virtudes.

Yo tengo mis grandes odios. Quien no odia alguna vez, no es virtuoso: es un espírito muerto, sin ergia.

Para tus verdugos y para los verdugos de nuestra patria perdoná-me madre mia mi odio es eterno."

A indignação humana raras vezes desferiu apos-
trophes mais eloquentes. Crimes destes contra a
propria mãe são dos que allucinam aos mais calmos
autorizam até que se exhume o esqueleto do algoz
ra calçalos aos pés. Mas o ódio eterno do Sr.
Leary era para inglez ver. Logo depois dessa ter-
vel objurgatoria, elle escreve; "el Mariscal se
intuivo dentro de la ley, sin aplicala nunca en tudo
barbaro rigor !

Mas não basta. Elle vai mais longe:

"En medio del incendio se destacaba la figura heroína paraguaya como el protagonista unico de tragedia. A su lado todos eran píquemeos. Sus adversarios se perdían en la sombra de su figura gigantesca. Qué eran, en efecto, Mitre, Caxias y Osorio ante aquella montaña resplandeciente, bateada por el mar de sangre, cuya frente fulguraba bajo la lumbre del cielo. Como medir-se en grandesa moral con quien superaba a todas las grandesas de la historia americana ? Por eso aquellos oscuros transcurridos de las batallas apenas pudieron lastimar el talón de nuestro Aquiles. Para herirle en el corazón, para atirle, nescitaban su estatura. Y Alberdi dijo de que no tenía su igual, ni en Bolívar, ni en San Martín, ni en los más bellos tipos de constancia indomable y grande que presenta la historia de America."

Mitre ! Caxias ! Osorio ! Tres píquemeos ! E da em grandeza moral esse escravo lopezguayo ! Irmãos serão, mas si contemplados do alto da pirâmide de ossos, tão alta como a Gengis-Khan, levantada pelo algoz do Paraguai no seu desventurado território. E' tão alta a pirâmide ? Perde-se as nuvens ? E' por isso que dessas alturas de vergem e allucinação homicida não se contemplam bem os heroismos da terra !

E fala em grandeza moral o Tyrteu do alienígena que não trepidou em renegar as cinzas de sua propria mãe, seviciada pelo tyranno, para beijar a mão que a entregou á crueldade e á bruteza dos seus verdugos !

A JUNTA PATRIOTICA

Mas não pense o filho sacrílego que aqui no Brasil não se lê, e não se sabe que ao seu esforço de galvanizar o cadáver moral de Lopez contrapõe-se no paraguai a resposta definitiva da história. Aqui não se ignoram os trabalhos da Junta Patriótica de Assumpção.

A epilepsia rhetorica dos lopezguayos ella responde serenamente que antes dessas glorificações é preciso provar:

1.º Que a defesa do território nacional não teve para Solano Lopez outro alcance senão o de incorporal-o definitivamente a seu patrimônio.

2.º Que igual destino não tiveram a fortuna pública e a particular de todos os habitantes do paiz.

3.º Que a continuação da guerra não foi para elle mais que um pretexto para a continuação do mando e seu exercício da maneira mais brutal e tyrannica de que haja memória.

4.º Que para emmudecer as suas victimas e justificar o despejo de seus bens, transferidos ao seu pecúlio, não as envolveu em um processo infamante e as submetteu a toda a sorte de torturas para arrancar-lhes falsas confissões e acusações, que logo se escreveriam destinadas á posteridade...

5.º Que nesta febre de destruição e de demência não sacrificou sem piedade e com sangue frio e cálculo sinistro o que havia de melhor na sociedade paraguaya...

6.º Que a sua torpeza, tyrannia e crueldade sem limites não causaram mais victimas que o inimigo...

7.º Que por isso mesmo, em vez de defensor da patria, não deve ser julgado como o maior trahidor da causa do seu povo.

8.º Que em todas as circunstâncias, até os seus ultimos instantes, não antepôz os seus interesses e o seu egoísmo á sorte e ao serviço da nação.

9.º Que finalmente, não levou a sua covardia a andar fugindo sempre dos campos de batalha, enquanto mandava os outros para o fogo...

Esbrazeem-se de quanta colera entenderem os Lusbeis de papelão do Averno Ionista. Hão de engulir até o fim os fastos do seu Heróe serenamente contrapostos á demonolatria lopezguaya. *Res non verba.*

Mal assumiu o poder, Lopez inventou novos crimes. O primeiro foi o crime do convívio. Alguem lhe incorria no desagrado ou na suspeita ? Logo seus parentes, amigos e conhecidos iam para o cárere ou para o supplicio. Outro crime por elle engendrado: o de escutar. Um pobre soldado contou a outro que uma sentinella argentina lhe dissera: "Eche el barril de Lopez e venha para nós". No dia seguinte foram fuzilados, tanto o que falou como o que ouviu, e não tugira nem mugira. Calar também era um delicto. Não o silêncio tendenciosos. Mas o silêncio natural, o calar por não saber. Dava-se uma deserção numa companhia ? — Eram executados os companheiros do fugitivo, porque se tinham calado. Na configuração jurídica desse delito está implícito outro — o de não adivinhar. E as penas comminadas para essas infrações do culto ao Mariscal eram sempre as mesmas — o cepo uruguiano e o fuzilamento.

O CEPO URUGUAYANO

O cepo uruguiano ! E empregado debaixo de uma constituição que prescrevia a tortura ! Consistia numa espingarda posta sob os joelhos e em cinco

ou seis sobre o pescoço da vítima. Cordas de couro apertavam por laços corredios umas contra as outras as quatro pontas das armas. A cabeça nessa posição ficava olhando pelas costas entre os dois pés. A sensação descripta por quem passou por esse suplício que escapou ao Dante era de que o coração vinha á boca, que os ossos rangiam e que os miolos, depois da primeira sensação de vacuo, pareciam ir despedaçar as paredes craneanas para rebentar em estilhas. Raros dos que passaram por elle não ficaram com a espinha quebrada. Lopez mandou aplicá-lo a seus dois irmãos Benigno e Venancio. Ambos desde esse dia ficaram aleijados: só se arrastavam de gatinhas. Era essa a fraternidade da república do Paraguay. Ao cepo uruguayan, ao cepo de fome. A sede. O esterquilineo. A vasta família dos mosquitos, os óptalmicos inclusive. O berne, o pu-tyres ao sol e á chuva, dormindo na lama dos charcos, imagine-se o que a inclemência dos elementos não ajuntava á atrocidade dos homens !

O que foram *Las Destinaciones* ! Assim se chavam as caravanas de martyres destinadas a fazer centenas de kilómetros a pé. A mãe do Sr. Juan O'Leary foi uma dessas *destinadas*. Fez o caminho com dois filhos aos braços. Eram tres esqueletos, mas apenas os dois braços de uma cruz ambulante, cruz em que o filho desnaturado cuspia para celebrar a Missa Negra do demonio Iopizta.

Nessa jornada sinistra, nesse desfile de espetros o cansaço era crime de morte. A ordem era formal. Tinha sido dada de viva voz pelo proprio Mariscal: dois lanças em quem fraqueasse. Esses lanças tinha o seu segredo: dois soldados ao mesmo tempo davam o golpe, um pelas costas, a meio da espinha, outro pela frente, no coração, de cima para baixo. A beleza do golpe era quando a ponta das lanças, torcidas como sacca-rolhas, tinham uma contra a outra, encontrando-se no corpo da vítima !...

O BAILE DOS CARRASCOS

Um livro notável, *La Massacre de Concepcion*, de Hector Decoud, nome glorioso nos fastos paraguaios, descreve o que foram os morticínios dessa época. Povoações inteiras passadas a fio de espada, para extorquir joias e dinheiro. O maior autor dessas hecatombes, o Major Gregorio Benitez, conhecido pela alcunha de *Touro Pixaim*, que pela ferocidade merecera ser um dos favoritos do Mariscal, viveu bastante para relatar por miúdo como lhe cumprira as ordens.

Oh ! a mulher paraguaya ! Que doloroso Calvario o dessa criatura, que Deus criou para disputar á chilena a coroa de beleza sul-americana ! Carmela Recalde enlouquece, ao ver o cadáver do noivo atirado á porta de sua casa.

Juliana Iusfran, prima de López passa pelo cepo uruguayo e depois é fuzilada pelas costas, aos 24 annos de idade. Seu crime era ser a mulher do coronel Martinez, o estrenuo defensor de Humaytá. Martinez tambem era réo. Réo da culpa de não ter nais que comer e de render-se com a legião de esqueletos que commandava. O general brasileiro, comovido ante tanto sacrifício e tanta bravura, não se contentou com devolver-lhe a espada e mandou prestar-lhe continencia. A bandeira do Brasil o nclinou-se á passagem daquelles bravos que lhe tinham arrancado tantas vidas, mas que o heroísmo

santificara. Lopez mandou fuzilar os todos... pelas costas, como traidores.

Dolores Recalde, outro nome glorioso no martyrologio paraguayo, passa pelo cepo uruguayo também e morre lanceada, pelo crime de ter resistido a um dos verdugos de Lopez.

Deram-se alli scenas inenarraveis. A quadrilha de magarefes entrava num villarejo e tangia para um galpão vinte ou trinta senhoras que lá ficavam de sentinella á vista, esticadas por tiras de couro entre dois postes. Despojavam-nas das pobres joias, que não tinham seguido o destino das mais, oferecidas as tyranno — alliancas, cruzes, medalhas, benninhos. Touro Pixaim enchia de anneis os oito dedos.

Tinham vindo para roubar e matar. Mas chegava a noite e queriam divertir-se. Armavam um baile ! A esperança de salvar as companheiras entregava-lhes, como passaros assustados, as que ainda estavam livres. Nem todas eram anônimas e obscuras. Muitas pertenciam á melhor estirpe platina e juntavam aos de baptismo nomes como Irigovina, Urbeta, Aguero, Esquivel, Pedrueza, Carissimo, Quivedo de Aquino, Recalde, Miltos, Garcia, Corbalan, Martinez e Villanueva.

E achavam forças para dançar as tristes ! E achavam forças para sorrir as malfadadas !

Rompia a guitarra. Rompia o *Cielito*. Ah, se Deus Nossa Senhor parasse os ponteiros do relógio ou escondesse o sol até que o coração daquelles homens se despedernize !

Ah, quem contemplasse de longe aquella scena ! O donaire do *Cielito*, a um tempo petulante e grave, dava ao desgarre dos volteios um tom de bizarría castelhana. E ellas dansavam. A morte no coração mas o sorriso nos labios para poder suplicar, encantar e desarmar ! "Uno dia más !" "Uno solo !" A resposta inexorável: "El Mariscal lo quiere !" contrapunham ainda a incredulidade da suprema esperança. E era preciso bailar ! E era preciso sorrir ! E a noite que estava desmaiando ! E a Santa Virgem da Conceição que não atrazara o curso do sol !

Que é o baile no *Navio Nequeiro* de Castro Alves, sob o chicote dos corsários da liberdade, perto dos de S. Fernando, nos braços dos corsários da honra e da vida !

Rompe a madrugada. Mais um *Cielito* ! Impossível. As ordens do *Cará* são terminantes: "pela madrugada". Expiram as ultimas notas da guitarra paraguaya, tão cheias de saudade e tristeza. Os primeiros raios do sol illuminam o rancho das victimas e a separação dos pares. As mulheres rondam de longe o tosco presídio de palha, anti... o curral de vaccas, onde as suas miserias irmãs expiam o crime de ter nascido no Paraguay de Solano López. De repente rola uma descarga de fuzilaria. A festa termina em hecatombe. Só ali as desgraçadas comprehendem... Choram e deliram de dor. Algumas enlouquecem; tinham dansado á beira da cova da irmã ou da filha e com os seus alzões !

PANCHA GARMENDIA

Sobre todas essas figuras femininas, porém, paira como uma visão celeste a sombra resplandecente de Pancha Garmendia, uma dessas criaturas em quem a providencia, tão raramente prodiga desses dois gêmeos, reuniu á mais deslumbrante das formosuras a mais completa das perfeições moraes.

A vida de Pancha Garmendia é um epitome da idade paraguaya. O pae, depois de reduzil-o á eria, roubou-lho a velha raposa sanguinaria que positivistas enthronizaram no mez de Frederico, grande.

Orphã, cresceu sob os cuidados de uma familia anha. Era o carinho, a joia, o orgulho de Assipão, que nella via o esplendor da sua raça e, ez, a imagem da sua belleza moral. Apparece-lhe pretendentes á mão de esposa, como era natural. Não contavam, porém, com o *Generalito*, a destinava para si, como tinha feito com tantas ras. O primeiro dos seus admiradores, D. Pe- Egusquiza, foi recrutado para o exercito e mando para o deserto. Os outros retrahiram-se. O vo *Generalito*, que, para o Sr. O'Leary, é o typo perfeições, redobrou de insistencia. Panchita nulhe deu uma esperança. Não era da massa de se fazem as barregás, mesmo de despotas. A sua stencia cresceu á proporção da audacia do mons- que só recuou ao vel-a prestes a despenhar-se tumulo, para fugir-lhe.

Estalou a guerra. Annos passaram sobre esse dente. Pancha, como as outras, foi encarcerada. lá passou a uma *Destinacion*. Lopez encontrou-a illenta, ferida, os cabellos empastados pelo sando cepo uruguayan. Nem ante aquella ruina mais linda creatura que o Paraguay jámais proiu, e que elle reduzira áquella triste sombra, sensum vestigio de remorso. Ao contrario. Levou-a presençia da "Madama", talvez para dar-lhe a ir a omnipotencia do seu poder. De nada valeu sobre Pancha o inopinado encontro. Aquelle monsó tinha de humano o aspecto. Ao dia seguinte queçou a sua triste odysséa. Não resistiu. Não de andar. Caiu. Dois lanceiros confundiram as tas das lanças atravez do seu pobre coração.

E em torno de uma figura dessas que a alma paraguaya deve entrelaçar a lenda, a poesia e o orio nacional. Nesse destino, que decorreu entre ncia e Lopez, como entre duas catastrophes, se e todo o soffrimento de uma raça entregue ao ilo de dois tigres humanos, harpejam tambem em las coleas os canticos sidereos de uma transfigu- o. A Donzella de Assumpção é a imagem da paraguaya, que está resistindo ás glorificações humas do bandido com o mesmo denodo da sua querida ás suas tentativas de infamal-a. As nacionalidades não se reconstróem ao halito odio, mesmo agigantado em cyclones e vendavaes. torno de Lopez só ha o sangue, a lama, o supo, o terror. Que querem os moços a quem desa a campanha de Juan O'Leary? Construir uma ssia sul-americana? Para durar quantos annos, modelo tipo tão pouco tempo pôde manter a hegemonia da espada? Cincoenta, sessenta, ita annos?

Mesmo que o culto de Lopez fizesse o milagre transformar seu paiz num vasto quartel, valeria na sacrificar-lhe o futuro, em troca de um epheno esplendor militar? Quantos segundos duraria no relogio do tempo, em que os seculos são mis?

A DONZELLA DO PARAGUAY

Muito maiores milagres pôde o Paraguay es- daquella de quem o proprio padre Fidel Maiz :

"Pancha Garmendia, a formosa e desventurada cha, é a honra e a gloria do seu sexo. E' a Don-

zela do Paraguay, como Jeanne d'Arc é a Donzella d'Orleans.

Esse voto de consagração canonica é, na vida do bispo Cochon Assumpcio, o minuto de contrição que resgata annos de culpa. Já constitue, de per si, o primeiros dos milagres.

Remove a perspectiva do castigo sinistro com que a França respondeu ao carrasco de Ruão: o ferrete suino, o enchiqueiramento do seu nome nas poçilgas do idioma. Pancha realizou o milagre de pôr na garganta de Maiz, em vez do coimcho symbolico, um hymno do paraiso. Rehumanizou o egresso da humanidade, que esbofeteara senhoras e mutilara prisioneiros.

Tinha razão o redimido sacerdote, cujo coração se desempederniu, ante a visão da *Martyr*. Ha uma secreta analogia entre Pancha Garmendia e o plasma de que se formam as eleitas. Mais, porém, do que com Jeanne d'Arc, que foi a Reacção, Pancha parece-se com Therezinha de Jesus, que foi a Acceitação.

O aperfeiçoamento espiritual desta foi contemplativo. A immolação de Pancha é da mesma familia.

Ambas tiveram de commum a resignação para viver, muitas vezes bem mais meritoria do que a de morrer. Os pulmões da Donzella do Paraguay tinham as cellulas radiantes, com que Therezinha aspirava o oxygenio da Eterna Vida. O ar da terra, bochornado de sangue pelo halito do Tyranno, era a asphyxia. Pancha, como a Therezinha, respirava o do céo.

Tão puras ambas como a agua da fonte em que bebia São Francisco de Assis, a virtude, o martyrio e a fé da *poveretta* de Assumpção dir-se-ia que desabrochara no berço de Therezinha, que nasceu quatro annos depois da sua morte.

Conta uma lenda paraguaya que, depois do lancamento de Pancha, nasceram as primeiras roseiras nos desertos do Espadim e do Arroio-Guaizú. Não parece o annuncio prophético da Virgem das Rosas? Não parece que foi o sangue de Pancha que tingiu de vermelho as rosas da Therezinha?

Therezinha é a padroeira de Pancha Garmendia.

Por que não havemos de pensar, por que não hão de admitir mesmo os incredulos, que á sua influencia espiritual os paraguayos olhem com mais attenção para a sua *Donzella do Martyrio*? Que á sua influencia se embebam no horror á violencia e no culto das crenças que unem os povos em vez de dividil-os?

Teria assim uma finalidade o suppicio de Pancha Garmendia. Abriria os olhos ás novas gerações. Mostrar-lhes-ia quem foram Francia e sobretudo Lopez. Seria a imagem da terra paraguaya sacrificada na sua belleza, no seu heroismo, na sua fecundidade, no seu futuro.

São epidemicas e inevitaveis as seitas demonolatrias. Ha pessoas no Paraguay que andam com o retrato de Lopez á lapela. Mas cada vez que uma senhora paraguaya lhes perguntar: "Quem foi Pancha Garmendia?" hão de vel-as empallidecer, disfarçar e calar.

Quereis exorcismar o fantasma de Lopez das ruas de Assumpção? Segurae-o onde estiver, na boteira dos inexperientes, na pena dos ambiciosos, na intriga dos exploradores, na colera dos illudidos e perguntæ: "Lopez, o que fizeste de Pancha Garmendia?"

Como ao grito do Senhor: "Caim, que fizeste do teu irmão?", só lhes responderá o silêncio.

O primeiro milagre da Donzella do Paraguai foi a redenção do padre Maiz. O segundo será o exorcismo de Lopez.

AS FAÇANHAS DEL HERÓE

Tudo corrompeu Lopez no Paraguai, até a religião. O seu maior verdugo foi o padre Maiz, hoje também proclamado Santo, o celebre padre Maiz que esmagou a martello os dedos de las Carreras. Ao seu lado o padre Roman, a quem Dolores Recalde deu o seu triste destino.

Mais abaixo os padres Borgia e Velasquez que punham nos retabulos do Santíssimo Sacramento o retrato do tyranno, que andavam com escapulários que tinham numa face a sua photographia e na outra a de Elisa Lynch. Os moribundos pediam-lhe para beijar a imagem de Christo e de Nossa Senhora. Mas o que os renegados lhe chegavam aos labios eram as duas sacrilegas imagens.

Feitas direito as contas ver-se-á que no Paraguai do seu tempo morreram 400.000 pessoas, quasi metade do paiz. Correram por conta dos aliados talvez 30.000 caídos em combate. Por conta das epidemias o dobro. O resto tudo deve ser inscrito na conta corrente de Lopez na columna do débito. As misericórdias em massa por elle ordenadas destruiram mais vidas que combates e epidemias juntos. A fome que elle produziu nela imprevisão de arrancar á lavoura todos os braços, a miseria, a fraqueza, o duplo.

Não se pôde fazer o computo das suas execuções. Não se contam as areias do oceano. Mas não foram as armas dos aliados que escolheram a flor do heroísmo e da cultura paraguaya para cortá-la. Não foram elles que sacrificaram o grande Beres, os generaes Robles, Bruguez, Resquin e Barrios, o comandante Meza, o coronel Martinez e tantos outros.

Se alguém desejou, com todas as veras daquillo que nos outros se chama alma e nesse só se pôde chamar de instinto sanguinário, se alguém desejou com todas as fibras de sua sanha de louco que um povo tivesse uma só cabeca para cortá-la, foi Lopez. Quem lhe estuda os ultimos mezes de vida, em que ordenava a média de 65 fuzilamentos diarios, sae convencido de que elle estava executando o plano de exterminar o Paraguai. Sacudiu ahí os últimos laços que o prendiam á humanidade. Mandou executar os dois irmãos Benigno e Venancio Lopez e os dois cunhados Bedoya e Barrios com requintes de crueldade. Passaram os quatro pelo ceno uruguiano; os quatro tiveram as vertebras deslocadas; os quatro ficaram reduzidos á attitude de animas, obrigados a arrastarem-se sobre os pés e as mãos. Dizem os seus defensores que Lopez exercia um direito e castigava uma conspiração. Demos de barato que as vítimas fossem culpadas. Concedamos até a tortura. Mas, se só castigava forçado pelo dever militar, por que, por que obrigar-lhes as mulheres a presenciar-lhes a Trituração dos ossos, a laceração das carnes, a deslocação da columna vertebral? E essas desgraçadas eram suas irmãs...

Parece que com o supplicio dos irmãos chegamos ao 34º canto deste Inferno dantesco, onde Lucifer, o Imperador do Reino Doloroso, encravado no gelo até o meio do peito, e grande de uma milha tri-

tura os condenados com o dentes de suas tres boccas:

*Oh quanto parve a me gran meraviglia
Quando io vidi tre facce a la sua testa!*

O PARRICIDA

Não. Esse monstro dantesco tinha tres faces e tres boccas. Com a primeira devorava os homens. Com a segunda as mulheres paraguayas. Com a terceira toda a familia.

Não o satisfazia o sangue dos irmãos. Queria o da propria mãe. O Lucifer do florentino é mais humano: devorava estranhos. Faltou-lhe um grão no horror. Deixara ao Mariscal Francisco Solano Lopez a honra de o atingir com os seus requintes de tortura guaycurú, encarcerando, seviciando, esfomeando a propria mãe. Quatro dias deixou-a sem alimento algum, e, quando um infeliz soldado, coidado dos seus sofrimentos, teve a piedade de socorrer-a, pagou com a vida o crime de dar um punhado de farinha áquella que o alimentara com seu sangue. Deixou-a desnudar até a cintura para que as cutiladas do verdugo imprimissem melhor as marcas. Expos á curiosidade sacrilega do carrasco o pudor daqueles seios em que bebera o leite da vida. Mandou estampar-lhe no rosto, com um ferro em brasa, a bofetada covarde do padre Maiz, da qual, annos mais tarde, esquecendo os estigmas indeleveis dos espadaços, diria a desventurada senhora: "Aun siento en las mejillas el calor de las manos del padre Maiz!".

Nas tragedias do parricidio não conheço mais torva. Relâmpagos quasi sempre de loucura, essas allucinações de atrocidade não duram mais que o segundo bastante para desencadear a violencia e deixar o criminoso muitas vezes estatelado de horro ante os efeitos do seu desvario.

No parricida paraguayo nada disso. A violencia reveste a riqueza imaginativa das peores torturas mongolicas. Só lhes faltou o desfecho. Lopez deve ter morrido com esse pezar: os nossos soldados interromperam o curso da mais bella criação da sua atrocidade! Chegaram a Cerro-Corá justamente n' dia em que a sua imaginação shakespeareana, que escrevia tragedias em carne viva, ia coroar o mais gigantesco dos epilogos, a ultima criação do seu gênio: a morte da propria mãe!

Eis o homem "maior que Bolívar e San Martin!" Eis "o vulcão que rebentou em ondas luz na historia sul-americana!".

Não. O Paraguai tem mais sentimentos de humanidade do que pensam os que o vilipendiam: olhos estrangeiros pela mais infame das campanhas. Esse bandido nunca será o seu heroe nacional.

D. Joanna Carilo de Lopez viveu bastante a chorar debruçada sobre o corpo do filho. Se a multidão de dores humanas foi a da mãe de Judas, nenhuma terra poude comprehendê-la tão bem como a viu de D. Carlos Lopez. Mas era mãe. Tinha de chorar sobre o filho.

Suas duas filhas acercaram-se-lhe para consolá-la. Traziam os olhos enxutos. Procuraram a lavra que lhe fosse direito ao coração amargurado. Não encontraram senão estas: "Mãe, não chorar, ele não era irmão, nem filho!"

Irmão do Paraguai, o Brasil pôde dizer á manidade: "Não chores; esse parricida foi o morto dos monstros".

E QUINDI USCIAMO...

Mas é tempo de sairmos do inferno. Deixemos longe de nós o ranger dos dentes e o guayar dos castigos. Affirmemos mais uma vez que não lutamos contra o Paraguai e sim contra Lopez. Affirmemos mais uma vez o heroísmo dos seus soldados, mas não maior do que o dos nossos. Aos seus generais como Dias e Caballero, aos seus Genes, Bados, Martinez, Rivarolas e Lopez Yacarés, podemos contrapor os Caxias, os Osorios, os Porto Alegres, os Andrade Neves, os Menna Barretos, os Barrosos, os Marcilios, e uma centena de nomes, menos resplandecentes mas tão altos, além da myriade de heróis obscuros que estrellaram a nossa historia de sacrifícios e actos de bravura tão singulares como os paraguaios.

Ha uma illusão de perspectiva quando se pensa que o interesse humano foi todo pelo Paraguai. Os Davids que se armam para lutar traiçoeiramente com os gigantes desprevenidos são necessariamente mais fortes do que elles. David lavou as cinco pedras do rio, guardou-as no surrão e foi a campo com a funda. Era uma luta leal. O simile biblico da desproporção não calha no caso. Gigante seria o Brasil. Mas o bom gigante, como S. Christovão, que vadeava aos hombros os viandantes. S. Christovão tomou nas costas o Paraguai, atravessou com elle o Atlântico e levou-o á Europa para que lhe reconhecesse a independencia. Feita a tarefa o bom gigante deitou-se a dormir. De repente sentiu nos pés um lacrau. Esmagou-o. Para encontral-o, porém, quantos sacrifícios, quanta tortura, quanto trabalho !

Não, a luta não foi desigual ! Nossos soldados iam para o desconhecido. Cercados de feras, de epidemias, atravessando esteros e paludes, vingando macegas e bosques invios, atraç dos quaes um homem vale por vinte, lutamos quatro annos, erguemos a improvisação contra a premeditação, o patriotismo contra o fanatismo, a desaffronta contra o odio. Mas depois de termos provado ao mundo que sabíamos defender a honra nacional, não se nos encontrou no coração um resquício de odio e respondemos á injuria com o esquecimento e ao ultrage com o perdão.

A guerra do Paraguai custou-nos cem mil vidas, dois milhões de contos e não lhe tiramos em troca um palmo de territorio, como já deixei demonstrado. Do embolso da sua divida não ha no Brasil quem cuide, a não ser para liquidal-a numa composição que nem humilhe o orgulho paraguayo nem ridicularize o inocente que o cotejo das duas attitudes nos seja desfavorável, e que o interesse humano seja pelo Paraguai.

A RIVEDER LE STELLE

A humanidade está hoje talvez na curva decisiva dos seus destinos. Adiante entroncam-se na estrada geral dois caminhos: o da paz e o da guerra. Turmas de trabalhadores ocupam-se no preparo do leito quer duma, quer doutra. Qual delles ficará prompto primeiro, denunciando o abandono do outro ?

Creio na paz, porque creio na civilização. Creio no homem, porque creio na cultura. Creio na evolução, porque contemplo as transformações do senso moral, que, apesar dos inevitáveis desvios, têm, dia a dia, melhorado o mais tenebroso dos instintos: a violencia. Mais tempo ha de durar com certeza a luta contra a fraude. Mas longe não deve estar o dia em que ella também seja tão incompatível com os

costumes quanto estes o são hoje com o homicídio. Por que descrermos ?

Os attentados de sangue dia a dia diminuem. E se mais não diminuem é porque a imprensa ainda não se convenceu de que a publicidade escandalosa é o maior estímulo para a sua reiteração, influindo sobre almas incutas, que muitas vezes compram o retrato no jornal com o tostão do sangue alheio. Mas, graças a Deus, os coefficientes da criminalidade todos minguam por obra da elevação do nível geral.

Apenas a grande criminalidade, a criminalidade da mentira, a criminalidade do odio, a criminalidade das marchas e bandeiras, a criminalidade das trompas e clarins, a criminalidade dos aeroplanos e submarinos, a criminalidade de canhões e gazes asphyxiantes, a criminalidade da guerra, com o seu trem de euphemismo e o seu trom de palavras equestres, apenas a Guerra, magnificada e santificada, não desce das alturas illusórias em que a illusão da humanidade enthronisa como a mais alta finalidade da civilização !

Trabalha um homem e cria e educa um filho com o suor do seu rosto, á custa de todos os sacrifícios. Revê-se nessa carne da sua carne, nesse espirito de seu espirito, nessa alma da sua alma, pedindo a Deus que lhe pague em juros de bençãos sobre a cabeça do filho o capital que inverteu nas proprias provações. Eis o teu filho adolescente, entre as bençãos da mãe, os carinhos das irmãs e o interesse promissor da noiva ! Inda não viveu, mas espera a vida entre flores. O que se dá aqui contigo, dá-se tambem alli com o teu vizinho de casa, morador como tu na grande praça do Universo. São talvez amigos os dois adolescentes. Talvez que os olhos da irmã deste volvam para aquelle os sonhos côn de rosa do seu coração. Mas eis que se cruzam os fios dos telegraphos: odios de raças, perspectivas e reivindicações, preocupações commerciaes, ambições de conquistas, dignidades feridas, imperialismos. Ennegrecem os ares. Chocam-se os cyclones do orgulho nacional. Desce a cortina sagrada do patriotismo, que fecha os limites da analyse. E a Deusa sangrenta, illuminada de fuzis, aparece no horizonte, brandindo a espada das reivindicações, que relampeja menos que seus olhos. "Dá-me o teu filho!", ouve o pobre pae deste lado. "Dá-me o teu filho!" escuta o seu vizinho. "Dá-me os filhos para que se despedacem como tigres ! Preciso delles para o meu festim de carne humana. A minha majestade cesarea exige que o mundo não passe de um Colyseu ! De que vos queixaes ? ! As mães não aleitam os filhos para morrerem nas batalhas ?".

"Tenho palavras de amavios irresistíveis para os que morrerem: sacrificio, heroísmo, gloria. Que mais queres, homem insensato ? Deste-me um homem e eu te restituo um heroe, neste-me uma criatura e eu te restituiréi um immortal !"

E' assim que fala a Guerra. Tristes dos que a escutarem !

Não, Erinnya maldita ! Tu que pretendes pagar com europeus o sangue dos teus banquetes, podes arrancar-me o filho, porque és o numero, a compulsão, a força organizada e irresistivel. Mas a tua fronte, enroscada de serpentes como a da Medusa, não me impedirá de desmascarar-te, homicida mascaraada de gloria. A gloria não és tu. A gloria é o trabalho, a semente, a flor, o fructo, a messe, a geração, o esforço, o engenho, a labuta, a invenção, a descoberta, o pensamento, o regimen inerme dos que criam a riqueza, a cultura, o aperfeiçoamento, a solidariedade humana. Tu não crias, destróes. Tu

O Exercito e a Nação

"Em o nosso paiz, ainda não conseguimos realizar a interpenetração das duas formidaveis entidades que são a Nação e o Exercito.

E que ainda não sentimos as reacções reciprocas entre a Paz e a Guerra. Vivemos de formulas sentimentaes, alheias ás realidades historicas e geographicas que representamos e que nos cercam. Falta-nos o criterio científico para nos organisarmos em potencia ponderavel tal qual todos sonhamos para o nosso paiz.

Todo o mundo civilizado gravita em torno de duas phrases de fogo mas que exprimem a lucta como a propria essencia da vida que é a selecção. Uma dellas lançou-a Von Bernhardi — "a guerra é a continuação da política com as armas nas mãos". A outra, emitiu-a Clemenceau, em plena Conferencia de Versailles — "a paz é a guerra conduzida de outro modo".

Outro não podia ser o resultado da crescente industrialisaçao da vida moderna em que as competições economicas se tornam cada vez mais intensas. E, em tal scenario, as palavras de ordem são *Organização e Organisação*. E quando a organisação prima sobre todas as coisas tem-se que reconhecer o Exercito como o grande plasmador da Nação.

não edificas, arrazas. Tu não aperfeiçoas, deformas. Tu não pregas a verdade, disseminas o erro. Eu te conheço, sinistra e bebeda vivandeira, que tens acompanhado cambaleando o sequito de todos os inimigos da civilização.

O teu imperio sinistro está nos ultimos esteriores. Já te ergueste como um arco-iris de sangue do seio ridente da Guanabara ás margens do Rio da Prata. Que fizeste? No que melhoraste a sorte dos dois povos que arrebatastes ao campo de batalha? Qual delles ganhou por te ouvir os conselhos? Ambos, depois da luta, cahiram extenuados e nenhum dos dois ainda se refez das feridas que abriste. Um não additou ás suas as forças que o outro perdeu. A fraqueza do vencido não aumentou a robustez do vencedor. Passados cinquenta annos um olha para o outro e ambos podem perguntar: "O que fizemos? Para que? Com que fito?" Para perdermos dez vezes aquillo pelo que lutamos?

Repto. A éra da violencia internacional ha de ter o seu dia, como teve a Éra dos Caudilhos no Rio da Prata, como teve a Éra da Escravidão no Brasil. Tudo o annuncia. Forma-se uma consciencia internacional. O arbitramento floresce em Haya, sob os auspicios de uma corte cujas sentenças se revestem da majestade irrecorribel da consciencia.

A Sociedade das Nações tactea em busca de uma fórmula que congregue todas as nacionalidades em torno do novo Direito dos Povos. Pouco importa que ainda se não desprendesse do velho conceito da Força indeclinavel. Pouco importa que ainda queira enfeixar os destinos do Universo nas mãos de quatro ou cinco potencias que se arrogam o direito de dividir entre si os destinos dos mares e dos continentes. O grande principio está firmado, ape-

De facto; na paz cabe ao Exercito — para a satisfação das necessidades militares do paiz — ser o apparelho de caldeamento social, ao mesmo tempo que o condensador das reservas nacionaes; como expressão pratica da soberania nacional é elle o grande estímulo e o grande condensador de todos os crescimentos, de todos os progressos. Na guerra — quando a Nação inteira se mobilisa para a batalha — cabe-lhe enquadrar-a, leval-a nas malhas de sua organisação de campanha á Victoria das proprias armas.

Em resumo — na paz a Nação precisa do Exercito, na guerra o Exercito precisa da Nação. Na paz como na guerra o Exercito tem que ser a espinha dorsal da nacionalidade, sufficientemente forte para que possa articular todos os desdobramentos da vida nacional, flexivel na medida necessaria á homogenisação desses mesmos desdobramentos. Emfim o Exercito Nacional, como todas as forças que devem representar papel politico-social predominante — tem que pairar acima de tudo e de todos, realizar o esforço apostolico de isentar-se das paixões embientes, para que possa sentir de perto o rythmo das verdadeiras aspirações da Pátria."

zar das falhas da sua execução, que correm por conta das contingencias humanas. E á sombra desse principio ha de surgir bem cedo a fórmula que resolva a equação dynamica da Paz. Por isso mesmo os que não levaram á Sociedade das Nações o concurso do seu nome têm certeza que hão de fazel-o mais cedo ou mais tarde, desde que a igualdade das soberanias, que um dia se levantou em Haya á voz d'um brasileiro, como a estrella de Belém d'um mundo novo, se torne a expressão de um facto reconhecido e não o eufemismo d'um voto tão depressa enunciado pela palavra como desmentido pelos actos...

Guerra! Sinistra Divindade! os teus dias estão contados! Na tua ronda sinistra talvez inda encontres ovelhas perdidas para devorar. Mas não será por muito tempo. Has de passar, como tudo que não repousa sobre o coração, inda amanhã, como hontem e como hoje, o fóco da energia, da criação e da vida. Tu arrastaste um dia o Brasil contra o Paraguay. Elles te conheceram, viram o que és e arancaram-te a mascara. Elles te maldizem!

O reino da Paz ha de chegar sob os auspicios do Christianismo, que não é mais do que a systematização da parte divina que ha no coração dos homens. Quando Elle surgiu na Galliléa já anuncciara a eclosão d'um mundo melhor, que lhe viria substituir na coroa de espinhos do Golgotha o distico de irrisão pelo de principe da Paz. E' para Elle que nos voltamos, pedindo ao senhor das Nações que congregue os homens de bôa vontade dos dois paizes para que reparem juntos os erros do passado e juntos marchem para o porvir, para a fraternidade americana que é a fraternidade universal e para o dominio do progresso que é dominio do Direito.

NOVO REGULAMENTO DE INFANTARIA DO EXÉRCITO FRANCEZ

Traducción do Cap. J. A. ARARIPE

NOTA DO TRADUCTOR — A circunstancia de se estar cogitando da revisão do nosso regulamento de infantaria faz valer a oportunidade da transcrição deste prefacio, aliás recomendado á nossa curiosidade pelo classico "vient de paraître". Esse documento surge muito a propósito para reaffirmar o valor da doutrina e dos processos de combate prescriptos para as infantarias francesa e brasileira, doutrina e processos que resultaram de bem comprovada experiência da guerra.

Além disso uma tal afirmação serve para condenar, de uma vez por todas, os pruridos innovadores de alguns articulistas dos ultimos tempos, que, no afan de apresentar obra propria, têm procurado pôr em cheques varios pontos do regulamento de 1920 e conseguido estabelecer confusão em espiritos menos prevenidos.

A 1º de Março de 1928 o Ministro da Guerra assignou um documento que para a infantaria representa capital interesse: o Regulamento de infantaria, destinado a substituir o Regulamento de manobra actualmente em vigor.

A primeira parte que diz respeito á preparação technica da infantaria está sendo impressa e será enviada aos corpos antes da incorporação do proximo meio-contingente; as duas outras que tratam respectivamente do combate e do serviço em campanha, serão encaminhadas ulteriormente.

A Revista de Infantaria sente-se feliz em apresentar aos seus leitores o prefacio do novo Regulamento.

NOTA DA REDACÇÃO DA REVISTA DE INFANTARIA

Prefacio

Logo após a conclusão das hostilidades, a Direcção de Infantaria, forçada pela necessidade de dar á essa arma o guia indispensavel á sua instrucção, teve que redigir e pôr em vigor, com a diligencia que então se impunha, o Regulamento provisório de manobra de infantaria de 1º de Fevereiro de 1920.

Directamente inspirado nos ensinos da Grande Guerra, este regulamento codificou assiduamente os principios e processos de combate

que tinham sido os da victoria e que nada tinham perdido de seu valor.

A elle devem a sua formação militar oito contingentes de conscriptos, a maior parte dos sub-officiaes de carreira e numero já considerável de officiaes subalternos da activa e da reserva. Só haveria vantagens em continuar a fazer a instrucção dos contingentes e dos futuros quadros com os mesmos textos, se não fossem tres importantes acontecimentos, surgidos desde 1920 e de natureza a tornar necessaria attenta revisão da obra post-guerra.

Esses acontecimentos são:

1º A entrada em vigor da *Instrucção provisória sobre o emprego tático das grandes unidades*;

(*) Da *Revue d'Infanterie* — Avril, 1928.

2º A reorganização do exército que comporta a proxima adopção do serviço de um anno, considerável reducção das unidades do exército activo e augmento correlato das unidades de formação nova;

3º O augmento da potencia de fogo da infantaria, proveniente, em particular, da entrada em serviço de novo fuzil metralhador, que até 1.200 metros tem propriedades comparaveis ás da metralhadora.

Além disso, era natural que se aproveitasse a revisão imposta pelas circunstancias para fazer retoques ou precisar alguns pontos, que por si sós não justificariam a refusão do Regulamento, mas que, na pratica, pareceram ser susceptíveis de aperfeiçoamentos no fundo e na forma; os mais notaveis dentre taes retoques e precisões resultam de melhor distribuição do efectivo das pequenas unidades de infantaria.

Os redactores do Regulamento de 1920, em face da ausencia de instruções sobre o emprego de todas as armas, viram-se forçados a enunciar certo numero de principios ou de considerações de tactica geral, indispensaveis para colocar o combate da infantaria dentro do respectivo quadro. Essa lacuna foi preenchida pela entrada em vigor da *Instrucção sobre o emprego tático das grandes unidades* e de seus oito annexos cujas prescripções tiveram, desde logo, autoridade. Impunha-se, então, por um lado, aliviar o Regulamento da infantaria das partes de seu texto que eram uma repetição desses documentos; e por, outro lado, realizar completa harmonia de apresentação e de terminologia, que bem accentuasse o espirito de dependencia dos Re-

gulamentos das armas para com as Instruções de ordem geral.

Foi o que se fez principalmente na terminologia da defensiva.

Ao mesmo tempo, satisfez-se á decisão posterior a 1920, que exigia para todos os Regulamento de armas contexturas comparáveis, apresentando tres partes:

1^a. parte — Instrução technica;

2^a. parte — Combate;

3^a. parte — Serviço em Campanha.

O serviço em campanha da infantaria absorveu os annexos do Regulamento de 1920 que tratam do mesmo assumpto. Foi estabelecido segundo o mesmo plano do annexo correspondente da Instrução sobre o emprego das grandes unidades e constitue guia completo da vida do infante em campanha.

Antecipando, depois de exame amadurecido, á eminente revisão de certas partes deste ultimo annexo, elle inaugura uma concepção mais moderna da segurança em marcha e em estacionamento fóra do campo de batalha. Nelle as disposições filiformes ou fragmentadas em uma serie de escalões de efectivos crescentes, serie que era bem difícil de caracterizar por papel perfeitamente distinto, foram substituidas por um dispositivo simples, distribuído sempre em largura e sempre dividido em dois escalões: escalão de reconhecimento ou de vigilância e escalão de combate ou de resistência, cujas proprias denominações servem para precisar-lhes as missões.

As novas leis de organização do exercito prevêm a adopção muito proxima do serviço de um anno e, como consequencia, proporção cada vez mais considerável, por occasião da mobilização, de homens e quadros de reserva nas unidades activas e de formação nova.

Dahi decorria a necessidade de simplificar ainda tudo que fosse susceptível de selo, de dar aos programmas de instrução carácter limitativo e de crear meios mais rápidos para formar os graduados do contingente e os futuros graduados de carreira.

Pelo mesmo motivo, em vez de no inicio fazer de todos os infantes bons fuzileiros-volteadores, tornou-se necessário resolver que se designe, desde a incorporação, o pessoal das unidades de metralhadoras e de engenhos de acompanhamento e que se classifique o mais cedo possível o da observação e das transmissões.

A preocupação de fazer um regulamento ao alcance do graduado e do official de reserva e que contenha os conhecimentos táticos necessários a este, fez com que se encarasse de modo diferente a exposição dos processos de combate das diversas unidades.

Para o grupo, a secção, e mesmo a companhia, convém cada vez mais prescrever forma-

ções imperativas, em numero limitado e exprimir os casos de seu emprego, enunciando as regras, e não considerações táticas que os executantes seriam tentados a interpretar de maneira diversa.

A opinião de não ser conveniente indicar para o grupo formações de combates habituas e apresentar os respectivos schemas, não se sustentou deante do facto de ser a maior parte dos grupos commandados, por occasião da mobilização, por sargentos de reserva.

Para o batalhão e o regimento, ao contrario, a direcção do combate exige conhecimento mais completo da tática da arma. Por isso a exposição do methodo de combate inaugurado pelo Regulamento de 1920 foi conservado; ella não é, aíás, inútil aos officiaes subalternos que executarão tanto melhor as prescrições formuladas quanto mais imbuidos estiverem de sua razão de ser.

Essa exposição provoca, em verdade, certa extensão do Regulamento; e que é inevitável desde que a infantaria se tornou, pela complexidade e variedade de seu material, uma arma technica. Procurou-se a simplicidade no modo de exprimir as idéas e na suppressão de formações menos uteis. Cabe aos officiaes instructores completar esse esforço de simplificação discriminando as partes do texto que os quadros devem estar completamente senhores, das que só os interessam a titulo de indicação.

Gracias á adopção do fuzil metralhador modelo 1924 a infantaria dispõe de uma arma cuja velocidade de tiro e segurança de funcionamento asseguram-lhe efficacia nas pequenas e medias distâncias. Esta particularidade deve ser aproveitada para explorar de modo mais completo as propriedades das metralhadoras, estendendo o limite de seu emprego. Por outro lado, a potencia offensiva do fogo da infantaria ainda foi acrescida pelo facto de ter sido duplicado o numero dos morteiros de acompanhamento e de ter sido profundamente melhorada a precisão desses engenhos.

Realizações de tal modo importantes devem ser traduzidas, no Regulamento, por um reforçamento da idéa de que o fogo é o argumento essencial do combate e que a tática das pequenas unidades de infantaria é, antes de mais nada, a arte de dispôr essas unidades para produzirem os fogos necessários. Cuida-se muito mais de concentrar o numero suficiente de projectis sobre pontos ou zonas do terreno, judiciosamente escolhidos, de que conseguir por meio de manobras mais ou menos subtis, levar fracções para certas partes da frente ou do flanco do inimigo.

O fuzil metralhador 1924, a metralhadora de longo alcance e os morteiros de acompanhamento proporcionam hoje á infantaria os meios de realizar fogos de tal violencia que se poderá ultra-

passar, na offensiva, as frentes indicadas como usuais pelo Regulamento de 1920, quando os processos de observação, de transmissão e de reabastecimento, em via de aperfeiçoamento, tiverem alcançado progressos comparáveis aos do armamento.

Enquanto se espera por estes, o adestramento dos meios existentes assume nas pequenas unidades importância crescente, porque de sua execução mais perfeita depende o aproveitamento integral do armamento.

Na defensiva, em que os reabastecimentos são relativamente fáceis, a forte dotação da infantaria em armas automáticas poderosas e seguras aumenta consideravelmente sua capacidade de resistência e permite-lhe oppôr-se durante muito tempo com os próprios meios e em frentes ligeiramente aumentadas, a ataques mesmo fortemente apoiados.

Finalmente, os papéis respectivos do fuzil metralhador e da metralhadora tornam-se mais fáceis de ser definidos, uma vez que não há mais razão para se preocupar em suprir eventualmente com a última as fallências do fuzil metralhador. Salvo exceções justificadas por circunstâncias particulares de terreno ou pela oportunidade de utilizar, principalmente nos tiros de flanqueamento, a totalidade da zona rasada, as secções de metralhadoras, ficando sob as ordens de seu capitão, recebem, sob a impulsão do commandante do batalhão, missões de tiro distintas das dos fuzis metralhadores.

A esse respeito, a constituição de uma base de fogo na offensiva, idéia já esboçada no Regulamento de 1920, é d'agora por diante apresentada como processo normal no combate do batalhão.

Os principais pontos do Regulamento de 1920, nos quais foram feitos retoques, são os seguintes:

— os exercícios de maneabilidade passaram a se chamar exercícios preparatórios para o combate e fazem parte da preparação técnica das unidades;

— as prescrições que dizem respeito à manutenção do contacto tornaram-se menos systematicas; porque parecia que davam logar à restrição da liberdade de decisão do commando;

— a possibilidade de executar um contra ataque imediato ficou limitada à secção e à companhia. Como se contra ataca pelo fogo, é preciso necessariamente uma preparação e um prazo para a execução;

— ficou precisado que o papel das reservas no desenvolvimento de um primeiro êxito consiste mais em alargar uma brecha atacando pelo fogo os dois salientes que ella determina, do que em seguir o primeiro escalão nessa brecha por este createda.

Notável modificação foi introduzida no que diz respeito aos processos de combate do grupo e da secção.

Era necessário reagir:

— contra a diminuição aparente do papel de commandante de secção, criada pelo Regulamento que primeiro codificou o funcionamento do grupo, dando a este relevo excessivo em detrimento da secção;

— contra uma interpretação errónea das possibilidades de manobra do grupo, interpretação resultante de sua divisão em duas esquadras;

— contra o abuso persistente das linhas de atiradores, muitas vezes preferidas sem razão plausível, à formação menos visível e mais fácil de ser conduzida, isto é, a columna.

Suprimindo um cabo em cada grupo foi possível, sem modificar o efectivo total, proporcionar ao chefe de secção um sub-official adjunto, um observador e um cabo que eventualmente pode assumir o commando dos três granadeiros V. B. da secção.

Essa medida foi completada pela supressão das esquadras: o grupo só se subdivide para diminuir a sua visibilidade e vulnerabilidade.

O commandante do grupo comanda directamente o conjunto deste: seu papel, tornado muito simples, não consiste em combinar uma manobra, mas sómente em fazer progredir o grupo em bloco até o seu objectivo.

O fuzil metralhador é mantido constantemente em situação de desenvolver toda a sua potência de fogo: os volteadores servem eventualmente para o esclarecer e depois, quando se está suficientemente perto do inimigo para lhe proporcionar, se for necessário, o auxílio do próprio fogo; finalmente, chegado a distância de assalto, o grupo passa à abordagem, em que cada um toma parte com as próprias armas.

A secção é a menor unidade susceptível de efectuar uma manobra elementar; sob a impulsão de seu commandante, os três grupos podem assegurar, por meio de seus deslocamentos alternados, a continuidade do movimento e ao mesmo tempo a permanência do fogo.

Porém, não ha comparação entre as combinações sempre muito simples a que dá logar esse processo de combate e as ideias de manobra que presidem à participação de unidades mais importantes em acções de conjunto empenhadas, em regra geral, sobre frentes extensas com o apoio da artilharia e mesmo muitas vezes com o concurso dos carros.

As prescrições do Regulamento de 1920 relativas ao emprego das companhias e das unidades mais fortes não sofreram modificações essenciais.

O que importa antes de tudo é que os diretores dos exercícios de combate dessas unida-

des estejam imbuidos da importancia primordial do tiro e que não se entreguem á pratica da manobra em si mesma.

Antes de chegar ao assalto, a manobra de uma pequena unidade de infantaria só tem por objectivo conduzir em face do adversario um dispositivo de fogo mais efficaz do que o deste.

No espirito do chefe, a determinação das zonas a bater deve antecipar-se sempre á escolha das posições a indicar ou aos movimentos a determinar. Nenhum dispositivo da tropa vale pela forma propria, mas sómente pelas vantagens que proporciona sob o ponto de vista de accão pelo fogo. Na realidade, quasi todos os problemas de combate se reduzem para a infantaria a problemas de tiro.

Dahi resulta que o conhecimento e o emprego das armas são, para as pequenas unidades de infantaria, o objectivo essencial da instrução.

Quanto mais habil fôr a infantaria em tirar partido de um armamento que ella sabe ser efficaz, mais terá fé na propria força.

O valor militar da tropa é constituído por essa habilidade e pela confiança que esta dá a lugar.

Esse valor é obra dos quadros instructores. Se durante a guerra a infantaria deu provas das bellas qualidades que lhe valeram a victoria, ella o deve aos chefes de todos os postos que a formaram.

A exemplo de seus antecessores, os officiaes e sub-officiaes a quem hoje cabe a delicada tarefa de ministrar, em um prazo minimo, ensinamento muito mais complexo, deverão associar com a elevada consciencia de seus deveres a mais desenvolvida competencia profissional.

Instruindo-o, apprenderão a conhecer o soldado, conhecimento por demais necessário para bem commandal-o e para desenvolver nelle as qualidades moraes sem as quaes uma tropa, mesmo muito bem instruida, não poderia suportar as duras provas da batalha moderna.

Muito embora a guerra evolua em sua forma com os progressos da arte de destruir, ella continua, com effeito, a ser em seu principio lucta de vontades e de corações.

O Regulamento de 1920 soube pôr em relevo com toda nitidez deseável a importancia capital desse factor.

A educação moral, dizia elle, "deverá dominar e vivificar constantemente a instrução militar.

"O amor da patria, principio dessa educação, engendra os mais nobres sentimentos, crea entre os cidadãos fecunda solidariedade e assegura a cohesão e a força de uma nação.

"O patriotismo, despertado na familia, desenvolvido na escola, será exaltado no regimen-

to; os numerosos feitos de armas que ilustraram a ultima campanha serão frequentemente apontados aos recrutas como exemplo.

"A este elevado sentimento do patriotismo, cuja tradição vem se transmittindo intacta ás successivas gerações, deve-se o renome universal que a infantaria francesa adquiriu na historia no decorrer dos seculos.

"Esta fama ainda cresceu durante a guerra e a immensidade dos sacrificios consentidos revestiram-na de incomparavel prestigio.

"A geração da Grande Guerra tudo sacrificou pelo amor da patria.

"As futuras gerações deverão por si mesmas beber nesse exemplo admiravel o culto das elevadas virtudes moraes que, depois de nos ter dado a victoria, constituirão no futuro a mais segura salvaguarda dos destinos do paiz".

Aborda a questão fundamental

"Ha duas grandes queixas contra a nossa actual lei de promoções. A primeira é simples — a lei não sabe *evitar os insufficients*; a segunda, com exigencias maiores, accusa o mecanismo della de *inadaptação ás condições novas do Exercito*.

Ambas se justificam. De facto, nossa lei data de 1891 e as modificações que tem soffrido não lhe alteraram senão em detalhes.

Mas, muito antes de seu mecanismo deitioso, existe, tornando-a imprópria e inutil, alguma cousa menos ponderavel e menos visivel que se affirma a toda a hora e em todo lugar. Essa cousa está na genese da propria lei. Esta nasceu em 1891, e é preciso ir até lá para se entender um pouco dos preconceitos que a fazem de pé 37 annos depois.

A lei de promoções que nos rege é uma consequencia da preponderancia dos aspectos politicos que, então, empolgavam a nação. O idealismo literario, politico e philosophico areassalava todos os espíritos e obumbravam as conveniencias praticas. Por isso os *verdadeiros objectivos de uma lei de promoções* tinham que ser fatalmente esquecidos.

Uma lei de promoções só tem um fim — recrutar officiaes e estes só valem quando concebidos servindo o meio, actuando sobre o meio — evoluindo com o meio.

Toda vez que um homem não traz essas credenciaes, pôde ser um optimo cidadão, um *bonissimo chefe de familia*, mas será sempre *um pessimo official*."

Formações da Infantaria

Pelo 1.º Ten. OCTAVIO PARANHOS

Todas as formações da Infantaria derivam:
— da *linha* (homens collocados uns ao lado dos outros),

— da *columna* (homens collocados uns á retaguarda dos outros).

Antes de 1914 admittiam-se:

— *linha*: formação typica da Infantaria luctando contra o fogo da Infantaria adversa;

— *columna*: formação typica que a Infantaria devia adoptar para escapar aos effeitos destruidores da Artilharia.

A *formação em linha*, em uma ou varias fileiras, é aquella que em todos os tempos tem permittido ao infante fazer o melhor uso das suas *armas individuaes*; depois da adopção das armas de fogo de repetição, as formações em uma fileira a 4 ou 6 passos de intervallo passavam por ser as menos vulneraveis ao fogo da infantaria adversa, tudo permittindo obter-se um fogo sufficiente para conceder o movimento para a frente.

A *formação em columna* de uma ou varias filas, permittia uma marcha mais facil, uma melhor utilisação de todos os caminhos; em terreno descoberto tinha a vantagem de offerecer aos observatorios da Artilharia objectivos de pequena frente.

De outra parte, a guerra do Transwaal e a da Mandchuria demonstraram a impossibilidade de dirigir sobre o fogo grandes unidades de Infantaria e de haver sempre necessidade de fogo para avançar, donde, unidades de Infantaria atirando enquanto que outras avançavam.

Em 1914 a doutrina de combate de Infantaria por pequenos grupos de 6 a 12 homens foi admittida por todas as nações.

ENSINAMENTOS DA GUERRA DE 1914

A arma automatica ligeira, *collectiva*, o F. M., tornou-se desde logo a arma essencial do G. C.

O fogo do fuzil, sem perder o seu valor, é menos indispensavel nas situações ordinarias do combate. Nem sempre é util ter todos os fuzis do G. C. em linha. Uma arma automatica *collectiva*, tão leve como é o nosso F. M., deixado na fileira dos volteadores, dá ao G. C. uma grande potencia de fogos e uma destreza nos movimentos que lhe permite desenvolver-se rapidamente.

O emprego das armas automaticas em flanqueamento e a procura do tiro de enfiada

pelas metralhadoras são de tal natureza que tornam a formação em linha muito vulneravel ao fogo da Infantaria.

A obrigaçao para as unidades de fuzileiros volteadores de deixarem entre si intervallos para o tiro das metralhadoras leves e muitas vezes para melhor utiliar o apoio das suas bases de fogo, a necessidade para a Infantaria de escapa-los aos tiros da Artilharia cada vez mais empregados, por todas estas razões, é então a pequena columna por esquadras, por G. C., marchando regularmente ou um pouco disperso em enxame, que constitue a formação de base unica da Infantaria no combate.

As columnas são conduzidas na testa pelos seus chefes seguidos pelo F. M..

Cada pequena columna é dirigida sobre os ninhos de resistencia, abrigos, grupos inimigos que se apresentam na zona, etc., e só se desenvolvem quando chegam á distancia conveniente para o assalto.

Depois a formação em pequenas columnas é retomada, para continuar a marcha para os outros objectivos.

Graças a esta formação:

1º — As unidades permanecem bem em ordem, commandadas e vigiadas;

2º — Ellas podem, por seus F. M., na testa, durante a progressão, pelo seu desenvolvimento em enxame á distancia de granada, utiliar suas armas com todas suas possibilidades;

3º — A direcção do conjunto e a direcção sobre cada ninho de resistencia pode ser assegurada.

Esta não é a formação unica, porém deve ser sempre que possivel empregada, quando se está protegido por uma mascara possante, onde se procura obter o maximo de cohesão e de commando, facilidades de direcção, rapidez e potencia para o choque.

E' preciso ver as pequenas columnas não como filas rígidas. São pequenas serpentes destrás, fragmentaveis, se unindo ou se separando, as paradas se fazendo muitas vezes nos menores accidentes do solo.

De uma maneira geral, é preciso, todas as vezes que uma mascara (mascara do apoio directo, obscuridade, nevoeiro, etc.) ou um terreno permitta (matto, etc.), tornar o mais frequentemente possivel esta formação em pequenas columnas.

Quando não se tem a mascara ou quando ella desaparece, deixando a Infantaria sob a protecção do seu proprio fogo, em terreno com-

Notas sobre a instrucção no quadro do R. C. (*)

Pelo Major COLLIN (da M. M. F.)

(Continuação)

ANNEXO II

Assumptos: } *Instrucção Individual.*
 } *Instrucção Individual a Cavallo.*
 } *Instrucção Individual a Pé.*

INSTRUÇÃO INDIVIDUAL.

Sendo essa parte da instrucção a base da tropa e o meio mais seguro de realizar-se, em seguida e com mais rapidez, o ensino collectivo, natural e conducentemente a que se prende ao cavalleiro a cavallo ou a pé, é ministrada primeiro individualmente.

Fim — Quando o cavalleiro sabe desempenhar perfeitamente o seu papel no *grupo*, (1) quer a cavallo (*Patrulha ou Posto*), quer a pé (*grupo de combate*), (1) a instrucção individual está completa.

(*) Estas "Notas" já estão reunidas em livro, à venda no D. C. Insistimos, ainda, em publicá-las para divulgá-lhes a utilidade.

(1) Adoptamos os seguintes termos:

Grupo a cavallo — Posto ou Patrulha.

Grupo a pé — Grupo de combate (reduzido ou completo).

Pelotão a cavallo.

Pelotão a pé — Grupo de combate completo e cavalos de mão; e.

Grupo de combate reduzido — Cavalos de mão e esquadras a cavallo.

pletamente descoberto, então é preciso uma certa dispersão dos homens.

As condições de emprego das armas e a visibilidade impõem o desdobramento a adoptar, o lugar de cada um dos homens, sem esquecer de manter a unidade commandada por um chefe para manter sua impulsão.

E' o nosso fogo que fará calar o fogo inimigo. E' o nosso poder de penetração, é a nossa ameaça de destruição approximada que conduzirão a cessação definitiva do seu fogo.

O meio de diminuir a vulnerabilidade de uma tropa que ataca não é unicamente a escolha de tal ou qual formação mais ou menos invisível. O melhor meio é desenvolver diante d'elle um fogo possante: fogo de artilharia, fogo de infantaria, afim de desorganizar os órgãos de fogo inimigos.

Porém, na ultima phase do ataque, isto é, no assalto, a melhor formação é a linha.

Durante o assalto, mesmo a traz dos obuzes das concentrações da Artilharia e das balas dos F. M., mesmo á retaguarda dos Carros de Combate, sob a abobada de balas das metralhadoras, é preciso um grande numero de homens

PROGRAMMA:

A) *Instrucção a cavallo* — Visa: o emprego do homem na patrulha e no posto.

Tem por fins:

— Formar cavalleiros vigorosos e ardentes, confiantes nos seus recursos e habeis no emprego das armas a cavallo;

— Formar vedetas, esclarecedores, batizadores e estafetas e

Comprehende:

1º. — *Uma educação physica e*

2º. — *Uma instrucção technica, compor-tando:*

— Uma instrucção equestre e

— Uma instrucção sobre o emprego das armas a cavallo.

3º. — *Uma instrucção sobre o serviço em campanha*, ligada á instrucção do grupo a cavallo e comprehendendo:

para aproveitar completamente o efecto dos projectis ou dos engenhos, para destroçar o inimigo ainda vivo, que muitas vezes mostra uma resistencia seria.

E' preciso um grande numero de volteadores e granadeiros, muitos não farão nada, mas é o unico meio de se ter uma baioneta ou uma granada lá onde serão necessarias e o mais rapidamente possivel.

E' preciso que estes homens sejam numerosos para dar ao inimigo uma impressão de terror.

Para realizar esta dupla força material e moral, para obter-se o numero de homens necessários, é a formação em linha que é a mais economica em effectivos e a menos vulnerável.

E' então, na direcção do inimigo que é preciso transpôr esta linha terrivel, inabordavel, entre os dois campos inimigos. Sómente a formação em linha é que pode dar ao infante esta impressão de força, esta imagem da vontade de vencer que se procura neste momento.

Conclusão: para o ataque sempre que possível a formação em columna, na phase do assalto a formação em linha.

a) *Uma instrucção preparatoria, que tem por fim ensinar o cavalleiro:*

- a se orientar
- a utilizar o terreno
- a percorrer isoladamente a cavallo, em um dado tempo, uma distancia determinada, com conhecimento das andaduras
- a observar
- a interrogar e se informar e
- a prestar informações;

b) *Uma instrucção propriamente dita, comprehendendo:*

- instrucção do cavalleiro vedeta
- instrucção do cavalleiro explorador
- instrucção do cavalleiro estafeta e
- instrucção do cavalleiro balisador.

A instrucção a cavallo é dada, primeiramente, no picadeiro e o mais cedo possível, no exterior, no terreno de exercícios e, sobretudo, em terreno variado.

A instrucção equestre, a instrucção do serviço em campanha e o adestramento das unidades no combate a pé são conduzidas paralelamente, logo que os cavalleiros estejam em condições de sahir do quartel.

Ha interesse em prolongar as sessões no exterior, com a condição de variar o ensino dado e de poupar os cavallos.

O instructor deve:

— esforçar-se no sentido de que o ensino aos recrutas dos meios elementares de conducta, seja o mais rapido possível, pois dessa maneira, os poria em condições de, prematuramente, frequentarem os exercícios do exterior;

— intercalar em toda sessão de equitação marchas e movimentos em terreno livre, em ordem dispersa ou em pequenas columnas, exercícios de Serviço em campanha ou de combate a pé, com emprego do fogo e, finalmente,

— conduzir, paralelamente, todas essas instruções, esforçando-se pela variedade dos exercícios, afim de evitar a monotonia e o aborrecimento.

No serviço em campanha, o objectivo da instrucção é adestrar os cavalleiros na execução das missões individuaes.

O reconhecimento de uma linha de fogo e a collocação das armas automaticas constituem um dos pontos mais importantes dessa instrucção.

B) *Instrucção a pé* — Visa: o emprego do homem no grupo do combate e dar-lhe os conhecimentos indispensaveis á vida material do soldado;

Tem por fins:

— Formar cavalleiros disciplinados, exigios no tiro, no ataque, na organização e defesa do terreno, e nas missões individuaes a pé e

Comprehende:

1º. — *Uma educação physica, tendo por fim:*

— crear, desenvolver e conservar os meios physicos necessarios ao cavalleiro para desempenhar o seu papel de combatente a cavallo ou a pé.

Por conseguinte, essa educação do cavalleiro abrange exercícios executados a pé e a cavallo, intimamente ligados e proprios para, no fim da instrucção, fazer do cavalleiro:

1º./um combatente a cavallo, flexivel, destro, resistente, ousado e montando bem;

2º./um combatente a pé, approximando-se o mais possivel, por sua resistencia e habilidade no terreno, do infante, qualquer que seja a sua especialidade e

3º./ um explorador de escol, tendo sangue frio e o senso da orientação, com vista e ouvido desenvolvidos.

Para alcançar esse objectivo, é necessario que, durante todo o anno, o cavalleiro execute;

1º.) exercícios em que o cavallo tenha o papel mais saliente, como objectivo e como meio;

2º.) exercícios de treinamento e destreza capazes de crear um combatente physicamente apto para o combate a pé e

3º.) exercícios de selecção e de aperfeiçoamento do explorador de escol.

2º. — *Uma instrucção technica, comprehensiva:*

a) *Emprego das armas:*

— execução dos diferentes movimentos com armas.

Para que esses movimentos sejam executados automaticamente, os cavalleiros são previamente exercitados sem armas; depois com elles e sem commando, finalmente, tambem com elles e com commando —

— estudo e emprego das diferentes armas, dos engenhos, das ferramentas e da mascara e

— exercícios de tiro, orientados no sentido do individual de precisão;

b) *Ensinaimentos diversos:*

— serviço interno e de guarnição —

— nomenclatura e conservação do arreiaamento, fardamento e equipamento —

— cuidado com o cavallo: penso, alimentação e apresentação —

— deveres do soldado, especialmente na parte relativa á disciplina, aos signaes de respeito, etc.; aos pedidos, requerimentos, etc. —

Essa instrucção comprehende:

— palestras moraes.

3º. — *Uma instrucção tendo em vista o combate, ligada á instrucção do grupo.*

Fim — Ensinar o homem a agir individualmente e em proveito da collectividade.

Esta instrucção comprehende:

a) Uma instrucção individual preparatoria, destinada a collocar cada cavalleiro em condições de actuar com precisão e oportunidade.

Ella trata

Do conhecimento e utilização do terreno;
Da execução do tiro no combate e
Da execução das missões individuaes.

Desde o inicio, essa instrucção *dada no quadro do grupo de combate*) é ministrada ao mesmo tempo que a preparação technica do cavalleiro;

b) Exercícios preparatorios e de combate da esquadra e

c) Exercícios preparatorios e de combate do grupo.

Os exercícios de combate da esquadra sucedem aos individuaes propriamente ditos e constituem a transição entre esses ultimos e os de combate do grupo.

Observação sobre a instrucção individual a cavallo, no Serviço em Campanha e sobre a instrucção a pé tendo em vista o combate.

A cavallo — a patrulha e o posto e

A pé — o grupo de combate são as fracções (unidades, onde o cavalleiro exerce normalmente a sua actividade.

Nessas unidades age, seja sob as ordens de um chefe, seja sob a sua propria iniciativa.

Demais, vimos que a instrucção individual do homem só está completa quando elle se acha em condições de desempenhar perfeitamente o seu papel num e n'outro grupo.

Disso resulta:

1º. — A instrucção individual do Serviço em Campanha e a instrucção a pé tendo em vista o combate, devem ser dadas, uma no quadro do grupo a cavallo, outra no quadro do grupo de combate.

2º. — A instrucção individual e a instrucção do grupo (a cavallo ou a pé) devem marchar concomitantemente.

Isso permite desenvolver paralelamente o valor individual e a cohesão.

A instrucção, ainda que dada no grupo, guarda o seu caracter individual si o instructor:

— der ao cavalleiro a liberdade de apreciar por si mesmo, a situação em que se acha o grupo, pedindo-lhe uma decisão;

— fizer com que o cavalleiro comprehenda a razão de ser do que foi executado ou ordenado e

— mostrar materialmente e em todas as ocasiões favoraveis, que o valor technico e a energia do individuo são indispensaveis ao sucesso do grupo, podendo a sua ignorancia e desanimo comprometter o seriamente.

O termo "instrucção individual" deve ser, pois, bem comprehendido.

Para dar uma instrucção verdadeiramente individual seria preciso um instructor para cada recruta, o que não é de todo possivel.

Fica-se, pois, obrigado a trabalhar por grupos, salvo em alguns detalhes: tiro, emprego das armas, lançamento de granadas, etc.

No que concerne ao combate, o trabalho do grupo é obrigatorio pelo motivo capital de que o soldado nunca combate isoladamente.

A lucta, é essencialmente, uma combinação de esforços, dos homens na unidade, das unidades entre si e, emfim, das diferentes armas.

Não se pôde, pois, ensinar a combater senão numa collectividade.

Resumindo:

Individualizar a instrucção não é pensar na proporção entre o numero de instructores e o de alumnos, mas sim, o facto de que cada um desses ultimos seja levado a agir, segundo uma decisão pessoal.

A instrucção individual tendo em vista o combate, dar-se-á perfeitamente no grupo sob a seguinte condição:

— Em vez de fazer o grupo marchar, parar, abrigar-se, abrir ou cessar fogo sob o commando do chefe, o instructor propõe e concretiza um problema simples de combate, devendo cada cavalleiro achar a respectiva solução.

Essa maneira de proceder, obriga a cada m a fazer esforço de reflexão, de vontade e de iniciativa pessoal.

Proceder-se-á do mesmo modo na instrucção individual a cavallo (*Serviço em Campanha*) no grupo a cavallo.

Mas, para isso e para que instructor e alumnos encarem do mesmo modo a situação, é necessário que esta seja perfeitamente clara e por todos comprehendida.

INSTRUÇÃO INDIVIDUAL A CAVALLO

Como já vimos, essa instrucção comporta:

— *Uma educação physica*

— *Uma instrucção technica*

— *Uma instrucção sobre o Serviço em Campanha*

Falemos acerca da *Instrucção sobre o Serviço em Campanha*.

Fim — Preparar o cavalleiro para execução das missões individuaes que se reduzem ás da Vedeta, do Explorador, Estafeta, Balizador, isto é, referentes á observação e á transmissão.

Principios que presidem essa instrucção.

— (Vér tambem *Conselhos aos Instructores da Tropa*)

O metodo é imposto pelo objectivo a atingir, pois formar Vedetas, Exploradores, Estafetas e Balizadores, é especializar cavalleiros.

de deverão agir isoladamente, fóra da fileira em todas as circunstâncias da guerra.

Em consequencia:

— Dar-lhes alguns conhecimentos sobre a incção a desempenhar;
— Desenvolver-lhes, sobretudo, o moral e raciocínio.

Assim sendo:

1º.) A instrucção é dada individualmente pelo metodo demonstrativo;

2º.) Esforçar-se para desenvolver o raciocínio, justificando concretamente tudo o que se insina e, inversamente, exigindo que o cavalleiro justifique tudo o que faz;

— partir sempre do simples para o complexo;

— procurar não se afastar da realidade e, tra isso, teremos encarado como se apresenta o inimigo e situação materializados, fazendo com que o cavalleiro trabalhe os seus reflexos.

3º.) Desenvolver-lhe o moral fazendo-lhe compreender e frisando-lhe a importânciadas missões.

4º.) Esforçar-se por crear *Elites*.

Todos os cavalleiros devem estar preparados para o desempenho das missões individuaes, as nem todos possuem as mesmas aptidões.

Ao Commandante do Pelotão compete seleccionar aquelles que foram particularmente dotados de phisico e de moral, sendo-lhes ministrada, após, uma cuidadosa instrucção, conforme as aptidões de cada um.

Divisão da Instrucção sobre o Serviço em Campanha.

1º. — *Instrucção preparatoria para observação e transmissão.*

Essa instrucção comporta um certo numero de conhecimentos, a saber:

a) *Orientação*

b) *Conhecimentos do terreno*

c) *Conhecimento do cavalo* — (Velocidade, andaduras, condicões materiaes, etc.)

d) *Saber olhar e*

e) *Saber interrogar e informar*

Feito isso:

Exercícios de applicações directas e combinadas desses conhecimentos, á observação e á transmissão.

2º. — *Instrucção propriamente dita.*

Essa instrucção comporta a adaptação desses conhecimentos e o treinamento adquirido nas missões de Vedeta, Explorador, Balizador e stafeta.

(No quadro do Posto e da Patrulha).

Estudemos agora, separadamente, cada uma das partes componentes da Instrucção Individual a Cavalo.

A) *Instrucção preparatoria.*

Conhecimentos:

a) *Orientação*

Essa instrucção é necessaria ao cavalleiro em todas as missões individuaes.

1º.) Estudo dos meios de Orientação (*Vérguidamento*).

2º.) *Aplicação ás questões individuaes.*

Faz-se praticamente quando toda instrucção estiver bem comprehendida, e questões individuaes simples no inicio, gradativamente complicadas serão propostas quer no quartel, quer no exterior e em todas as occasões favoraveis.

Exemplos:

— Colloca o teu cavalo voltado para W., para o S., N/W., S/S/E., etc.

— São 9 horas, onde fica o N.?

— Segue na direcção S/W.

Exercícios semelhantes serão feitos até que os cavalleiros indiquem promptamente e sem se enganar, tal ou qual direcção enunciada.

b) *Conhecimento do terreno:*

— Sob o ponto de vista de sua terminologia, consultar o regulamento. É necessário ser de todos conhecida e rigorosamente applicada para que não haja más interpretações na transmissão das ordens.

— Sob o ponto de vista da ordem de importânciados accidentes, ao effectuar o reconhecimento do terreno. (Particularmente para os futuros graduados).

— Sob o ponto de vista do seu estudo.

Ao estudarmos essa questão torna-se necessário procurar, primeiramente, o que é importante, cuidando depois dos detalhes, se houver tempo.

Damos a seguir alguns exemplos pelos quaes esse metodo foi seguido e que permittirão redigir, de modo seguro, uma informação completa e clara.

Exemplos:

Planicies — Extensão, aldeias (numero e nomes), natureza do terreno, culturas, cursos d'agua, fossos e obstaculos.

Florestas — Extensão, situação, orientação, natureza (sólo e arvores), estradas, clareiras, encruzilhadas, matto ralo, aldeias, alturas e pontos de referencias.

Desfiladeiros — Largura, comprimento, natureza do terreno (visibilidade), alturas dominantes, desembocaduras, meios de fechá-los.

Aguas e sua utilização — Orientação, largura, profundidade, velocidade da corrente, natureza das margens e sua elevação, natureza do fundo e da tropa que pode atravessar.

Pontes — largura, solidez (pedra, ferro, madeira) e comprimento.

Vaus — Largura, profundidade (infantaria 0m,80 — artilharia 0m,65 — cavalaria 1m,30), natureza do fundo do solo.

Recursos em barcos e materiaes nas proximidades (*bosques e ferragens*).

Logares habitados e sua utilização — Importancia e configuração, meios de comunicação, principaes edificios e egrejas.

Acantonamento — Grandes fazendas, etc.

Informações diversas — Intendencia, telegrapho, correio, etc.

Aprovisionamento — Agua e forragens.

Alimentação dos homens.

Transportes — Viaturas e cavallos.

Defesa — Villa, muros, torres, etc.

Vias de comunicações:

Vias de agua — Fluviaes e maritimas.

Estradas — 1º. — *viabilidade*: declive e largura;

2º. — *Margens*: Terrenos atravessados (*natureza*), e obstaculos que a margeiam (*fossos, arvores, arames, cercas vivas, linhas telegraphicais, etc.*);

3º. — *Pontos importantes atravessados*: desfiladeiros, rios, pontes, aldeias e passagens difficeis.

Estradas de ferro — 1º. — *Estudo da via*: largura, numero de vias, aterros, córtes, tuneis, pontes, passagens de nível, etc.

2º. — *Pontos importantes de passagem*.

Estações: Comprimento, numero de plataformas, recursos em locomotivas, wagons de mercadorias, rodas, carvão, agua, telegrapho, agulhas, signaes, etc.

c) *Conhecimento do cavallo*.

Sendo elle a principal *arma* de que dispõe o cavalleiro para o desempenho das suas funções, surge a nobilitante obrigação de tratá-lo, conhecê-lo e, enfim, amá-lo.

Cuidados: Essa instrucção será objecto de lições praticas e numerosas e tambem de observações diárias sobre o seu trato e a sua conservação.

Pontos que devem ser meticulosamente estudados:

— Baias

— Cuidados diarios e periodicos

— Alimentação

— Trabalho

— Cuidados em campanha, insistindo sobre os que devem ser dispensados aos membros e ao dorso e, tambem, sobre a necessidade de dar agua frequentemente.

— Ajustamento e cuidado com o arreio.

Emprego: Embora fazendo parte essa instrucção do ensino equestre, ella surgirá insensivel e naturalmente si todas as regras forem observadas na unidade, si os homens conhecem as andaduras regulamentares e si na occasião em que as faltas forem commettidas o instructor chamar a atenção mostrando as consequencias d'ellas resultantes.

Para que se torne judicioso o emprego do cavallo e não produza resultados maleficos necessarios é que se o faça dentro das seguintes normas:

— Partir e marchar a passo durante um tempo bastante longo.

— Pequenos altos de dez minutos, em cada duas horas de marcha.

— Variar as andaduras respeitando a sua regulamentação.

— Escolher os terrenos planos para as andaduras vivas, visto que elles na subida, trazem esforço para o cavallo e nas descidas, fazem com que seja ferido pelo arreiamento.

— Seguir uma progressão crescente na duração dos tempos de trote e galope.

— Tempos de passo intercallados, segundo a rapidez desejada.

— Procurar terrenos macios para poupar os membros.

Preferir o terreno duro e plano ao pesado e irregular.

— Finalizar a marcha ao passo, pois o cavallo deve regressar do trabalho com a respiração normal e sem estar suado.

— Durante as marchas prolongadas ou rápidas, apeiar frequentemente em terrenos difficeis ou antes da chegada.

Conhecimento das andaduras:

Para o emprego judicioso das diversas andaduras, é mister que todo o cavalleiro conheça os seguintes dados:

Distancias percorridas em um minuto.

Ao passo — 100 metros

Ao trote — 220 metros

Ao galope ordinario — 320 metros.

Ao galope largo — 420 metros

Tempo necessário para percorrer um kilometro:

Ao passo — 10'

Ao trote — 4'33"

Ao galope ordinario — 3'7"

Ao galope largo — 2'23"

Velocidade em função do espaço: Poderá, assim, ser regulada:

1 km. de trote para 2 de passo, isto é, trotando um terço (1/3) do caminho teremos a velocidade de 7,500 metros por hora

Trotando 1/2 do caminho 8.500 metros por hora

Trotando 2/3 do caminho 9.500 metros por hora

Trotando 4/5 do caminho 10.600 metros por hora

Velocidade em função do tempo: Facilmente poderá ser calculada, da maneira que se segue:

10' ao trote.....	2.200
50 ao passo.....	5.000
	—
60'	7.200 metros

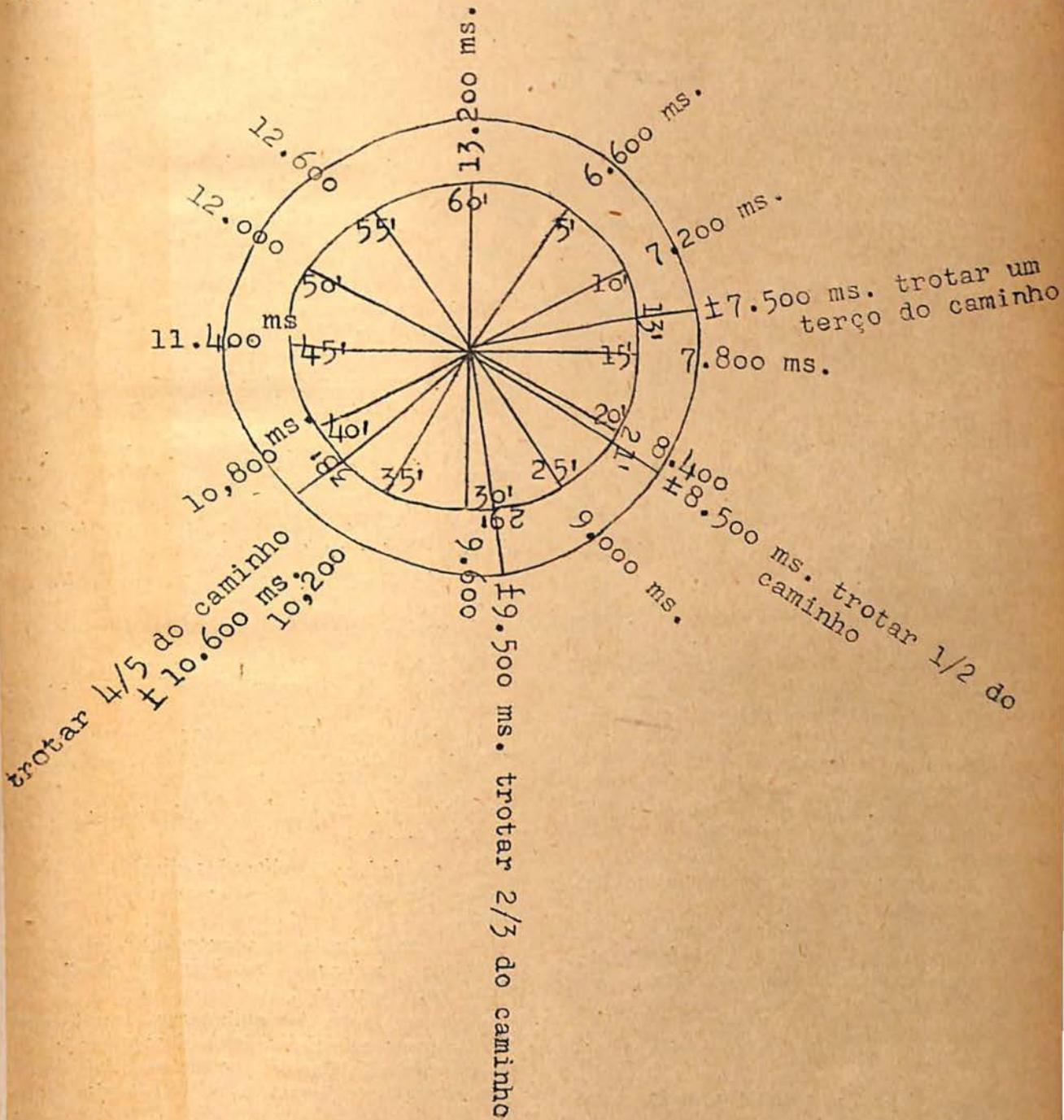
Para facilitar o calculo rapido da velocidade de marcha, o official poderá ter desenhado

d) Saber olhar:

Esta instrucção, como as precedentes, não requer sessão especial; é ministrada em todas as ocasiões favoraveis no decorrer das saídas, no exterior, da instrucção equestre.

O instructor insistirá:

— Na educação da vista — É necessário



do num cartão a seguinte rosacea, por onde poderá calcular a velocidade, em função do tempo e do espaço.

Pelo constante emprego, sob as vistas do instructor, das andaduras regulamentares, os cavaleiros chegarão a conhecer as suas cadências.

muita prática para que tudo o que se passa em um sector dado não escape ás vistas do observador, encarregado de vigial-o.

— Na maneira de olhar:

— Sector de observação, ás vezes vasto

— Observação methodica e por partes

— No que se deve observar de preferencia:

Pontos importantes ou de passagem forçada: saídas das localidades, estradas, passagem de cristas, desembocaduras, etc.

— Aplicação do princípio:

“Para bem observar é necessário parar”

e) *Saber interrogar e informar.*

— *Saber interrogar* — Ver de Brack, “Avant-postes de Cav. légere”.

— *Saber informar* — Mesma fórmula de instrução que a precedente. Os homens devem ser habituados a este exercício.

Fórmula das informações:

Informações de quem?

1º. — *Vi.*

2º. — *Informação indireta (de quem?)*

3º. — *Informação por indícios (indical-os)*

As informações devem responder às seguintes perguntas:

Quando? — Dia — hora — minutos

Onde? — Designação exacta do logar.

Quem?

Força

Arma

— *Unidade — numero*

— *profundidade e formação*

— *duração do escoamento*

Como?

— *Formação*

— *em columna por...*

em columna de...

— *em formação de...*

ou dar informações necessárias à dedução da formação.

Si a columna fôr de diferentes armas, dizer como se sucedem.

— *Estado moral e material (ordem — desordem... fadiga)*

— *Direcção de marcha*

— *Probabilidades, se possível*

Exercícios de aplicação desses conhecimentos à observação e à transmissão.

a) *No que concerne à orientação.*

Os exercícios começam, quando o cavalleiro sabe se orientar parado.

Seu objectivo é assegurar ao homem a possibilidade de seguir a cavalo e, perfeitamente, um itinerario dado pelos pontos cardeaes.

Estes exercícios devem ser graduados — partindo do simples para o difícil.

b) *No que concerne ao conhecimento do terreno:*

Os exercícios de aplicação terão como objectivo:

— Dar ao cavalleiro o senso da utilização do terreno, dos caminhamentos e das cobertas — para marchar e para observar.

Estes exercícios serão feitos em todos os terrenos e no decorrer dos passeios a cavalo.

Ao instructor, compete graduar as dificuldades.

Será conveniente figurar o inimigo, nesses exercícios, por meio de alguns fuzis, pois desse modo as faltas serão notadas com mais facilidade.

— Dar ao cavalleiro o habito da avaliação das distâncias.

1º.) *Marchar numa direcção dada pelos pontos cardeaes.*

— Tomar a direcção e fixar-a por um ponto de referencia afastado.

— Balizar-a por pontos de referencia intermediários.

— Fixar bem a direcção pelos eixos que a enquadram (pontos de referencia visíveis aos lados).

— Durante a marcha, voltar-se, seguidamente, para ver o novo aspecto das causas.

— Chegando ao ponto de referencia, olhar o ponto de partida e só continuar depois de ter precisado a sua direcção. Estes exercícios são executados, no começo, em terrenos faceis, onde a direcção pode ser seguida sem interrupção; depois, em terrenos difíceis e cortados, que obriguem o cavalleiro a abandonar a sua direcção, para contornar um obstáculo, e depois retomar-a (avaliação do desvio para a rectificação).

2º.) *Fazer percursos, cada vez mais difíceis dados pelos pontos cardeaes:*

Propôr direcções sucessivas no mesmo percurso.

Exemplo:

Partir de tal lugar.

Marchar na direcção do sudoeste, até encontrar uma aldeia.

Ao sahir da aldeia, tomar a estrada que segue para E'ste e na 1ª. encruzilhada a que segue para o S., etc.

c) *No que concerne ao conhecimento e emprego do cavalo:*

1º.) *Cuidados: Aplicações diárias.*

2º.) *Emprego do cavalo: andaduras — velocidade.*

— Pratica diária nos exercícios em terreno variado: ensinar o cavalleiro a escolher o terreno para marchar.

— A regulação das andaduras estando confirmada, fazer exercícios individuais, tendo em vista a execução de um percurso num tempo dado (levando em conta a utilização do terreno).

d) *No que concerne ao modo de observar, interrogar e informar... Reportar-se a tudo que a respeito foi dito precedentemente. Fazer exercícios frequentes tendo em vista dar ao cavalleiro o habito de observar e interrogar, assim como, de formular uma informação que seja clara, precisa e completa.*

VALOR DOS QUADROS

"A cellula fundamental de toda organização militar de um paiz reside exclusivamente na excellencia dos quadros. Estes é que alimentam o organismo todo inteiro. Afectados, doentes, imperfeitos, pobres, tudo se reente e não haverá recursos therapeuticos — ejam injecções de cultura profissionl das uissões estrangeiras, sejam os grandes palliavos de reorganisações continuas, sejam outros quaequer recursos — capazes de restabelecerem a saude assim abalada, á defesa militar, sem que provoquem a regeneração da cellula fundamental, isto é, os quadros donde tudo se gera e aos quaeos tudo se prende.

Todo mal reside, portanto, em causa primeira, na imperfeição dos proprios quadros.

Até aqui interesses diversos confessaveis uns, inconfessaveis outros, têm relegado para alendas longinquas, o trato desta questão.

No entanto, o pouco que as circumstanças forçaram a fazer-se produziu já effeito astante para que hoje seja possivel clamar, em écho e apoio quasi unanimes, pela necessidade inconteste e *urgentissima* de uma tal reforma.

Aplicação combinada desses diferentes conhecimentos.

Visando a observação:

Fazer applicações combinadas dos diferentes conhecimentos: do terreno, da orientação, da observação, interrogação e informação — com a intervenção do inimigo.

Visando a transmissão:

Esta applicação comporta exercícios graduados;

Por exemplo:

1º.) Seguir um itinerario em sentido inverso;

2º.) Seguir um itinerario não percorrido, porém indicado com precisão (facil difficult);

3º.) Seguir um itinerario por orientação e informações pedidas aos habitantes;

4º.) Procurar um objectivo movel, numa dada zona ou numa estrada;

5º.) Recomeçar os mesmos exercícios, fazendo, porém, intervir o inimigo, forçando assim, o cavalleiro a utilizar o terreno, a observar marchando a contornar um obstáculo e tomar a sua direcção.

O fracasso de todas as tentativas tem causa mais no modo porque os quadros as receberam e comprehenderam que em deficiencias da propria nacionalidade.

Essa é a verdade que se deve proclamar, como preito de justiça, não só para com a Nação que não tem culpa de não ser esclarecida, como em respeito aos que tomaram as iniciativas com patriotismo, muitas vezes com saber e sempre com coragem e sacrificio, mas deixaram de ser secundados por aquelles a quem competia executar ou fazer executarem-se as medidas.

Não será, pois, demasiado repetir-se que sem quadros capazes de bem conduzirem a nação á batalha e, portanto, capazes de a prepararem para esse acto decisivo, qualquer esforço ficará perdido e todo dispendio inutil.

Revalidar a hierarchia dotando-a de todas as energias necessarias ás suas multiplas missões, energias civicas, energias moraes, energias intellectuaes e energias profissionaes, é incontestavelmente a primeira idéa de uma verdadeira realização nos assumptos que nos ocupam, isto é, na *montagem solida da defesa nacional.*"

B) *Instrucção propriamente dita.*

Adaptação desses conhecimentos e do treinamento adquirido ás missões de Vedeta, Explorador e Estafeta.

Os cavalleiros possuindo, agora, todos os conhecimentos necessarios e o treinamento indispensavel á execução dessas missões, basta applical-os, tendo em vista o fim collimado: formar Vedetas, Exploradores e Estafetas, respeitando, porém, os seguintes principios:

a) — a instrucção é dada no quadro do Posto e da Patrulha.

b) — A instrucção é dada pelo methodo demonstrativo e baseia-se no raciocinio.

O instructor deverá, pois:

— fazer executar, por soldados antigos, diante dos recrutas, alguns exercícios, antes de lhes pedir a execução.

— justificar, minuciosamente, tudo que foi executado.

— collocar o homem em face de situações e incidentes representados. Desenvolver os seus reflexos pela repetição frequente de gestos semelhantes.

Damos a seguir algumas notas que servirão para a instrucção do grupo a cavallo.

Instrucción dos quadros e da tropa na 1.ª D. I.

(N. da R.) — O programma de instrucción que ora divulgamos envolve duas partes:

— Indicação das medidas que devem ser adoptadas para o desenvolvimento uniforme da instrucción numa D. I.

— Thema de conjunto para os exercícios e manobras de quadros na carta (acção simples e thema por correspondencia).

A primeira não exige nenhuma explicação á margem; ella visa apenas condicionar as exigencias do R. I. Q. T. ás condições peculiares á D. I.

A segunda, ao contrario, pede desenvolvimento maior.

Como vemos, a instrucción dos quadros no âmbito do Cmt. da D. I. se fará sob a forma de thema por correspondencia.

Tal processo só vale quando obriga ao trabalho pessoal e permite a verificação da aprendizagem, isto é, quando é estabelecido como meio preparatorio de instrucción mais directa e controlada.

Na 1.ª D. I. é esse o criterio. Dessa forma teremos:

— Um thema de conjunto no qual se criaráo situações de D. I. — de Bda. — de R. I. — de Btl. e G.

— As soluções de cada uma dessas situações serão pedidas ao escalão imediatamente inferior. Assim aos Cmts. de Bda., a solução no âmbito de Cmt. de D. I.; aos Cmts. de R. I. as soluções no âmbito dos Cmts. de Bda.; e assim sucessivamente até se chegar ás situações de Btis. e G. que serão pedidas aos Cmts. de Cias — Bias — etc.

— Estudado dessa maneira o thema, é facil comprehendêr que:

— não só os officiaes ficarão de posse das situações dos escalões superiores, — como pela necessidade de resolver a sua propria parte — ver-se-hão obrigados a trabalho pessoal.

Findo o thema inicia-se (com uma situação analoga ou com a propria situação) o *jogo da guerra*.

A vantagem desse encadeamento salta aos olhos:

— em primeiro logar porque sendo a situação do jogo da guerra analoga a do thema, por correspondencia, todos ahí se acharão perfeitamente orientados e a instrucción poderá ser fixada em pontos mais interessantes, além disso porque é possivel criar situações imprevistas (contra ataques inimigos — reacções pelo fogo, etc.) e dessa forma ajuizar do grau de acuidade dos officiaes nas soluções tomadas.

Em seguida e ainda com a mesma situação de conjunto (aproveitando uma phase estudada no Jogo da Guerra ou um prosseguimento da manobra já desenvolvida) far-se-hão as *manobras de quadros*.

Trata-se aqui de continuar o ensino de tática fazendo intervir o terreno. Dessa forma convém (como se cria uma dificuldade supplementar que é o terreno) ficar tanto quanto possível dentro do quadro tático já estudado afim de que toda a attenção seja dirigida para o estudo do terreno, seu valor sob o ponto de vista da manobra em acção, e sobretudo para que ahí se possa desenvolver e orientar os officiaes na percepção das relações de subordinação que elle impõe a cada escalão de comando.

Por fim terá logar a *manobra com tropa*. Essa será a execução material da manobra de quadros.

Como vimos, a sequencia é perfeita.

a) um estudo pela carta sem a intervenção rapida do inimigo (thema por correspondencia);

b) prosseguimento da manobra na carta mais já fazendo intervir o inimigo (jogo da guerra);

c) adaptação, ao terreno, da manobra estudada por correspondencia e no jogo da guerra (manobra de quadros);

d) por fim execução material dos 3 estudos anteriores — (manobra com tropa).

Tal programma está dentro das possibilidades de cada região; por essa razão achamos interessante divulgá-lo através de nossas páginas.

ANNO DE INSTRUÇÃO 1927-1928

I — Para a instrucción a ser ministrada no corrente anno, não estabeleço propriamente directrizes, por isso que as prescrições do R. I. Q. T. são sufficientes para orientar os cmts. de corpos, não só na organização dos programmes, como também sobre os objectivos que se tem em mira alcançar.

O que pretendo fazer aqui é indicar as medidas que devem ser adoptadas para o desenvolvimento uniforme da instrucción em geral e para obter-se efficiencia de certas partes della, que, segundo as observações de um anno de trabalho e principalmente das falhas evidenciadas na ultima manobra com tropa, exigem alguns reparos.

INSTRUÇÕES DA TROPA

II — A duração do 1º. periodo — cuja instrucção já começada de acordo com o art. 0 do R. S. M., — será contada a partir de 2 de Dezembro.

III — Os respectivos exames terão lugar entro da segunda quinzena de Abril, devendo os planos relativos aos mesmos dar entrada nesse Q. G. no dia 2 do dito mez, afim de que assem pelas modificações decorrentes das possibilidades de comparecimento deste Commando.

IV — A solemnidade do compromisso dos novos conscriptos, realizar-se-á em dia que será fixado ulteriormente e de conformidade com as instruções que serão expedidas com antecedência.

V — A instrucção dos pelotões de candidatos a cabo deverá ter inicio no primeiro dia util da segunda quinzena de Janeiro, e os exames respectivos no primeiro dia util após a terminação dos exames dos recrutas.

VI — O curso de candidatos a sargento deverá começar no dia 14 de Maio, e os exames respectivos na segunda quinzena de Agosto.

VII — O segundo periodo começa no primeiro dia util de Maio; exames respectivos — segunda quinzena de Julho. Planos de exames entrados neste Q. G. até 10 do dito mez de Julho, para os fins do paragrapho III.

VIII — O funcionamento dos cursos de mt. de secção de Art. e de Eng. será oportunamente regulado.

IX — O terceiro periodo começa no primeiro dia util de Agosto, terminando com o inicio da manobra com tropa da Divisão.

INSTRUÇÃO MORAL

X — A instrucção geral, tactica e technique só perdura entre os que a praticam continuamente; perdem-na, entretanto, quasi inteiramente, no fim de algum tempo, os que, depois de a terem praticado no serviço da bandeira, se entregam exclusivamente ás suas ocupações ivis.

Não acontece o mesmo com a instrucção moral e civica, que se extingue com o homem.

Nas crises de luctas moraes, os automatos falham; enfrentam-nas com serenidade e vencem-nas, os que têm consciencia do cumprimento do dever e do patriotismo.

Homens assim são uteis á sociedade e á patria.

Assim deve ser o soldado; assim devem ser os que tenham passado pela caserna.

Recomendo, em consequencia, a leitura do art. 4 do R. I. Q. T.

INSTRUÇÃO DOS QUADROS

A) Dos officiaes:

XI — Sob o ponto de vista profissional ella deve ser encarada com o objectivo de tornar o official apto, não só para commandar a unidade superior que lhe cabe de acordo com o seu posto, como tambem para ser o *instructor* da que commanda.

XII — Além disso todo official deve ter a maior preocupação em constantemente envidar esforços, para aperfeiçoar e aumentar a sua cultura geral.

E' isso obra que depende mais do caracter de cada um, do que da acção dos chefes.

XIII — Quanto, porém, ao aperfeiçoamento da sua instrucção tactica, é mais da competencia dos chefes a que está subordinado o official e pela qual são responsaveis.

XIV — O conhecimento dos regulamentos tacticos de todas as armas (principalmente do da arma do official) e dos outros subsidiarios, é a pedra bazilar desta instrucção.

Importa, no entanto, que sejam proscriptas as sessões de simples leitura e commentarios de artigos de regulamentos, porque tal processo torna o assumpto muito arido, e, consequentemente improductivo o estudo, como tem demonstrado a experencia.

XV — O que está provado é que um exercicio só produz o resultado desejado quando a sua execução é cuidadosamente preparada, de modo que os ensinamentos que se tem em vista proporcionar aos quadros resaltem com toda a clareza, evidenciando-se nitidamente a applicação dos principios e prescripções regulamentares. Só assim os regulamentos ficarão bem comprehendidos e conhecidos a fundo.

XVI — Em principio essa regra deve ser observada, quer se trate de exercicios com pequenos effectivos, quer com grandes; tanto na carta, como no terreno, com ou sem tropa.

XVII — Estabelecido pelo Cmt. do corpo, o programma para esta instrucção, tal como preceitúa o R. I. Q. T., contendo os assumptos que vão ser estudados e o numero de sessões destinadas a cada um, resta aplicar o processo acima, procurando interessar todos os officiaes — (combatentes e dos serviços) — atribuindo funcções de commando a uns e das especialidades a outros, com a necessaria antecedencia, pois que, estes no dia do exercicio, deverão portar-se como verdadeiros consultores technicos.

XVIII — Os exercicios, assim organizados, além da parte propriamente dos combatentes, conterão o funcionamento dos serviços —

(serviço de saude, remuniciamento, reabastecimento, etc.,) sobrelevando pela sua importancia, as questões das ligações e transmissões, observação e informações cujos ensinos devem merecer particular attenção por parte dos responsaveis pela instrucção.

XIX — Taes exercícios devem ser executados pelo menos uma vez por semana, em dias marcados no horario, e quando não se realizem por qualquer motivo, devem os cmts. de corpos participar a este Commando, directamente, ou por intermedio da Bda. conforme o caso.

XX — Mas a responsabilidade dos chefes, no tocante á instrucção dos officiaes, não se restringe — bem entendido — á parte propriamente tactica, mas tambem ás outras partes do conjunto dessa instrucção.

XXI — Como para aquella, é indispensavel para estas, o estabelecimento de programmas com objectivos bem determinados, e para o seu ensino, serão igualmente fixados no horario, os dias das respectivas sessões.

XXII — As conferencias em forma de discursos são de molde a evitar-se, porque geralmente não têm utilidade.

Mesmo as que versem sobre assumtos tecnicos, deverão ser illustradas com exemplos de applicação, os quaes, além de attender ao lado pratico e util, tornarão a conferencia mais attrahente, com a vantagem, ainda de não cançar o auditorio.

XXIII — No titulo II do R. I. Q. T., estão especificados para cada arma os assumtos, que constituem o conjunto da instrucção do official.

XXIV — Nos horarios serão fixados os dias das sessões, em numero de 4, pelo menos, por semana inclusive uma ou duas para a instrucção tactica.

XXV — Os themes por correspondencia serão oportunamente distribuidos, com as respectivas instrucções.

B) — Dos sargentos:

XXVI — Ha imperiosa necessidade de melhorar a instrucção commun (elementos de: portuguez, arithmetic, chorographia do Brasil, historia do Brasil, geographia e desenho; principaes factos da historia militar do Brasil) de um grande numero de sargentos. Convém para isso, seja organizado, em cada corpo, um curso especial sob a direcção de um subalterno, o qual funcionará fóra das horas de instrucção.

XXVII — Recommend particular attenção dos chefes para a instrucção profissional dos sargentos.

Observa-se que ha um grande numero delles (notadamente os promovidos sem concurso), que não possuem o preparo sufficiente ao bom

desempenho de suas funcções. E' uma situação evidentemente prejudicial ao serviço — que se torna quasi sempre tarde e ás vezes imperfeito; — á instrucção da tropa — pois que neste mistér, cabe aos sargentos papel preponderante, e no entanto, muitos delles não possuem os requisitos indispensaveis ao instructor.

ESPECIALISTAS

XXVIII — Devido á sua importancia recommendo a todos os chefes grande empenho na formação de todas as especialidades e no criterio da escolha dos respectivos especialistas.

XXIX — Convém que tal escolha seja feita conforme as aptidões reveladas pelos homens, mediante a observação constante e meticulosa sobre sua intelligencia e capacidade, excluindo-se, em principio, os analphabetos.

RECOMMENDAÇÕES GERAES

XXX — A jornada de instrucção dos soldados terá a duração minima de 5 horas, repartida em dois tempos. Um delles destinado á instrucção physica e á sessão principal, que será realizada em principio, fóra dos quarteis, a qual comprehende os assumtos da instrucção de combate e da instrucção technica de applicação no terreno; o outro tempo abrange os outros assumtos.

XXXI — Ha conveniencia em intercalar pequenos intervallos, geralmente de 5 minutos e raras vezes de 10 m., no maximo, entre os diferentes assumtos tratados numa sessão. Essa diversidade de assumtos, em doses pequenas, torna o ensino mais proveitoso.

XXXII — Não existindo ainda, em muitas unidades, sargentos em numero sufficiente. dotados dos requisitos indispensaveis ao instructor de recrutas, tal ensino deverá ser confiado directamente aos subalternos, dos quaes aquelles servirão de auxiliares.

XXXIII — A instrucção dos soldados e quadros, além da fiscalização dos Cmts. de Bda., será tambem acompanhada por este Commando, secundado, quando julgar necessario, por officiaes do E. M. e dos demais serviços do Q. G.

Durante as minhas visitas a instrucção se rá examinada de acordo com os respectivos programmas.

XXXIV — Os Srs. Cmts. de Bdas. e de corpos não embriegados enviem a este Q. G., até o dia 30 de Dezembro, copias em duas vias de seus programmas de instrucção para o corrente anno, afim de serem apreciadas por este Commando, e enviadas ao Srs. General Inspector do 1º Grupo de Regiões.

Situação de conjunto para os exercícios e manobras de quadros na carta (acção simples e tema por correspondência) no presente anno de instalação.

Cartas — Estado do Rio 1:200.000 ou 500.000.

Trecho da carta do Estado do Rio de Janeiro, com a zona explorada na 1ª. viagem do E. M., em Junho de 1908: 100.000.

Distrito Federal 1:500.000 e as ampliações 1:25.000, 1.20.000 e 1:10.000.

Um Estado de Oeste (vermelho) está em guerra com outro de Leste (azul), desde 24 de Janeiro de 1928.

O limite entre os dois Estados é constituído pelos rios: *Pirahy*, *Parahyba*, *Parahybu-a*, etc

O Estado de O. tomou desde logo a offensiva e avançou com seu Ex. na direcção geral: *Barra do Pirahy* — *Iguassu*, com a intenção de, rechassando a cobertura azul, atacar o vermelho do Ex. inimigo, antes que este se consolidasse na sua instalação defensiva na frente *Bacurubu*, *Iguassu*, *Belfort Roxo*.

A cobertura azul, porém, retardou seriamente a progressão dos vermelhos, praticando importantes destruições na estrada de ferro, de rodagem e caminhos da *Serra do Mar*. O Ex. vermelho viu-se assim na contingência de deslocar suas linhas de comunicação para as estradas e caminhos da *Serra das Araras*, tê que as da *Serra do Mar*, pudessem ser utilizadas.

O Ex. vermelho, no dia 31, procede à reunião dos seus meios para poder retomar a offensiva.

O Cmt. do Ex. azul, activa os preparativos para a contra offensiva projectada.

— *Situação particular, para a manobra na carta por correspondência.*

A 1ª. D. I. está se concentrando nos subúrbios da Capital Federal.

No dia 31 conta com os seguintes elementos:

Tropa e E. M.

Em *Deodoro*:

Q. G. da D. I.

Cia. de Trns.

Cia. de Sap. Min. do 1º. B. E.

E. M. da 1ª. Bda. I.

E. M. da 1ª. Bda. A.

1º. R. I. e E. M.;

Em *Portugal Pequeno*:

Esq. Div. (1º. R. C. D.);

Na *Villa Proletaria*:

2º. R. I. e E. M.

1º. G. A. Mth.;

Em *Honorio Gurgel*:

1º R. A. M. (menos um grupo);

Em *Santa Cruz*:

1º. R. C. D. (3 Esq.) — cobrindo a concentração da D. I.

No *Campo dos Affonsos*:

A Esqd. (aviões medios, tipo divisionário) — posta á disposição pelo Ex.

Serviços:

Cb. A. D.:

Sec. 1ª. — cheia em *Bento Ribeiro*.

Sec. 2 — cheia em *Turyassu*.

Pq. A. D.:

S. M. I. e 1 S. M. A., (completos) em *Honorio Gurgel*.

S. S.:

G. P. D., C. E., 2 Amb.0 e 1 Amb. cg (completos) — escalonados de *Piedade a Cascadura*.

T. G. C. — 1 dia em *Oswaldo Cruz*.

O reabastecimento da D. I., está sendo feito directamente pelas unidades na Est. Dis. de *Deodoro*.

Os demais elementos — tropa e serviços — estarão concentrados até o dia 5 de Fevereiro.

No dia 31, ás 22 horas, o Cmt. da D. I., recebe em seu Q. G. em *Deodoro*, a visita de um oficial de ligação do Q. G. do I. Ex. azul, o qual é portador de varios documentos (informações, instruções, ordens, etc.).

Desses documentos o Cmt. da 1ª. D. I., destacou os dados seguintes:

I — Informações sobre o inimigo.

Do conjunto de informações colhidas até á presente data sabe-se o seguinte:

— Os elementos avançados do Ex. vermelho, entraram hoje em contacto com os do nosso Ex., conservando-se, todavia, em atitude pouco activa.

— Até agora foram identificadas as I e II D. I. e I D. C.

— Trabalhos de organização de uma posição defensiva na frente *Queimados — Palmeiras*, etc.

— Importantes reuniões de tropa na região de *Queimados* e mais ao N., e outra na região de *Belém*, onde chegam tambem numerosos comboios, vindos principalmente de *Pirahy*. Parece que cada uma dessas reuniões, corresponde a uma D. I.

— Importante reunião de tropa de cavalaria com artilharia, na margem N. do *Cor. Piranema*.

— Importante reunião de tropa de infantaria e artilharia em *Rio Claro — S. João Marcos* e outra, de todas as armas, em *Itagoahy*.

— Tropa de cavallaria (3 a 4 Esq.) em marcha, ás 8 horas de hoje, em direcção a N. E., pelos campos ao N. do rio Itagoahy, atravessando o rio Grimaneza.

— Continúa intenso o trafego de trens entre Barra do Pirahy e Pirahy, transportando grande copia de material, inclusive artilharia.

— Desde hontem cessaram os desembarques de tropa em Pirahy. Entre Barra e Rio Claro, continua intenso movimento de trens, transportando material e tropa.

— Columnas de viatura entre Rio Claro e Itagoahy.

II — Intenção d' Ex.

Minha intenção é desencadear a contra ofensiva, dentro de certo prazo, afim de atacar o grupo vermelho, ainda reunido do seu

... para o N. da Serra do Madureira, as 2. e 3. D. I. e um Dest. especial. 1. tinha; e ao S. da Serra, com a

D. I.

III — Missão das G. U.

Sessões da G. U.

Dest. especial.....

2. D. I.....

3. D. I.....

4. D. I..... (Reserva)

1. D. C.....

1. D. I.: Barrar na região de Santa Cruz, entre Sepetiba e Serra do Madureira, os corredores ao N. e ao S. de Santa Cruz, que dão acesso á Capital Federal.

Ulteriormente, agir offensivamente seja na direcção de Itagoahy, seja rebatendo-se para o N., na direcção do rio Guandu', conforme as circunstancias.

IV — Q. G. e P. C.

Q. G. do Exercito, Magé; P. C., Pilar

...

Q. G. 1. D. I. — Deodoro — P. C....

V — Ligações.

Rede telephonica:

...

P. C. Ex. — Q. G. 1. D. I.

VI — Aviação.

Limite:

1. D. I. — Ao Sul da linha — Irajá — Nova Iguassu' (Maxambomba) — Corrego do Piranema — Itagoahy.

(A Esqd. continua á disposição da 1. D. I.)

VII — Serviços.

a) Eixo de communicações:

...

1. D. I. — Previsto: Santa Cruz — Deodoro.

b) Reabastecimento:

...

1. D. I. — Est. Dis. de Deodoro.

c) Remuniciamento:

...

1. D. I. — No centro de entrega e

Deodoro: (1 dia de fogo e fumis a dotação para as Sessões Pq. A. D. que ficarão organizadas até o dia 5 de Fevereiro).

d) Mts. de Engenharia:

e) Oleo e gazolina:

...

1. D. I. — Deodoro.

f) S. S.:

1. D. I. — H. C. Ex.

Animas doentes:

...

1. D. I. — Oswaldo Cruz (por conta d' Ex.).

g) Prisioneiros:

...

1. D. I. — Deodoro.

No decorrer do dia 31, o Cmt. do 1º. R. C. D., mandou as seguintes informações:

A's 6 horas cerca de um Pel. da cavallaria vermelha, tenta atravessar as passagens do rio Itagoahy, a Oeste de Santa Cruz. Não o consegue e mantem-se em contacto.

A's 10 horas, 3 esq. tentam transpôr o Guandu' nas passagens ao N. de Santa Cruz. Não o conseguem até ás 16 horas.

A essa hora, um Btl. I. apoia a acção dos 3 esq. vermelhos e conseguem transpôr o Guandu' nas referidas passagens, repe- lindo a cav. azul.

Situação da cavallaria azul ás 21 horas. (Telephonema de Campo Grande, ás 21 horas e 30 minutos).

Um Esq. em contacto, ao N. e ao S. do M. do Furado;

Tres Pel. tambem em contacto, na região de Paciencia;

Um Pel. no entrocamento da estrada da Pedra com a do Magarço;

Um Esq. (reserva) na região do M. do Papagaio.

Foram feitos prisioneiros do IV. R. C. D. e XI. B. C.

A's 23 horas, o Cmt. do R. C. D. informa por telephone, de Campo Grande, que ás 21 horas tropa de cavallaria inimiga, de um a dois esquadrões, foi detida na região ao N. da cota 12 (Campo do Collegio) pelo Pel. ahi destacado.

A's 0h. 30m, de 1º. de Fevereiro, outro telephonema do Cmt. do R. C. D., de Campo Grande, informa:

1º. — Agente fidedigno, deixado em Santa Cruz, informa que desde ás 20 horas entram na mesma localidade, parecendo vir de Itagoahy, numerosas tropas de I. Ar. (5 a 6 Btis. e 3 a 4 Gr. A.).

problema dos grandes alcances

SOLUÇÕES ALLEMÃS E FRANCESAS

Pelo Capitão PERICLES FERRAZ

Sabem todos, que acompanharam os progressos da guerra europeia, que a evolução do material de artilharia pesada de grande potência foi em busca dos grandes alcances, quer do lado dos alemães, quer do lado dos franceses.

Os alemães excederam a estes nos alcances. Seu canhão de 355m/m atirava a 62 kilómetros e de 380, a 48 kilómetros quando bombardeou Dunquerque. Quando retubaram os 380, usados, para conseguir canhões de 210m/m aproveitaram seu accrescimo de resistencia para aumentar o peso da carga de projecção e obtiveram ve-

locidades iniciais de 1500 a 1600m/s com alcances de 120 a 130 kilómetros. Ao passo que os franceses com o canhão de marinha de 340m/m obtiveram, com a velocidade de 867m/s, o alcance de 33 km, 200; com o de 305m/m, velocidade 795m/s e alcance de 27 km, 400 e com o celebre obus de 520m/m, velocidade inicial de 500m/s e o alcance de 17 kilómetros.

Eis o quadro synoptico comparativo dos materiais franceses e alemães com suas propriedades balisticas principaes:

a) ALEMÃES

<i>Especie de material e calibre</i>	<i>Peso do projectil</i>	<i>Peso da carga de arrebentamento</i>	<i>Velocidade inicial</i>	<i>Alcance</i>
Morteiro 420	930 kilog.	106 ^k de trotyl		14km,200
Canhão 380 (1)	743 (2)	62 ^k de trotyl		48km,000
Canhão 355.				62km,000
Bertha 210 (1)	100 kilog.	10 ^k	1500 a 1600m/s	130km,000

(1) Estes canhões, depois de retubados, constituiram o Berta 210 que atiraram contra Paris.

(2) Foram estes canhões que atiraram contra Dunquerque.

2º. — A's 23 horas o Pel. da bifurcação da cota 12, atacado ao N. e ao S. por fogos de F. M. e Mtr., retirou-se para 1 kilómetro ao N. do signal 161, da Serra da Capoeira Grande. O grosso da cavallaria inimiga prosseguiu em direcção a Pedra. Contacto mantido com seus elementos na bifurcação de cota 12.

Trabalhos a executar.

Sómente para os Snrs. Cmtes. da 1^a. e 2^a. Bda. I. e 1^a. Bda. A.

Decisões tomadas pelo Cmt. da 1^a. D. I., em face dos documentos recebidos do Cmt. do Ex. e das informações fornecidas pelo 1^o. R. C. D.; ordens dadas.

NOTA — a) — Os Cmtes. de Bda., para exercerem o commando da D. I., organizarão um estado-maior constituído do chefe (official superior) e de um official (de preferen-

cia com o curso de estado-maior) em cada uma das secções, com pessoal das suas brigadas.

Data da entrada das soluções neste Q. G. — 15 de Fevereiro.

b) — Os Cmtes. de corpo (Coroneis e Tenentes Coroneis), deverão estudar o presente thema, afim de que, em qualquer momento possam desempenhar uma missão compativel ao seu posto ou ao posto imediatamente superior, que porventura lhes seja atribuida.

Nesse estudo os Cmtes. deverão interessar os officiaes superiores e capitães do corpo. Convenções.

Effectivos — Tropas do quadro de efectivos dos trabalhos da E. E. M.; Serviços — do Vale-Mecum.

Tempo: — Instavel. Campos de Santa Cruz alagados.

Estradas — Em bôas condições.

Os azues têm superioridade aerea.

b) FRANCESES

Espece do material e calibre	Peso do projectil	Peso da carga de arrebentamento	Velocidade inicial	Alcance
Obus Schneider 520mm	1.654k	197k	500m/s	17km,000
" " "	1.370k	300k		18km,000
Canhão de marinha 305mm . . .	348k	30k	795m/s	27km,400
Canhão de marinha 340mm . . .	427k	33k	867m/s	33km,200

c) CONCLUSÃO

ALEMÃES:

Velocidade maxima	Alcance maximo
1.500m/s	130km,000

FRANCESES:

Velocidade maxima	Alcance maximo
867m/s	33km,200

Vejamos agora, a maravilha da casa Krupp, os Bertha 210 e o maximo producto da casa Schneider — o Obus 520.

O CELEBRE OBUS BERTHA 210 C 171,42
QUE BOMBARDEOU PARIS

A industria bellica allemã culminou em seu esforço durante a guerra com a apresentação da maravilha que é o obus 210m/m, producto do retubamento de um canhão de 380m/m, conseguindo alcances de 120 a 130 kilometros. Com esses canhões inquietaram a população da capital francesa.

Os Bertha atiraram sobre Paris de três lugares successivos: o primeiro perto de Crepy, o segundo ao sul de Gugny, o terceiro a oeste de Fére-en-Tardenois. O seu grande alcance era devido, principalmente, além de suas grandes velocidades, à pequena densidade das camadas elevadas da atmosphera que atravessava o projectil durante a maior parte de seu percurso. Essas camadas de ar eram mesmo tornadas mais leves e mais doceis pelo desprendimento de calor que produzia a combustão de uma substancia especial, contida na ogiva do projectil.

Vejamos agora com minucias os diversos recursos de que lançaram mão para conseguir o:

AUGMENTO DOS ALCANCES

1º. — *Com o traçado do projectil*

A necessidade bem depressa reconhecida do augmento do alcance dos canhões orientou naturalmente, em primeiro lugar, as pesquisas para a escolha de uma fórmula de ogiva do projectil, mais apropriada á penetração no ar. O progresso foi bem accentuado e comparando-se a fórmula da ogiva do projectil do 75 modelo 1900 com a ogiva afilada do modelo 1917, bem como suas respectivas propriedades balísticas, vê-se o caminho percorrido e o ganho de alcance realizado. Mas, logo foi-se obrigado a parar nesse caminho porque o alongamento da ogiva balistica do projectil arrisca de trazer para a frente uma massa muito pesada, comprometendo a estabilidade do projectil na trajectoria.

Recorreu-se tambem á modificação nas proximidades do culote, dando-lhe uma fórmula mais conveniente, é a melhoria do projectil pelo traçado. Por muito tempo servio de embarraco sério á solução desse problema o celebre paradoxo d'Alembert segundo o qual "em um fluido qualquer um corpo que se move não deve encontrar resistencia: os filetes fluidos da frente impellidos pelo movel fecham-se atrás e sua reacção compensa exactamente a resistencia do ar". E note-se que Euler deu sua approvação a esse principio.

Só nos ultimos annos foi possivel demonstrar a inverdade dessa proposição.

Julgaram os physicos que a resistencia do ar era devida á viscosidade do fluido; os mathematicos mostraram que mesmo neste caso o paradoxo subsistia; depois appellaram para as descontinuidades produzidas no meio pela onda balistica e que em particular a photographia revela. Esta explicação nada vale, tornaram a provar os mathematicos.

Emfim, as proprias photographias revelavam, no culote do projectil outra especie de descontinuidade, formada pela esteira deixada pelo

projectil em movimento, região em que os turbilhões são estaveis e que formam como que um tubo que acompanha e prolonga muito para trás o projectil em sua marcha.

Ora, é a descontinuidade procurada que é a causa geradora da resistência do ar. Se esses turbilhões não existissem a resistência do ar seria nulla.

Logo, para melhorar balisticamente os projectis procura-se diminuir a ampliação desses turbilhões ou se fôr possível annullá-los.

A esta concepção liga-se a maior parte das pesquisas interessantes feitas para a solução do problema.

Daí a fórmula D, em que o projectil, ao enver de terminar com a fórmula habitual, tem um culote fugitivo, afinando-o até certo limite, além do qual não diminue a resistência do ar e prejudica a precisão do tiro. Em artigo especial tratarrei em particular, a seu tempo, deste curioso phénomeno.

DA MELHORIA DE ALCANCE APENAS COM A MODIFICAÇÃO DO TRAÇADO DO PROJECTIL, QUER ENTRE ALEMAES, QUER ENTRE FRANCESES

DESIGNAÇÃO DOS MATERIAES	ALCANCES MÁXIMOS		AUGMENTO DE ALCANCE
	gr. 1915	gr. 1917	
<i>Materiaes franceses:</i>			
Canhão 75 mod. 1897	8.000	11.000	3.000
Canhão 155 C. Schneider	9.500	11.200	1.700
Canhão 155 L. Schneider	13.400	16.000	2.600
Canhão 155 L. Schneider	13.400	16.000	3.600
Canhão 155 G. P. F.	14.500	16.000	3.500
<i>Materiaes alemães:</i>			
Canhão 77 mod. 1916	9.500	10.700	1.200
Obus leve 105 modelo 1916	8.400	10.000	1.600
Canhão longo de 380 de marinha	42.000	48.000	6.000

O ganho de velocidade com a fórmula D, é de cerca de 1/4.

E' bom notar que o culote do projectil do Bertha era arredondado em forma esférica, ficando com a forma aproximada D, devido à coifa balística.

2º. — COM A COIFA BALÍSTICA

O emprego da coifa balística, (falsa-ogiva), pelo contrario, leve construção metálica que veste a ogiva do projectil, dá ao proble-

ma uma solução favorável e prática. Estudada e empregada pela Artilharia Naval francesa (no canhão de 340m/m), a coifa balística foi muito generalizada pela A. L. V. P.

Foi imitada pelos alemães e, sem que o emprego deste dispositivo seja indicado em todos os casos possíveis e para todos os gêneros de tiro sem exceção, pôde-se dizer que constitue um progresso real e definitivo. Todos os seus pormenores são hoje bem determinados: espessura e resistência das paredes, modo de ligação da coifa balística, processos de fabrico, etc.

Quanto à sua propria forma exterior, observou-se, como o calculo mostra aliás, que além de cerca de 2,5 calibres de comprimento de ogiva, não se ganha quase mais nada em alcance. Por outro lado, o proprio perfil (arco de círculo, cone simples, ogiva teórica de menor resistência, problema que deu lugar desde Newton, a pesquisas matemáticas muito interessantes por numerosos sabios) era, para os comprimentos de ogiva maiores ou iguais a 2c, 5, quase indiferente.

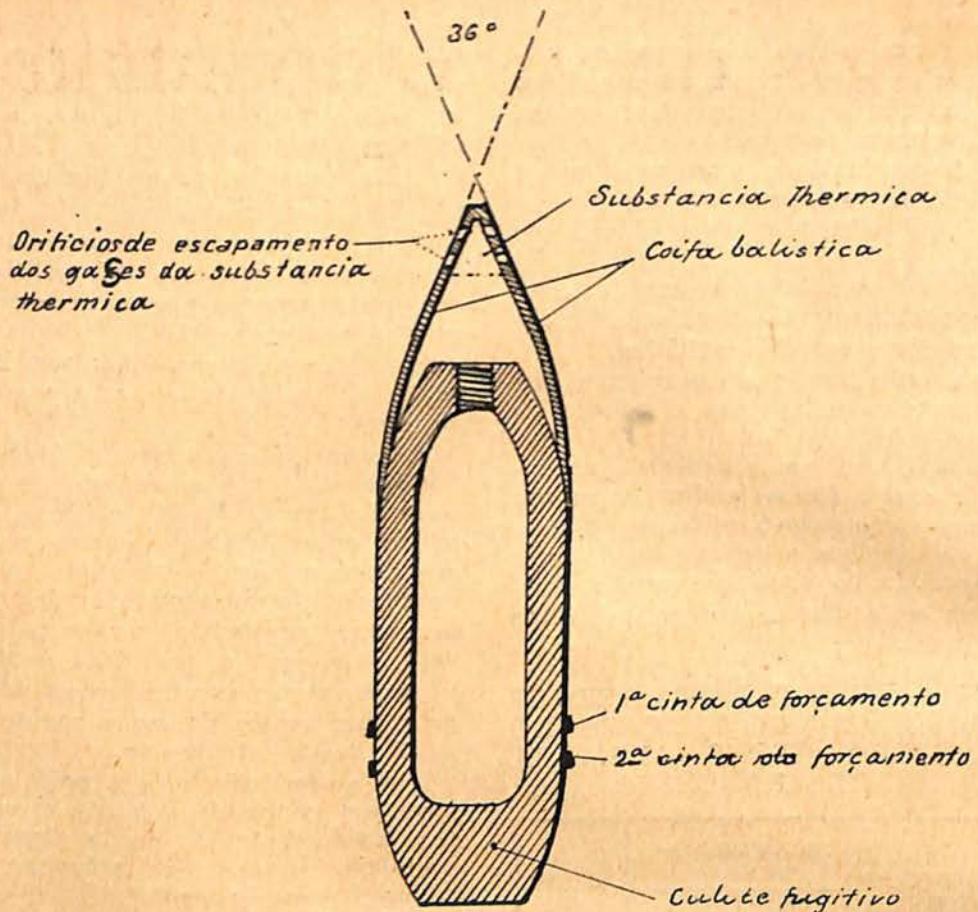
A coifa balística dá, pois, ao artilheiro de terra um ganho de potencia que elle não paga, por assim dizer, de modo algum, nem com o aumento da carga da polvora, nem com uma maior fadiga do material.

Na maior parte dos casos, a coifa balística, poderá sem dúvida conter a espoleta, ao menos as espoletas percutentes, prolongando de um modo perfeito a ogiva do projectil, nas melhores condições para se oppôr à resistência do ar.

3º. — COM AS CAMARAS MULTIPLAS

Sabe-se que um dos recursos de que se lançou mão para aumentar a potencias e os alcances foi o emprego das camaras multiplas. Os Berthas com que os alemães bombardearam Paris, embora não sejam conhecidos em todos os seus pormenores e as informações obtidas de varias fontes não sejam concordes, parecendo que se referem ás diversas fases dos ensaios e tentativas por que passaram sucessivamente a concepção e a realização desta arma de guerra. Ora, segundo certas informações, os alemães para conseguir imprimir a seus projectis velocidades consideráveis, da ordem de 1.500 a 1.600 metros, fizeram uma aplicação interessante e, com bom exito, do sistema de canhões com camaras multiplas.

Segundo o que se sabe, a camara do Bertha era constituída de um estojo central A, que continha a carga principal, e de certo numero de estojos B, collocados em alojamentos anulares em volta do primeiro. Estas camaras lateraes desembocavam por conductos estrangulados

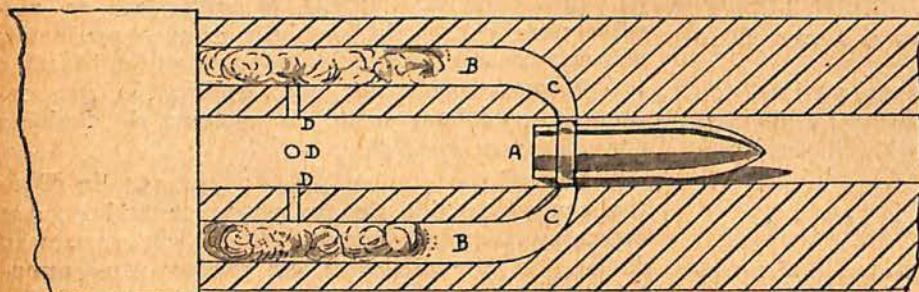


**CORTE DE UMA GRANADA EXPLOSIVA
DO OBUSERO BERTHA**

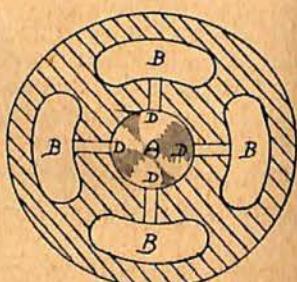
lados em C, quasi á altura da cinta de forcamento do projectil, em sua posição de carga. São estas as camadas multiplas; mas a solução allemã da communicação do fogo era obtida pelo estreito conducto D, que ligava o estojo central a cada um dos estojos lateraes, e que eram colocados na parte interior destes estojos. Assim a inflamação era assegurada de um modo cons-

tante e com retardamento perfeitamente definido, dependente da propria combustão da polvora; por outro lado, estas longas camaras lateraes, desembocando por canaes estrangulados na camara principal, formavam como que tubeiras e a polvora funcionava assim como num turbo-cañão.

(Continúa).



Camaras multiplas



Corte

Petrechos de Acompanhamento

PELO 1º TENENTE AUGUSTO MAGGESSI

... "l'engin d'accompagnement, dont la dernière guerre à surabondamment montré la nécessité, est l'artillerie propre du fantassin, qu'il est assuré de toujours trouver fidèlement à pied d'œuvre pour résoudre à coup sûr, dans le cadre de son combat, les problèmes en face desquels la véritable artillerie, pour une cause ou pour une autre, est impuissante."

COMMANDANT BISWANG.

SUMMARIO:

- I — Ligeira apreciação sobre o "problema do acompanhamento."
- II — Doutrina do emprego tático dos Petrechos de Acompanhamento.
- III — Sua organização actual.
- IV — Sugestões.

I — Muito tem-se escrito sobre as necessidades da Infantaria, nas diversas fases do combate.

E, como o seu meio preponderante de ação é o fogo, procura-se sempre dar-lhe o *maximo de recursos* para, pelo fogo, neutralizar ou destruir os órgãos de resistência do inimigo e permitir o movimento para a frente.

Este fim é em parte alcançado pelo emprego, em seu "íntimo acompanhamento", de todas as armas collectivas.

— Por outro lado, a experiência tem demonstrado e os nossos mestres não cessam de preconizar que, de ordinário, seja na ofensiva, seja na defensiva, a Infantaria deve contar com seus próprios recursos; dahi ser ella dotada organicamente de meios de fogo suficientemente poderosos para que, mesmo sem apoio, possa conduzir a ação, viver em combate.

— Tratando do acompanhamento, podemos citar como órgãos de acompanhamento na I. — além das armas automáticas que representam a potência de fogo por excellencia, — o Canhão de 37 e o Morteiro STOCKES; fóra della, ou postos á sua disposição, os Carros de Combate, os Aviões de I. e as Cias. ou Secs. de A. Mth. 75.

— Antes de deixarmos este item, parecemos, devemos salientar que, não obstante os numerosos meios supra citados, — o problema do acompanhamento — ainda não foi completamente solucionado.

E isto porque (resumamos):

a) as características do Canhão de 37 e do Morteiro STOCKES não permitem que satisfaçam a todas as necessidades da I. no seu limitado quadro de combate.

b) O. C. C. é um meio incerto, exigindo condições de emprego especiais, (terreno, duração de combates) e tendo inimigos inexoráveis (canhão, etc.).

c) A A. Acp. I. (75) não foi feita para isso. (E' o que temos lido no livro do artilheiro).

E' engenho muito vulnerável, pesado, de trajectória tensa, e por isso de difícil desenfiamento.

A menos que não se trate de um terreno excepcional, seu emprego — visando sempre obter a precisão — pode considerar-se falho, em face da probabilidade de ser destruído antes de entrar em posição.

.....

Então, — que é necessário para completa solução do problema?

Dotar a I. de um "Canhão d'Infantaria" e de uma "Mtr. P. antiavião."

Em quanto não surgir o verdadeiro Canhão d'Infantaria, (em estudos na FRANÇA e nos demais países da Europa; — nos E. U. da América do Norte) — que devemos fazer?

Naturalmente, coordenar da forma mais racional o pouco que possuímos e que de antemão sabemos incompleto, para dahi tirarmos o melhor proveito possível; tudo na esperança de uma situação mais prospéra.

E assim sendo, baseado na definição dos Ptrs. Acp., dada pelo Cmt. BISWANG, passamos a expôr o assumpto que nos interessa particularmente.

II — *Doutrina do emprego tático dos Ptrs. Acp.*

Os processos de combate não são immutáveis (R. E. C. I. — Relatório ao Sr. Ministro da Guerra); e, dentre os factores materiais que determinam sua evolução, figura o armamento.

Não é pois de admirar que os processos actuais de combate levando em conta as possibilidades dos petrechos de acompanhamento, procurem tirar destes a melhor utilização nas diversas circunstâncias da luta quando seu emprego é indicado.

A doutrina do emprego dos petrechos é, antes de tudo uma doutrina de fogo; os Ptrs., como as Mtrs., constituem reforço de fogo do Btl; e actuam em seu proveito, concorrendo assim para realização do princípio da *superioridade do fogo*.

E, como o Cmt. de Btl. comanda elementos heterogeneos (Cias., Mtrs., Ptrs. Acp. e eventualmente Secs. de C. C. e de A. Mth.) que se supponem em uma mesma zona de acção, a doutrina de emprego dos Ptrs. Acp. acha-se tambem no ambito da doutrina de combate do Btl.

Emprego tactico do Canhão de 37. W

E' um petrecho de tiro tenso apto a destruir os objectos desenfiados; apresenta, entretanto, o inconveniente de ser muito visivel e portanto muito vulneravel, o que limita suas possibilidades de emprego:

a) Na offensiva — Só se revelando no momento de cumprir a missão pôde neutralizar ou destruir qualquer Mtr. que procure impedir a partida do ataque. Deve porém, mudar de posição apôs alguns tiros, porque a chamma e a fumaça produzidas, tornam-no facilmente assinalavel.

b) No decurso da progressão — Seu emprego é analogo, desde que o remuniciamento seja assegurado.

c) Na defensiva — Bem remuniciado e protegido, poderá destruir ou neutralizar as Mtrs. e observatorios inimigos (mudando algumas vezes de posição.)

d- Durante o ataque inimigo — Age contra as Mtrs. e Ptrs. visiveis. Neste caso, mudar frequentemente de posição.

Emprego tactico do Morteiro STOCKES.

Petrecho de emprego collectivo, é destinado a agir sobretudo na defensiva, em face das dificuldades de seu remuniciamento.

O tiro curvo, sua característica principal, permite bater os orgãos de fogo em locaes desenfiados. A rapidez do tiro e o raio de acção dos estilhaços do projectil permitem executar tiros de barragem e inquietações com grande velocidade; mas seu remuniciamento, repetimos, é muito difícil e reduzido.

III — Organização actual dos Ptrs. Acp.

Si a doutrina se baseia nas possibilidades do armamento, a organização, por sua vez, deve assegurar á doutrina o rendimento maximo, não só quanto ás regras de emprego admittidas, mas tambem tirando o maior partido possivel das propriedades dos Ptrs.

E' o que vemos abaixo: um petrecho de trajectoria accentuadamente curva e mais apto ao tiro sobre zona.

NOTA — A ligação a que nos referimos acima, entre dois petrechos cujas qualidades balísticas e possibilidades são bem diferentes, não acarreta a obrigaçao de pô-los sob um mesmo commando, o que é impossivel, como justificaremos adeante; apenas ella se refere ao facto de um petrecho suprir o outro; isto é, bater o inimigo numa parte do terreno que es-
capa ás possibilidades desse.

— Normalmente, a reunião de um canhão

de 37 e um morteiro STOCKES (mais um morteiro STOCKES de reserva), constitue a Sec. Pts. Acp. affecta organicamente a cada Btl. de I.

“Esses petrechos de acompanhamento agrupados no regimento para a instrucção, ficam, em principio, para o combate, á disposição dos Cmts. de Batalhão, pelo menos dos Batalhões que estão em combate (R. E. C. I. — Relatorio ao Exmo. Sr. Ministro da Guerra.

— Nos nossos R. I. que actualmente dispõem apenas de uma Sec. Pts. Acp., a instrucção da Sec. está a cargo do respectivo Cmt. e esta faz parte integrante da Cia. Mtr. P.

Composição da Sec. Pts. Acp. (ainda não regulamentada entre nós).

Um Aspirante ou 2º Tenente Cmt. (dispondo de um soldado agente de transmissão); um cabo de escalão.

a) Pessoal do canhão de 37:

1 sargento, chefe de peça.

2 serventes (1 soldado atirador e 1 soldado carregador).

2 soldados municiadores.

1 soldado remuniciador (soldado do armão).

1 soldado conductor, para o armão a 1 cavalo transportando o canhão e um primeiro remuniciamento.

b) Pessoal do morteiro STOCKES:

1 cabo, chefe de peça,

2 serventes (1 soldado atirador e 1 soldado carregador),

1 soldado artifice,

1 soldado municiador.

2 soldados remuniciadores, (soldados da viatura ou dos cagueiros).

2 soldados conductores, para duas viaturas a 1 cavalo, transportando a primeira o morteiro e um primeiro remuniciamento, a outra o restante desse primeiro remuniciamento;

No T. C., um conductor da viatura de viveres e bagagens a 2 cavalos da Sec., viatura que transporta um morteiro de reserva, as mochilas do pessoal, accessórios e um remuniciamento para o 37 e o STOCKES.

Resumo:

Official 1.

Sargento 1.

Cabos 2, e 19 praças.

Soldados 16.

Solipedes 5.

Viaturas 4.

III — Suggestões:

1º Somos de opinião que as tres secções de petrechos de acompanhamento do Regimento, em vez de fazer parte integrante dos Btis., deveriam reunir-se á Cia. Extranumeraria ou mesmo formar uma sub-unidade á parte, sob a denominação de Pelotão de Petrechos de Acompanhamento ou Agrupamento de Petrechos de

A. DEFESA NACIONAL

1.º — ORGANIZAÇÃO NORMAL PROPOSTA PARA O PEL. OU AG. DE PTR. ACP.

ELEMENTOS	PESSOAL				ANIMAES E VIATURAS			OBSERVAÇÕES
	Officiais	Aspte. ou Sgt. Aj.	Sargentos	Cabos	Soldados	Cavallos	Viaturas a 1 cavallo	Viaturas a 2 cavallos
ou 2º Ten. Especialista	1				1			
o do Pel. ou Ag. Ptr. Acp.					3	6	3(a)	
ente de transmissão								
ductores e viaturas (F. C.)								
o do escalão (b)								
mirante ou Sgt. Ajte.		1						
o da Sec. ou G. do 37			1(c)		3			
entes de transmissão								
os do escalão								
1ª Peça de 37:								
efe de peça			1					
rador					1			
regador					1			
iniciadores					3			
municiaador					1			
nductor					1	1	1(d)	
as peças eguaes			2		14	2	2(d)	
tal da Sec. ou G. do 37	1	3	1(c)	24	3	3	3(d)	
mirante ou Sgt. Ajte.		1						
o da Sec. ou G. de Stockes			1(c)		3			
entes de transmissão								
o do escalão.								
1ª Peça de Stockes:								
efe de peça				1				
rador					1			
regador					1			
tifice.					1			
iniciadores					2			
municiaadores					2			
nductores.					2	2	2(e)	
as peças eguaes			2		18	4	4(e)	
tal da Sec. ou G. do Stockes	1		4	30	6	6	6(e)	
tal do Pel. ou Ag. Ph. Acp.	1	2	3	6	58	15	9	3

companhamento, e tendo como commandante 1º ou 2º Tenente especialista.

Os petrechos ficariam assim exclusivamente nos órgãos do Coronel do R. I., sem estorvar, de modo algum, o pleno curso da doutrina de I.

Ao contrario, a organização regimental da I., na occasião precisa, uma força notoria á doutrina de fogo ou melhor, á doutrina de I., que se encontraria mesmo melhorada por o Cel. a possibilidade de, por uma dosagem propriada ás necessidades, affectar aos Btl.

de 1º escalão um numero de petrechos superior áquelle de que podem dispôr na actual organização.

2º. — (Complemento da 1º.) — Como duas armas cujas possibilidades e alcances são diferentes, que se obrigam a entrar em bateria em lugares e contra objectivos tambem diferentes, não podem estar, de forma alguma, sob a direcção de um mesmo Cmt. de Sec., a organização acima sugerida ainda se justifica, mas sob a condição de se adoptar a homogeneidade nos elementos, isto é, obter-se a possibilidade de

A DEFESA NACIONAL

2. — ORGANIZAÇÃO NORMAL PROPOSTA PARA O PEL. CU AG PTR. ACP. "TYPO MONTANHA"

ELEMENTOS	PESSOAL				ANIMAES E VIATURAS			OBSERVAÇÕES
	Oficiaes	Aspte. ou Sgt. Ajte.	Sargentos	Cabos	Soldados	Cavallos	Cargueiros	
1º ou 2º Ten. Especialista . . .	1							
Cmt. do Pel. ou Ag. Ptr. Acp.								
Agente de transmissão . . .					1			
Reserva de munições (T. C.) e conductor					1	2	1(a)	
Aspirante ou Sgt. Ajte . . .	1							
Cmt. da Sec. ou G. do 37 . . .								
Agentes de transmissão . . .					3			
Cabo do escalão de cargueiros			1(b)					
1ª Peça de 37:								
Chefe de peça		1						
Atirador					1			
Carregador					1			
Muniçadores					2			
Remuniçador					1			
Conductores de cargueiros . . .					3	3(c)		
Duas peças eguaes		2		16		6(c)		
Total da Sec. ou G. do 37 . . .	1	3	1(b)	27		9(c)		
Aspirante ou Sgt. Ajte . . .		1						
Cmt. da Sec. ou G. do Stockes								
Agentes de transmissão . . .					3			
Cabo do escalão de cargueiros			1(b)					
1ª Peça de Stockes:								
Chefe de peça				1				
Atirador					1			
Carregador					1			
Artifice.					1			
Muniçador					1			
Remuniçadores					2			
Conductores					4	4(d)		
Duas peças eguaes		1		2	20	8(d)		
Total da Sec. ou G. de Stockes	1	1	3	4	33	12(d)		
Total do Pel. ou Ag. Ptr. Acp.	1	2	3	5	62	2	21	1

concentração dos STOCKES (emprego de utilidade comprovada, e o emprego independente dos canhões de 37).

Então, o nosso Pel. ou Ag. de Ptr. Acp. de regimento, comportaria apenas duas Secções ou dois Grupos (questão de denominação), o que simplificaria o caso actual. (das tres Secções).

Na 1ª Sec. ou 1º G. seriam reunidos os 3 canhões de 37 e na 2ª. Sec. ou 2º. G. os 3 morteiros STOCKES (mais 3 morteiros de reserva).

Cmt. de Sec. ou G., afim de permittir que

O pessoal servindo a cada um dos canhões ou dos morteiros, chamar-se-ia: "guarnição da peça" e comportaria um muniçador a mais para que junto á posição de bateria fosse aumentado o numero de projectis (o que se não verifica presentemente: apenas 64 tiros para 37 e 24 para o STOCKES); cada Sec. ou G. se decomporia assim em tres peças: — 1ª, 2ª. e 3ª. peças de 37 e 1ª., 2ª. e 3ª. peças de STOCKES.

— O pessoal destinado ás transmissões de ordens seria assim descriminado:

— 3 agentes de transmissão para cada

A questão das promoções

Quem se dê ao trabalho de consultar tanto se escreve e se diz nos círculos militares de terra, verifica, logo ao primeiro exame, que a questão das promoções representa eixo de todos os comentários. Há os radicais que pretendem a completa reforma da actual e os progressistas que se contentam com, apenas, fazer-se alguns reparos no texto já obsoleto que regula o assunto.

Uns e outros têm razão. Os primeiros se justificam deante a invariabilidade da lei durante já 37 anos de vigência, embora profundas e sucessivas reformas tenham modificado completamente a contestura e os hábitos do Exército. Só uma revisão completa da lei de promoções seria capaz de pô-la em dia com as necessidades do novo Exército que estes últimos decennios se tem processado. Os segundos, attendendo aos pieguismos do meio, talvez, mais práticos, acham que seria necessário attender um pouco às contingências e atingir o objectivo dos primeiros, mas por etapas.

De um modo como de outro, a questão fica de pé, quer dizer, não é mais possível

estes tivessem sempre acção sobre suas três peças, caso delas tivessem separados fosse pela missão, fosse pelo terreno ou "entrada" em bateria";

— 1 agente de transmissão (que já existe) do Cmt. do Pel. ou Ag., para que este pudesse comunicar-se com seu T. C. ou com a Sec. ou G. que lhe escapasse.

Cada Sec. ou G. disporia de um "cabo d'escalão", encarregado do remuniciamento e commandante do escalão de viaturas.

As três viaturas de viveres e bagagens do Pel. ou Ag., formando seu T. C., seriam também commandadas por um cabo.

— A utilidade desta organização seria de permitir as mais variadas combinações de agrupamento e de repartição, dentro do quadro das situações.

Por este meio, o Cel. poderia atribuir a cada Btl., um canhão de 37; mas também, se um dos Btis. tivesse (tal fosse a situação) dificuldades particulares a vencer, poderia o Cel. dar-lhe 2 ou mesmo os 3 canhões de 37; finalmente destinaria o G. dos três morteiros ao

continuarmos recrutando oficiais para o exército novo, pelos processos antiquados, os mesmos que regiam o acesso nos tempos da milícia que era o Exército de uns quarenta anos atrás.

* * *

No momento actual, a questão das promoções atinge o seu máximo de gravidade e preocupa como nunca quantos se interessam pela consolidação de todos os esforços despendidos para a efficiência de nossa organização militar.

E' que a chamada "lei da reforma", que todos esperam seja promulgada mui proximamente e que vem abrindo claro importante de oficiais superiores em todas as armas (principalmente coroneis e tenentes-coroneis), não encontrou a seu favor dispositivos de acesso capazes de assegurar o aproveitamento máximo destes claros.

Como se vê, essas são razões bastantes para justificar o anseio que se regista em todos os círculos militares por providências que não tardem mais em proveito dos métodos e processos de seleção nas promoções.

Btl. cuja zona de ação apresentasse maior número de angulos mortos. Este G. de morteiros estaria, então, frequentemente, sob as ordens directas do 1º. ou 2º. Ten. Cmt. do Pel. ou Ag. de Ptr. Acp., e actuaria em geral por "concentração de fogos". Quanto aos canhões de 37, o Cmt. da Sec. ou do G. estaria sempre na direção do maior agrupamento (no mínimo 2 canhões).

Para concluir, propomos duas organizações para o Pel. ou Ag. de Ptr. Acp, segundo os quadros insercidos no texto:

— a 1º., para o caso geral (terreno variado, movimentado e plano);
— a 2º., para o caso particular: terreno montanhoso.

"As promoções devem exprimir sempre o resultado de verdadeira depuração entre as capacidades de cada posto, visando a efficiência dos quadros do posto imediato e a do alto commando."

Graduação de espoletas

EVENTO — CORRECTOR — DISTANCIA-REGULADORA

Pelo Capitão BINA MACHADO

Assumpto simples, tão facil que jámais provocou debates, encerra, contudo, innumerias subtilezas, que, aos que o tratam superficialmente, passam despercebidas e ficam ignoradas.

No intuito de esclarecer aos que começam o seu estudo, organizei estas notas. Si suscitem outros esclarecimentos e, quiçá, controversias, darei por muito bem empregado o tel-as organizado.

A graduação das espoletas de tempo e de duplo-efeito, para um tiro em que se deseja o arrebentamento do projectil antes de seu encontro com o sólo, é assumpto intimamente ligado e de dependencia exclusiva dos caracteristicos de construcção dos materiaes que se empregam, seus projectis, espoletas e seus graduadores automaticos.

Em se tratando do material Krupp, de que dispõe o Exercito Brasileiro, e por ser bem conhecida a questão, ella se nos apresenta tão simples; no entanto, esta simplicidade existe tambem para os materiaes franceses, de que está sendo dotado o Exercito, e sómente á nenhuma familiaridade que com elles temos, devemos atribuir a idéa que fazemos da complexidade da questão.

Com o nosso material, para um tiro que se executa a 3.000 metros de distancia e procurando-se um arrebentamento de *altura typo*, tomam-se os seguintes elementos:

ALCANCE CÂNHAO E SPOLETA

Alça. ou corrector	distancia-reguladora.
ang. de tiro	

3.000	3.000	12	3.000
-------	-------	----	-------

Entrando com estes elementos (dist-reguladora: 3.000 e corrector 12) no graduador automatico, a graduação resultante será 3.000, pois que o corrector 12 (chamado normal) não altera o numero 3.000 tomado como distancia reguladora; — baseados nisso, e si graduassemos a espoleta á mão, levaríamos a divisão 3.000 (30) do disco movel á frente do traço de referencia.

Si as condições em que realizarmos o nosso tiro forem identicas ás da confecção das tabellas, devemos ter um arrebentamento á altura desejada, isto é: á *altura typo*, pois que nestas condições foi construida a nossa espoleta, devendo normalmente produzir tal resultado. (1).

(1) Assim fazemos ainda, de acordo com os nossos antigos regulamentos de tiro e exercícios, embora isso não seja exacto senão para a distancia de 3.500 metros, unica em cuja trajectoria dar-se-á precisamente um arrebentamento á

No material Schneider, calibre 75m/m, de montanha, modelo 1919, já em uso entre nós, o regulador de espoletas é graduado em millesimos da alça, de modo que o numero mandado para a alça é o mesmo a marcar no regulador para se ter um arrebentamento á altura *typo* de 4 millesimos. W

O regulador tem um *Corrector* graduado de tal maneira que, normalmente, uma divisão sua faça variar praticamente de um millesimo a altura de arrebentamento.

A escala do corrector vai de 20 a 80.

Para o material de campanha, de calibre 75, o principio é ainda o mesmo. Para bem conhecermos, entretanto, o assumpto, estudaremos sumariamente as suas espoletas, o regulador automatico e a sua tabella de tiro, o que nos levará a um estudo completo e pratico da questão.

ESPOLETAS

A figura numero 1 representa um tipo de espoletas de duplo efeito. As diferenças existentes entre este modelo e as outras espoletas de duplo efeito ou de simples funcionamento em tempo, não alteram as considerações que faremos sobre este tipo; ao invés, essas considerações applicam-se integralmente a todas as espoletas cujo funcionamento é baseado no mesmo principio da que descrevemos.

E' ella uma espoleta tronconica, tendo em seu exterior, enrolado em espiral, um tubo de altura *typo*, com os elementos: dist-reg. 3.500 e corrector 12.

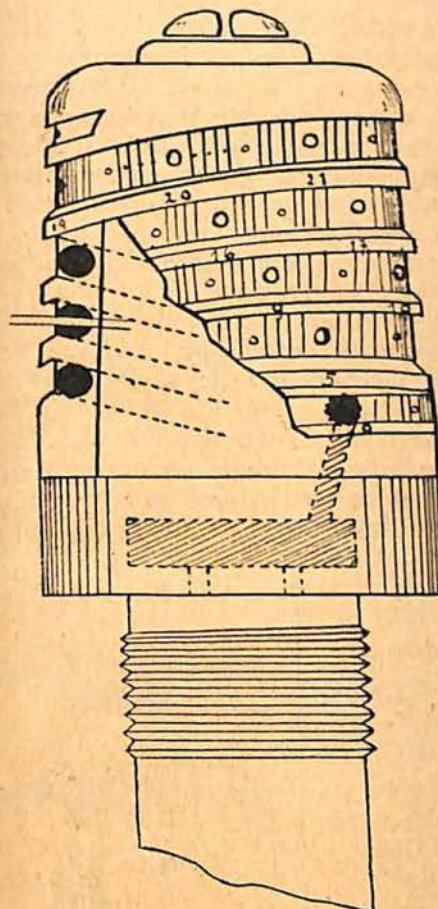
Para qualquer outra distancia, o corrector 12, com uma distancia reguladora igual ao numero da alça, não assegura mais o arrebentamento á altura *typo*.

O que adante vai dito para o material francês esclarece completamente este assumpto e mostra a necessidade da substituição das nossas antiquadas e incompletas tabellas de tiro por outras mais completas, postas em dia com os modernos processos de preparação e execução do tiro de artilharia.

Estou informado de que o 1º Tenente Fernando Fonseca de Araujo, occupa-se actualmente com a questão e está organizando uma tabella de eventos para as nossas espoletas.

Assumpto tão importante e tratado por mão de mestre, precisa ser dado o quanto antes à publicidade.

estanho contendo uma substancia combustivel. graduada em duração de queima, (segundos decimos de segundo) de baixo para cima. Uma das extremidades do tubo communica, por dentro da espoleta, com a sua escorva de polvo negra, a qual inflammada pela combustão do mixto leva sua chamma ao canal central do shrapnell ou ao detonador da granada, fazendo-os



funcionar; a outra extremidade é rebatida na parte superior do corpo da espoleta.

Si com uma ponta qualquer furarmos a espoleta em um ponto, 14, por exemplo, deixamos o mixto do tubo á mostra, e si o projectil for lançado, funcionando o dispositivo de tempo, a chamma do fulminato, procurando sahir pelo furo, feito, inflammá o mixto, iniciando-se então a queima deste — para baixo, até a escorva; para cima sem aproveitamento, até a outra extremidade.

E' claro que o comprimento do tubo a queimar é maior quando se fura a espoleta em 20 do que em 15, em 13 ou em 7.

Sendo a sua graduação em segundos de tempo, a um comprimento determinado por um furo em 20, em 17 ou em 15,5, correspondem durações de queima de 20, 17 ou 15,5 segundos.

A esses furos chamam-se *eventos*; as graduações ou os numeros que lhes correspondem cha-

mam-se tambem *eventos*. Assim diz-se: evento 20, evento 15,5 etc.

Essas durações de 20, 17, 15,5 segundos, correspondem (nas condições de temperatura e pressão das tabellas) á velocidade de queima do mixto, *para uma determinada velocidade inicial*.

Fazendo sistema com o projectil com que é atirada, a espoleta participa integralmente de seu movimento (velocidade, duração de trajecto,...); si a velocidade do projectil é diferente daquella para a qual foi construida a espoleta, a velocidade de queima do mixto se modifica (para mais ou para menos) e, em consequencia, aquelles numeros 20, 17, etc. não representam mais o tempo de queima gasto de facto pela combustão do mixto.

Vê-se nas tabellas de tiro (o nosso "Manual dos Cmts. de Bateria) que a espoleta de 24/31, atirada com granada de aço, carga normal (velocidade inicial de 550 ms.) tem, para eventos de altura nulla, os mesmos numeros que os da duração de trajecto do projectil; isto quer dizer que, no fim de 12,2 segundos, por exemplo, de permanencia do projectil no ar, foi consumido um comprimento de tubo durante 12,2 segundos de queima e obtido um arrebentamento á altura nulla.

Conservando o mesmo projectil e diminuindo a sua velocidade inicial, elle precisará um tempo maior para attingir a mesma distância; não se pôde, pois, dar o mesmo evento á espoleta para obter o arrebentamento no mesmo ponto.

Então, a uma variação de velocidade inicial correspondeu, no caso acima, um aumento de duração de trajecto, para o mesmo alcance; si quizermos obter um arrebentamento no mesmo ponto anterior, temos que dar um maior evento á espoleta, um maior comprimento de tubo a queimar, correspondente a um aumento do tempo de queima realmente gasto.

E' o que se vê dos seguintes dados, tomados em nossa tabella, atirando-se com a espoleta de 24/31, de 24 segundos de queima:

Granada de aço, carga normal, Velocidade inicial 550ms.

Alcance	Duração de trajecto	Evento altura nulla
5.000	16,7	16,7

Mesmo projectil, carga reduzida. Velocidade inicial 344ms.

Alcance	Duração de trajecto	Evento altura nulla
5.000	21,3	22,0

O exame dos dados acima nos indica que:
1º. — com a diminuição da velocidade ini-

cial de 550 para 344 ms. houve um aumento de duração de trajecto;

2º. o evento para o arrebentamento a altura nulla foi tambem aumentado, passando de 16,7 para 22;

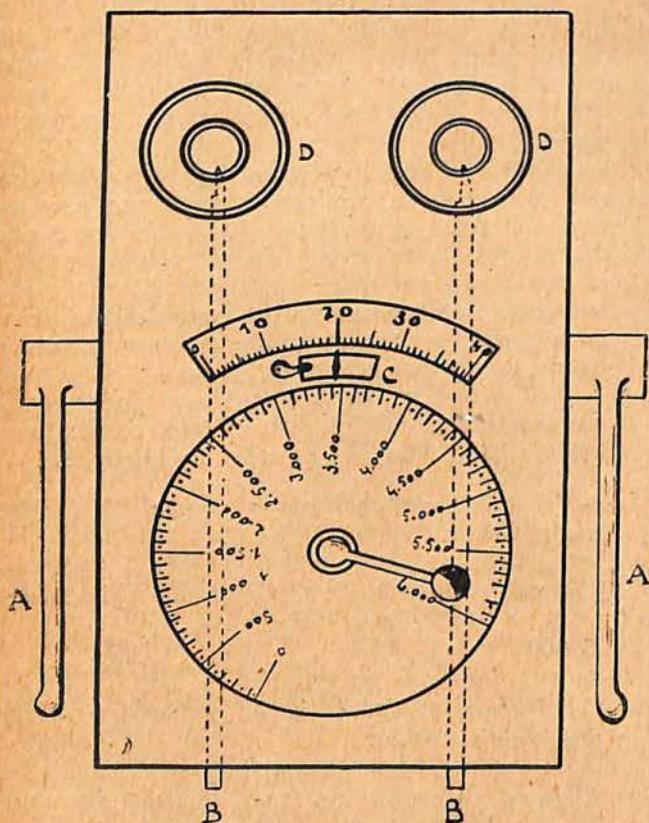
3º. — tendo variado a velocidade do projectil para a qual eram verdadeiros os segundos de duração de queima, não persiste mais a igualdade entre esta e a duração de trajecto; — foi necessário dar um comprimento de tubo correspondente ao evento 22, para ser queimado em 21,3 segundos exactamente. E' que foi aumentada a velocidade de queima do mixto, com a variação de velocidade inicial

Como esclarecimento final, convém lembrar que a duração de queima se reduz, na apreciação do phenomeno em si, a velocidade de combustão do mixto fuzivel, a qual é função não só da velocidade inicial do projectil, mas ainda do seu movimento de rotação e de sua fórmia exterior

Independentemente do projectil, a velocidade de combustão é função da pressão e da temperatura.

REGULADOR AUTOMATICO

O regulador automatico, de que a figura abaixo dá uma idéa, compõe-se de uma caixa



rectangular, de aço, contendo: — um disco, graduado em distâncias, que se faz girar por meio de uma manivela; — um indice movel, chamado CORRECTOR, em frente ao qual se col-

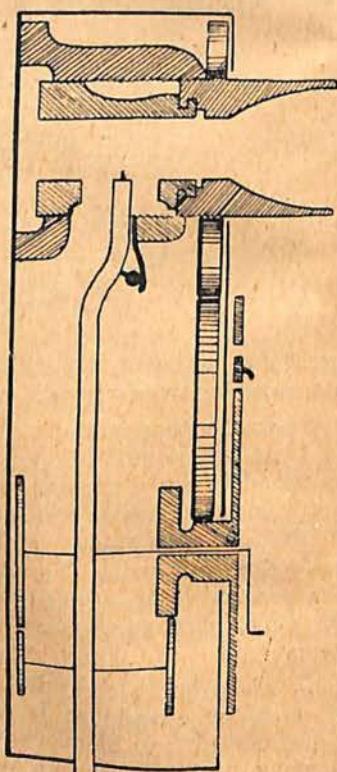
oca a distancia commandada para o disco; este corrector, que se fixa com o auxilio de um parafuso de pressão, move-se deante de uma escala fixa, graduada de zero a quarenta; — dois alojamentos, D e D, ogivas, para receberem as espoletas a graduar e já engastadas nos projectis; — duas alavancas, A, as quaes abaixadas accionam duas agulhas B e B, que vão sangrar as espoletas.

O caracteristico, principal de sua construção, o de maior importancia para o nosso estudo, é o seguinte: o CORRECTOR estando a 20. a agulha fura a espoleta exactamente no lugar conveniente á producção de um arrebentamento do projectil á altura typo, em um tiro que se effectua na distancia marcada no disco.

Como detalhe importante, é util lembrar que o corrector é um orgão externo, na caixa do regulador. Contrariamente ao que se dá com o graduador automatico do nosso material Krupp, aqui o corrector não participa (como no nosso) do mecanismo de graduação do apparelho, pois o indice e sua escala não têm ligação alguma com o interior da caixa.

O seu indice é um traço de referencia que serve apenas como origem de graduação, pois á sua frente levam-se as distâncias do disco.

Deslocal-o, é deslocar essa origem da gra-



duação das espoletas; é fazer aumentar ou diminuir o comprimento do tubo a queimar de uma quantidade igual ao deslocamento dado ao indice.

Este tipo de reguladores, ainda em uso, foi modificado. O disco tem mais uma graduação; elle dispõe, pois, de uma graduação interior, (vermelha) além da sua graduação primitiva em traços pretos (exterior).

Quando se emprega a graduação vermelha, os seus numeros são levados á frente de um novo indice que se adaptou ao corrector.

Além disso, os dois alojamentos de espoletas de longa duração (espoletas de 24/31, de 11 segundos de queima) duas ogivas falsas, de mesmo diâmetro e que lhes aumenta a altura. É também para a graduação destas espoletas que foi accrescida a escala vermelha, de que se alou acima.

TABELLAS DE TIRO

As modernas tabellas de tiro para os materiais de 75, de campanha, no que diz respeito ao tiro de tempo, trazem, para os diferentes projectis, nos quadros VI e VII, os seguintes elementos:

alcance em metros
distancia a marcar na alça
distancia a marcar no regulador
corrector normal, dando um arrebentamento de altura nulla.

correcções para o corrector (quando o tiro se faz em condições diferentes das da tabel-a) dv° , dH etc..

Evento de altura nulla

Deslocamentos do ponto de arrebentamento, para uma variação de 10 divisões do corrector.

Vejamos, ligeiramente, alguns desses elementos.

Alcance e distancias a marcar na alça e no regulador.

O alcance é a distancia a que se quer fazer o tiro. Atirando-se com o quadrante de nível, as tabellas dão, para cada projectil, o angulo de elevação correspondente ao alcance. Sendo porém, dados separadamente o sitio e o angula de tiro, isso é, atirando-se com a alça, em vez de se marcar (como no nosso material Krupp) o mesmo numero para a alça que o do alcance (por exemplo: 2.000 — 2.000) deve-se vér qual a graduação de alça indicada na tabella para ter o alcance que se deseja. (2)

(2) O material S. Chamond, modelo brasileiro, 1919, dispõe de pratos de distancias (um para cada projectil) de modo que em cada um se regista sempre o mesmo numero do alcance para alça a dar ao canhão.

Para simplificação do commando e do trabalho nas peças, o mesmo numero commandado para a alça é o que se regista no regulador, como distancia-reguladora, excepto para as granadas com carga reduzida e as de modelos 1917/18.

Nenhuma relação existe mais entre o alcance e a distancia-reguladora principio em que se baseou a construção do regulador.

Mas, para que este possa ser utilizado quando se alterou um dos elementos de graduação — a distancia-reguladora, existe um meio de correcção — o CORRECTOR, que contrabalança, por assim dizer, a alteração feita naquella. Dahi trazerem as tabellas uma columna dando, para os diferentes alcances, o corrector normal de altura nulla.

Já não se cogita mais da altura tipo de arrebentamento, de que se falou na construção dos apparelhos; ella era tomada com um só valor, para todas as distancias e projectis, o que está longe de ser exacto. Ella varia com o projectil e para cada projectil com as diferentes cargas com que é atirado.

Por esta razão adoptou-se a altura nulla de arrebentamento, tanto para os shrapnells como para as granadas; é facil dahi passar-se á altura tipo, para a efficacia, deslocando-se, para aquelles, o ponto de arrebentamento sobre a trajectoria, por meio do corrector, e, para estas, levantando-se verticalmente de 15 metros o dito ponto, por meio do sitio.

Além disso que vimos de dizer, o regulador automatico, tal qual foi concebido e construido, realizava as condições de um arrebentamento á altura tipo para um determinado projectil (ou projectis do mesmo coëfficiente balistico) lançados com a mesma velocidade inicial, descrevendo, pois, á mesma distancia, trajectorias theoricamente iguaes.

Não pôde, pois, o regulador produzir, entrando nelle com os mesmos elementos. (exemplo: distancia-reguladora 5.000 e Correto 20), resultados identicos, isto é, produzir arrebentamentos á mesma altura tipo nas diferentes trajectorias PAB , $PA'B$ e $PA'B'$, correspondentes a projectis diferentes, atirados com cargas de projecção desiguais, de diversas durações de trajecto, embora relativos á mesma distancia PB .

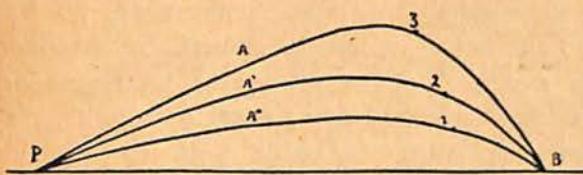


Figura 3. O graduador dá sempre e automaticamente (para os tres casos acima) o mesmo comprimento de tubo, a queimar, o que fará a espoleta funcionar nos pontos 1, 2 e 3, de igual evento.

A tabella indica, para cada um dos tres casos acima, a distancia-reguladora e o corrector convenientes e que introduzidos no regulador automatico asseguram o evento proprio a produzir o arrebentamento no ponto B.

As diferenças resultantes na graduação das tres espoletas (diferenças entre os tres eventos) correspondem aos trajectos 1-B, 2-B e 3-B, nas trajectorias A, A' e A''.

Com exemplos, melhor se conceberá este jogo de elementos.

Seja realizar um tiro com shrapnell, a 5.000 ms. procurando-se um arrebentamento à altura nulla e executado o tiro nas condições de estabelecimento das tabellas.

No quadro VII encontra-se: alcance 5.000 ... ev.alt.null... 15,5.

Toma-se de um furador qualquer, e, á mão, sobre a graduação 15,5, sangra-se fundo a espoleta, rompendo-se o tubo. Está ella graduada convenientemente, pois assegurou-se um comprimento de tubo tal que o arrebentamento se deve produzir quando o projectil tenha alcançado o ponto B.

(Si em vez do shrapnell atirassemos com granada, carga normal, tomariam a graduação 16,7, e si fôsse com carga reduzida, 22,0).

Mas, fazendo a graduação no regulador automatico, teremos: alcance 5.000 alça (canhão) 5.025 dist-reg: 5.025 corrector: 13.

Registando estes elementos no regulador: corrector: 13 e dist-reg: 5.025, a espoleta será sangrada justamente na graduação 15,5.

Fica assim assegurado, por meio do regulador, o mesmo evento, o mesmo comprimento de tubo a queimar.

As tabellas trazem ainda um quadro (IV) de correspondencia entre os *eventos de altura*

nulla (indicadas no quadro VII e as *distancias reguladoras*, quando se fixa o corrector em 18.

Para o evento 15,5 este quadro dá:
Evento 15,5....Cor. 18.....dist-reg: 5.125.

Ha perfeita harmonia entre estes dados e os achados ha pouco.

Com efeito: a 5.000 ms. uma divisão do corrector desloca o ponto de arrebentamento, em alcance, de 20 metros (tabella quadro VII). Entre corrector 18 e 13 vão 5 divisões; si aumentamos 5 ao corrector ($13 + 5$) devemos aumentar de 5×20 a distancia-reguladora para não deslocarmos o ponto de arrebentamento, e teremos assim o evento 15,5 obtido de duas maneiras:

Ev.15,5	D-r: 5.025	C.:13
e Ev.15,5	D-r: 5.125	C.:18.

Si quizessemos, por exemplo, conservar o corrector em o meio de sua escala: obteríamos o

Ev. 15,5 com D-r: 5.165 C.:20.

Para conservar o mesmo numero para o alcance e a dist-reguladora, teríamos:

Ev.15,5	D-r: 5.000	C.: 12.
---------	------------	---------

Estes exemplos são dados apenas para apreciarmos o jogo do corrector e da distancia-reguladora, não tendo elles o menor interesse pratico, uma vez que as tabellas de tiro trazem, para cada alcance, a alça a dar ao canhão, o numero da distancia reguladora e o corrector.

Como no 75 só se trabalha com corrector e distancia-reguladora (no 155 e outros materiaes trabalha-se com evento) e todas as correções são calculadas sobre o corrector, desapareceu das actuaes tabellas a columna que ainda figura no "Manual" referente ao deslocamento do ponto de arrebentamento para uma variação de 0° , 1 do evento.

"A guerra moderna não requer só que se levem exercitos á batalha, mas sim toda a nação — eis o espirito que deve presidir a formação do alto commando.

"Lembrai-vos da guerra"

Tactica na Carta

SOLUÇÃO DO THEMA DE ARTILHARIA

Pelo cap. PRATI DE AGUIAR

I

RESUMO DA SITUAÇÃO

Tendo-se declarado a Guerra entre os dois partidos, encarados no thema, os Vermelhos (de este), valendo-se da vantagem, sobre os Azuis, mobilização e concentração mais rápidas, maram sem perda de tempo a offensiva para actuando a cavalleiro do RIO PIRACICABA e dois agrupamentos de forças. distintas.

As forças ao N. do PIRACICABA, consideradas num pequeno Exercito de duas D. I. uma D. C., chamado — AGRUPAMENTO DO PIRACICABA, depois de terem avançado vitoriosamente, desde as fronteiras, até região difícil de MOGY-MIRIM — ITARA — SOCCORRO — AMPARO. tiveram se retrair para O., em vista do proximo descadeamento de uma offensiva Azul, da qual participariam, por informações certas, forças inimigas muito superiores em numero.

Os Vermelhos, manobrando em retirada para O., visavam attingir e organizar uma posição defensiva bem á retaguarda, na qual deriam resistir aos ataques inimigos, pelo tempo necessário á chegada de reforços, com quaes, por sua vez, retomariam então á offensiva.

No momento relativo ás operações do presente thema, a situação geral do AGRUPAMENTO N. DO PIRACICABA pôde ser assim resumida:

— A 1^a. D. I. attingiu na noite de 13|14 Dezembro a região do massiço de EST. REANSO, passando logo a executar os trabalhos de organização do terreno, necessários á feza a fundo desta região, a qual constitue a rte S. da posição global a defender.

— A 2^a. D. I., pelo facto de ter sido obrigada pelas dificuldades de terreno, a passar também por MOGY-MIRIM, como aliás o fizera a 1^a. D. I., ficou um pouco atrasada; porém, no fim da noite de 14|15, todos os seus elementos já ultrapassaram o RIB. DO FERRAZ para O., achando-se escalonados entre este curso d'agua e a FAZ. S. ANTONIO.obre a estrada FAZ. DO RETIRO-ARARAS. a noite seguinte, de 15|16, o grosso desta Dição deverá attingir a posição a defender, que acha balizada pela grande crista S. — N., imprehendida entre o massiço de EST. RE-

MANSO (ao S.) e o M. da MATTA NEGRA (ao N.)

— A 1^a. D. C. vem recuando em contacto com os Azuis e retardando-lhes o avanço. Ela procura resistir o mais possível nas linhas do terreno, que se apresentam favoraveis, mas sem se deixar aferrar, de modo a evitar a sua inutil destruição, dados os efectivos inimigos muito superiores, que se lhe encontram em face. Durante o dia 14 ella defendeu a linha do terreno, balizada pela linha ferrea MOGY-GUASSU' — MOGY-MIRIM e mais ao S.; mas aproveitou a noite de 14|15, para se despegar do inimigo e transportar a sua defesa para traz do RIB. DA VATINGA.

Pelo que ficou dito, concluimos que, na manhã do dia 15, a D. C., defendendo a linha do RIB. DA VATINGA (com a qual provavelmente o inimigo retomará o contacto na propria manhã deste dia), cobre a 2^a. D. I. á distancia de 15 kms. apenas. E, se levarmos em conta que esta D. C. provavelmente não poderá se manter, durante todo o dia 15, nesta linha do terreno, chegaremos á conclusão de que, pela tarde deste dia, o inimigo poderá hostilizar com o canhão a cauda da 2^a. D. I.

E' em consequencia disto que o Commando do Agrupamento de forças vermelhas ao N. DO RIO PIRACICABA intervem, tomando a decisão de deixar atras do RIB. DO FERRAZ uma forte Retaguarda, tirada da 2^a. D. I., a qual deverá actuar em coordenação com a D. C., cuja zona de acção será restringida e deslocada para o N., de modo a lhe facultar maior capacidade de resistencia.

Esta cobertura, assim reforçada, permitirá, não só que a 2^a. D. I. complete o seu retrahimento a coberto de qualquer golpe inimigo pela sua retaguarda, como também lhe assegurará a possibilidade de realização dos primeiros trabalhos de organização defensiva indispensaveis á defesa a fundo do sector, que lhe foi atribuido.

A cobertura reforçada apresentará, na manhã do dia 16, o seguinte dispositivo. do N. para o S.:

— A 1^a. D. C., tendo se despegado do inimigo na noite de 15|16 e deslizado para N. O., estará disposta atras do RIB. DA BARRA, entre a sua confluencia com o RIO MOGY-GUASSU' e a confluencia dos RIB. DO FERRAZ e RIB. DO CERRADO.

— A retaguarda da 2^a. D. I., disposta atras do RIB. DO FERRAZ entre a conflu-

(*) Vide numero de dezembro.

cia citada e a juncção do RIB. DO PINHAL e RIB. DAS PEDERNEIRAS, será fortemente coberta ao S. por meio duma, Bda. de Cav. provisoria, que offerecerá, de inicio, uma primeira resistencia atraç do RIB. DAS PEDERNEIRAS.

Deparamos assim com a Retaguarda da 2^a. D. I., no momento em que ella é constituída e quando se lhe attribue uma missão retardadora, em coordenação ao N. com a acção da 1^a. D. C., á qual é conferida missão idêntica.

E' certo que a 2^a. D. I.. não só agora, como durante todo o tempo, em que, por marchas nocturnas, vem executando o seu retrahimento, se acha e se achava coberta por um Destacamento de Retaguarda. Por conseguinte, não se trata de crear neste momento um organo de cobertura, inteiramente novo: mas simplesmente de, aproveitando uma Retaguarda já constituída, amplia-la, reforçal-a convenientemente, de modo a poder cumprir uma missão mais ampla, que lhe acaba de ser conferida.

Devemos, pois, suppôr as unidades da antiga Retaguarda, já nas posições: os movimentos a realizar se relacionarão, apenas, ás unidades de reforço.

Este é o ponto de partida para a solução do thema.

II

DECISÕES DO CMT. DA RETAGUARDA, NO QUE SE REFERE AO EMPREGO DA ARTILHARIA

Já são conhecidas, atraç do thema, as decisões, tomadas pelo Gal. X., Cmt. da Retaguarda da 2^a. D. I., relativas ao modo por que pensa cumprir a missão recebida, no dia 16, quer no que respeita ao emprego da Infantaria, quer no que se relaciona ao da Cavallaria.

Resta-nos examinar as decisões, que tomará o Gal. X., relativamente á Artilharia da sua Retaguarda.

a) *Repartição da artilharia:*

A extensão consideravel da frente, attribuida á Retaguarda da 2^a. D. I., a manobra nitidamente independente, que terá de executar, a Bda. de Cav., já pela sua propria natureza, já pelo aspecto particular do terreno, em que ella vae ser desenvolvida; finalmente, a actuação excentrica, que recahiria á Artilharia, no caso de ter de apoiar aquelle Bda. provisoria de posições localisadas do N. DO RIB. DO PINHAL; estas tres considerações nos conduzem a pôr, á inteira disposição desta Bda., uma fracção da Artilharia da Retaguarda.

Por outro lado, tendo a Bda. de Cavallaria de manobrar, ao menos inicialmente, por escalões successivos, numa frente consideravel, não podemos pôr á sua disposição menos de um Grupo.

Que grupo escolher? O de Mth. apresenta a vantagem de ser mais forte, por ter 4 Bias.; o Grupo montado, si bem que mais fraco, tem entretanto a vantagem de permitir deslocamentos mais rapidos, o que melhor se harmonisa com o feitio proprio da Cavallaria. Podemos, portanto, concluir que, tanto uma solução, como outra, são perfeitamente admissíveis. Sómente a realidade poderá consagrar a melhor dentre elles.

Admittamos, então, que seja escolhido um dos Grupos montados, para ficar á disposição da Bda. de Cav. provisoria.

Restarão tres Grupos, para actuarem em proveito da Retaguarda propriamente dita.

Ora, tendo em vista a extensão da frente a defender (7 a 8 kms.), não seria exagerado empregar esta pequena quantidade de Artilharia, inteiramente em apoio directo á Infantaria; mas, assim procedendo, não restaria ao Gal. X. no ambito da artilharia, nenhum meio de fazer sentir a sua acção no combate e, em particular, não lhe seria possivel reforçar com fogos de Artilharia a defesa nas partes da frente mais vigorosamente atacadas, o que não se pôde saber a priori. Um ponto, particularmente delicado, é o flanco direito, coberto apenas pela Bda. de Cav., pouco provida de Artilharia.

Por estas razões, parece razoavel destinarmos ao apoio directo a maior parte da Artilharia, de que dispomos, guardando o restante para as acções de conjunto.

Teremos pois:

1 Grupo montado }
1 Grupo de Mth. } em apoio directo

1 Grupo montado } em acção de conjunto

Para as missões de conjunto, o Grupo montado é mais indicado, pelas razões seguintes:

1^a. Porque, tendo o Grupo de conjunto de fazer a contra-bateria e geralmente os tiros á grande distancia, numa frente muito extensa, será preferivel appellar para o material de maior alcance, que, no caso, é a Artilharia montada;

2^a. Porque, sendo o C. R. 1, no ponto de vista da defesa do sector, mais importante que o C. R. 2, conviria lhe fosse attribuido um apoio mais consideravel; ora, o Grupo de Mth., por ter 4 bias., se acha mais indicado para isto.

b) *Zonas de acção:*

Consideremos em primeiro lugar as que se referem ao Agrupamento de apoio directo.

E' obvio que as zonas, situadas respectivamente á frente dos C. R., serão as zonas normaes dos Grupos de apoio directo; as zonas eventuaes decorrerão da necessidade para cada Grupo de actuar na zona normal do Grupo vizinho. Além disso, será preciso, que cada um dos Grupos de apoio directo receba uma zona de accção eventual nos flancos da posição, de modo a poder sobre elles actuar, no caso do inimigo, exercendo o esforço principal deante da D. C. ou da Bda. provisoria, recalcar uma dellas, descobrindo assim um dos flancos da posição.

Estas considerações nos levam a ampliar a zona de accção normal do agrupamento de apoio directo com duas novas zonas eventuaes: uma, ao N., extendendo-se até ao curso inferior do RIB. DO LEME e estrada FAZ. DO LEME — OS ABREUS; outra, ao sul, delimitada pela estrada BAIRRO NOVO — PONTE ALTA (inclusive).

Para o Agrupamento de conjunto, podemos estabelecer: como zona de accção normal, a que corresponde á frente ocupada pela Infantaria; como zona eventual, a da Bda. de Cavallaria, limitada pela linha (inclusive) passagem sobre o RIB. DE GUIQUICA, a 1,5 km. ao N. deste logar — MATTO DENTRO (do N.).

Para a Artilharia á disposição da Bda. de Cavallaria: zona normal, a que se extende ao S. da zona normal, atribuida á Art. da Retaguarda; zona eventual, a que se extende á frente do C. R. 1.

c) Condições de desdobramento:

E' preciso, em primeiro logar, que toda a Artilharia possa fornecer fogos efficazes, em toda a frente da Infantaria e sobre uma profundidade minima de 2 kms. a O. do RIB. DO FERRAZ, visto que tal é a profundidade normal dos C. R.

Além disso, é necessario que o Grupo de conjunto possa attingir com seus fogos a grande crista N. S., entre PEDERNEIRAS e o RIB. DO LEME.

d) Tiros a prevêr:

1º. Tendo a Retaguarda, antes de tudo, o fim de retardar o avanço inimigo para O., todo objectivo assignaldo, seja pela observação aerea, seja pela terrestre, deverá ser batido sem perda de tempo pela Artilharia, desde que se ache dentro dos limites do seu alcance.

2º. Para atacar a posição vermelha, estabelecida nas alturas logo a O. do RIB DO FERRAZ, será preciso, antes atravessar este curso d'agua. Assim a Artilharia terá de prevêr e preparar tiros nos pontos deste RIB., particularmente favoraveis á travessia, bem como nas zonas, que lhes forem adjacentes e onde poderão se apresentar reuniões inimigas.

3º. Máo grado as acções previstas, o inimigo poderá continuar o seu avanço até chegar ao contacto da linha principal de resistencia. Será, pois, necessario prevêr e preparar, deante desta linha de defesa, um certo numero de tiros de deter, correspondendo ás diversas hypotheses sobre o ataque inimigo. Estes tiros serão, de preferencia, desencadeados nas zonas não batidas ou mal batidas pelos fogos da Infantaria e tambem na região da FAZ. DO RE. TIRO; elles consistirão em barragens fixas dispostas o mais perto possivel da Infantaria, e executadas pelos Grupos de apoio directo; estas barragens serão prolongadas para E. com tiros de varrer, nas margens do RIB. DO FERRAZ, a cargo do Grupo de conjunto.

4º. Além disso, serão previstos e preparados tiros de Grupo, regressivos, ao longo e a cavalleiro de cada uma das grandes garupas S. O.-N. E., que vão morrer no valle do RIB. FERRAZ; e segundo as ravinhas que as separam. Estes tiros, uma vez preparados, permitirão a organisação rapida dos tiros de deter no interior da posição, os quaes não podem ser detalhados sobre a carta, visto que exigem o exame do proprio terreno e do exacto conhecimento do dispositivo e da localização da Infantaria amiga.

e) Regulação dos tiros e consumo de munições:

Nenhum tiro deverá ser executado, antes da apparição do inimigo no campo de tiro de Artilharia. As regulações serão executadas a partir desse momento; ellas visarão a amarração dos tiros a certos pontos do terreno e o ajustamento daquelles, previstos na frente imediata da Infantaria.

O consumo não deverá ultrapassar, sem novas ordens, a 20 tiros por peça, para as regulações, e a 80 tiros por peça, no total, até á toma de contacto do inimigo com a posição.

Desde que o consumo se eleve a 100 tiros por peça, será comunicado ao Cmt. da Retaguarda.

f) Ligação com a Infantaria:

Além da ligação normal a estabelecer entre a Artilharia de apoio directo e a Infantaria, o Agrupamento de conjunto se ligará directamente ao Grupo de apoio directo mais vizinho e, em vista da sua eventual actuação em proveito da Bda. de Cav., enviará um destacamento de ligação junto ao 2º escalão desta Bda., installando tambem um observatorio na crista 2.5 kms. ao N. O. de DELEGADO.

Tendo examinado as decisões tomadas pelo Gal. da Retaguarda, no que diz respeito ao emprego da Artilharia e de conformidade com os conselhos do Cmt. desta arma, seria justo apresentarmos aos leitores a redacção do parágrafo — ARTILHARIA — da ordem geral de

operações nº. Q. elaborada sob a assignatura do Gal. X.

VIII. ARTILHARIA

a) Repartição:

A Artilharia da Retaguarda será assim repartida:

1º. Um Grupo de A. M., á disposição da Bda. de Cav. provisoria;

2º. A Artilharia restante, trabalhando em proveito da Retaguarda, propriamente dita, constituirá dois Agrupamentos:

— um, de apoio directo, comprehendendo o G. A. Mth. e um G. A. M.;

— outro, de conjunto, comprehendendo o G. A. M. restante.

b) Missões:

1º. O Agrupamento de apoio directo terá a missão de apoiar a Infantaria da Retaguarda; além disso cooperará no retardamento do avanço inimigo para O. e protegerá os flancos da posição defensiva;

2º. O Agrupamento de conjunto retardará com seus fogos a progressão inimiga para O.; prolongará os fogos de deter; participará dos fogos no interior da posição e actuará, eventualmente, em proveito da Bda. de Cav.

c) Condições de desdobramento:

1º. Toda a Artilharia deverá fornecer fogos efficazes em toda a frente da posição e no interior desta, até a 2 km. a O. do RIB DO FERRAZ;

2º. A Artilharia de conjunto deverá atingir a grande crista S.-N., entre PEDERNEIRAS e o RIB. DO LEME.

d) Systemas de fogos:

1º. Fogos contra objectivos fugazes (retardadores) — Serão desencadeados contra os objectivos, que surgirem no campo de batalha, dentro do campo de tiro e no alcance da Artilharia. Inicialmente a Artilharia de conjunto e mais tarde também a de apoio directo participarão desses fogos.

2º. Tiros de concentração, nos pontos do RIB. DO FERRAZ, que apresentarem facilidades de travessia e nas regiões adjacentes, onde surgirem reuniões inimigas.

3º. Fogos de deter, deante da linha principal de resistencia, localizados nas partes não batidas ou mal batidas pela Infantaria e nas frentes de provavel esforço principal inimigo (regiões da FAZ. DO RETIRO e da garupa a 3 kms. ao N. desta). Estes tiros deverão responder ás diversas hypotheses de ataque inimigo e serão prolongados para E. por tiros de varrer, no valle do RIB. DO FERRAZ.

4º. FOGOS NO INTERIOR DA POSIÇÃO — Serão previstos e preparados fogos re-

gressivo do Grupo, ao longo das garupas, que se elevam para S. O. do RIB. DO FERRAZ, e segundo as ravinas, que as separam. Elles servirão de base aos tiros de deter, a serem desencadeados no interior da posição.

e) As regulações só serão executadas, depois que o inimigo se apresentar ao alcance de Artilharia.

f) O consumo das munições ficará adstricto ás munições das baterias e das C. I. m.

III

DISCUSSÃO DAS BASES PARA O EMPREGO DA ARTILHARIA

As ordens, visando o emprego da Artilharia e que constituem o 2º. pedido do thema, decorrerão das decisões de ordem geral, contidas no paragrapho, cuja redacção acabamos de apresentar.

Deixamos a redacção dellas ao cuidado dos solucionadores; contentamo-nos em analysar, daqui por diante, as diversas questões que lhes servem de bases.

Consideremos em primeiro logar, a questão relativa ao

DESCOBRAMENTO DA ARTILHARIA

Para que sejam satisfeitas as condições, encaradas no item c) do paragrapho — ARTILHARIA — será preciso:

1º. Que a Artilharia da Retaguarda fique convenientemente recuada, de modo a, sem mudança de posição, poder atirar no interior da posição, até uma linha, situada a 2 kms. mais ou menos a O do RIB. DO FERRAZ.

2º. Que o Grupo de conjunto, satisfazendo igualmente á condição 1º., fique tambem em condições de atingir com seus fogos a grande crista S. N., entre PEDERNEIRAS e o RIB. DO LEME.

3º. Que o Grupo de conjunto ainda occupe posições proximas ao valle do RIB. DO PINHAL, de modo a, eventualmente, poder actuar sem difficultades em proveito da Bda. de Cav.

Para attender a estas condições, terá a Artilharia da Retaguarda de procurar posições atraç da grande crista N. N. E.-S. S. O., que se desenvolve a E. do valle dos RIB. DO CERRADO e do C. DO CAMPO LIMPO; em particular, o Grupo de conjunto reconhecerá posições na região das nascentes do C. DO CAMPO LIMPO.

O calco annexo indica uma solução para o desdobramento da Artilharia da Retaguarda.

As posições ahi assinaladas parecem satisfazer plenamente ás condições impostas.

Com efeito,

Os Grupos de apoio directo se acham sufficientemente á retaguarda, de modo que, com facilidade, poderão executar, não só os tiros de leter, mas tambem aquelles no interior da posição. Elles se acham por outro lado, á retaguarda dos eixos dos C. R., que têm de apoiar, o que facilita a execução dos diversos generos de tiros. A posição, escolhida para o Grupo do N., permitte exactamente enfiar o valle do RIB. DO CERRADO (a partir da transversal LUIZ DE CASTRO-BARBOZA) e actuar, na zona eventual, encarada deante da 1^a. D. C.

A posição indicada para o Grupo do S. desse Agrupamento, goza de identicas vantagens relativamente ao C. R. 1, e permitte actuar com liberdade na zona eventual, admittida em face da Bda. de Cav.

A posição, escolhida para o Grupo de con-
uncto, permitte-lhe levar seus tiros até a cris-
a S.-N., entre PEDERNEIRAS e o RIB.
DO LEME; actuar na frente e no interior da
posição; cooperar facilmente no apoio á Bda.
le Cay.

Vejamos agora o desdobramento da Artaria, collocada á disposição da Bda. de Cav.

Antes, porém, convém lembrar, em largos traços, como será executada a manobra da Cavalaria no decorrer do dia 16.

Ora, a Ordem geral de operações nº. Q.
liz no paragrapho VII:

"A Bda. de Cav. provisória, tendo por missão geral a cobertura do flanco direito da posição defensiva, depois de ter retardado o mais possível o inimigo na passagem do RIB. DAS PEDERNEIRAS, deverá impedir a sua progressão para O do RIB. DE GUAIQUICA, durante todo o dia 16.

Do que acabamos de lêr decorre que, enquanto a Retaguarda da 2^a. D. I., vae resistir, durante todo o dia 16, numa mesma posição, ao contrario, a Bda. de Cav. tem a liberdade de se retrahir em pleno dia para uma posição á retaguarda daquella, que ocupará inicialmente.

Esta manobra requer a organização previa de 2 escalões, de tal modo que o avançado, antes de se deixar aferrar, se possa retrair sob o acolhimento do segundo.

Dispomos apenas de 2 R. C.

A solução mais facil consiste em organizar cada escalão com um Regimento.

Assim, o 1º escalão terá de adoptar um dispositivo em cordão, visto a extensão da frente a ocupar. O objectivo deste escalão será antepor ao inimigo, desde que atinja a trista a O. do RIB. DAS PEDERNEIRAS, em conjunto de fogos de armas automaticas

e de Artilharia, que o obrigue a se deter nesta crista e montar um ataque. Para isto, elle precisará de tempo. Ora, é justamente dentro desse lapso de tempo, que o 1º. escalão se retrahirá sobre o 2º.

O segundo escalão, ao contrario, terá missão mais duradoura: sua resistencia deverá ser prolongada, pelo menos, até ao fim do dia 16.

Em consequencia, necessita de um dispositivo mais profundo e melhormente apoiado pela Artilharia. Por isso, as tropas que constituirem o 1º. escalão, virão desempenhar o papel de reservas do segundo.

Depois desse rapido esboço da manobra a cargo da Bda. de Cav., podemos estabelecer o modo de emprego da Artilharia, que lhe foi posta á disposição.

O paragrapho — ARTILHARIA — da Ordem geral de operações, dada pelo Cmt. da Bda. de Cav., define em linhas geraes esse emprego da seguinte forma:

...
parag. ARTILHARIA

a) *Repartição*:

A Artilharia da Bda. de Cav. provisória constituirá um unico Agrupamento de apoio directo, que será commandado pelo Cmt. da Art. da Bda. (o Tte. Cel. do 3º. R. A. M.).

b) *Condições de desdobramento.*

1º. Toda a Artilharia, sem mudar de posições, deverá apoiar a Cavallaria, primeiramente, installada na grande crista a O. do RIB. DAS PEDERNEIRAS e depois nas alturas logo a O. do RIB. de GUAIQUICA;

2º. Uma bateria, porém, deverá ser puxada provisoriamente para a frente, de modo a levar os seus fogos até a linha PONTE ALTA-MATTO DENTRO (do N.), afim de retardar o avanço inimigo para O. desta linha e tambem para mais promptamente attender aos pedidos de fogos do 1º. escalão.

c) *Missões:*

A Artilharia á disposição da Bda. de Cav. deverá:

1º. Retardar o avanço inimigo o mais possível, a partir da linha PONTE ALTA-MATTO DENTRO (do N.).

2º. Apoiar a Cavalaria na linha do RIB
DAS PEDERNEIRAS:

3º. Retardar a progressão do inimigo para o. desta linha;

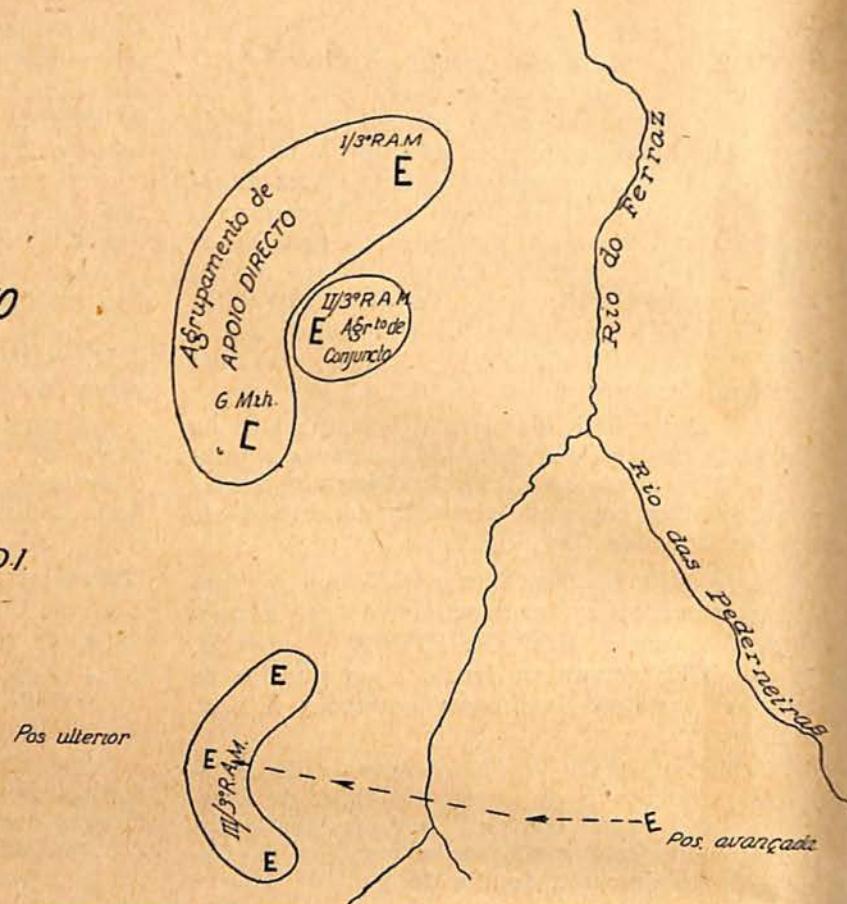
4º. Dete-lo deante da posição a O. do RIB DE GUAIQUICA.

d) *Systemas de fogos,*

1º. Os fogos contra objectivos fugazes serão desencadeados contra os objectivos, que surgiram na zona de acção da Artilharia da Bda. a O. da linha PONTE ALTA-MATTO DENTRO (do N.).

CALCO
Sobre a folha de
RIO CLARO
Escala 1/100.000

DESOBRAMENTO
DA
ARTILHARIA
as ordens
da
RETAGUARDA DA 2^a D.I.



4º10'

Nelles tomará parte, inicialmente, uma Bia. e depois, toda a Artilharia á disposição da Bda.

2º. Os fogos de apoio deante da linha do RIB. DAS PEDERNEIRAS serão dirigidos contra os objectivos, que se revelarem a O. da grande crista, desenvolvida pela margem direita do RIB. DAS PEDERNEIRAS. Toda a Artilharia participará destes fogos.

3º. Os fogos retardadores, a serem desencadeados contra os objectivos revelados para O. da grande crista, que se encerra entre o RIB. DAS PEDERNEIRAS e o RIB. DE GUAIQUICA, serão executados, de modo que a velocidade regressiva não ultrapasse de 100 m. em 3 minutos, a contar do momento, em que os elementos de retrahimento lançarem, passando pela crista citada, um foguete convencionado. Estes tiros serão, por ultimo localizados deante das passagens e dos pontos de facil travessia do RIB. DE GUAIQUICA.

4º. Os fogos de deter, deante da posição a O. do RIB. DE GUAIQUICA, consistirão em barragens defensivas, localizadas na frente imediatas da linha de resistencia, particularmente na vizinhança das estradas, que se dirigem para DELGADO E GUAIQUICA, respectivamente.

e) O consumo de munições não deverá ultrapassar a um dia de fogo.

As regulações necessarias ao desencadeamento dos tiros, proximos á Cavallaria, só se farão, depois que o inimigo surgir na zona de acção da Artilharia."

.....
As prescripções ahi contidas, neste parágrafo, conduzem a localizar a Artilharia nas seguintes posições:

— O grosso do Grupo (2 Bias., ou 3, tratando-se do G. de Mth.) atraç da grande crista de DELGADO.

— A bateria avançada na região N. E. de GUAIQUICA, proxima á estrada GUAIQUICA-PEDERNEIRAS.

Estas posições parecem convenientes.

A da bateria avançada permitte atirar mesmo a E. da linha PONTE ALTA - MATTO DENTRO e se acha em boas condições, para enfiar a estrada PEDERNEIRAS-GUAIQUICA, pelo menos no trecho comprehendido entre GUAIQUICA e a planalto 725. As outras posições permittem apoiar em boas condições a

Tactica de Infantaria

NOTAS tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior, pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten.-Cel. Hugues.

4^a CONFERENCIA

A combinação dos meios da infantaria O fogo e o movimento

SUMMARIO:

A — No combate offensivo

I — Comparação entre os dois meios:
A fluctuação das idéas.

Desprezar o valor do fogo da infantaria, mesmo para avançar, é terrivelmente perigoso.

II — Evolução:

O fogo da infantaria no SOMME — preponderância do fogo de artilharia e negação do valor do de infantaria. O fogo de infantaria depois do SOMME — condenação do emprego único, intensivo e prolongado do fogo de artilharia.

O fogo de infantaria depois da primavera de 1918 — a manobra e a combinação dos fogos de infantaria e artilharia.

III — Estado actual da doutrina:

A preponderância dos fogos de artilharia no ataque contra sistema de fogos continuos e bem organizados.

A preponderância dos fogos de infantaria no ataque de resistências descontínuas.

A base de fogo — A infiltração — As bases de fogo lateraes.

Cavallaria na 2.^a posição prevista e tambem na 1.^a.

Analysando o desdobramento da Artilharia. disposição da Bda. de Cav., vemos desde logo que elle se caracteriza por um forte escalonamento entre as baterias do mesmo Grupo. Isto resulta do facto de ter um unico Grupo a missão de apoiar a Cavallaria, em frente tão extensa.

O mesmo não acontece com a Artilharia da Retaguarda, propriamente dita: ahi o escalonamento se manifesta de Grupo para Grupo e as baterias dum mesmo Grupo se acham proximas umas das outras.

Examinemos a seguir á questão da

Comportamentos de fogo.

O valor moral do movimento por si só.

A guerra do gaz.

B — No combate defensivo

I — O valor do fogo para deter o inimigo.

II — O contra ataque.

III — A combinação dos meios na manobra em retirada.

IV — O valor da surpresa.

C — Conclusão.

A superioridade do fogo é factor preponderante para a acção de ruptura, mas é indispensável que seja completada pelo movimento que approxima do inimigo um fogo poderoso e o ameaça com o corpo a corpo.

A

I — Ha uma tendência bastante nítida contra a idéa da preponderância do fogo, a principal lição da guerra de 1914-1918 e essa tendência traduz-se commumente pela formula — Só o movimento é decisivo! — O signal de victoria ou de derrota é dado pelo avanço ou recuo da infantaria.

Não ha duvida que, quaesquer que sejam os progressos do armamento, o papel da infan-

ORGANISACAO DO COMMANDO

Uma solução admissivel para a organização do Commando poderá ser a seguinte:

— Artilharia da Retaguarda:

Cmt. da Artilharia: Cel. do 3º. R. A. M.

Cmt. do Agrupamento de apoio directo: Tte. Cel. do 2º. G. Mth.

Cmt. do Agrupamento de Conjunto e tambem do Grupo montado, que delle faz parte: Major do II|3º. R. A. M.

— Artilharia da Bda. de Cavallaria.

Cmt. da Artilharia: Tte. Cel. do 3º R. A. M.

Cmt. do Agrupamento e do Grupo: Major do III|3º. R. A. M.

(Continua)

taria é avançar; nisto todos estão de perfeito acordo, tanto os partidários do movimento como os do fogo.

Embora todos concordem com a necessidade da offensiva, surgem discordâncias sérias quando encaram o valor do fogo offensivo da infantaria, no qual alguns não têm confiança, o qual para outros foi substituído pelo fogo de artilharia e finalmente outros acham de realização difícil.

O conferencista poderá mostrar, ao contrario, que é muitíssimo perigoso desprezar o valor do fogo da infantaria, mesmo para avançar.

II — Os regulamentos, depois de terem afirmado que o movimento para a frente da infantaria é o fim de todos os actos do combate, insistem sobre o valor do fogo e proclamam:

“o ataque é o fogo que avança”

“o fogo destroa a tropa inimiga e a obriga a enterrar-se; o movimento approxima cada vez do inimigo um fogo que quebra sua resistencia”.

Esse fogo é duplo em sua essencia (fogo de infantaria, fogo de artilharia e talvez brevemente fogo de aviação), mas seu objectivo é um só.

O fogo de artilharia, o unico efficaz contra os obstáculos e inimigo fortificado, não deve faltar ao infante. Por isso a ligação infantaria-artilharia, problema difficultíssimo do campo de batalha, constitue a base indispensável do successo.

O fogo de infantaria, embora de mais difícil realização, corresponde a todas as necessidades do campo de batalha e é o unico com que a infantaria pôde contar em qualquer circunstância.

E' muito facil fazer avançar o tiro de artilharia; bastam algumas voltas de manivella.

Porém, fazer avançar o fogo da infantaria é problema mais serio e pôde dizer-se que só será resolvido fazendo avançar a propria infantaria. Para esse fim, foram inventados alguns processos (tiro em marcha do F. M., carros leves de combate), mas, apesar disso, a maior parte da infantaria continua a não fazer as duas cousas simultaneamente — ella atira ou marcha; uma parte atira enquanto a outra avança.

Entram em accão as Mtrs., o F. M. e o fuzil; os Ptrs. Acp. e granadas de fuzil (contra os objectivos entocados); as pistolas, granadas de mão, bayoneta (para ajustar o ultimo tiro) e possivelmente os líquidos inflammandos, de modo a ter fogo até o ultimo instante.

Vejamos na pratica como se passaram as cousas durante a ultima guerra.

Até ao SOMME, em face da pequena eficacia do fogo da infantaria contra inimigo entrancheirado e em frente continua, foi preciso reforçar consideravelmente o fogo da artilharia e então pensou-se que este poderia substituir o fogo da infantaria.

Dispondo de meios cada vez maiores, a artilharia foi encarregada de tarefa dupla: esmagar, durante a preparação, as tropas e os trabalhos, quebrar os obstáculos e os abrigos, aniquilar o moral do inimigo; em seguida, durante o ataque, conduzir o infante até ao seu objectivo, armando em sua frente espessa cortina móvel de granadas.

A artilharia assegurava a conquista do terreno e não cabia ao infante senão a tarefa de ocupar o terreno conquistado. Toda a execução do ataque estava subordinada ás condições de emprego do fogo da artilharia. O unico gesto da infantaria era o assalto e o seu unico cuidado o de acompanhar alinhada e cegamente a barreira móvel de granadas. Se uma resistencia se revelava, procurava-se reduzi-la pelo choque, porque não se tinha tempo a perder, porque era preciso acompanhar a baragem.

Realizava-se, na realidade, um assalto e não um ataque.

O proprio terreno era brutalizado pela artilharia e não podia ser utilizado. As informações sobre o inimigo eram tão completas e precisas que tudo era regulado préviamente, como se tratasse de um bailado: os chefes subalternos deviam limitar-se a tomar um fuzil ou granadas e agir como os seus homens.

O fogo da infantaria de nada lhe servia e se era levado para a frente destinava-se a garantir a ocupação da posição conquistada.

Mas acontecia que muitas vezes a infantaria perdia a barragem, devido a qualquer demora na progressão, ou que a artilharia suspendia o seu apoio para mudar de posição; e via-se então a infantaria sem meios, quer para manter o terreno conquistado, quer para aproveitar o exito obtido, quer mesmo para manter o contacto.

Ainda mais, a maior censura que se pôde fazer ao emprego exagerado deste metodo, é que trouxe grande mal ao moral do infante. Dizia-se a este, antes dos ataques, que marcharia com arma em bandoleira e por isso julgava-se illudido ao aparecerem as metralhadoras inimigas; deixava-se ficar então no mesmo lugar, á espera que a artilharia cumprisse a promessa feita, em circunstâncias em que um

o de habilidade, o emprego do terreno e o proprio fogo conseguiriam talvez vencer a resistência.

Depois do SOMME, deu-se a reacção e o FAYOLLE prescreve em uma nota que infantaria deve capacitar-se que a ella cabe tirar as metralhadoras que tenham escapado ao canhão. Para isso ella dispõe de meios (metralhadoras, canhão 37 e V. B.). Uma infantaria que se deita e espera inerte em face de metralhadora inimiga, abandona o comando e recusa-se a fazer acto de vontade e de diligencia. É preciso que a infantaria seja valente e manobreira.

Essa nota condensa o principal ensinamento da batalha do SOMME e condena o emprego intensivo, isolado e prolongado do fogo de artilharia.

O terceiro periodo começa na primavera de 1918 com a reaparição da guerra de movimento. Após um combate de ruptura executado de acordo com os meios anteriores, infantaria alemã retoma a sua cara modalidade de infiltração, embora com dificuldades, devido ao peso de seu armamento (metralhadoras e minenwerfer leves de 275 kgs.), o que parte foi compensado pelo apoio da artilharia largamente descentralizada.

A infantaria francesa retoma também a sobra, para a qual está menos treinada do que sua adversaria, mas para a qual dispõe de material mais leve. O fogo da infantaria, reajado pelo dos carros, readquire pouco a pouco sua importância. O apoio da artilharia, que no inicio devido à dificuldade de descentralização, chega depois a auxiliar a infantaria de modo completo.

A batalha, em terreno pouco organizado, tem a fórmula de arrancos: tomada de contacto, engajamento, parada, combate de ruptura, oveitamento do exito, nova tomada de contacto.

O terreno readquire todo o seu valor, apagando a necessidade de escolha de um compartimento de terreno, espaço fechado onde se escondem os fogos de artilharia e de infantaria.

III — Pouco a pouco a fórmula de combate torna tal qual a concebemos hoje: deante de uma resistência inimiga, a infantaria instala uma base de fogos. Se ha obstáculos, a artilharia executa a preparação e faz a contra-teria. Em seguida, as duas armas applicam seus fogos sobre todos os pontos do terreno que se encontram ou podem encontrar-se os inimigos que têm acção sobre o comparti-

timento escolhido, realizando uma combinação de fogos.

Protegida por esse fogo, de efeito multiplicado por uma abertura de surpresa, a infantaria avança para estabelecer uma nova base de fogo, inicialmente com armas leves e depois com as pesadas e repetir a manobra no novo compartimento de terreno.

Nessa occasião torna-se agudo o problema da união das armas, devido à necessidade de deslocar a artilharia para approximá-la de sua infantaria.

Essa manobra apresenta duas modalidades, caracterizadas pela maior ou menor proporção de fogo de artilharia ou de infantaria, conforme se trata de terreno pouco organizado ou mesmo fortificado.

Dá-se a primeira modalidade quando a infantaria é detida deante de um sistema de fogos continuos e bem organizados. O commando escolhe um compartimento que permita à artilharia ver a sua infantaria para apoial-a do melhor modo possível, e a esta acompanhar as granadas da artilharia. Aí o commando decide empregar fortes meios. A parte da artilharia é então preponderante, pois que prepara o ataque e conduz a infantaria até o seu objectivo, mas esta, embora marche para o assalto, sabe que o seu fogo, depois de auxiliar o da artilharia, deve substituir-o logo que elle venha a faltar.

Essa modalidade corresponde no conjunto de uma operação offensiva ao combate de engajamento e ao ataque.

A segunda modalidade corresponde ao caso em que a infantaria encontra uma resistência descontinua ou mesmo continua, mas cujos fogos são produzidos por ninhos de metralhadoras bem mascarados, mal conhecidos e atirando a grande distancia. É o que se passa na tomada de contacto e no aproveitamento do exito.

A infantaria vai procurar terrenos mais cobertos e cortados, a nebrina, a noite, para approximar o seu fogo do inimigo. Empregará também o proprio fogo e pedirá o apoio da artilharia, então descentralizada para executar tiros a pedido da infantaria, a unica em condições de indicar os objectivos. Aí o papel preponderante cabe à infantaria.

A progressão oscillará constantemente entre esses dois tipos de combate; por isso é preciso que a artilharia esteja em condições de passar rapidamente de um para outro desses processos e que a infantaria se habitue a só contar com o proprio fogo.

Devemos ter convicção inabalável de que quando faltar à infantaria o auxilio da artilharia

ria, aquella deve e pôde continuar offensiva e manobreira. Para isso é imprescindivel que cada fracção de infantaria só se desloque deixando atrás de si ou ao lado uma base de fogo vigilante e com a idéa e a vontade de crear uma nova mais á frente.

Mas esse movimento das bases de fogo não será uniforme; haverá fracções que avançarão mais do que outras e que precisarão cobrir os seus flancos com fogos lateraes, fogos que farão sentir ao inimigo, tomado de escarpa ou de revez, o avanço da infantaria. Esses fogos lateraes permittirão o avanço das fracções vizinhas e caracterizarão a manobra por infiltração, sendo a propria essencia da offensiva.

Cada chefe de infantaria, logo que tome posse de seu objectivo, deve ter a unica preocupação de penetrar o mais profundamente possível na zona inimiga, apoiando-se em uma base de fogo perpendicular ou obliqua á direcção do ataque, base tanto mais obliqua quanto maior fôr a penetração e que defensiva, no inicio, tornar-se-á rapidamente offensiva á medida que affluirem para ella os mais poderosos meios de fogo.

Essa base de fogo poderá normalmente confundir-se com os limites do compartimento de ataque.

Para esse fim é preciso que cada chefe disponha de reserva de fogo: 1 G. C. no Pelotão; 1 Pel. e 1 Sec. Mtr. L. (se fôr o caso) na Cia.; o Pel. Mtr. L., Sec. Mtr. P. (se fôr o caso) e Sec. Ptr. Acp. no Btl.; os fogos do Btl. de reserva e a Cia. Mtr. P. no R. I. Além disso, o Cmt. de Btl. e o do R. I. poderão dar a essa base de fogos lateraes caracter nítidamente offensivo empregando os carros de combate.

E' uma manobra lenta, mas onde o infante não perde o espirito offensivo, e onde muitas vezes perde tempo, mas economiza sangue.

Mesmo que esse movimento se faça sem o apoio do fogo e utilizando o terreno e a obscuridade, ha de chegar o momento em que será necessário marchar descoberto, isto é, para o assalto.

Então, a infantaria empregará, contra o moral do inimigo, a impressão terrível para o homem, do homem que avança. Não ha bombardeio, nada equivale a impressão de terror e angustia que a produzida por uma vaga de assalto que se approxima ruidosa ou silenciosa. E' a mesma impressão que se procura comunicar ao assaltante quando o defensor se ergue sobre o parapeito, executando um contra ataque moral.

Essa força própria da infantaria — o "Stosskraft", dos Allemães — deve ser usada

como ultima ratio e contra fogos ainda pouco organizados.

Falemos agora sobre os carros de combate. Sua tactica é a da infantaria: precisa de uma base de fogo de infantaria e de apoio da artilharia para manobrar. A maior diferença que, embora auxiliem na conquista do terreno, não o ocupam.

No caso de grande desenvolvimento de guerra de gaz, pouco provavel entre nós, o fogo que marcha será substituido pela asphyxia que marcha. Então a infantaria executará a manobra indicada pelas partes altas do terreno, porque as partes baixas estarão inundadas de gaz.

B

I — No combate defensivo a preponderância do fogo é incontestável e indiscutivel: é uma barragem de fogos continuos de infantaria, reforçada em certos pontos pela artilharia, que detem o inimigo.

II — O contra ataque dos regulamentos anteriores á guerra desapareceu e só é previsto contra o inimigo previamente detido pelo fogo.

Uma vez estabelecido o plano de fogo, quasi toda artilharia e boa parte da infantaria vão crystallizar-se em torno de seus orgãos de fogo, á espera que o inimigo atinja á barragem prevista. Mas para que o defensor seja prevenido da chegada do inimigo, principalmente á noite, é necessário que na frente da barragem haja um sistema de fogos de artilharia e elementos moveis de infantaria (P. A.) que prolonguem o fogo e garantam a segurança da posição.

Além disso, é preciso que haja armas reservadas e moveis para substituir as que o fogo inimigo tiver supprimido e garantir a continuidade da barragem, que deve ser independente do fogo da artilharia e intransponivel.

Ainda mais, principalmente nos terrenos cobertos em que os campos de tiro da artilharia e da infantaria são limitados, é preciso que haja fracções reservadas, para deterem, com o auxilio da artilharia e com o proprio fogo, o inimigo que tenha penetrado na posição e contra atacal-o em seguida para expulsal-o.

III — A manobra em retirada tambem consiste no jogo de escalões successivos que agem principalmente pelo fogo de artilharia e metralhadoras, á grande distancia.

Vê-se, desse modo, que na defensiva, onde ainda a preponderância do fogo é muito grande, é preciso que a infantaria, para garantir pleno exito, seja movel e mesmo offensiva.

IV — A surpresa é um dos principaes factores do successo; multiplos e effeitos de

ESCOTISMO MUNICIPAL

Nos círculos militares foi recebida com real agrado a notícia de que se vai organizar o escotismo municipal.

Antes do mais é a esperança de que se ha dar um golpe mortal nos batalhões intis, o mais nocivo de todos os efeitos imperfeições de nossa lei do serviço militar. Depois, a certeza de que entraremos definitivamente no caminho da educação pré-militar que traduz inadiável necessidade.

E essa resolução de fundar-se o escotismo municipal é tanto mais confortadora quanto vai do progressivamente vencedora a idéa de mogenização dos processos de instrução própria em todos os Estados da União, tornada no paradigma a reforma ultima da instrução Districto Federal.

Ha ainda uma outra coincidencia por deus favoravel a mais larga repercussão dessa iniciativa — é a reforma da lei do Serviço militar sob as novas bases em que se pretende illocar a cidadania.

* * *

Do que fica acima, sente-se que, a par do estimável valor absoluto da nova medida, foridável poderá ser o seu alcance se considerarmos a moldura que a cerca. Tomando o asunto para a nossa seára, não o fizemos senão inspirados na projecção incalculável do seu valor relativo, quanto o problema da defesaacional.

Quando pensamos em diminuir ainda mais tempo de serviço nas fileiras e até argumentamos com o exemplo singular de certos paizes, os esquecemos de que entre nós o conscripto chega á caserna, em regra, exigindo que primeiro se faça dele um homem e um cidadão, depois um soldado. O analphabetismo, as in-

ugo e do movimento; crea a desordem e paraísa o defensor e o torna incapaz de dar a resposta apropriada.

Ella depende do conhecimento completo dos meios do inimigo em toda a profundidade do terreno atacado, do segredo dos preparativos la instantaneidade do inicio da operação e da rapidez na successão dos diversos actos previsos. Principalmente desta depende o exito.

A preparação de artilharia, de infantaria ou de aviação deve ser breve ou então suprimida.

C

A experiência da guerra provou que o fogo adverso não pôde ser desprezado e que uma infantaria só pôde progredir na zona de

sufficiencias physicas de toda ordem e a inconsciencia cívica, são entraves á instrucção militar que sómente os que por dever de officio são obrigados a enfrental-os, sabem o esforço que pedem.

* * *

A generalização do escotismo é, sem duvida nenhuma, o primeiro e o mais seguro passo para o estabelecimento da educação pré-militar de que tanto carecemos, para assegurarmos aos nossos quadros de tropa a materia prima beneficiada de que elles precisam.

Permita-nos o Sr. Mario Cardim, a quem caberá instruir o escotismo municipal, que lhe façamos, modestamente, uma suggestão de ordem a, desde o começo, estabelecer os laços que devem unir a sua obra á grande obra a que numerosas gerações de officiaes se têm dedicado.

Queremos referir ao aproveitamento de sargentos, sahidos em condições da Escola de Sargentos de Infantaria, para collaborarem na execução de sua magnifica tarefa.

A E. S. I. recebe directamente patrícios nossos que mediante exame vestibular nella se matriculam com o compromisso de servirem cinco annos como sargento, após a terminação do respectivo curso. Dahi sahem bons sargentos no ponto de vista moral e cívico, como phisico e profissional. E cada turma tem seus seleccionados — os julgados aptos para monitores e para funcções de tenente em caso de mobilisação.

Por que não se appellar para esses seleccionados? E é muito simples. Queira o Sr. Cardim se informar no Ministerio da Guerra, procure visitar a E. S. I., que certamente lhe preparará uma demonstração de seus trabalhos e facilmente se convencerá da justeza de nossa sugestão.

fogo do adversario se este fogo estiver dominado pelo fogo amigo.

Contra um inimigo prevenido, bem colocado e mais ou menos organizado defensivamente com um sistema de fogo methodico, o factor superioridade de fogo é preponderante no acto de ruptura.

Realizado esse acto, a infantaria deve ter confiança em seus meios para triumphar sem o auxilio da artilharia; deve ser impellida pela vontade de manobrar até o choque.

Aos chefes da infantaria cabe a tarefa de combinar, de acordo com a fórmula e o momento do combate, o fogo e o movimento de sua tropa, de modo a levar a infantaria até ao choque final, fórmula suprema e remate do movimento, que por isso é o unico decisivo.

Subsídios para os quadros de reserva

O RECUO DA INFANTARIA

NOTA — O presente trabalho organizado para os alumnos do C. P. O. R., é mera compilação tirada das seguintes fontes:

ABBADIE — *Ce qu'il faut savoir de l'infanterie* (pag. 281 a 288);

R. E. C. I. pg. 104 e seguintes da 2^a parte;

R. E. C. C. pg. 130 e 131 da 4^a parte.

Pelo Cap. Antonio J. Bellagamba.

Qualquer tropa de infantaria pôde ter necessidade de recuar ante o inimigo e após o contacto estabelecido, seja porque se veja impotente para lhe conter o empuxo violento, seja por não poder proseguir, quebrando a resistência inimiga que assaltou, ou ainda por deliberação prévia, admittida a sua inferioridade. Tres condições, portanto, modelam o recuo:

A) recuo tomado voluntariamente, depois de aferrada a tropa, sob a pressão violenta do inimigo; é o *combate em retirada*.

B) recuo tomado mediante ordem prévia, depois da tropa aferrada, aproveitando-se sempre que possível a noite e de modo a provocar a perda do contacto por parte do inimigo; é a *retirada* (vêr R. E. C. C. pg. 130 — da 4^a parte e R. E. C. I., pg. 106, os dois últimos períodos).

C) recuo voluntario, preparado préviamente e sem se deixar a tropa aferrar; é o *retrahimento systematico* (R. E. C. I. pg. 104 2^a parte), ou *manobra em retirada* R. E. C. C. pg. 131).

* * *

A) O *combate em retirada* presuppõe que o revés soffrido pela infantaria foi local e tem por fim limitar a extensão e consequencias do revés. E um episodio do combate defensivo sobre a posição de resistencia, ou pouco atraç d'ella.

A tropa que recua assim desordenadamente diante do inimigo, está desmoralizada, sofreu perdas enormes e seu valor combativo é nullo e d'ella não se pôde esperar nenhum esforço novo antes de descansar.

Para limitar o revés é necessário colocar atrás do ponto investido, tropa fresca que detenha pelo fogo o inimigo. Convém não deixar a tropa que assim recuou na proximidade das demais para evitar a propagação da desmoralização e envial-a para a retaguarda onde se possa refazer. Igualmente a amplitude do recuo

deve ser restricta ao minimo afim de não de gerar em panico e não influir no animo das unidades vizinhas.

B) A *retirada*. Quando, após ter empenhado na luta todas as forças, não se alcançar exi to, quando se empenharam no combate todas as forças disponiveis e o moral da tropa não permettir retomar o avanço, ou, pelo menos, aferrar-se ao contacto, importa antes de tudo man ter uma distancia suficiente entre as forças e o inimigo. Ordena-se então a retirada para posição á retaguarda, escapando-se ao inimigo ou fazendo-o perder o contacto.

Para se conseguir este fim é necessário que a posição escolhida fique a distancia razoável do inimigo para se interpôr entre a nova disposição da tropa e a primeira posição de combate actual, uma ou mais posições interme diarias, ocupadas por elementos de reservas disponiveis com o maximo de metralhadoras possivel e que funcionarão como retaguardas após a passagem das tropas de contacto.

As tropas empenhadas procuram se manter até á noite na posição ocupada, devendo receber a ordem de recuo o mais tarde possivel para mais facilmente ser conservado o segredo indispensavel á operação. Desde que a escuridão permitta os movimentos fracos, retiram-se as reservas de R. I., depois as de Btl. pelos itinerarios reconhecidos e balisados de ante mão.

Os pontos de passagem através das linhas das retaguardas já estabelecidos deverão ser precisamente determinados e conhecidos.

Em seguida partem as reservas de Cia. e afinal os G. C. de contacto. Até á partida destes é indispensavel apresentar a actividade habitual, sem aumentar ou diminuir apparentemente a densidade de ocupação e o regimen de tiros usuaes. Os ultimos G. C. executarão o movimento de retirada com rapidez, sem barulho, á hora aprazada, convindo que sejam então commandados por officiaes.

Cada escalão de commando deve recuar com o escalão imediatamente subordinado: assim os P. C. de R. I. recuam com as reservas dos Btl., os P. C. de Btl. com as reservas das Cia. e successivamente.

Desse modo a tropa favorecida pela noite ganhará a zona de reunião indicada, tomando em seguida o dispositivo de marcha que lhe permita escoar-se rapidamente. Nesse intuito se rão prescriptos, de preferencia, lugares de reunião para os R. I. e Btl. atrás das linhas da retaguarda estabelecida. Para que o Cmt. des

possa saber ao certo quando tem a frente desbaracada, cada unidade que retrahir deixa deixará linhas de retirada prefixadas, officiaes dos estados maiores dos R. I. e Btl., encarregados reconhecer as diversas fracções de suas unidas e annunciar ao cmt. da retaguarda a minação da passagem.

A retirada das fracções acima descripta ge longo prazo para que seja realisada com calma e a ordem indispensaveis. Assim, ordena a um R. I., por exemplo, a retirada para cahir da noite (18 horas), iniciarão o movimento os T. C. a essa hora ou pouco depois (19,30) juntamente com as reservas de R. I.; sadas então, as reservas dos Btl. só pode principiar seu recuo ás 19 ou 19,30. As metralhadoras e as Cia. por sua vez se retirarão ás 21 ou 22 e afinal os G. C. de primeiro escalão, que devem esperar que os grossos gaem avanço sufficiente, sómente partirão apôs 24, si não lhes couber permanecer no local a madrugada, o que é normal.

A retaguarda de acolhimento e protecção derá ter ordem de se retrahir na mesma noite ou durar no logar durante toda a jornada seguinte. No primeiro caso pouco tempo lhe brará para a propria retirada nas ultimas horas da noite; no segundo, no intuito de lhe proporcionar facilidades á execução da missão, os tradeiros G. C. só se retirarão ao amanhecer, im de dar impressão de manutenção do terreno até o ultimo momento de escuridão, e a retaguarda manter-se-á durante o dia e á noite retrahir-se-á como foi dito acima, executando propria retirada. Casos ha, em que certas tropas encarregadas de missões deste genero, rão de se sacrificar para assegurar o exito de certa manobra de conjunto, ou seja o escoamento da divisão, por exemplo.

Em geral a tropa que combate a curta distancia e precisa se retrahir, terá de esperar que á noite. Caso não seja possivel a espera tenha o primeiro escalão de recuar antes da noite fechada, a retirada é feita sob a protecção de fracções deixadas nas linhas de combate pelas unidades que se retiram executando o combate em retirada; recahe-se assim no primeiro caso.

Na retirada devem ser levadas em conta:

- a) a destruição cuidadosa dos papeis e documentos dos diversos P. C. e Observatorios;
- b) não fazer saltar as munições que não possam ser transportadas para a retaguarda, fim de não despertar a atenção do inimigo: enterral-as;
- c) as destruições, em principio, são executadas pela engenharia, mediante ordem do commando.

* * *

C) *Manobra em retirada, ou retrahimento systematico.* A manobra em retirada differe da retirada por ser operação emprehendida de caso pensado e, muitas vezes, com tropas intactas. Tem por fim ganhar tempo e demorar a marcha do inimigo, sem, contudo, aceitar o combate decisivo. O objectivo a attingir consiste em obrigar o inimigo, mediante o fogo, a marchar fóra das estradas e a effectuar o desenvolvimento prematuro; depois quando houver constituído a frente de engajamento, os elementos em contacto occultam-se sob a protecção de outro escalão préviamente estabelecido para organisarem mais á retaguarda novo elemento de acolhimento. O que se pretende é obrigar o inimigo a tomar disposições de combate desde muito longe e dar-lhe a impressão de uma frente estensa, fortemente defendida e retrahir depois as forças antes que se deixem aferrar.

Baseia-se a manobra na acção longinquas das metralhadoras e da artilharia, agindo em escalões successivos, postos em posição prévia mente. As tropas de infantaria encarregadas de tal missão devem pois receber grande reforço de metralhadoras; a sua acção abrangerá frentes largas e cumpre-lhes estar sempre attentas para annullar os movimentos contornantes inimigos.

Em regra começarão a retrahir-se muito a tempo, não só para não se deixarem apanhar pelas tropas de assalto, mas tambem para alcançarem uma cobertura ou dobras do terreno antes que o inimigo, coroando a posição abandonada, possa tomar-sob o fogo efficaz e desembaraçarem a frente do escalão seguinte, de acolhimento. Está no interesse dellas escolher posições que offereçam dilatados campos de tiro. As posições a ocupar consistem geralmente em linhas de cristas paralelas á frente de progressão do inimigo. As condições serão mais favoraveis quando o terreno á retaguarda for coberto, ou movimentado, facilitando a retirada.

Os grossos de infantaria que não podem participar activamente neste combate, executam seu recuo sob a protecção dos escalões successivos estabelecidos e pelos itinerarios fixados.

De modo geral, o conjunto dos movimentos deve operar-se ao abrigo das vistas aereas e dos observatorios terrestres inimigos.

* * *

Para as Cia., Pel. e G. C. as situações se resumirão sempre no que se segue:

1º. caso: a unidade faz parte da tropa que recua e nesse caso o recuo é feito desordenadamente, quasi fuga; ou então faz parte da tropa fresca de acolhimento da primeira e então se trata de uma situação defensiva prestabelecida.

E' preciso cuidado especial para não fuzilar os companheiros retirantes, causa difícil de ser realizada em vista da desordem. Como remedio, indica-se:

a) atirar curto de modo a não atingir os amigos, mas a surprehender e desnortear a acção do inimigo (efeito moral);

b) colocar pequenos elementos avançados que atirarão sobre o inimigo e orientarão a retirada dos demais, fazendo a sua propria retirada com elles;

2º. caso: Os G. C. e Pel. pertencentes ás reservas de R. I., Btl. e Cia. que se acham para traz sem mais precalços; naturalmente conhecem os caminhos préviamente balisados.

Os G. C. e Pel. de primeiro escalão mantêm-se até a hora designada para o seu recuo, nas posições que ocupam, esforçando-se por não alterar a actividade de fogo rotineira, afim de não denotar o recuo imminente, ou em execução.

A retirada do Pel. pode ser feita por todos os G. C. ao mesmo tempo, ou separadamente e do mesmo modo no interior dos G. C.

Si se fizer parte da tropa de acolhimento que se vae estabelecer como retaguarda, a situação a resolver é de defensiva.

Agora, a retirada sendo prevista e preparada, não se correrá o risco de fuzilar os amigos; ter-se-á infomação segura quando o terreno estiver desembaraçado.

3º. caso: Trata-se sempre de defensiva tomada voluntariamente. Tudo é mais facil porque o combate não é aceito e o recuo feito sob protecção e antes da tropa aferrada.

* * *

Em resumo, eis as preocupações principaes que devem ter os cmts. de Pel. em caso de recuo previsto:

1º.) campo de tiro extenso na frente da posição;

2º.) conhecimento exacto da posição a ocupar á retaguarda depois do recuo;

3º.) conhecimento exacto do caminho de retirada;

4º.) conhecimento exacto do local ocupado pela tropa de acolhimento;

5º.) conhecimento exacto do ponto no qual deverá atravessar a linha de acolhimento;

6º.) manobra para a retirada: momento opportuno, si todo o Pel. junto, ou por G. C.

7º.) cuidados e medidas para não alterar a actividade habitual e para dar a impressão de ocupação da posição;

8º.) cuidado em não deixar papeis e documentos que sirvam ao inimigo;

9º.) sahir da posição em silencio, rapidamente e a tempo, de modo a não se deixar aferrar, ou colher sob o fogo inimigo quando este coroar a posição.

Armamento da Infantaria

NOTAS FORNECIDAS AOS ALUMNOS DO C. P. O. R. DA 1ª R. M.

Pelo 1º. Ten. Baptista de Mattos.

A guerra, que em 1914 encontrara a Infantaria com os seus homens armados uniformemente de fuzil, fez com que durante o seu transcurso essa uniformidade fosse quebrada e no seu final ficasse positivado que:

“Se na luta moderna o material está em pleno apogeu, todo o belligerante que não desejar a sua vontade calcada pela do adversario deverá:

— ter preponderancia de material;
— saber e querer empregar o material de que dispõe”

A preponderancia de material na Infantaria tem em vista que:

“1º.) O fogo é a base de qualquer acção;
2º.) O fogo só pode ser utilmente dado por armas automaticas;

3º.) As armas automaticas, pelo facto de seu rendimento de fogos, permitem a reducção dos efectivos das unidades”.

Como consequencia do que foi sancionado pela experiença da guerra dispõe a Infantaria do nosso Exercito do armamento seguinte:

Projectis:

A bala

As granadas

Armas de repetição:

O fuzil ordinario

O mosquetão

A pistola e o revolver.

Armas automaticas:

O fuzil metralhador

A metralhadora leve

A metralhadora pesada.

Petrechos de acompanhamento:

Canhão 37 m/m

Morteiro Stocke.

Carro de Combate

Engenhos diversos:

Espoleta automatica de granadas de mão.

Boccal de granadas de fuzil.

A Bala: — A bala é o projectil fundamental da Infantaria, arremessado pelas armas automaticas e de repetição.

Suas características principaes são:

Calibre — 7 m/m

peso — 9 grammas

fórmia:

cilindro ogival

ponteaguda.

As granadas — Podem ser:

- granadas de mão e de fuzil ou de grupo de combate.
- granadas dos petrechos de acompanhamento.

Granada de mão:

Offensivas:

Peso total — 250 grammas
Alcance — 35 ms.

Zona de efficiencia — 10 ms.

Efeito moral

Defensivas:

Peso total — 630 grammas
Alcance — 30 ms.
Zona de efficiencia — 300 ms.

Efeito material

EMPREGO

Offensivas — No assalto, contra inimigo rigido, combates de rua e a pequena distância, incursões.

Defensivas — Nas trincheiras, sempre que granadeiro e as tropas amigas estiverem abrigados; na defesa de pontos importantes da organização tais como: salientes, posições de metralhadoras, postos de vigilância ou de comando; nas barragens à pequena distância e à vista em todas as situações defensivas.

Granada de fuzil:

Peso — 475 grammas

Alcance — 190 ms.

Zona de efficiencia — 100 ms.

EMPREGO

Na offensiva — Para abater o inimigo rigido à retaguarda de obstáculos para barragens e contra ataques.

Na defensiva — Em barragens de 80 à 2 ms. É a arma principal da guerra de trincheiras. Os seus atiradores são sempre gruados.

As granadas dos petrechos serão estudadas juntamente com os referidos elementos.

O fuzil ordinario e o mosquetão:

Fuzil Mauser:

Peso — 4700 grammas.

Calibre — 7m/m

Alcance maximo cerca de 4000 ms.

Projectil:

bala ponteaguda — o modelo 908

bala cylindro ogival — os demais

Mosquetão Mauser:

Peso — 4500 grammas

Alcance maximo — 2000 ms.

Calibre — 7m/m

Projectil

bala ponteaguda — o modelo 908
bala cylindro ogival — os demais

EMPREGO

Estas armas, que são chamadas de repetição ou individuais, se caracterizam pela imprecisão de seus tiros. É o armamento da maioria dos combatentes, com seu emprego restrito ao combate às pequenas distâncias e regulado pelo tiro individual. Não exige condições particulares do terreno para o seu emprego, pois é leve e manejável e não carece de sequito para o seu reuniuimento.

As pistolas e os revólveres — São armas de defesa pessoal para curtas distâncias.

É a arma de combate nas trincheiras, particularmente nas operações de limpeza.

Armas automaticas — As armas automáticas apresentam: precisão e velocidade de tiro, mobilidade; continuidade do fogo, grande potência e exigem para o seu manejo poucos homens e pouco lugar.

Particularizando temos:

Fuzil metralhador Hotekiss:

Orgão de fogo elementar da Infantaria.

Peso — 7 kg. 5

Velocidade de tiro:

60 p. minuto

200 rajadas, grandes — 8; pequenas — 2.

Munição — Mauser cylindro ogival.

Distribuição — 4 por pelotão

Munição conduzida pela esquadra — 1200 cartuchos

EMPREGO

Extremamente fácil de transportar; eficaz até às medianas distâncias (800 à 1200 ms); muito manejável e permitindo que se atire com elle em marcha, é a arma offensiva por excellencia. Presta-se contra todas as armas automáticas que garnecem os pontos de apoio inimigo, aos flanqueamentos das posições conquistadas e à guarda dos prováveis caminhos de acesso do inimigo.

Metralhadora Leve Hotekiss:

Peso — 14 kg.

Velocidade de tiro — 250 à 400 t. por minuto

Munição — Mauser cylindro ogival.

Distribuição — 1 Pel. de 3 secções de 3 peças (1 peça de reserva em cada secção) por Btl. de R. I.; 2 secções de 3 peças (1 peça de reserva em cada secção) por B. C.

Transporte de munição — em cagueiros e mochilas.

Munição conduzida por peça — 2260 tiros.

EXPEDIENTE

(A' Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legíveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das páginas das folhas do papel que utilizem;
- se se tratar de assumpto technico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

EMPREGO

Seu emprego é reservado em regra aos Cmtes. de Btl. e tem por fim reforçar ou render os fuzis metralhadores onde seja necessário ação de fogos mais efficazes.

Metralhadora Pesada Hotekiss:

Peso:

24 kg — a metralhadora

24 kg. — o reparo

Velocidade de tiro — 400 por minute

Munição — cilindro ogival

Faz ceifa e tiro indireto

Distribuição: R. I. — 4 secções de 3 peças; B. C. — 1 secção de 3 peças (Sendo 1 peça de reserva por secção)

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes tem que sofrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresentá-los em condições.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000

Permanecem em vigor as reduções para alunos da E. M. e sargentos.

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina	300\$000
½ Pagina	180\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina	150\$000
½ Pagina	90\$000
¼ Pagina	50\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina	200\$000
½ Pagina	180\$000
¼ Pagina	80\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	250\$000
Impressão dos dois lados	400\$000

Toda a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou rua do Ouvidor 164, 2º andar.

Munição conduzida por peça — 4520 tiro
Transporte em cargueiros é a mão

EMPREGO

Tem seu emprego reservado aos Cmtes. de R. I. afim de apoiar, reforçar ou prolongar as unidades de combate pela ação do fogo de maximo rendimento.

Petrechos de acompanhamento:

Correspondem á necessidade de reduzir as resistencias que escapam á potencia do armamento anteriormente descripto.

Temos:

Canhão 37m/m:

Peso — 108 kg.

Canhão — 40 kg.

H A 37 A N N O S . . .

“A lei de promoções pode dizer-se que em nada se alterou nos seus 37 annos de existencia, precisamente no periodo em que o Exercito, partindo da estagnação do post-guerra — processou — aliás por sua propria conta — a evolução de milicia para Exercito.

Tudo se transformou, desdobrou-se, multiplicou-se, evoluiu, menos a lei de promoções. Actualmente, quando os quadros começam a valer por suas características profissionaes e technicas, o espirito e a letra da lei de promoções ainda autorisam os processos pessoaes de promoção.

A partir dos quesitos do que seja merecimento, amontoado de palavras que ninguem sabe o que significam desde ahi que seria preciso emendar a actual lei.

Ainda mais, o sabor politico da época que sucedeu á proclamação da Republica, por

isso que a lei vigente data de 1891, continua intacto nas linhas e entrelinhas do seu texto. Sem receio de errar pôde dizer-se que a lei de promoções do Exercito tem representado o papel de incubadora, pois tem trazido intacto atraez todas as gerações as razões politicas que a inspiraram.”

“Ninguem deve chegar aos altos postos sem que possua capacidade criadora. Faz-se necessario, estudar a fundo as possibilidades de nossos officiaes a esse respeito, de procurar desenvolver-a em tempo util, isto é, fazendo-se, nos postos intermediarios, as selecções necessarias.”

— (GEN. SERRIGNY).

Reparo — 40 kg.

Escudo — 28 kg.

Emprega:

granada explosiva — peso 560 grammas

granada ordinaria — peso 510 grammas

lanterneta — peso 550 grammas

Alcance util — 1500 ms.

Precisão a 1000 ms.:

Desvio em:

alcance — 12, m8

direcção — 0, m62

Peso do cartucho com granada ordinaria — 665 grs.

Peso do cofre com 16 cartuchos — 12640 grs.

Transporte da munição — cofre

Transporte de munição — armão (9 cofres)

Transporte do canhão — tracção animal

Transporte do canhão tracção a braços — desmontado

Distribuição — 1 ou mais por Btl.

EMPREGO

Utilmente empregado no tiro contra metralhadoras visiveis, contra os diversos petrechos de acompanhamento e carros de combate do inimigo. Pode tambem dar resultados apreciaveis, si lograr colhel-as de enfiada.

Morteiro Stocke:

Peso 50k,5

tubo — 23kg,5

forquilha — 13kg.

placa base — 14kg.

projectil — 3kgs.

projectil — granadas explosivas e fumígenas,

Alcance maximo — 1900 ms.

Alcance minimo — 300 ms.

Distribuição — 2 por Btl. (1 de reserva).

Condução — Em cangalhas, á mão.

“Lembrai-vos da guerra”

O espirito novo do Exercito

Com essa pequena nota, desejamos assinalar acontecimento de vulto. Fazemol-o para que não passe despercebido, à generalidade de nossos camaradas, uma attitude que muito bem pôde caracterisar uma época.

Tudo muito simples. Um comboio militar transportando professores e alumnos da E. E. M. Apenas, a jornada, materialmente, não corria bem. As provisões do café haviam faltado, e desde ás cinco, que o comboio resfolegava sobre os trilhos, levando no seu bojo os "fochesitos" já durante mais de tres horas.

O bom humor, porém, ia remediando os pomagos. E o jejum, esse artifio que tem tanto muitos santos, acabou por sensibilisar os espíritos.

* * *

Era 7 de Setembro. Muitas leguas separam já a caravana tactica da E. E. M., do centro politico do paiz

Naquella mesma hora o Rio de Janeiro deveria estar emoldurando com as bellesas de sua majestosa Guanabara, a grande parada da Independencia.

Todos, mesmo que não quizessem, iam entregando-se á meditação patriótica. Os cumprimentos trocados ao amanhecer, entre os dos diversos círculos que a caravana havia formado com o passar de alguns dias de vida em commun, iam aos poucos transbordando os corações em commentarios ardentes de votos pela grandeza patria.

E o comboio continuava, sem cessar, annullando a distancia do theatro de operações...

* * *

Eram 10h.30 quando se annunciou a proximidade da *Est. de Cerro Chato*. Lá, só teria relevo o almoço, que, com certeza, não trahiria o "está previsto" da linguagem corrente do "breveté"...

O espirito de espirito dos viajantes era esplendido... Os espiritos afinados pelo jejum, como que ecoavam o brado do Ypiranga.

E todos saltaram, ansiosos, pelo churrasco, o primeiro que se iria saborear. Quem os visse abandonando os wagons pelo restaurante da Estação, pensaria assim um bando de collegias, incautos collegiaes que da Patria só conhecessen as cores da bandeira.

* * *

As mesas guarneceram-se, com a rapidez e a presteza com que guarnecem seus carros os bombeiros ao signal de alarme. Tres longas mesas, paralelas, enchiham completamente a sala de almoço.

Contigua, uma pequena sala honrara-se em conter os "gros-bonets" por sua vez guarnecendo, protocolarmente, uma só mesa comprida.

Reinava o silencio caracteristico desses momentos em que se come por horario. Apenas retiniam os garfos e as facas. Dir-se-hia que ali estava a corte de sua Majestade o Estomago, abebeirado a capitosos pratos.

* * *

Eis senão quando, todos se erguem, de um só golpe, e o silencio se torna solemne. As physionomias se transformam, os pulmões inhalam em seculo de vida nacional e rompem pausada e energeticamente o canticó da Patria, o mesmo que a terra inteira do Brasil deveria estar cantando desde que rompera o dia.

Setenta vozes moças reaffirmavam ainda uma vez a fé na grandesa do Brasil. Da sala contigua, outras vozes faziam coro, e os mestres franceses acompanhavam com a attitude de "garde à vous", os olhos humidos de contricção, as estrophes do canticó.

Estava praticamente commemorada a data da Independencia Nacional pelos professores e alumnos da E. E. M. Após essa *secção solemne*, os discursos e cumprimentos da pragmática.

* * *

O espirito novo do Exercito surgira pela primeira vez no mais alto escalão de nossas Escolas, na antecamara dos auxiliares do alto commando.

Dos momentos magnificos de *Cerro Chato* o que resta é essa constatação sem duvida confortadora, pelo menos para os que ensinaram á tropa a balbuciar suas primeiras canções de que o E. M. muito breve cantará com a tropa. Não e mais a tropa unica que canta — com ella cantarão os E. M.

Fóra da letra e da musica, o que isso quer dizer é que a preamar vae alta e os orgãos de direcção estão synthonisando com os de execução — e o que é tudo, afinados pela diapasona inegualavel da grandeza da Patria.